

**UNIVERSIDADE ABERTA**



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
[www.uab.pt](http://www.uab.pt)

**O TOM CONFSSIONAL E AUTOBIOGRÁFICO NA  
EPISTOLOGRAFIA DE MACHADO DE ASSIS**

SANDRA DE BRITO BEZERRA ZIMBRÃO

MESTRADO EM ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA –  
INVESTIGAÇÃO E ENSINO

2016

**UNIVERSIDADE ABERTA**



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
[www.uab.pt](http://www.uab.pt)

**O TOM CONFSSIONAL E AUTOBIOGRÁFICO NA  
EPISTOLOGRAFIA DE MACHADO DE ASSIS**

SANDRA DE BRITO BEZERRA ZIMBRÃO

MESTRADO EM ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA –  
INVESTIGAÇÃO E ENSINO

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Roboredo Seara

2016

*Aos meus pais, Joselina e Boanerges,  
que desde sempre me ensinaram  
o valor e o poder da educação.  
Às minhas filhas Giovanna e Giullia,  
a quem pretendo transmitir o mesmo amor.  
Ao meu marido Francivaldo,  
pelo apoio e companheirismo de tantos anos.  
A Deus, por nos conduzir com sabedoria até aqui.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela graça de me possibilitar concluir o Mestrado em Língua Portuguesa. Foi um longo caminho, percorrido com muita dificuldade e persistência. Sinto-me extremamente honrada em ser a primeira pessoa da família a realizar uma etapa tão importante na continuidade dos meus estudos.

Esta dissertação é resultado de um processo de aprendizagem construído no silêncio e na esperança. Foram muitas noites sem dormir, muitas incertezas e muita dedicação. Contudo, jamais teria alcançado êxito sozinha. Por isso dedico a todos os que torceram por mim e contribuíram para meu crescimento o fruto destes dois anos de pesquisa.

Ao meu marido Francivaldo, que com sua generosidade e paciência me apoiou e cuidou de nossas filhas enquanto eu precisava me debruçar sobre os livros. Eu não poderia ter encontrado alguém tão companheiro para dividir a vida.

Às minhas filhas, Giovanna e Giullia, que amadureceram rapidamente para entender que nem sempre a mamãe poderia dar-lhes a atenção que elas necessitavam. Saibam que cada vez que pensava em vocês, encontrava forças para não desistir.

À minha mãe, exemplo de mulher e de lutadora, que muito embora não tivesse tido a oportunidade de estudar, sempre me incentivou a prosseguir nos estudos. Muito obrigada por acreditar e depositar em mim, parte dos seus sonhos.

Ao meu saudoso pai, tão precocemente afastado de nossas vidas... Quantas coisas deixamos de viver e quantas alegrias gostaria de ter dividido com ele. Você foi e sempre será uma lembrança feliz em nossos corações.

À minha orientadora, Professora Doutora Isabel Roboredo Seara, agradeço o direcionamento preciso e construtivo com o qual conduziu esta pesquisa ao longo dos últimos meses. Mais que sua profunda dedicação e competência profissionais, agradeço também por ser uma sua inspiração para a minha vida docente, ensinando-me a postura e a generosidade indispensáveis a um verdadeiro educador.

Aos demais professores do Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino da Universidade Aberta, que compartilharam seus ensinamentos e experiências com imensa sabedoria e competência. Agradeço aos amigos, colegas de trabalho, familiares e alunos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho e que, de alguma forma, me mantiveram no percurso que escolhi caminhar.

Expresso a todos, então, meu sincero muito obrigada.

## RESUMO

A presente dissertação de Mestrado visa mostrar que na vasta produção epistolográfica de Machado de Assis são preponderantes os aspectos confessionais e autobiográficos, sendo, por isso, notória a contaminação de gêneros textuais. Em um primeiro momento, propomos a análise das formas de apresentação e do contexto de produção das cartas, para que seja possível situá-las em um dado recorte espaciotemporal. Em um segundo momento, mediante a análise linguístico-discursiva das missivas trocadas entre o reputado autor e seu amigo Mário de Alencar, buscamos respostas para alguns questionamentos que se fazem pertinentes: A correspondência de Machado será capaz de revelar, em uma leitura mais acurada, traços íntimos de sua biografia? Existirá, no contexto de produção das missivas, um suposto projeto epistolar previamente delineado para construir um determinado *ethos* ou sustentar um ponto de vista específico? Será possível reconhecer, ainda que de forma breve, traços de confidências realizadas pelo autor em sua correspondência pessoal e que poderão estar presentes também em sua renomada produção literária?

Palavras-chave: Epistolografia. Machado de Assis. *Ethos* confidente. Marcas autobiográficas.

## ABSTRACT

This Master's Dissertation aims to show that in the wide's epistolography production of Machado de Assis are preponderant confessional and autobiographical aspects, existing, therefore, a notorious contamination of textual genres. In a first moment, we propose an analysis of the presentation methods and the context of production of his letters, which is possible to situate them in a given spatio-temporal cutout. In a second moment, by a linguistic-discursive analysis of missives exchanged between the reputed author and his friend Mário de Alencar, we seek answers to some questions that are relevant: The correspondence of Machado will be able to reveal, in a more accurate reading, intimate traits of his biography? May exist, in the context of production of the missives, a supposed epistolary project designed to build a previously determined *ethos* or support a particular point of view? It will be possible to recognize, even briefly, traces of confidence conducted by the author in his personal correspondence and that may be present in his renowned literary production?

Keywords: Epistolography. Machado de Assis. Confidant ethos. Autobiographical brands.

## RÉSUMÉ

Cette thèse de Master vise à montrer que dans l'immense production épistolaire de Machado de Assis, certains aspects confessionnels et autobiographiques sont prépondérants, ayant, par conséquence, une vraie contamination des genres textuels. Dans un premier temps, nous nous proposons une analyse des méthodes de présentation et du contexte de production des lettres, afin qu'il soit possible de les situer dans un décalage spatio-temporelle donnée. Dans un second temps, par l'analyse linguistique-discursive des lettres échangées entre l'auteur réputé et son ami Mário de Alencar, nous cherchons des réponses à certaines questions qui se trouvent pertinentes: La correspondance de Machado révèle-t-elle, dans une lecture plus précise, caractéristiques intimes de sa biographie? Peut-il exister, dans le contexte de la production des missives, le projet épistolaire décrit précédemment visant à construire une éthique préalablement déterminée ou soutenir un point de vue particulier? Sera-t-il possible de reconnaître, quoique brièvement, traces de confiance menée par later dans sa correspondance personnelle et qui peuvent également être présents dans sa production littéraire renommée?

Les Mots-clés: Épistolaire. Machado de Assis. Ethos confident. Traces autobiographiques.

*“Leitor ignaro, se não guardas as cartas da juventude, não  
conhecerás um dia a filosofia das folhas velhas...”*

*(Machado de Assis)*

## ÍNDICE

### **1. INTRODUÇÃO / 13**

### **2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO / 19**

2.1 O Género Epistolar / 19

2.2 A Estrutura Prototípica da Carta / 26

2.3 Objetivos da Carta / 46

2.3.1 A Importância da Carta no Estreitamento de Relações / 51

2.4 Marcas Autobiográficas e Confessionais no Género Epistolar: Contaminação de Géneros? / 62

### **3. MACHADO DE ASSIS, EPISTOLÓGRAFO / 67**

3.1 Enquadramento Histórico-social das Cartas de Machado / 86

3.2 A Correspondência Machado de Assis — Mário de Alencar / 112

3.3 A Relevância da Correspondência Machadiana para os Estudos Literários, Históricos e Autobiográficos / 126

### **4. CONCEITOS LINGUÍSTICOS, RETÓRICOS E PRAGMÁTICOS / 134**

4.1 Géneros autobiográficos / 134

4.2 A Confissão e as Marcas do “EU” no Género Epistolar / 138

4.3 Perspectiva Pragmática: Os Atos Expressivos e a sua Prevalência / 142

4.4 Perspectiva Retórica: A construção do *Ethos* do Epistológrafo / 160

### **5. ANÁLISE DO *CORPUS* / 168**

5.1 Procedimentos de Análise / 170

5.2 O Estilo Confessional e Autobiográfico da Correspondência Machadiana / 234

5.3 O Projeto Epistolográfico Pessoal de Machado de Assis / 241

### **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS / 256**

### **7. BIBLIOGRAFIA / 261**

## LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÔNIMOS

**ABL** (Academia Brasileira de Letras);

**AC-38** (ASSIS, Machado de. Correspondência. Coligida e anotada por Fernando Nery. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1938);

**ACT I-08** (ASSIS, Machado de. Correspondência de Machado de Assis. Tomo I – 1860-1869. Coordenação e orientação Sérgio Paulo Rouanet. Reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, 2008);

**ACT II-09** (ASSIS, Machado de. Correspondência de Machado de Assis. Tomo II – 1870-1889. Coordenação e orientação Sérgio Paulo Rouanet. Reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, 2009);

**ACT III-11** (ASSIS, Machado de. Correspondência de Machado de Assis. Tomo III – 1890-1899. Coordenação e orientação Sérgio Paulo Rouanet. Reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, 2011);

**ACT IV-13** (ASSIS, Machado de. Correspondência de Machado de Assis. Tomo IV – 1900-1904. Coordenação e orientação Sérgio Paulo Rouanet. Reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, 2013);

**AEO-09** (ASSIS, Machado de. Empréstimo de ouro: Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar. Organização, introdução e notas de COUTINHO, Eduardo F. e OLIVEIRA, Teresa C. M. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2009);

**AOC-86** (ASSIS, Machado de. Prefácio. In: Obra completa. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986);

**CMA-69** (ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969);

**MEM-11** (MORAES, Marco Antonio de. “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”. Machado de Assis em linha, ano 4, número 7, junho de 2011);

**M&N-03** (ASSIS, Machado de; NABUCO, Joaquim. Machado e Assis e Joaquim Nabuco: Correspondências. ARANHA, Graça (Org.) 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2003);

**OC-94** (ASSIS, Machado de. *Obra Completa*, vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Textos literários em meio eletrônico: Epistolário de Machado de Assis);

**PS-00** (Prezado senhor, prezada senhora: estudo sobre cartas. Org. GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádya Battella. São Paulo: Companhia das Letras, 2000);

**ROAC-08** (RIBAS, Maria Cristina Cardoso. Onze anos de correspondência: os Machados de Assis. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 7 Letras, 2008).

## NOTAS EXPLICATIVAS

A presente pesquisa utilizou como *corpus* principal de análise, as cartas de Machado de Assis, impressas em livros e jornais, digitalizadas em sítios da internet e manuscritos originais.

Pensando em facilitar a compreensão das missivas pelos leitores e, ao mesmo tempo, tentando recriar com o maior grau de fidelidade possível a escrita epistolar do autor, adotamos algumas soluções tipográficas ao transcrevê-las nesta dissertação:

a) Optamos por uma atualização ortográfica dos textos, já que muitas palavras do léxico português sofreram alterações ao longo dos anos. As modificações, no entanto, em nada interferem na apreensão semântica das cartas reproduzidas: *Chrysalidas* / *Crisálidas*; *Procellarias* / *Procelárias*; *cousas* / *coisas*.

b) Desenvolvemos, em nossa transcrição, algumas abreviaturas utilizadas pelo missivista, a fim de ilustrar, com maior propriedade, todas as palavras que faziam parte da rotina epistolar machadiana: *adm.or* / *admirador*; *am.o* / *amigo*; *obrg.o* / *obrigado*.

c) Em função da precariedade de estudos epistolares no âmbito da Literatura Brasileira, ao citarmos excertos de correspondências ao longo do trabalho, optamos por criar um modelo próprio para as notas de rodapé, no qual constassem os seguintes elementos referenciais: destinador, destinatário, data em que a carta foi escrita e o local em que ela se encontra transcrita. Ex: Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 18 de novembro de 1898. In: AOC-86 p. 1043.

d) Além dos aspectos mencionados, consideramos oportuno lembrar que esta investigação foi escrita obedecendo as formulações sintáticas e estruturais da modalidade Português do Brasil, em função da nacionalidade brasileira do escritor Machado de Assis, da grande maioria de seus correspondentes e, naturalmente, da nossa, que assinamos a pesquisa.

## 1. INTRODUÇÃO

*Recebi a tua carta e o teu retrato, o que quer dizer  
que te recebi todo em corpo e alma.<sup>1</sup>  
(Machado de Assis)*

A epistolografia de Joaquim Maria Machado de Assis é, como testemunham os múltiplos estudos de análise literária, muito vasta e, sobretudo, de enorme riqueza para uma profunda compreensão acerca do pensamento do autor e das relações socioculturais que estabeleceu ao longo de sua trajetória artística.

Em face desta vasta produção, considerámos oportuno, aprofundar a leitura destes escritos, desta feita, sob a perspectiva linguística, nomeadamente enunciativa e retórica. O autor, reverenciado e reconhecido em todo o mundo, tem sido alvo de interesse para estudos literários e linguísticos de toda sorte de pesquisadores. No entanto, facilmente podemos detectar uma disparidade entre o volume de cartas produzidas e o reduzido número de pesquisas na área. Sua epistolografia tem sido pouco explorada pela crítica literária, servindo de base, na maioria das vezes, apenas para estudiosos da biografia de Machado, sob um olhar mais testemunhal que analítico.

Por diversos momentos durante esta pesquisa nos questionamos se a obra e a vida do autor já não teriam sido exaustivamente estudadas sob os mais diferentes focos. O surpreendente é que, contrariando os interesses do senso comum, propomos para esta investigação um amplo enfoque acerca da epistolografia machadiana, que vai muito além do mero suporte biográfico. O interesse pelo tema surgiu da necessidade de um olhar mais direcionado para as especificidades do género, sobretudo sob o viés de sua utilidade enquanto produto textual, permeado de significados e propósitos nem sempre claros. A concepção de correspondência, amplamente difundida, aborda o texto epistolar como um veículo de comunicação, como um simples condutor de informações. Entendemos que ainda há muito para ser descoberto e analisado no que se refere às cartas, uma vez que elas facilmente ultrapassam as fronteiras que até então lhes vão sendo traçadas – mera representação do mundo, do cotidiano e de si.

---

<sup>1</sup> Carta de Machado de Assis a Salvador de Mendonça, escrita em 24 de dezembro de 1875. ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo II – 1870-1889*. Coordenação e orientação Sérgio Paulo Rouanet. Reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, 2009. p. 109. Doravante, neste texto, todas as citações retiradas deste volume serão indicadas pela sigla ACT II-09.

Há um universo de mecanismos que envolvem ações e reações, de influências semânticas e culturais e de uma infinidade de fenômenos discursivos que são oriundos da interação presente no jogo epistolar. Por esses motivos, buscamos examinar as cartas intrinsecamente, sob seus aspectos retóricos e pragmáticos, linguísticos e contextuais. Procuramos, dessa forma, explicitar as práticas utilizadas durante o processo da escrita, as condições de enunciação que antecederam a criação, os contextos histórico e sociocultural relacionados ao momento da produção epistolar, a recepção do texto e suas conseqüentes implicações, além do estudo das relações sociais que sustentam as correspondências e que são por elas sustentadas.

Inicialmente, havíamos eleito para a pesquisa um *corpus* principal constituído de vinte e duas cartas escritas pelo autor e endereçadas ao escritor Mário de Alencar<sup>2</sup>, grande amigo pessoal com quem Machado estabeleceu uma profícua e saudável troca epistolar. Vale ressaltar que a escolha inicial do *corpus* não havia sido aleatória. Buscamos examinar a correspondência machadiana com um olhar mais específico acerca do tom confessional usado nas cartas e foi justamente com Alencar que percebemos, com maior nitidez, os raros momentos dessa expressão autobiográfica, tão reservada dentro da persistente discrição do autor.

No entanto, no decurso das pesquisas, percebemos que o recorte não nos bastaria, que a análise deveria levar em conta os demais correspondentes de Machado de Assis, para que fosse possível verificar, com maior propriedade, os aspectos formais e temáticos que circunscreviam as missivas. Optamos, então, por percorrer com mais intimidade a totalidade de sua escrita epistolar, comparando as relações entre os missivistas – em especial com Mário de Alencar – e as influências advindas dessas missivas. Em função deste enfoque, decidimos pela inclusão do exame da correspondência passiva do autor, para que não se perdessem as características originais do fluxo dialógico das cartas e, para que fosse possível, buscar mais elementos que ajudassem a identificar e compreender os objetivos e as circunstâncias inscritas na coletânea epistolar. A decisão de ampliar a análise a todas as cartas do autor justifica-se principalmente pelo fato de que esta seria a única forma legítima e coerente de comparar sua produção epistolográfica e observar, de maneira

---

<sup>2</sup> Mário Cochrane de Alencar (1872 — 1925) foi um advogado, poeta, jornalista, contista e romancista brasileiro. Filho de José de Alencar, foi membro da Academia Brasileira de Letras. Autor de folhetins, teve muito dos seus escritos em prosa e poesia dispersos entre jornais e revistas. Por conta de sua estreita amizade com o renomado autor Machado de Assis, suspeitou-se, na época, de que Mário teria sido, na verdade, o fruto de um adultério por parte do escritor. Ocupou a cadeira 21 entre os imortais da ABL.

eficaz e profunda, a recorrência do estilo confessional e autobiográfico presentes em todas as etapas de sua correspondência.

Nesta dissertação também propomos uma reflexão sobre a importância da correspondência na obra e na vida de Machado, para que possamos compreender a organização funcional e estética do discurso epistolar pessoal do autor, evidenciando as estratégias, as regras e os códigos por ele utilizados na escrita de suas missivas. Teriam elas influenciado alguns de seus textos literários ou, pelo contrário, seriam a expressão da influência de sua literatura em seus textos epistolares?

Pela forma como desenvolvemos nossa pesquisa, é lícito afirmar que propusemos uma abertura histórica para a leitura da epistolografia machadiana inserida numa perspectiva não apenas social, mas também pessoal, referente aos acontecimentos biográficos que nos foi possível reconhecer, seja pela intersecção de informações dos principais estudos acerca de sua trajetória, seja pelos dados intrinsecamente recolhidos do exame apurado de alguns de seus textos literários, que pouco a pouco auxiliaram a compor o perfil epistolar do autor que ora traçamos neste trabalho. As referidas análises permitiram-nos interpretar, de maneira bastante peculiar, a correspondência de Machado, pautada na fundamentação de acontecimentos pessoais que, sem dúvida, repercutiram em sua escrita. Neste sentido, avançamos, de modo consciente, também em direção ao território sócio-histórico, sabendo que a pesquisa ganharia contornos outros, essenciais ao entendimento do contexto que ajudou a moldar a personalidade machadiana. As cartas assinalam, portanto, uma espécie de inventário de histórias, de relações, de sentimentos, mas também de itinerários do autor. Elas ajudam a recontar sua trajetória, em todos os seus avanços e retrocessos, na plenitude de suas hesitações e de seu progresso enquanto escritor, sem se limitar ao suporte meramente biográfico.

A redação deste projeto exigiu uma imersão profunda na correspondência e no estilo da pena machadiana. Durante este processo, passamos do encanto ao estranhamento, da reflexão à compreensão, da curiosidade à análise. Por vezes, ousamos até sentir piedade de Machado, por tudo que ele poderia ter vivido e não conseguiu, por conta da doença; por tudo que poderia ter escrito e não pôde, por causa da sobrecarga com os serviços burocráticos; por todos os planos e sonhos descritos nas cartas e que, por algum motivo, teve de abandonar. Contudo, a frequente exposição das aflições e fraquezas que o autor faz de si próprio em suas missivas acaba por aproximá-lo não só de seus destinatários, naquele

momento, como de seus leitores atuais, que reconhecem em sua epistolografia a figura humana por trás do escritor. Este ponto, essencial à adequada interpretação que pretendemos proceder de suas cartas, pode ajudar a explicar o saudável e fecundo cruzamento que, em alguns momentos procedemos, de sua produção epistolar com fragmentos importantes de sua obra ficcional e de sua vida pessoal.

A partir desta proposta, organizamos a referida pesquisa em quatro capítulos, os quais, por sua vez, subdividem-se internamente para compor recortes mais específicos.

O primeiro capítulo da pesquisa, intitulado *Enquadramento Teórico* inicia a abordagem acerca da evolução do gênero epistolar, ensaiando, de forma breve, mostrar como este evoluiu desde a Antiguidade. A primeira seção, denominada *O Gênero Epistolar*, retoma algumas prescrições e teorias a respeito da carta ao longo dos séculos e discute sua desvalorização enquanto gênero textual. Na seção intitulada *A Estrutura Prototípica da Carta*, são identificadas e caracterizadas as partes que compõem uma correspondência, bem como as variações sofridas pelo gênero e as eventuais alterações estruturais em função do destinatário e/ou da situação. Apresentamos, também, um sucinto painel sobre os principais estudos que procuraram prescrever teorias e modelos sobre o gênero epistolar. A seção seguinte, intitulada *Objetivos da Carta*, descortina todas as possibilidades textuais que a correspondência proporciona e os possíveis papéis que a escrita epistolar pode exercer. Incluímos uma subseção, denominada *A Importância da Carta no Estreitamento de Relações*, refere-se ao poder que a carta desempenha nas relações interpessoais e os consequentes riscos de uma correspondência equivocada no processo epistolar. Prosseguindo em nossas análises, na seção *Marcas Autobiográficas e Confessionais no Gênero Epistolar: Contaminação de Gêneros?* Discute-se a questão da autenticidade do discurso epistolar comparado a outros gêneros com os quais normalmente dialoga ou complementa. Veremos que, em muitos casos, a procura por dados biográficos acaba por diminuir a importância do teor confessional inscrito no texto epistolar, cuja tradição remete quase que unicamente à busca por fontes fidedignas para a reconstrução histórica da vida do missivista.

O capítulo intitulado *Machado de Assis, o Epistológrafo*, discorre sobre a produção epistolar do autor e revisa as principais etapas de seu percurso literário. A primeira seção, *Enquadramento Histórico-Social das Cartas de Machado*, é dedicada a expor o contexto sociocultural no qual foram escritas as correspondências. Na segunda seção denominada *A*

*Correspondência de Machado de Assis – Mário de Alencar*, buscamos estabelecer uma relação entre os dois autores, tendo por base a leitura e a interpretação das missivas trocadas entre eles. Encerra o capítulo a seção *A Relevância da Correspondência Machadiana para os Estudos Literários, Históricos e Autobiográficos*, cujo objetivo é responder a determinados questionamentos a respeito da importância dos estudos no campo epistolar e suas implicações nas diversas áreas do conhecimento, apontando uma série de contribuições oriundas desta pesquisa.

O quarto capítulo da dissertação, *Conceitos Linguísticos, Retóricos e Pragmáticos*, se debruça sobre os aspectos sutis e pouco esclarecidos acerca das especificidades presentes do gênero epistolar. A seção *Gêneros Autobiográficos* enfoca as diferentes perspectivas nas quais se inserem as modalidades que têm por finalidade expressar a individualidade e a trajetória de seus atores. Fazemos, nesta parte, um levantamento dos gêneros autobiográficos mais comuns e propomos um questionamento acerca da diferenciação que é encontrada hoje entre os objetos textuais do gênero epistolar. A segunda seção, *A Confissão e as Marcas do “EU” no Gênero Epistolar* discorre sobre a presença, nem sempre clara, do ato confessional nas cartas machadianas e a forma singular escolhida pelo autor para revelar-se aos destinatários. A partir de então, delimitamos nossas reflexões no campo da Pragmática, na seção *Perspectiva Pragmática: Os Atos Expressivos e a sua Prevalência*, na qual abordamos o consciente uso da expressividade de Machado em suas correspondências. Delineamos, brevemente, a maneira como os atos da fala vão sendo acolhidos no texto epistolar e sua importância específica para este gênero discursivo. Tais análises embasam nossos questionamentos também no campo da Retórica, situados na seção *Perspectiva Retórica: A construção do Ethos do Epistológrafo*, espaço que utilizamos para refletir acerca do conceito de *ethos* e da imagem que nos é apresentada na correspondência machadiana.

O último capítulo, nomeado *Análise do Corpus e discussão dos resultados* apresenta, de forma detalhada, as análises realizadas e os resultados obtidos mediante a leitura pormenorizada das missivas. A seção *Procedimentos de Análise* descreve os aspectos metodológicos e os procedimentos condutores de nossa pesquisa, bem como indica os caminhos percorridos ao longo da confecção de nossos escritos. Na segunda seção, *O Estilo Confessional e Autobiográfico da Correspondência Machadiana*, abordamos a questão da discrição de Machado em sua epistolografia e das raras confissões

que nos foram possíveis perceber mediante uma contextualização de sua vida e obra literária. Neste momento, fizemos um cruzamento de seus textos epistolares e de trechos de sua obra, para que pudéssemos traçar os limites do teor autobiográfico das cartas. A terceira seção, *Idiosincrasias Retórico-discursivas da Correspondência Machadiana*, discorre sobre as peculiaridades de sua epistolografia, a maneira como conduz o diálogo com seus interlocutores e a forma como atua enquanto missivista no discurso epistolar. E, por fim, a seção *O Projeto Epistolográfico Pessoal de Machado de Assis* repercute a forma como a correspondência machadiana pode ter sido parte de um projeto idealizado pelo autor, tanto para ser aceito socialmente quanto para influenciar a comunidade literária brasileira e formar um público leitor crítico. Neste sentido, a pesquisa traz à luz alguns textos nos quais identificamos, com maior clareza, traços deste projeto e que fundamentam as hipóteses que ora levantamos.

Para que fosse possível entrelaçar as informações contidas nas cartas com dados da vida do autor, escolhemos como *corpus* auxiliar de análise os trabalhos biográficos dos autores Jean-Michel Massa<sup>3</sup>, Magalhães Júnior<sup>4</sup>, Alfredo Pujol<sup>5</sup>, Lúcia Miguel Pereira<sup>6</sup>, Afrânio Coutinho<sup>7</sup>, Gondim da Fonseca<sup>8</sup>, Josué Montello<sup>9</sup> e Luís Viana Filho<sup>10</sup>. Apesar de nossa pesquisa não ter como foco a investigação biográfica, devemos reconhecer que grande parte dos relatos presentes na epistolografia do autor só foram passíveis de compreensão e análise mediante o enlace destas informações com aquelas referidas nas obras dos biógrafos aqui citados.

Apresentadas as análises propostas, pretendemos responder a todas as indagações que foram levantadas ao longo deste processo e teceremos, de forma objetiva, algumas considerações finais a respeito da pesquisa realizada.

---

<sup>3</sup> MASSA, Jean-Michel. *A Juventude de Machado de Assis (1839 – 1870). Ensaio de biografia intelectual*. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

<sup>4</sup> MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL-MEC, 1981.

<sup>5</sup> PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis (Curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

<sup>6</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

<sup>7</sup> COUTINHO, Afrânio. Um Machado diferente. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. V. III.

<sup>8</sup> FONSECA, Manuel José Gondim de. *Machado de Assis e o hipópota. Uma revolução biográfica*. 6.ed. Rio de Janeiro: São José, 1974.

<sup>9</sup> MONTELLO, Josué. *O Presidente Machado de Assis nos Papéis e Relíquias da Academia Brasileira de Letras*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

<sup>10</sup> VIANA FILHO, Luís. *A vida de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1989. 1. ed. 1965.

## 2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 2.1. O GÊNERO EPISTOLAR

*Tudo é pretexto para recolher folhas amigas.<sup>11</sup>*  
(MACHADO DE ASSIS)

A carta tem sido, desde a Antiguidade, além do principal instrumento de comunicação entre as pessoas, um meio eficaz de inserção social e uma prática bastante comum a membros da mesma comunidade. O objeto epistolar, capaz de reduzir distâncias físicas e emocionais e noticiar aos ausentes aquilo que por ora se faz presente, vem sofrendo, ao longo dos séculos, uma complexa metamorfose em seu conteúdo, estrutura, propósitos e modos de produção. Nada mais natural para um gênero que reflete, como nenhum outro, as marcas da sociedade e do tempo a que pertence. Para o filósofo francês André Comte-Sponville (1997: 16):

Durante séculos a carta foi o único meio de dirigir-se aos ausentes, de levar o pensamento aonde o corpo não podia ir, aonde a visão não podia ir, e talvez esse seja o mais belo presente que a escrita deu aos viventes: Permitir-lhes vencer o espaço, vencer a separação, sair da prisão do corpo ao menos um pouco, ao menos pela linguagem, por esses pequenos traços de tinta sobre o papel<sup>12</sup>.

Especialmente para o povo brasileiro, a carta passou a desempenhar um papel único no que diz respeito à identidade cultural e histórica do país, uma vez que seu primeiro registro escrito em terras tupiniquins pertence à categoria epistolar. A *Carta*<sup>13</sup> de Pero Vaz de Caminha, datada de 1º de maio de 1500 e endereçada a Sua Alteza, El Rei D. Manuel, é oficialmente considerada a certidão de nascimento do Brasil e o primeiro texto produzido em solo brasileiro. A partir de então, iniciou-se um longo período de manifestações epistolares, nascidas da necessidade de dar à Corte Portuguesa informações sobre a terra

---

<sup>11</sup> ASSIS, Machado de. Prefácio. In: *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. v. II, p. 576. Doravante, neste texto, as citações retiradas deste volume serão indicadas pela sigla AOC-86.

<sup>12</sup> COMTE-SPONVILLE, André. A correspondência. In: *Bom dia, angústia!* São Paulo: Martins Fontes, 1997.

<sup>13</sup> Documento no qual Pero Vaz de Caminha, escrivão de Pedro Álvares Cabral, registra suas primeiras impressões acerca da terra descoberta. A Carta foi escrita na região onde hoje se situa Porto Seguro e levada para Lisboa pelo navegador Gaspar de Lemos. Considerado o primeiro documento escrito do Brasil e o precursor da Literatura Quinhentista, a Carta manteve-se conservada inédita por mais de dois séculos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Foi publicada pela primeira vez no Brasil em 1817 por Manuel Aires de Casal, um padre e historiador português, que passou grande parte de sua vida em terras brasileiras. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf) [14 de janeiro de 2015].

recém-encontrada. Foi por meio da correspondência dos colonizadores e, mais tarde dos jesuítas, que parte da memória de nosso país pôde ser reconstruída. Trata-se, portanto, de um forte laço entre um país e sua produção epistolar.

A correspondência é, pois, uma modalidade textual nascida na ausência, *in absentia*, na necessidade de uma comunicação que, por algum motivo, não pode ser realizada pessoalmente. Sob este aspecto, Muhana (2000: 331) tece tais considerações:

Ausente o recurso da presença física entre o que fala e o que escuta, aquele que escreve não pode fazer uso nem da *actio* nem da *pronuntiatio* para atenuar ou realçar os elementos que mostrem a feição própria das coisas. Tudo se passa na escrita. Fala ausente, para ausentes, de ausentes<sup>14</sup>.

Não há sentido, ainda que ocorra, uma troca epistolar feita na presença. É a distância espacial, a impossibilidade do contato ou a separação física que impulsionam a escrita da carta. Levantemos agora uma questão pertinente: a continuidade da correspondência, desejada e necessária ao contrato epistolar, só ocorrerá se, de fato, os envolvidos no processo mantiverem a posição de distanciamento e de impossibilidade que motivou a conversação. Essa reflexão nos leva a uma possibilidade conceitual acerca do gênero: Se a distância é a condição primeira para a interação epistolar, como nos lembra Seara (2008)<sup>15</sup>, podemos então afirmar que o autor tece suas missivas sob a tenaz pena da melancolia. Neste sentido, o texto epistolar seria, segundo Duchêne (1973), “a expressão directa e complexa de um sujeito que, colocado numa situação concreta e determinada, necessita e se socorre da escrita para comunicar com o outro”<sup>16</sup>.

Mais que uma transposição escrita de pensamentos e sentimentos antes possíveis apenas no campo subjetivo, o ato de escrever cartas pode revelar uma postura íntima, autobiográfica e, até certo ponto confessional – dado que o autor pressupõe que será lido por seu interlocutor; mas também é capaz de desnudar traços da imagem que pretende divulgar de si próprio mediante a leitura de suas missivas por terceiros. É preciso, portanto, lembrar que as cartas são escritas “sempre a alguém, orientam-se para um interlocutor,

<sup>14</sup> MUHANA, Adma Fadul. O gênero epistolar: diálogo *per absentiam*. Discurso [S.l.], n. 31, p. 329-346, dez. 2000. ISSN 2318-8863. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38043/40769> [16 de setembro de 2015].

<sup>15</sup> SEARA, Isabel Roboredo. O epistolar: Relicário de cumplicidades. Actas do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, Santiago de Compostela, 2008.

<sup>16</sup> DUCHÊNE, Roger. “Commentaire historique. Lettre (sens epistolaire)”, dans ESCARPIT, Robert (ed.), *Dictionnaire international des termes littéraires*. Paris et la Haye, Mouton, 1973, p. 29. In: SEARA, Isabel Roboredo. Da epístola à mensagem eletrônica, metamorfoses das rotinas verbais. Tese de doutoramento em linguística. Lisboa: Universidade Aberta, 2006. p. 19.

fala-lhe, fala por ele ou acerca dele” (BAKHTIN, 2002: 368)<sup>17</sup>. Neste sentido, devemos destituir a carta de uma roupagem meramente romântica e intimista, desmistificando sua fisionomia pautada, de maneira ingênua e acrítica, na transparência e na verdade, para analisá-la sob um olhar mais atento aos aspectos convencionais e sociais sob os quais, e por circunstâncias diversas, a missiva foi produzida.

Um aspecto fundamental a ser observado na análise de um documento epistolar, inscrito no âmbito das relações pessoais e/ou familiares, é esse caráter pautado na partilha, nascido na intenção de dividir algo com alguém – uma confissão, uma saudade, uma tristeza, uma alegria, uma novidade, um desabafo, enfim, uma infinidade de sentimentos e desejos que só se concretizam, efetivamente, pelo ato da escrita. É importante também salientar que, segundo Seara (2009),

Associa-se frequentemente a escrita intimista à ideia de instrumento de aperfeiçoamento moral, definindo-se como escrita através da qual se manifesta uma preocupação quotidiana da alma, de enfrentar a sucessão dos dias, numa perspectiva de melhorar e ultrapassar as suas insuficiências e vicissitudes, decorrentes da imprevisibilidade do tempo<sup>18</sup>.

Ainda acerca desta especificidade do género, Vives (1989: 10) afirma que “[...] envelopado pela pesada massa do corpo, o pensamento é impenetrável, ele só pode ser tornado manifesto, em certa medida, pela fala”<sup>19</sup>. Esta manifestação explícita e concreta de pensamentos e sentimentos ocorre, na escrita epistolar, não apenas pelo fato de a escrita (co)pertencer a dois sujeitos, uma vez que esta será enviada a outro, mas também pelo alcance maior que a repercussão da matéria escrita pode atingir, por meio da rede de relações que a carta representa e sustenta. De acordo com esta perspectiva mais ampla, entendemos que a experiência epistolar pode comportar mais que dois sujeitos que se comunicam efetivamente pelo texto escrito, a saber, o remetente e o destinatário, mas também as pessoas citadas ao longo da missiva (que fazem parte do mesmo grupo social) e os demais leitores que futuramente terão acesso àquele conteúdo, antes situado apenas no sigiloso espaço da privacidade, que um dia existiu entre os correspondentes.

---

<sup>17</sup> BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: O Contexto de François Rabelais*. 5. ed. São Paulo: Annablume Editora, 2002.

<sup>18</sup> SEARA, Isabel Roboredo. 2009 "Dialogismo na escrita intimista ou sacralização do eu? Estudo pragmático do acto de confidência". IN Dermeval da Hora (org). *Anais do VI Congresso da ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística)*. CD-ROM, João Pessoa: Ideia, pp. 1887-1896. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN\\_2009/PDF/Isabel%20Roboredo%20Seara%20-%20ok.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Isabel%20Roboredo%20Seara%20-%20ok.pdf) ISBN: 978-85-7539-446-5. [14 de março de 2016].

<sup>19</sup> VIVES, J. L. *De conscribendis epistolis*. (1 ed. 1534) In: Selected works of J. L. Vives. Vol. 3 Ed. por C. Fantazzi. Leiden, E. J. Brill, 1989.

Outro dado interessante do gênero epistolar é a expectativa da resposta. Uma carta carregará sempre consigo o estigma de sua impossível completude, uma vez que a escrita epistolar não é hermética e tampouco acabada por si só. A interação e a reciprocidade são aspectos fundamentais deste gênero, que pressupõe, como essencial, a continuidade da troca de correspondências. Para Silva (1995: 235)<sup>20</sup>, “o ato de enviar uma carta e o fato de recebê-la já criam uma situação comunicativa: está feito o contrato”. A ideia de “contrato epistolar” vem sendo amplamente debatida nos estudos linguísticos mais recentes acerca da epistolografia. Segundo Kerbrat-Orecchioni (1998: 31)<sup>21</sup>, “uma carta espera uma resposta, assim reza o contrato comunicativo que liga emissor e receptor de uma mensagem epistolar, que estipula que haja um direito e um dever de resposta”.

Consequentemente, neste gênero, escrever significa, ao mesmo tempo, partilhar e agregar. O epistológrafo, ao escrever de si, não o faz sob a condição de mostrar-se apenas, como se a correspondência fosse uma espécie de diário íntimo. O missivista, ao escrever de si, o faz sob a perspectiva do outro, o que implica em influenciar seu correspondente pela imagem que transmite de si e, de certa forma, permitir-se sofrer a intervenção do outro por meio da recepção que este teve do texto epistolar, cuja leitura permitirá o florescer de outras missivas. É justamente nesta concepção que destinador e destinatário alternam seus papéis, escrevendo juntos a história epistolar que os une, apesar da natural distância física que motivou o início da troca de cartas. Esta perspectiva permite-nos afirmar que a constante alternância dos papéis e dos sujeitos epistolares, influencia a reconstrução e a consequente readaptação do cenário no qual a missiva foi anteriormente escrita, uma vez que o contexto reflete a diversidade sociocultural do meio e as constantes alterações emocionais e psicológicas do sujeito que a escreveu.

A exposição de todos estes elementos serve para comprovar que a carta comporta-se como um organismo vivo, nascida da fusão de toda sorte de emoções, razões e, sobretudo, das experiências daquele que a escreve. O signatário tece as letras mas cabe à história compor o enredo do texto. Para Seara (2006: 19), o gênero epistolar “constitui um testemunho ímpar da autenticidade das relações pessoais, culturais e sociais de uma época

---

<sup>20</sup> SILVA, Sérgio Conde de Albite. *Arquivo Machado de Assis: Inventário*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.

<sup>21</sup> KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. “L’interaction épistolaire”, SIESS, Jürgen (dir.), *La lettre, entre réel et fiction*, Paris, Sedes, 1998, pp.15-36.

ou de um autor<sup>22</sup>”. Em outras palavras, diferentemente de uma obra literária, na qual o autor tem total domínio do conteúdo a ser escrito, o género epistolar encerra em si o princípio da autenticidade, embora não fechemos os olhos para as possíveis nuances de persuasão e de propósitos do interlocutor naturalmente impressos na missiva. Ainda que seja possível conferir à escrita um certo grau de desfaçatez ou utopia, mesmo que a imagem que lemos do outro seja a representação plena de um *ethos*<sup>23</sup> planejado e cuidadosamente revelado pelo autor, é possível inferir que a suposta inverdade seria facilmente descoberta. Isto ocorre porque o género epistolar transporta consigo uma série de convenções sociais e comportamentais, que reproduzem as marcas do grupo e da esfera sociocultural na qual está inserido. A representação seria, portanto, um frágil e improdutivo campo para esta espécie de produção textual. Para Viana:

Todas as ansiedades, todas as inquietações, todos os desenganos dos indivíduos, pulsam, latejam e vivem nas cartas que eles escrevem. As cartas são o espelho das almas e o reflexo das sociedades, porque, revelando o homem, denunciam os bastidores da complexa vida social<sup>24</sup>.

(VIANA *apud* SEARA, 2006: 23)

De forma mais abrangente, podemos dizer que os textos epistolares carregam em si impressões acerca da época em que foram produzidas, os propósitos aos quais se destinam e as circunstâncias que permeiam suas condições de produção – como os interlocutores e suas ideologias, as relações que estes estabelecem entre si e a complexidade da situação que fundamentou e/ou originou a escrita epistolar.

Também é oportuno, neste momento, citar Cardoso (1985: 59)<sup>25</sup>, que nos lembra o carácter transitório da privacidade epistolar. Segundo a autora, “as cartas transitam frequentemente do domínio particular para o público”, uma vez que, não importa quais são as condições, mas todas “as cartas fizeram-se para serem lidas”. Também nos sublinha Amaral (2000: 22)<sup>26</sup> que “as cartas são a manifestação espontânea de um emissor que quer, sobretudo, comunicar-se com o outro, e que o faz com deliberada espontaneidade”. Uma

---

<sup>22</sup> SEARA, Isabel Roboredo. Da epístola à mensagem electrónica. Metamorfoses das rotinas verbais. Lisboa: Universidade Aberta (tese de doutoramento), 2006.

<sup>23</sup> A questão da construção do *ethos* será amplamente debatida no capítulo 4 desta dissertação, na seção “Perspectiva Retórica: A construção do *Ethos* do Epistológrafo”.

<sup>24</sup> VIANA, Mario Goncalves. *Os Epistológrafos na Literatura Portuguesa, Ensaio histórico-crítico*. Porto: Editora Educação Nacional, 1940. p. 7.

<sup>25</sup> CARDOSO, Marília Rothier. Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis. O Eixo e a Roda. Vol. 4. Belo Horizonte, 1985. p. 59-70.

<sup>26</sup> AMARAL, Glória Carneiro do. Sévigné em ação: sévignações. *Prezado senhor, prezada senhora: estudo sobre cartas*. Org. GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Doravante, neste texto, as citações retiradas deste volume serão indicadas pela sigla PS-00.

vez escrita e enviada, a carta já não é mais uma escrita sigilosa – como ocorre com o diário, mas o reflexo de um estado psicológico, emocional e até mesmo social de seu autor, que, por algum motivo, desejou comunicar de si ao outro.

O sujeito missivista, no momento que deseja corresponder-se com alguém por meio das cartas, nem sempre leva em consideração que aquela partilha pode não estar ligada apenas ao destinatário. Não há controle sobre quem irá, de fato, acessar aquelas informações. Existe implícito, portanto, um pacto silencioso de confiança na escrita epistolar. Não obstante as motivações que originaram tal troca (em alguns casos a publicidade é oportuna e mesmo planejada), é importante pensar que uma possível quebra deste voto de credibilidade depositado na figura do destinatário pode modificar, de forma definitiva, toda a correspondência futura entre os missivistas. A este respeito, Drummond<sup>27</sup> (2002) certa vez afirmou que “no Brasil, a glória começa com a violação do sigilo epistolar. Lemos amanhã nos jornais a carta que mandamos hoje ao moço escritor”<sup>28</sup>.

Para Cardoso<sup>29</sup>, o destinatário decifra os escritos com base em um conhecimento afetivo ou pragmático, enquanto os demais leitores se apegam às entrelinhas para descobrir um possível sentido oculto (1985: 60). São diferentes, portanto, as impressões da leitura epistolar entre o destinatário e os outros leitores. O segundo grupo, no qual nos incluímos enquanto leitores e pesquisadores das missivas de Machado, não tem a preocupação com a resposta – condição essencial ao contrato epistolar; e este aspecto altera, de forma profunda e constante, a leitura que fazemos das missivas. Enquanto meros leitores, não lemos exatamente “o outro” por meio de sua correspondência, mas traços dos diversos *ethé* discursivos que o epistológrafo radiografou de si mesmo. Neste sentido, há uma diferença imensa entre o leitor e o destinatário, que co-participa do texto, influenciando, de alguma maneira, o conteúdo e a *práxis* epistolar do missivista. Nosso olhar para o objeto não está diretamente comprometido com o que está escrito, simplesmente pelo fato de não sermos coautores do texto, tampouco participantes da história que ali se inscreve. Por todas estas razões, concordamos com Balsini (2011: 31), quando afirma que:

---

<sup>27</sup> Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987) foi um importante poeta, cronista e contista brasileiro, considerado um dos maiores nomes do Movimento Modernista no Brasil. Drummond foi, seguramente, o nome mais influente da literatura brasileira de seu tempo, tendo também publicado inúmeros livros em prosa.

<sup>28</sup> TELES, Gilberto Mendonça. O privilégio de ler Drummond. Revista da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, fase VII, n. 32, 2002, p. 130.

<sup>29</sup> CARDOSO, M. R. Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis. O Eixo e a Roda, Belo Horizonte, v. 4, 1985.

Trabalhar o género correspondência é, inevitavelmente, assumir como escopo uma série de cacos de vozes que, registrados no papel perpetuam vidas que não existem mais. Esses fragmentos, testemunhos de um tempo passado, mostram pistas de uma memória em ação, de forma voluntária ou involuntária, sob o “presente que foi”<sup>30</sup>.

Esta perspectiva vai perfeitamente ao encontro do que nos propusemos a analisar nesta dissertação: as cartas de Machado de Assis sob um enfoque mais humanizado, levando em conta suas experiências, suas relações afetivas e toda uma gama imensa de recordações que o autor foi, durante toda sua vida, inventariando em sua correspondência. Em função dessa peculiaridade do texto epistolar – de ser ao mesmo tempo uma prova documental e histórica a respeito da existência de alguém e um acervo inestimável de memórias pessoais – é necessário pensá-lo também como uma importante fonte de pesquisa acerca das relações interpessoais que se efetivam por meio das missivas. Para Seara (2006: 194), “a comunicação encerra estas duas finalidades: transmitir o conteúdo de uma mensagem e definir, edificando, a relação entre os interlocutores”<sup>31</sup>.

Entendemos, portanto, que ao comunicar-se por meio de cartas, o sujeito missivista não pretende apenas informar algo ou estar periodicamente em contato com alguém; mas ele predispõe-se também a selecionar, a organizar e a partilhar com o outro fragmentos de sua memória, construindo laços, firmando relações, estreitando vínculos, descobrindo afinidades, desvendando a si mesmo e, sobretudo, escrevendo a própria história.

---

<sup>30</sup> BALSINI, Priscila Fernandes. Nas dobras de correspondências e romances, o projeto poético machadiano. Dissertação de Mestrado (Literatura e Crítica Literária). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

<sup>31</sup> SEARA, Isabel Roboredo. Da epístola à mensagem electrónica. Metamorfoses das rotinas verbais. Lisboa: Universidade Aberta (tese de doutoramento), 2006.

## 2.2. A ESTRUTURA PROTOTÍPICA DA CARTA

*Interrompo-me aqui para não demorar mais a resposta [...]. Demais, o prazer que traz a certeza de que me lê um amigo dá vontade de continuar.<sup>32</sup>*  
(MACHADO DE ASSIS)

Por muitos séculos, a carta foi o principal meio de comunicação à distância, o único veículo responsável por fazer circular as notícias da sociedade. Devido à sua importância, o género epistolar foi adquirindo um status incontestável para aqueles que exerciam tal atividade, chegando a ser definida como uma arte durante a Antiguidade. Vale lembrar que, nesta época, a técnica epistolar era uma prática restrita apenas a um pequeno número de pessoas letradas, consideradas suficientemente capazes de transmitir com eficácia as informações que se faziam necessárias. Para Gonçalves e Mesquita (2010: 31):

[...] sem meios de comunicação que chegassem a grandes grupos sociais, as missivas tornavam-se *locus primordial* de informações e ideias entre particulares e destes com pequenos grupos aos quais as cartas eram remetidas<sup>33</sup>.

Quando pensamos no estudo do género epistolar, é comum que imaginemos a compreensão e a contextualização das missivas, mas a análise das correspondências não se limita a estes dois extremos. É importante conhecer também a estrutura das cartas, suas diferentes partes discursivas, seus objetivos e os consequentes impactos causados pela escolha por um ou outro modo de dizer epistolar. Subscrevemos as palavras de Seara ao afirmar a necessidade de “ultrapassar o imanentemente linguístico do texto e indagar o que lhe confere, de facto, propriedade e relevância. É necessário sondar e perceber, não só ao nível das práticas sociais, como ao nível das práticas discursivas” (2006: 26). Trata-se, pois, de um complexo universo teórico ainda por ser explorado, uma vez que as cartas são constituídas por conteúdos marcados social, cultural e historicamente, mas também por características específicas da categoria textual a que pertencem. Reduzir a análise da correspondência apenas à sua importância documental ou biográfica significa, portanto,

---

<sup>32</sup> Carta de Machado a Nabuco escrita em 07 de outubro de 1903. In ASSIS, Machado de; NABUCO, Joaquim. *Machado e Assis e Joaquim Nabuco: Correspondências*. ARANHA, Graça (Org.) 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2003. p. 120. Doravante, neste texto, todas as citações retiradas deste volume serão indicadas pela sigla M&N-03.

<sup>33</sup> GONÇALVES, Ana Teresa Marques. DI MESQUITA, Fabrício Dias Gusmão. Atividade Epistolar no Mundo Antigo: relendo as cartas consolatórias de Sêneca. In: *História R.*, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 31-53, jan./jun. 2010.

ignorar uma infinidade de informações e procedimentos que são inerentes ao gênero e que muito têm a contribuir para os estudos da estrutura e da gênese da escrita epistolar.

Neste sentido, faremos um breve levantamento acerca de algumas teorias que buscaram, ao longo dos séculos, definir e mapear o gênero, organizando modelos e criando formas para tornar mais eficiente a comunicação escrita. Nossa intenção é perceber a manutenção da tradição epistolar e as mudanças que o gênero vem sofrendo, especialmente em tempos de comunicação digital. Sabemos que toda e qualquer atividade comunicativa tem um caráter historicamente variável<sup>34</sup>, por isso pretendemos analisar a evolução da correspondência e de sua formatação.

A princípio, faremos uma sucinta distinção entre os diversos nomes que recebeu, ao longo do tempo, o objeto epistolar. Segundo Justo Lípsio<sup>35</sup> os antigos designavam a carta como *litterae, tabulae, tabellae* e *codicilli*<sup>36</sup>. Devido à sua importância e pelo fato de ser, até então, o mais importante dos gêneros literários, os poetas antigos usavam o termo *litterae* para fazer referência à carta. Os demais termos eram usados em razão do aspecto material com o qual as cartas eram produzidas: “os conteúdos das cartas eram escritos em tabuinhas de madeira aplainada, donde os seus portadores chamavam-se *tabellarii*”<sup>37</sup>. Como ilustrou Festo<sup>38</sup>: “Os antigos usavam tabuinha de madeira ao invés de papiro, com as quais, de um lado a outro, enviavam informações aos ausentes por mensageiros”<sup>39</sup>.

Para a pesquisa que ora apresentamos, procedemos a uma breve e oportuna investigação das bases etimológicas dos conceitos por nós adotados, a saber: carta, missiva, correspondência e epístola, que usaremos como sinônimos ao longo do trabalho, excluindo possíveis equívocos e imprecisões relacionados ao uso de tais nomenclaturas.

<sup>34</sup> Cf. Eagleton (2003: 22): “[...] o que descobrimos até agora não é apenas que a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais”.

<sup>35</sup> Justus Lipsius (1547– 1606) foi um filólogo e humanista, considerado um dos mais famosos eruditos do século XVI. Estudou com os jesuítas em Colônia, onde desenvolveu sua paixão pela literatura latina e grega. Foi autor de uma série de obras que pretendiam recuperar a antiga corrente filosófica conhecida como estoicismo num formato compatível com o cristianismo tomando como modelo de partida a obra do filósofo Seneca. A mais importante dessas obras foi *De constantia* (Sobre a constância).

<sup>36</sup> Tradução de Emerson Tin (2005) a partir da edição bilíngue (latim/inglês) de YOUNG, R. V. e HESTER M. Thomas. *Principles of letter writing: a bilingual text of Justi Lipsii*, Portland: Book News, 1996.

<sup>37</sup> Isidoro de Sevilha. *Etymologiarum sive originum libri XX*. Ed. W Lindsay. Oxford: Clarendon Press, 1911.

<sup>38</sup> Sexto Pompeu Festo (em latim: Sextus Pompeius Festus) foi um gramático romano, que esteve em atividade durante o fim do século II d.C., possivelmente em Narbo Márcio (Narbona), na Gália. A obra de Festo, que fornece tanto a etimologia quanto o significado de diversas palavras, ajudou a elucidar diversos aspectos do idioma, mitologia e a história da Roma Antiga.

<sup>39</sup> Sexto Pompeu Festo. *De verborum significatione et fragmentum*. Genebra: Petrus Santandreas, 1583.

*Epístola* é um termo grego, que originalmente significa enviado ou remetido. Segundo o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa<sup>40</sup> (1980: 751) a epístola seria uma espécie de composição poética em forma de carta, destinada à leitura durante a missa. Sua principal característica está centrada no conteúdo, tanto literário quanto religioso, embora, devido à sua habitual extensão, também possa ser sinônimo daquilo que normalmente conhecemos também como “*carta*”.

Citamos novamente Lísio, que propôs uma definição interessante para a carta: “Carta é uma notícia de um espírito a outro ausente, ou quase ausente”<sup>41</sup>. Etimologicamente, a palavra “carta” tem origem no latim *charta*, cujo significado é “folha para escrita”, e no grego *khartes*, “folha de papiro”. Por conta de seu caráter marcadamente comunicativo, esta definição de carta distancia-se, por sua vez, do conceito inicialmente atribuído à epístola, mais relacionado ao teor religioso e/ou didático que o objeto encerra.

De acordo com o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (1980: 383), a carta seria uma folha de papel escrito, que se dirige a pessoas ausentes, com a finalidade de dar-lhes notícias e teria como sinônimo a palavra missiva. O mesmo volume conceitua o termo, também comparando-o a uma carta ou epístola: “bilhete que se manda a alguém, que se remete, que se expede” (1980: 1306). A correspondência seria o acto de corresponder-se com alguém, ou seja, de trocar efetivamente cartas, bilhetes ou telegramas. O mesmo dicionário faz uma associação entre os termos correspondência e carta, como uma forma de estabelecer relações entre pessoas ausentes, que se correspondem pelo correio (1980: 526).

No entanto, em alguns momentos, é possível notar que alguns teóricos e missivistas encontram certas diferenças no uso de tais palavras. Exemplos desta afirmação aparecem nas próprias cartas de Machado que analisamos, nas quais o autor fazia uma interessante distinção entre a palavra “*correspondência*” e os demais textos epistolares. Segundo ele, a troca de correspondências ocorria durante as viagens de seus interlocutores, nomeadamente aqueles que encontravam-se em missões mais distantes, como na Europa ou nos Estados Unidos. É o que ocorre na carta destinada a José Carlos Rodrigues<sup>42</sup>:

---

<sup>40</sup> ALMEIDA, R. C. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Brasília: Editora do Autor, 1980.

<sup>41</sup> JUSTO LÍPSIO. *Principles of letter-writing: a bilingual text of Justii Lipsii Epistolica Institutio*. Ed. R. V. Young e M. Thomas Hester. Book News, 1996. p. 2.

<sup>42</sup> José Carlos Rodrigues (1844 — 1923) foi diretor e principal redator do *Jornal do Commercio*. Em Nova York, publicou dois jornais em português: o *Novo Mundo* (1870-9) e a *Revista Industrial* (1878-9). Em Londres, colaborou no *Time* e no *Financial News* (1882) e negociou o primeiro empréstimo ao Brasil, em favor de São Paulo. Regressando ao Brasil (1890), comprou o *Jornal do Commercio*, que dirigiu por 25 anos.

*O nosso artigo está pronto há um mês. Guardei-me para dar-lhe hoje uma última demão; mas tão complicado e cheio foi o dia para mim, que prefiro demorá-lo para o seguinte vapor. Não o faria se se tratasse de uma correspondência regular como costume fazer para a Europa; trata-se, porém, de um trabalho que, ainda retardado um mês não perde a oportunidade<sup>43</sup>.*

Da mesma forma, em outra carta, desta vez destinada ao amigo Joaquim Nabuco<sup>44</sup>, Machado diz: “*Tenho lido e aplaudido as suas correspondências*”<sup>45</sup>. De fato, as correspondências de que o autor tratava estavam relacionadas aos textos que Nabuco enviava de Londres, onde residia, publicados então no *Jornal do Commercio*<sup>46</sup>. Machado confirma tal diferença, curiosamente, em uma carta destinada ao amigo Salvador de Mendonça<sup>47</sup>, que encontrava-se em missão nos Estados Unidos:

*Por aqui não há novidade importante. Calor e pasmeira, duas coisas que talvez não tenhas por lá em tamanha dose. Aí, ao menos, anda-se depressa, conforme me dizes na tua carta, e na correspondência que li no Globo. Não podes negar, porque o estilo é teu. Vejo que mal chegaste aí, logo aprendeste o uso da terra, de andar e trabalhar muito. Uma correspondência e infinitas cartas particulares<sup>48</sup>.*

Tal diferença conceitual se intensifica quando Machado convida o amigo Salvador de Mendonça a participar como colaborador de um novo jornal, *O Cruzeiro*<sup>49</sup>, ao qual deveria remeter, diretamente dos Estados Unidos, duas correspondências mensais:

*Vai aparecer no 1.º do ano de 78 um novo jornal, O Cruzeiro, fundado com capitais de alguns comerciantes, uns brasileiros e outros portugueses. O diretor será o Doutor Henrique Correia Moreira, teu colega, que debes conhecer. Incumbiu-me este de te propor o seguinte: 1.º Escreveres duas correspondências mensais. 2.º Remeteres cotações dos gêneros que interessem ao Brasil [...] 3.º Obteres anúncios de casas industriais e outras<sup>50</sup>.*

<sup>43</sup> Carta de Machado a José Carlos Rodrigues, escrita em 25 de janeiro de 1873. In: ACT II-09 p. 82.

<sup>44</sup> Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849 — 1910) foi um político, diplomata, historiador, jurista e jornalista brasileiro, formado pela Faculdade de Direito do Recife. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e um dos grandes diplomatas do Brasil, além de orador, poeta e memorialista. Entre os imortais, manteve uma grande amizade com Machado de Assis, que conservava em sua residência um retrato de Nabuco pendurado na parede da sala. Trocaram, ao longo de décadas, inúmeras correspondências, que foram reunidas e, mais tarde, publicadas em um livro.

<sup>45</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 29 de maio de 1882. In: ACT II-09 p. 224.

<sup>46</sup> O *Jornal do Commercio* é o mais antigo veículo em circulação ininterrupta na América Latina. A primeira edição do jornal, criado pelo francês Pierre Plancher, circulou no dia 1º de outubro de 1827. Machado começou a colaborar com o jornal muito cedo, aos 19 anos, e logo depois tornou-se revisor.

<sup>47</sup> Salvador de Menezes Drummond Furtado de Mendonça (1841 — 1913) foi um jornalista, advogado, diplomata, romancista, ensaísta, poeta, teatrólogo e tradutor brasileiro. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e um dos idealizadores do Movimento Republicano no país. Foi indicado para ocupar a Cadeira n.º. 20, que tem como patrono Joaquim Manuel de Macedo. Salvador manteve, desde muito cedo, uma frutífera amizade com Machado, retratada em uma longa troca epistolar.

<sup>48</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 24 de dezembro de 1875. In: AOC-86 p. 1033.

<sup>49</sup> O *Cruzeiro* circulou entre 01/01/1878 até 19/05/1883. No jornal, Machado publicou folhetins, colaborou como crítico, cronista e contista.

<sup>50</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 08 de outubro de 1877. In: ACT II-09 p. 135-136.

Uma das raras oportunidades em que Machado mencionou carta como sinônimo de correspondência fez questão de qualificá-la, mantendo uma tênue diferença entre ambos:

*[...] deixe-me dizer-lhe, não só que aprecio e grandemente as suas cartas de Londres para o Jornal do Commercio, como que os meus amigos e pessoas com que converso, a tal respeito, têm a mesma impressão<sup>51</sup>.*

A epistolografia propriamente dita seria, portanto, uma coletânea de cartas escritas pelo mesmo autor e relacionadas a um signatário específico, ou a um grupo definido, como ocorre nas cartas abertas de Machado publicadas para os leitores de um determinado veículo de comunicação. Para que não ocorram imprecisões conceituais ou dúvidas quanto ao uso de tais nomenclaturas na presente dissertação, esclarecemos por ora que todos os termos relacionados ao gênero epistolar adotados durante nossa pesquisa, serão utilizados como sinônimos, sem que haja qualquer prejuízo de classificação e/ou interpretação.

Segundo Miranda (2000)<sup>52</sup>, os mais antigos registros epistolares de que temos notícia surgiram pelas mãos de filósofos gregos, dentre os quais citamos Platão<sup>53</sup> Isócrates<sup>54</sup> e Epicuro<sup>55</sup>. De maneira geral, são os próprios escritos epistolares que delimitam a ocorrência deste gênero e que se apresentam, hoje, como matéria de reflexão.

Os textos epistolares de Platão, apesar de não terem sua autenticidade reconhecida, são considerados fontes raras de pesquisa para a compreensão do pensamento filosófico e político no período da Antiguidade Clássica. Entre todos os documentos do gênero a ele atribuídos, a *Carta VII* é tida como a mais importante entre suas correspondências.

Segundo Valentim (2012), é através desta carta que Platão posiciona-se em relação

<sup>51</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 14 de abril de 1883. In: ACT II-09 p. 250.

<sup>52</sup> MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. In: PS-00 p. 43.

<sup>53</sup> Platão (427 a.C. ou 425 a.C. — 347 a.C.) foi um dos principais filósofos gregos da Antiguidade, seguidor de Sócrates e mestre de Aristóteles. Sua obra compõe um dos maiores legados de que temos conhecimento, abrangendo debates sobre ética, política, metafísica e teorias filosóficas. Foram atribuídas a ele treze cartas, com grande valor para historiadores e filósofos, pois constituem documentos nos quais Platão se dirige pessoalmente aos seus leitores, fornecendo perspectivas privilegiadas acerca de sua personalidade.

<sup>54</sup> Isócrates (436 a.C. — 342 a.C.) foi um pedagogo, orador e retórico ateniense. Contemporâneo de Platão, foi um dos fundadores das duas primeiras Escolas da História da Humanidade. Sua Escola de oratória exerceu grande influência na vida intelectual e política da época, e a luta pela unidade do povo helênico. Escreveu textos sobre política, educação, ética e crítica literária, entre os quais são conhecidos 21 discursos e nove cartas, que contavam com sua opinião pessoal e eram endereçadas a reis e ao público em geral.

<sup>55</sup> Epicuro (341 a.C. — 271 ou 270 a.C.) foi um filósofo grego do período helenístico. Suas ideias foram muito difundidas no Egito e na região da Jônia. Ainda adolescente mostrou interesse pelo estudo da filosofia. Escreveu cerca de trezentos textos, dentre os quais foram encontradas 3 cartas: sobre a natureza, os meteoros e a moral. Em 1887, Hermann Usener reuniu, junto com as cartas, uma coleção de pensamentos e fragmentos, sob o nome *Epicurea*. Nesses escritos, Epicuro pregava que a filosofia deveria promover a liberdade, o que o levou ao patamar de precursor entre os filósofos anarquistas do período clássico.

à política. O filósofo, que aparece no discurso por meio da figura de um conselheiro, é convidado a experimentar o risco de dizer a verdade e de estar ao lado dela:

Não é de estranhar o que me aconteceu, dada a minha juventude, pensei que iam governar a cidade libertando-a de um regime injusto para conduzi-la a um sistema justo, de modo que pus uma enorme atenção em ver o que se podia conseguir<sup>56</sup>.

Os textos de Platão resumem as glórias e decepções de sua passagem pela Sicília, buscando avaliar os resultados do seu trabalho nessa república. Com base em seu pensar filosófico, levanta os princípios gerais de onde surgem os conselhos e os argumentos que fazem parte de toda sua produção epistolar. Para Miranda (2000: 42-43) o autor se expressa segundo as regras de um gênero que permite acesso direto e incisivo aos seus interlocutores, além do conforto de poder combinar diversas modalidades de exposição.

Os textos epistolares de Epicuro e Isócrates, assim como os de Platão, também foram destinados ao ensino, por conterem temas de interesse comum a toda a comunidade. As cartas abertas, muito comuns à época, garantiam a seus leitores o aprimoramento do gênero, por meio de uma certa “elegância estilística”<sup>57</sup>, desejada e reproduzida por muitos.

É bastante compreensível que a correspondência tenha propiciado uma série de discussões e questionamentos aos primeiros teóricos do gênero, especialmente por se tratar de um meio de comunicação que era o mais eficiente naquele momento. Por conta de sua absoluta importância no mundo antigo, a carta foi alvo de inúmeros estudos no decorrer dos séculos. Tratados e teorias buscavam definir as normas e preceitos a serem praticados na escrita epistolar, tentando trazer às missivas um certo grau de rigidez e formalidade. O objetivo principal era transmitir aos leitores considerados leigos os ensinamentos sobre a nobre atividade epistolar. Assim, os manuais consistiam, na maioria das vezes, em uma ampla coletânea de missivas cuidadosamente selecionadas, escritas por pessoas influentes e letradas, consideradas exemplo de boa escrita. Tais estudos permitiram formular teorias diversificadas que versavam sobre a arte de escrever cartas de maneira culta e eficaz, reforçadas com o devido embasamento analítico e a oportuna consistência didática.

Além dos primeiros documentos do gênero, Miranda (2000) nos lembra que também são gregos os primeiros modelos de escrita epistolar, iniciados por Demetrius de

---

<sup>56</sup> PLATÃO. Carta VII 324d3-7. In diálogos VII (Dudosos, Apócrifos, Cartas). Biblioteca Clássica de Gredos. Editorial Gredos, Madrid, 1992.

<sup>57</sup> MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. In: PS-00. p. 43.

Faleros<sup>58</sup>, Filóstrato<sup>59</sup> e Proclo<sup>60</sup>. Demetrius foi o autor do *De elocutione* (I a.C. e I d.C.), o primeiro tratado teórico com regras que versavam sobre a arte epistolar. Para o autor, as cartas não deveriam ser muito longas, para que não se perdesse a característica dialógica do gênero, além de terem como pressuposto uma escrita de “estilo simples, pedestre, de maneira que mais se aproxime de uma conversa entre amigos do que de uma demonstração pública de um orador” (TIN, 2005: 19). Como consequência, a carta para Demetrius seria uma espécie de “presente literário<sup>61</sup>”; uma vez que o diálogo se insere no âmbito do improvisado, da espontaneidade, enquanto a carta é uma escrita planejada, enviada a alguém que foi escolhido como destinatário.

Filóstrato de Lemnos é o autor de *De epistulis*, datada do século III d. C. O tratado é uma espécie de crítica às cartas de Aspasius de Ravenna<sup>62</sup>, acusado de usar um estilo inadequado para o gênero epistolar. Em sua obra, o autor enumera aquilo que considera ser apropriado à escrita das missivas, tendo a clareza como sua principal qualidade:

Se concedemos algo ou fazemos uma petição, se concordamos ou discordamos, se atacamos alguém ou nos defendemos, ou se declaramos nosso amor, prevaleceremos mais facilmente se nos expressarmos com clareza de estilo. Expressar-nos-emos claramente e sem vulgaridade se expressarmos alguns de nossos pensamentos ordinários de uma maneira original, e alguns pensamentos originais de uma maneira familiar<sup>63</sup>.

(FILÓSTRATO *apud* MALHERBE, 1988: 43)

Proclo, autor de *De forma epistolari*, tinha por característica imprimir em seus textos epistolares determinadas normas e técnicas que, mais tarde, serviriam de modelo

---

<sup>58</sup> Demetrius de Faleros (354 a.C. ou 350 a. C. — 283 a.C. ou 280 a. C.) foi um orador, historiador e estadista da Grécia Antiga. Foi o responsável por organizar a primeira coleção de fábulas mencionada pelos antigos, chamada de "Coletânea de Discursos Esópicos" e também o maior acervo de livros da Antiguidade, na Biblioteca de Alexandria.

<sup>59</sup> Flavius Filostrato (170 — 250), também chamado Filóstrato, o Atenense, pertenceu a uma família de dedicados sofistas profissionais. Foi filósofo atuante no período dos imperadores romanos e recebeu os primeiros ensinamentos de retórica em Atenas. Depois mudou-se para Roma, onde aproveitou o mecenato do imperador Septímio Severo e de sua mulher Júlia Domna. Escreveu a Vida de Apolônio e Vidas dos Sofistas.

<sup>60</sup> Proclo Licio (412 — 485) ou Proclo Diádoco ("Sucessor" em grego), foi um filósofo neoplatônico grego do Século V. Nascido em Constantinopla, no seio de uma próspera família na cidade de Xanto, mudou-se para a Alexandria, onde deu continuidade a seus estudos e ganhou o reconhecimento por sua habilidade, caráter e inteligência. Proclo sabia de cor todos os tratados filosóficos de Aristóteles e passava a seus colegas todos os ensinamentos de seus mestres, palavra por palavra, por meio de uma admirável memorização.

<sup>61</sup> DEMETRIUS. Sobre el estilo. Introducciones, traducciones y notas de José García López. Madrid: Editorial Gredos, 1979, p. 96-7.

<sup>62</sup> Aspasius de Ravenna foi um respeitado retórico e sofista, que viveu entre os anos de 225 e 300, durante o reinado de Alexandre Severus. Filhos do também retórico Demetrius, viajou o mundo antigo na companhia do Imperador, trabalhando como secretário e um de seus principais colaboradores. Formou-se em Roma e dedicou-se à função de professor até idade avançada. A simplicidade e originalidade de suas cartas foram questionadas por Filóstrato, que o acusava de escrever com pouca precisão e clareza.

<sup>63</sup> MALHERBE, Abraham J. *Ancient epistolar theorists*. Atlanta: Scholars Press, 1988.

para o desenvolvimento dos mais variados temas no âmbito da correspondência. Eram os chamados “*Princípios gerais*”, amplamente divulgados e reproduzidos com o intuito de estabelecer normas que aprimorassem a técnica de escrever cartas.

Logo depois vieram os autores romanos, tendo Cícero<sup>64</sup> como nome de maior expressão. O filósofo, apesar de não haver escrito teorias conceituais acerca da arte epistolar, foi o responsável por difundir, por intermédio de suas cartas, uma série de conceitos a respeito desta prática textual. Foi através da própria correspondência que Cícero desenvolveu a técnica epistolar, a mesma que mais tarde serviria de base para inúmeros estudos acerca do gênero, especialmente durante o Renascimento. Para Cícero, as cartas estariam divididas em três diferentes categorias: cartas de informação; familiares e jocosas; severas e graves; *litterae, privatae e publicae*<sup>65</sup>, respectivamente:

[...] há, tu não o ignoras, mais de um gênero de cartas; mas entre todos o mais autêntico é aquele a que se deve a própria invenção das cartas, aquele que nasceu do desejo de informar os ausentes, quando era interessante para eles ou para nós que eles fossem informados de qualquer coisa. Há dois outros gêneros de cartas, e que me delíam, um familiar e jocoso, o outro severo e grave<sup>66</sup>.

(CÍCERO *apud* TIN, 2003: 19)

Segundo o autor, a estrutura da carta corresponderia a três partes distintas: a “abertura” seria uma espécie de saudação inicial, que por sua vez abrangeria três outros elementos – a *intitulatio*, a *inscriptio* e a *salutatio*. Interessante o olhar atento de Cícero à estrutura das cartas, nas quais identifica “certos elementos com uma frequência altamente significativa e com diverso grau de formalismo”<sup>67</sup> (2005: 22). A função deste setor seria preparar, de forma adequada, o terreno para o diálogo entre os missivistas.

O assunto ou tema seria abordado no “setor central”, correspondente ao conteúdo da mensagem propriamente dito e que, segundo o autor, não seria nem a abertura nem a

<sup>64</sup> Marco Túlio Cícero (106 a.C. — 43 a.C.) foi um filósofo, orador, escritor, advogado e político romano. Foi sua proficiência na língua grega que o levou à condição de intelectual e o colocou entre a elite romana. Grande estudioso da obra de Platão, Cícero tornou-se o responsável por introduzir a filosofia grega em Roma, criando um vocabulário filosófico em Latim. Os seus trabalhos, ainda hoje, constituem uma das mais importantes fontes de pesquisa para a escrita e revisão da história romana.

<sup>65</sup> Documento na íntegra em versão digital disponível em: <http://www.thelatinlibrary.com/cicero/flacco.shtml> [05 de março de 2015].

<sup>66</sup> Fam., 11. 4, in: CÍCERO, Marco Túlio. *Correspondance, texte établie traduit par L.A. Constans, Paris: Les Belles Lettres*, tomo III, 1936, pp.170-171. Tradução para o português de Emerson Tin.

<sup>67</sup> Entre as quais citamos: Referências a comunicações prévias; expressões de declaração; referências ao próprio escrito; expressões de pesar/alegria; manifestações de vontade; pedidos de carta/visita; expressões de surpresa, determinações locais e temporais etc. In: MARTÍN, M. Nieves Muñoz. *Estructura de la carta em Cicerón*. Madri: Ediciones Clásicas, 1994. pp. 14-32.

conclusão da carta. A dificuldade de delimitação deste setor estaria relacionada à inversa facilidade de identificação das demais, já reconhecidamente estereotipadas<sup>68</sup>.

Fechando a carta, viria a seção responsável pela “conclusão”, a concreta finalização do texto epistolar. Para Martín (1994), a conclusão na carta ciceroniana é um setor fundamental, pois engloba “a reiteração da motivação principal da carta, a concentração do elemento prescritivo e o interesse em assegurar o futuro contato com o destinatário”<sup>69</sup>.

Ainda segundo Cícero, a carta seria uma representação escrita da conversação e que, por isso, deve adaptar-se às circunstâncias e ao temperamento de seus destinatários. Para o autor, o gênero epistolar não tinha como objetivo apenas a informação, mas também a persuasão sobre o destinatário (TIN, 2005: 22). Contudo, o aspecto mais interessante a respeito de suas cartas é o tom de expressividade do missivista:

*Eu, apesar de nada ter para te escrever, ainda assim escrevo, pois parece que falo contigo. [...] Nada teria para escrever. Nenhuma nova ouvi, e a todas as tuas cartas respondi ontem. Mas, como a aflição não só me priva do sono, mas também não me permite manter-me acordado sem uma imensa dor, por isso comecei a escrever-te sem assunto definido, pois assim contigo quase falo, e é a única coisa que me acalma*<sup>70</sup>.

(CÍCERO *apud* TIN, 2005: 21)

Outro nome de fundamental importância para a reconstituição da teoria epistolar é Sêneca<sup>71</sup>. Embora o autor também não tenha escrito tratados específicos sobre o gênero, apresentou alguns conceitos referentes a este tipo de escrita e desenvolveu em suas cartas reflexões acerca da arte epistolar. Assim como Cícero, Sêneca acreditava que a carta tinha o poder de tornar presente a pessoa que encontrava-se fisicamente ausente ou distante:

*Agradeço-te a frequência com que me escreves, pois é o único meio de que dispões para vires à minha presença. Nunca recebo uma carta tua sem que, imediatamente, fiquemos na companhia um do outro. Se nós gostamos de contemplar os retratos de amigos ausentes como forma de renovar saudosas recordações, como consolação ainda que ilusória e fugaz, como não havemos de gostar de receber uma correspondência que nos traz a marca autêntica, a escrita pessoal de um amigo ausente? A mão de um amigo gravada na folha da carta permite-nos quase sentir a sua presença [...]*<sup>72</sup>.

(SÊNECA *apud* TIN, 2005: 24)

---

<sup>68</sup> Op. cit., p. 33.

<sup>69</sup> Op. cit., p. 55.

<sup>70</sup> *Epistulae ad Atticum*. Carta de Cícero a Ático transcrita por Tin (2005).

<sup>71</sup> Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.) Célebre advogado, escritor e intelectual do Império Romano. Sua obra literária e filosófica, tida como modelo do pensador estoico durante o Renascimento, inspirou o desenvolvimento da tragédia na dramaturgia europeia renascentista.

<sup>72</sup> SÊNECA. Cartas a Lucílio, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, carta 40, p. 136. In: TIN, Emerson (org). *A arte de escrever cartas. Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lípio*. São Paulo: Editora Unicamp, 2005, p. 24.

Quanto ao estilo, as cartas, segundo Sêneca, devem adotar um tom coloquial, para que se reconstrua a ideia original do gênero, uma verdadeira conversa entre amigos:

*Tens-te queixado de receberes cartas minhas escritas sem grandes pruridos de estilo. [...] Se nós nos sentássemos a conversar, se discutíssemos passeando de um lado para o outro, o meu estilo seria coloquial e pouco elaborado; pois é assim mesmo que eu pretendo sejam as minhas cartas, que nada tenham de artificial, de fingido! Se isso fosse possível, eu preferia mostrar-te o que sinto, em vez de o dizer<sup>73</sup>.*

(SÊNeca apud TIN, 2005: 24)

Segundo Tin, as artes epistolares da Antiguidade vigoraram durante toda a Idade Média, até que, em razão dos negócios públicos, fossem estes civis ou eclesiásticos, se exigiu um estilo formalmente mais rígido (2005: 31). Foi exatamente esta necessidade de descrever a ordem e os acontecimentos de uma Europa renovada e em plena expansão, que nascia, no norte da Itália, a *Ars dictaminis*, uma série de tratados inspirados nos modelos clássicos e adaptados às peculiaridades da correspondência da época.

No final do século XI a *Ars dictaminis* estava centrada no convento de Montecassino, do qual podemos citar como principal nome Alberico de Montecassino, autor de *Dictaminum radii* – documento que discute a importância da retórica na escrita e questiona os tropos e figuras usados para adornar o discurso e mover a audiência<sup>74</sup>.

No século seguinte, Bolonha passa a ser o centro da *Ars dictaminis*. Para Tin (2005: 33), enquanto Alberico Montecassino pode ser considerado o primeiro escritor medieval a dedicar parte de sua obra à escrita de cartas, é Adalberto Samaritano o primeiro a dedicar à matéria epistolar um tratado inteiro. Em suas *Praecepta dictaminum*, o autor aborda os mais variados temas relacionados ao gênero e faz uma distinção entre os tipos de carta, classificadas como *sublimis*, *mediocris* ou *exilis*<sup>75</sup>.

Destaca-se também, na mesma época, Hugo de Bolonha, autor de *Rationes Dictandi Prosaice*, escrita entre os anos de 1119 e 1124. Nesta obra, são especificados dois tipos básicos de *dictaminem*: o prosaico e o métrico e expõe o que julga ser fundamental às saudações: “sempre em terceira pessoa, definem-se segundo três categorias (superior, igual, inferior) e é um dos lugares para se obter a boa vontade do leitor” (PÉCORA, 2001: 20). Para Hugo de Bolonha, a carta ainda admite mais três partes: o exórdio (cuja função é predispor o leitor para o que se segue), narração e conclusão.

<sup>73</sup> *Ibidem*.

<sup>74</sup> Alberico de Montecassino. *Flores rhetorici*. Org. D. M. Inguanez e H. M. Willard. Montecassino, 1938 p. 36. *Miscellanea Cassinese*, 14. Disponível em: <http://www.alim.dfil.univr.it/> [06 de junho de 2015].

<sup>75</sup> PÉCORA, Alcir. A arte das cartas jesuíticas do Brasil. In: *Máquina de gêneros*. São Paulo: EDUSP, 2001.

A saudável disputa intelectual entre os autores fez crescer o interesse pela matéria epistolar. O mais interessante de todos os tratados surgidos nesta época, é a grande preocupação no trato com o gênero, especialmente com a “demonstração de cortesia e etiqueta nas cartas, praticada numa sociedade altamente hierarquizada” (TIN, 2005: 37).

Em 1135 surgem as *Rationes Dictandi*, de um autor que usava como pseudônimo o nome “Anônimo de Bolonha”. Nesta obra, a carta é definida como o adequado arranjo das palavras assim colocadas para expressar o sentido pretendido por seu remetente [...], um discurso composto de partes ao mesmo tempo distintas e coerentes, significando plenamente os sentimentos de seu remetente (TIN, 2005: 37). O autor divide a carta em cinco partes, a saber: *salutatio*, *captatio benevolentiae*, *narratio*, *petitio* e *conclusio*.

A primeira delas é a *salutatio*, a saudação inicial da carta. Trata-se de um cumprimento feito ao destinatário, que pode revelar o nível de relação e cumplicidade que existe entre os correspondentes. A expressão de cortesia da *salutatio* encontra-se situada em uma área de convivência social; o remetente aceita e respeita a hierarquia da comunidade na qual se insere historicamente. O objetivo da saudação é dar início ao diálogo epistolar, de maneira que esteja formalizada a conversação entre os missivistas. Neste sentido, a *salutatio* seria a responsável pela inclusão de outra pessoa no discurso que se inicia. Vale ressaltar ainda que a saudação é uma rotina de cordialidade indispensável para o estabelecimento de qualquer diálogo, inclusive o epistolar.

A *captatio benevolentiae* refere-se à introdução da conversa, à maneira como o remetente organiza suas ideias e tenta atingir seu destinatário. A “captação” consiste, de forma simplificada, em um ajuste da escrita epistolar para alcançar a boa vontade do outro em receber aquilo que se envia por meio da carta. O objetivo nesta etapa é atrair a atenção, tornar-se aceitável e inserir-se no espaço do outro, respeitando as normas de sociabilidade essenciais ao discurso epistolar. Em geral, são comumente expostas algumas características inerentes à correspondência, como a polidez, a humildade, a preocupação com o outro e a breve expressão de sentimentos. A preocupação, neste momento, é buscar a simpatia e a aderência do correspondente ao discurso que o emissor iniciou.

A esta etapa sucede a *narratio*, a parte que trata da narração propriamente dita. Especialmente nas cartas, gênero considerado fonte constante para pesquisas históricas e biográficas, este é o momento sobre o qual os estudiosos mais se debruçam, pois é nele que o signatário demonstra os motivos que o levaram a recorrer ao suporte epistolar. Nesta

etapa são revelados os detalhes da mensagem, os objetivos do missivista e as possíveis reflexões que porventura a leitura da carta irá causar. Trata-se da enumeração ordenada dos fatos, de modo que pareçam eles próprios apresentando-se a outrem.

Também pode estar inclusa no decorrer da narração a função de sustentar a quarta parte da carta: a *petitio*, que seria o pedido efetivamente feito no discurso. Segundo o autor anônimo, tal pedido pode ser feito de inúmeras maneiras no decorrer do texto epistolar, a saber: de forma suplicatória, didática, cominativa (sob tom de ameaça), exortativa, por meio de advertência, de aconselhamento, de uma reprovação etc.

Associada à *petitio* segue-se finalmente a *conclusio*, ou a “passagem pela qual uma carta é terminada”<sup>76</sup>, que em geral aborda as regras do contrato epistolar: o sinal de espera pela resposta, a promessa da continuidade da correspondência, a efetiva troca de cartas entre os interlocutores e a confiança de que o diálogo não será interrompido.

Vale ressaltar aqui que, embora a *Ars dictaminis* tenha sido ridicularizada por muitos teóricos por conta da rigidez e do formalismo com o qual as partes da carta foram enumeradas e descritas, os tratados da época são o resultado de um longo processo de transição entre o pleno domínio da escrita epistolar medieval e a tradição humanística, que viria logo a seguir. Tin (2005: 43) nos lembra que o início de todo esse processo costuma ser identificado pela redescoberta das cartas de Cícero, primeiramente por Petrarca<sup>77</sup> e depois por Coluccio Salutati<sup>78</sup>. Além disso, outras obras recuperadas no início do século XV<sup>79</sup> foram de extrema importância para a continuação dos estudos sobre o gênero.

Miranda (2000: 42) nos lembra que, enquanto gênero literário ou como atividade reservada de alguns privilegiados, o uso de escrever cartas conheceu notável impulso entre os homens do Renascimento. Tratava-se, agora, de um veículo de comunicação com uma maior importância, cujos ecos iam além dos laços familiares e dos ideais de civilidade; o gênero estabelecia um campo propício ao nascimento de ideias, ao relato de experiências, ao florescer de confidências, enfim, a uma infinidade de possibilidades discursivas.

---

<sup>76</sup> Tradução de Emerson Tin (2005), a partir da edição de James J. Murphy, *The principles of letter-writing, in Three Medieval Rhetorical Arts*. Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press, 1971.

<sup>77</sup> Francesco Petrarca (1304– 1374). Foi um poeta coroado no Capitólio, colecionador de manuscritos e que teria formado uma importante biblioteca. Foi em uma de suas buscas por obras da Antiguidade que o poeta encontrou, em 1345 na Biblioteca do Capítulo de Verona, um manuscrito com as cartas de Cícero.

<sup>78</sup> Coluccio Salutati (1331 – 1406). Considerado o grande sucessor de Petrarca no domínio da epistolografia. Como chanceler de Florença, era responsável por toda a correspondência diplomática da República enviada a papas, reis e imperadores, além da comunicação com as embaixadas e a supervisão das cartas oficiais. Sua influência no estilo chanceler é de extrema importância para o restabelecimento de uma retórica mais cortês.

<sup>79</sup> Textos de Quintiliano em 1416; textos de Cícero em 1421; publicação de *Ad familiares* em 1467 e 1469; coleções de cartas humanistas de autores diversos etc.

Foi a partir do século XVI que surgiram os tratados mais específicos a respeito do gênero, nomeadamente aqueles escritos por Erasmo de Rotterdam<sup>80</sup> e Justo Lísio.

Segundo Erasmo de Rotterdam, a carta seria uma espécie de “colóquio entre ausentes”<sup>81</sup>. Aproximando-se, na maioria das vezes a uma conversa cotidiana em linguagem simples, o autor condena o uso rebuscado de fórmulas que distanciam a carta de sua condição primeira, a de reproduzir a naturalidade dialógica própria do gênero epistolar:

*[...] muito erram aqueles que uma certa grandiloquência trágica utilizam na composição da carta e, onde todos os homens de engenho agem sem artifício, procuram esplendor e glória de abundância e ostentação, quando muito pouco é necessário.*

(ERASMO *apud* TIN, 2005: 51-52)

Para o autor, o estilo epistolar deve ser simples e descuidado, no sentido de um descuido estudado, de forma que pareça não trabalhado e quase improvisado e sem preparação (TIN, 2005: 52). Em seus tratados, Erasmo critica a divisão tradicional vinculada às cartas, lembrando que, por ser um texto espontâneo e dialógico, nem sempre deve seguir uma estrutura pré-estabelecida. Por sua vez, assume a flexibilidade necessária ao texto epistolar, cujo traço deve ser determinado de acordo com sua finalidade:

*[...] tratando de altas questões, que seja grave; de matérias medíocres, harmoniosa; de matérias humildes, correta e agradável; que, na brincadeira, ela seduza por seu humor e sua graça; no elogio, por sua pompa; que na exortação, seja veemente e apaixonada; na consolação, carinhosa e afetuosa; para persuadir, grave e rica de pensamentos; na narração, clara e descritiva; para pedir, discreta; para recomendar, solícita; nas circunstâncias felizes, cumprimentadora; na tristeza, séria.*

(ERASMO *apud* TIN, 2005: 55)

Justo Lísio propõe que cada carta tem um diferencial, uma “matéria variável”, que estaria relacionada à ocasião em que é escrita e a motivação pela qual foi redigida. Segundo seus estudos, Lísio sugere que as cartas estariam divididas em *séria*, *douta* e *familiar*. Segundo Tin (2005: 139), as cartas sérias referem-se tanto a matérias públicas quanto privadas, mas trata-as de forma mais abundante e com certo cuidado. Estão neste grupo as narrações, as dissertações, as petições, as consolações etc. As cartas consideradas duntas referem-se ao conhecimento ou sabedoria, de natureza literária, filosófica ou

<sup>80</sup> Desidério Erasmo (1469 – 1536), mais conhecido como Erasmo de Rotterdam, escreveu três tratados sobre o gênero epistolar: *Brevissima maximeque compendiaria conficiendarum epistolarum formula*, 1520; *Libellus de conscribendis epistolis*, 1521; e *Opus de conscribendis epistolis* de 1522.

<sup>81</sup> Tradução de Emerson Tin para “*Epistola est absentis and absentem colloquium*”. In: *Brevissima maximeque compendiaria conficiendarum epistolarum formula*. Paris: Nicolau de Pratis, 1521.

teológica. Finalmente, as cartas familiares são aquelas que abrangem uma infinidade de assuntos que perpassam o cotidiano e as relações interpessoais.

Segundo Soares (2011: 91)<sup>82</sup>, as primeiras manifestações epistolares em Língua Portuguesa de que temos notícia ocorreram com os chamados “epistolários individualizados” do século XV, nomeadamente com Lopo de Almeida, Fr. João Álvares, Fr. João Claro e D. Pedro (o das Sete Partidas). Também não devemos deixar de citar os missivistas que desempenharam funções imprescindíveis como correspondentes durante as longas viagens no período das Grandes Navegações.

Segundo Siqueira (2013: 19)<sup>83</sup>, o primeiro grande teorizador português a respeito da redação de cartas teria sido Francisco Rodrigues Lobo<sup>84</sup>, nos diálogos iniciais de *Corte na aldeia e noites de inverno* (1619). Trata-se de uma “conversação de amigos bem acostumados, umas noites de Inverno melhor gastadas que as que se passam em outros exercícios prejudiciais à vida e consciência” (LOBO, 1972: 2)<sup>85</sup>. Nesta obra, são recorrentes as referências à importância das fórmulas de cortesia, tanto na redação do texto quanto na confecção do envelope, a fim de aproximar cidadãos comuns e os homens considerados da corte: “com estas condições será carta de homem de Corte” (p. 32). Em relação ao conteúdo da carta, Lobo afirmava ser conveniente observar “uma certa modéstia e humildade de quem escreve”, além de aspectos gerais como a brevidade, a clareza e a propriedade do assunto. Sobre a organização e estrutura da carta, Lobo segue as partes já apontadas por outros retóricos: saudação, exórdio, narração, petição e conclusão.

Outros nomes foram igualmente importantes para a história da epistolografia portuguesa do século XVII e entre eles citamos o Padre António Vieira<sup>86</sup>. A coletânea de

---

<sup>82</sup> SOARES, Maria de Lourdes. “O ensaio epistolar de Eduardo Lourenço: hibridismo, heterodoxia e liberdade”, Abril, vol. IV, nº 6, UFF, Rio de Janeiro, Abril de 2011, pp. 89-98.

<sup>83</sup> SIQUEIRA, Caroline de. Gênero epistolar e marcas linguísticas de polidez em cartas institucionais: um estudo de caso sincrônico e diacrônico. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2013.

<sup>84</sup> Francisco Rodrigues Lobo (1580 – 1622) foi um poeta português. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra. Compôs diversas obras, das quais “*Corte na Aldeia*” é considerada o primeiro sinal literário do Barroco em Portugal. Na dedicatória da obra, Rodrigues Lobo convida D. Duarte de Bragança (descendente da Coroa) a preservar e ter orgulho da “Língua e da nação Portuguesa” que, no passado, conhecera momentos mais gloriosos. A obra é composta de dezessete diálogos que descrevem a vida cortesã da época, reflectindo a frustração da nobreza portuguesa pelo desaparecimento da corte nacional, sob a dominação filipina.

<sup>85</sup> LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na aldeia e noites de inverno*. Lisboa: Sá da Costa, 1972.

<sup>86</sup> António Vieira (1608 — 1697) foi um religioso, filósofo, escritor e orador português da Companhia de Jesus. Uma das mais influentes personagens do século XVII em termos de política e oratória, destacou-se como missionário em terras brasileiras. Nesta qualidade, defendeu incansavelmente os direitos dos povos indígenas combatendo a sua exploração e escravização e fazendo a sua evangelização. Na literatura, seus sermões possuem considerável importância no barroco brasileiro e português.

cartas, que consta hoje com cerca de 750 documentos, começou a ser reunida e catalogada cuidadosamente pelo padre italiano Antonio Maria Bonucci, também jesuíta, que veio a servir na Bahia. A correspondência foi entregue a D. Nuno da Cunha, inquisidor geral de Lisboa, e mais tarde repassada a D. Luís de Meneses, o Conde de Ericeia, amigo com o qual Vieira estabeleceu profícua troca epistolar. Este, recebeu a colaboração de outros correspondentes para anexar ainda mais cartas ao compêndio de Vieira, como as recebidas pelo missivista Duque do Cadaval, que em muito enriqueceram a coleção. A partir de 1735, as cartas começaram a ser copiladas em volumes que, a cada reedição, cresciam em densidade e variedade de assuntos. Segundo Alcir Pécora, nenhuma das edições possui tanta qualidade e extensão quanto a compilação organizada por João Lúcio de Azevedo<sup>87</sup>, lançada em três volumes, entre os anos de 1925 e 1928: A coleção “apresenta várias cartas inéditas, atingindo um total de mais de 720 unidades, com correções das versões anteriores, notas esclarecedoras sobre as personagens e assuntos implicados na correspondência”<sup>88</sup>.

A relevância das cartas de Padre António Vieira reside, principalmente, na importância histórica e documental das relações políticas e sociais que a Igreja Católica estabelecia com pessoas ligadas à monarquia portuguesa, em especial durante o governo de D. João IV. Os assuntos, em sua maioria relacionados às missões diplomáticas e jesuíticas, oferecem ao leitor um panorama do contexto socioeconômico da época e das atividades entre o Brasil colônia e a Coroa Portuguesa.

Apesar de o interesse pela epistolografia portuguesa haver finalmente aflorado, foi apenas em meados do século XVIII que o teórico Francisco José Freire<sup>89</sup> voltou a abordar a necessidade da prática da escrita de cartas. Segundo os estudos de Conceição (2010)<sup>90</sup> acerca da epistolografia portuguesa, Cândido Lusitano, como também era conhecido, teria sido o primeiro teórico epistolar setecentista. O lançamento de *O Secretário Portuguez*

<sup>87</sup> AZEVEDO, João Lúcio de (Coord.). Cartas do Padre Antonio Vieira. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925. t. 1. \_\_\_\_\_. Cartas do Padre Antonio Vieira. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926. t. 2. \_\_\_\_\_. Cartas do Padre Antonio Vieira. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928. t. 3

<sup>88</sup> PÉCORA, Alcir. Cartas do Padre António Vieira. Disponível em: <http://www.bbm.usp.br/node/63> [08 de dezembro de 2015].

<sup>89</sup> Francisco José Freire (1719 — 1773), que adotou o pseudônimo de Cândido Lusitano, foi um frade que inspirou o movimento estético-literário que ficou conhecido como Arcádia Lusitana. A sua obra *Arte Poética* (publicada em 1748) marcou em Portugal a afirmação de uma nova estética que originou o Arcadismo, tornando-o que uma das figuras mais influentes na introdução, na literatura portuguesa, das ideias estéticas e da poética e retórica neoclássicas.

<sup>90</sup> CONCEIÇÃO, Adriana Angelita da. “Aqui se abre hum largo theatro ao engenho do secretario principiante”: a escrita de cartas segundo Francisco José Freire (Portugal Séc. XVIII). *História Revista: Revista da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia*, v. 2, n. 1, p.13-29, jan./jun. 2010.

*Compendiosamente Instruído no modo de Escrever Cartas Por meyo de huma instrucçam preliminar, regras de Secretaria, Formulário de tratamentos, e hum grande numero de Cartas em todas as especies, que tem mais uso*<sup>91</sup>, causou uma intensa repercussão em Portugal e acabou sendo reeditada várias vezes. O autor, com esta publicação, aprofundou seus estudos acerca do género epistolar e trouxe à discussão dos portugueses alguns conceitos já debatidos em toda a Europa por outros autores latinos, principalmente aqueles ligadas ao pesquisador italiano Isidoro Nardi<sup>92</sup>. Esta indicação das ramificações teóricas epistolares comprovaria a ideia defendida por Simões (2007:173), ao afirmar que:

[...] o que já aí prova que a constituição desse género era um conhecimento compartilhado pelos autores das línguas românticas e que seguia o canal da tradição epistolar desde os primeiros teóricos do género ainda no Latim<sup>93</sup>.

Com efeito, as técnicas prescritas pela epistolografia brasileira também não diferem muito do que já apresentamos neste capítulo. Entretanto, a maior dificuldade que se apresenta relativamente ao género epistolar no Brasil é a imensa complexidade de obstáculos no que se refere a uma oportuna catalogação das correspondências, principalmente em função das primordiais classificações a que os textos epistolares estavam (e ainda estão) submetidos. Nos séculos XVI e XVII, por exemplo, período em que se dava o Quinhentismo Brasileiro, as cartas estavam relacionadas às crônicas de viajantes, aos diários de navegação e à literatura de informação, apenas como suporte histórico para análises documentais. De fato, os manuais de Literatura apresentam os textos produzidos nesta época sob um viés exclusivamente histórico-informativo, como se as cartas nada tivessem a acrescentar acerca da estrutura discursiva e do conteúdo retórico-pragmático próprios do género epistolar.

Da mesma forma, as cartas destinadas à catequese e ao trabalho dos jesuítas no país, nomeadamente as missivas do Padre José de Anchieta<sup>94</sup> e as do Padre António Vieira — que também constitui um nome importante para a epistolografia brasileira, são

---

<sup>91</sup> FREIRE, Francisco José. *O secretario portuguez*. Lisboa: João Nunes Esteves, 1823.

<sup>92</sup> NARDI, Isidoro. *Il Segretario principiante edistrutto. Lettere Moderne (diviso en due parti)* Veneza, 1750.

<sup>93</sup> SIMÕES, José da Silva. *Sintatização, discursivização e semantização das orações de gerúndio no português brasileiro*. Tese de Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007.

<sup>94</sup> São José de Anchieta ou San Cristóbal de La Laguna (1534 — 1597) foi um padre jesuíta espanhol, santo da Igreja Católica e um dos fundadores da cidade de São Paulo. Beatificado em 1980 pelo Papa João Paulo II e canonizado em 2014 pelo Papa Francisco, ficou conhecido como o Apóstolo do Brasil, por ter sido um dos pioneiros na introdução do cristianismo no país. Foi o autor da primeira gramática da língua tupi e um dos primeiros da literatura brasileira, para a qual compôs inúmeras peças teatrais e poemas de teor religioso.

consideradas obras híbridas, catalogadas apenas como textos literários pertencentes ao Quinhentismo e ao Barroco e organizadas de acordo com sua importância histórica, exclusivamente. Segundo Moisés (2007: 29):

Do ângulo literário, as Cartas [de Anchieta] ostentam menor significação, a partir do fato de serem missivas-relatórios, isentas de carga imaginativa ao menos conscientemente. Entretanto, a análise da evolução do estilo epistolar do jesuíta pode conduzir-nos a desvelar uma face inédita do problema. Nas primeiras cartas, mercê da obrigação e do intuito de informar com objetividade, o estilo é pobre e impessoal, posto direto e eloquente, em razão de o missivista adotar atitude “científica” perante as notícias que remete<sup>95</sup>.

Discordamos do que diz Moisés a respeito das cartas de Anchieta, embora não se descarte o natural teor informativo dos textos epistolares, uma vez que os primeiros padres jesuítas enviados pela Companhia de Jesus para catequizar os índios tinham a difícil tarefa de instaurar, em terras tupiniquins, uma nova sociedade, modificada social, cultural, religiosa e linguisticamente. É óbvio que as cartas falavam das dificuldades por que atravessavam nestas missões. No entanto, não devemos reduzir a análise das cartas a meras informações “pobres e impessoais” como sugere o autor.

Neste fragmento de uma carta enviada a Santo Ignácio de Loyola, Anchieta relata a decisão de mudar-se para o planalto de Piratininga (a futura cidade de São Paulo), a fim de facilitar o acesso às tribos e a manutenção do colégio destinado aos pequenos. É possível perceber a forma como o missivista comovia-se com o sofrimento da situação:

*[...] para sustento destes meninos, a farinha de pau<sup>96</sup> era trazida do interior, da distância de 30 milhas. Como era muito trabalhoso e difícil por causa da grande aspereza do caminho, ao nosso Padre Manoel de Nóbrega pareceu melhor no Senhor mudar-nos para esta povoação de índios, que se chama Piratininga<sup>97</sup>.*

(ANCHIETA, 1554: 143)

Ignorar a retórica das cartas jesuíticas, aniquilando-as ao saturado suporte histórico e informativo, resulta diretamente na perda de informações importantes acerca dos sentimentos e temores dos homens que estavam à frente do ambicioso projeto de catequese dos índios no país. Uma leitura, portanto, nada fria tampouco impessoal das missivas:

<sup>95</sup> MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa — II*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

<sup>96</sup> Farinha de mandioca.

<sup>97</sup> ANCHIETA, José de. “Carta do quadrimestre de maio a setembro de 1554, dirigida por Anchieta a Santo Ignácio de Loyola, Roma”. São Paulo, 1º de setembro de 1554. In: Associação Comercial de São Paulo (org). *Minhas Cartas — Por José de Anchieta*. São Paulo: Associação Comercial de São Paulo, Editora Melhoramentos, Páteo do Collegio, 2004. p. 140-158.

*Expliquei suficientemente na carta anterior como se faz a doutrina dos meninos: quase todos vêm duas vezes por dia à escola, sobretudo de manhã; pois de tarde todos se dão à caça ou à pesca para procurarem o sustento; se não trabalham não comem. Mas o principal cuidado que temos deles está em lhes declararmos os rudimentos da fé, sem descuidar o ensino das letras; [...] Mas, tememos que chegando eles à idade adulta voltem aos antigos costumes, ou por vontade dos pais ou com o tumulto da guerra, que dizem se prepara muitas vezes, e quando se quebra a paz entre eles e os cristãos<sup>98</sup>.*

(ANCHIETA, 1556: 23-24)

Como pudemos comprovar nestas duas passagens, a organização dos textos epistolares centrada apenas no teor informativo ou em sua contribuição histórica faz com que um imenso manancial de levantamentos retórico-discursivos deixe de ser contemplado nas investigações que se pretendem literárias. Abrindo mão destas informações e análises, e fixando a epistolografia como lugar-comum apenas para fontes documentais de um dado contexto social e histórico, perdemos a oportunidade de alcançar um nível de compreensão mais amplo acerca de nossa própria história, à medida que deixamos de compreender também o sujeito missivista que escreveu naquele momento e sob aquelas circunstâncias. À luz desta reflexão, nos parece conveniente citar Eagleton (2003: 11-12), que refere-se à classificação de um texto enquanto objeto literário:

Se é certo que muitas das obras estudadas como literatura nas instituições acadêmicas foram construídas para serem lidas como literatura, também é certo que muitas não o foram. [...] Alguns textos nascem literários, e a outros, tal condição é imposta. Sob esse aspecto, a produção do texto é muito mais importante do que o seu nascimento. O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o seu autor tenha pensado<sup>99</sup>.

Desde o início da história epistolográfica brasileira, com a Carta de Pero Vaz de Caminha à Corte Portuguesa, o cenário que constitui o *corpus* principal de análise para a historiografia e para a crítica literária demonstra-se bastante variado. O interesse por este gênero textual vem crescendo no Brasil e, com isso, muitas publicações têm despertado a curiosidade do grande público. Segundo Gomes (2004: 8):

Cartas, diários íntimos e memórias, entre outros, sempre tiveram autores e leitores, mas na última década, no Brasil e no mundo, ganharam um reconhecimento e uma visibilidade bem maior, tanto no mercado editorial, quanto na academia. A despeito disso, não são ainda muito numerosos os estudos que se dedicam a uma reflexão sistemática sobre esse tipo de escritos na

<sup>98</sup> ANCHIETA, José de. “Carta trimestral, de maio a agosto de 1556, pelo Irmão Anchieta”. São Paulo, agosto de 1556. In: Associação Comercial de São Paulo (org). *Minhas Cartas — Por José de Anchieta*. São Paulo: Associação Comercial de São Paulo, Editora Melhoramentos, Páteo do Collegio, 2004. p. 22-25.

<sup>99</sup> EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. de Waltensir Dutra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

área da história do Brasil. As iniciativas que constituem exceções provêm muito mais do campo da literatura e, recentemente, de estudos de história da educação<sup>100</sup>.

Algumas destas publicações tiveram, com efeito, bastante êxito. A nota triste desta consideração relaciona-se com o fato de notarmos que, em sua maioria, tais compilações apenas transcrevem o conteúdo das correspondências, sem analisá-las sob uma ótica retórico-pragmática, indispensável ao estudo epistolar. Tampouco são investigadas as estruturas que compõem as missivas, ou suas especificidades discursivas. No entanto, a curiosidade manifestada por pesquisadores e leitores acerca da correspondência, leva-nos a acreditar que a semente foi lançada, para que futuras gerações possam colher os frutos de pesquisas mais densas e profundas a respeito da epistolografia brasileira.

Entre os principais nomes analisados no âmbito de suas produções epistolares estão os imperadores D. Pedro I e D. Pedro II, os padres Anchieta e Antônio Vieira, os autores Santa Rita Durão, Visconde de Taunay, José de Alencar, Diogo Feijó, José Bonifácio, Joaquim Nabuco, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Monteiro Lobato, Lima Barreto, Guimarães Rosa, Caio Fernando de Abreu, Euclides da Cunha, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector, Vinícius de Moraes e as recentes pesquisas acerca de Machado de Assis, o escritor que nos inspirou a pesquisar o tema epistolografia.

As etapas do discurso epistolar aqui enumeradas não são fixas, como também não o são seus emissores e destinatários. A lacuna entre uma parte ou outra, a inversão da ordem ou mesmo o não cumprimento das regras mínimas de polidez em um documento escrito são variações toleradas no gênero, uma vez que o propósito inicial de uma carta é ser um meio de comunicação particular, não estando sujeita, a princípio, às análises linguísticas por parte de outros leitores. Também vale ressaltar que mesmo esta afirmação pode estar equivocada, pois existe uma parcela de epistológrafos que sabe da possibilidade de publicação de suas missivas (é o caso dos literatos e, mais especificamente, do escritor Machado de Assis, como veremos adiante). Este ponto de vista deve ser considerado, pois a possível extensão do leque de leitores de uma correspondência altera a liberdade e a espontaneidade do bordado das mãos de quem escreve e repercute, de alguma maneira, no conteúdo e na forma como o desenho epistolar vai sendo tingido. A nós, meros espectadores da confiança alheia, resta a garantia de que nossa pesquisa examina tais

---

<sup>100</sup> GOMES, Ângela Maria de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. RJ: Ed. FGV, 2004.

documentos sob um olhar atento, acerca dos aspectos estilísticos, discursivos, enunciativos, retóricos, pragmáticos e semânticos no fazer epistolar dos textos epistolares machadianos.

Subscrevemos a ideia defendida por Silva (2002: 127) de que a nossa habilidade para entender uma carta (ou qualquer outro documento) está ligada a quão acuradamente percebemos sua estrutura<sup>101</sup>. As cartas possuem estrutura própria, critérios norteadores, técnicas prescritivas que variam de acordo com a época, com os objetivos e, principalmente, com as circunstâncias que impulsionaram sua escrita. Acreditamos, portanto, que o levantamento a respeito da estrutura e das técnicas que geralmente encontram-se presentes no gênero epistolar, não auxilia apenas a compreensão dos mecanismos relacionados à escrita de uma correspondência, mas implica, sobretudo, no reconhecimento das estratégias discursivas intrínsecas às escolhas do autor, como o uso de formas de tratamento específicas para uma saudação, a localização do leitor no espaço e no tempo por meio da referência lugar/data, a criação de significados implícitos nas derradeiras palavras de fechamento, entre tantos outros. Reconhecer tais etapas da produção epistolar indica mais que uma pretensa teorização da prática de escrever cartas, mas antes uma tentativa de relacionar coerentemente a intencionalidade do missivista aos objetivos para os quais as cartas apontam, o que confere um valor analítico indispensável à pesquisa que ora apresentamos.

---

<sup>101</sup> SILVA, Moisés. Como Ler uma Carta: O Sentido das Epístolas. In: KAISER, Walter C. JR.; SILVA, Moisés. *Introdução à hermenêutica Bíblica: como ouvir a Palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. p. 17.

### 2.3. OBJETIVOS DA CARTA

*Assim foi; a carta que me mandou respira toda um entusiasmo que estou longe de merecer, mas é sincera, e mostra que me leu com alma.<sup>102</sup>*  
(MACHADO DE ASSIS)

Após considerarmos o objeto epistolar em seus aspectos intra e extratextuais, iremos proceder a uma reflexão também acerca das circunstâncias que levam um indivíduo a escrever uma carta e dos possíveis objetivos que o texto epistolar tenha a intenção de alcançar. Eis um campo vastíssimo ainda a ser pesquisado, uma vez que inúmeros são os propósitos de quem escreve uma correspondência e igualmente incontáveis são as possibilidades de repercussão daquele que a recebe.

Para além do relato memorialístico escrito em diários e autobiografias, a escrita epistolar, no sentido mais amplo, assume o papel de narrativa de uma história que se constrói à medida que o remetente partilha uma fração de si com o outro e para o outro. Não se trata apenas da construção de uma identidade própria, mas também da alteridade, da inclusão do outro como coautor de sua história. Para Bazerman (2006: 85)<sup>103</sup> as cartas, especialmente pessoais e/ou familiares, estão amplamente ligadas às relações sociais e a seus escritores, tornando-se um material riquíssimo em particularidades de uma época e da cultura de um povo. Consequentemente e, pelos mais diversos motivos, o ato de escrever cartas tornou-se um dos processos culturais mais praticados por membros de uma sociedade que usa, como meio de comunicação, a escrita.

Por meio da carta é possível informar, explicar, comentar, apresentar, interpretar, declarar, elogiar, ofender, emocionar, reclamar, confessar e conjugar toda uma infinidade de verbos que expressam a intenção do signatário num dado momento e que capturam a sua postura e o seu pensamento mediante uma determinada situação, seja ela pessoal, histórica ou sociocultural. São inúmeras as possibilidades discursivas que se inserem no âmbito de uma produção epistolar. Isto ocorre porque o discurso está intimamente relacionado à prática de interação social, presente no gênero. Nas palavras de Bakhtin (2004: 122):

---

<sup>102</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 22 de dezembro de 1907. In: ASSIS, Machado de. Empréstimo de ouro: cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar. Organização, introdução e notas de COUTINHO, Eduardo F. e OLIVEIRA, Teresa C. M. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2009. p. 75. Doravante, neste texto, os trechos retirados desse volume serão indicados pela sigla AEO-09.

<sup>103</sup> BAZERMAN, Charles. Cartas e a base social dos gêneros diferenciados. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (org.). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Traduzido por Judith C. Hoffnagel. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2006. pp. 89-99.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua<sup>104</sup>.

Em função desta imensa gama de possibilidades discursivas inerentes à escrita epistolar e que naturalmente se inscreve nos mais diversos níveis de interação verbal, cabe ao destinatário (ou aos leitores futuros) da correspondência o olhar pormenorizado da saudável curiosidade, que procura a cada palavra “desvendar possíveis segredos” a ele sigilosamente confiados; que busca a cada linha diminuir a distância física e temporal que, por razões diversas, se instaurou; que tenta recriar as lacunas presentes no universo epistolar que insistentemente mantém afastados autor e público leitor. No entanto, é importante salientar que tais “pistas” reconhecíveis no texto epistolar relacionam-se não apenas ao que está efetivamente escrito, mas também inscrito pelo autor. Para Castro<sup>105</sup> “todas as cartas acabam por nos dar versões ficcionadas daquilo que nos querem dizer existindo um hiato profundo entre o que o autor da carta quis comunicar, o que ele escreveu na carta e aquilo que o destinatário mais tarde lerá” (2000: 15).

Cabe ao signatário, por seu turno, manifestar em palavras o que pensa e sente, o que deseja ou ignora; demonstrar aquilo que de fato o é na intimidade ou ainda o que simula ser para os outros. Como bem nos lembra Diaz (2002: 61) “a carta é um espaço vital na construção do sujeito e a interação epistolar é o lugar privilegiado de uma verdadeira ontogênese<sup>106</sup>”. Isto ocorre, principalmente, porque um dos objetivos da escrita epistolar é levar ao conhecimento do outro a vida cotidiana de quem escreve, uma espécie de aproximação metonímica, que se torna real à medida que o papel corporifica seu autor. Ler a carta é, de maneira mais simplificada, ler o outro. Segundo Gomes (2004: 21):

A correspondência privada é, com frequência, um espaço que acumula temas e informações, sem ordenação, sem finalização, sem hierarquização. Um espaço que estabelece uma narrativa

---

<sup>104</sup> BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. (Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira). 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

<sup>105</sup> CASTRO, E. M. de Melo e. Odeio Cartas. In: PS-00.

<sup>106</sup> DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002. In: SEARA, Isabel Roboredo. “A confissão intimista na correspondência amorosa de António Lobo Antunes; estudo pragmático”, IN M<sup>a</sup> João Marçalo, M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva. (ed.s). *Actas do II Simpósio Mundial de Estudos em Língua Portuguesa (SIMELP). A Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora, Universidade de Évora, 2010. pp. 77-97. Disponível em: <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slt61/06.pdf> ISBN: 978-972-99292-4-3.A. [21 de janeiro de 2016].

plena de imagens e movimentos — exteriores e interiores — dinâmica e inconclusa como cenas de filme ou de uma peça de teatro<sup>107</sup>.

É justamente por meio da leitura das missivas que o interlocutor ausente busca quebrar os silêncios que vão se estabelecendo em consequência das distâncias, sejam elas espaciais ou temporais. Através das cartas sentimentos são confessos, compartilhados, vivenciados e, assim, perpetuados. É ainda por meio delas que nascem e se estreitam laços, que famílias, amigos e amores se aproximam, que romances começam e terminam, que responsabilidades são assumidas ou descartadas.

As cartas constituem, pois, um espaço privilegiado para a livre expressão de ideias e sentimentos, para o relato de vivências e experiências, para a fecundação e concretização de planos. Em outras palavras, escrever cartas também significa preservar histórias e relações que provavelmente estariam sujeitas ao esquecimento e ao ostracismo, caso não fossem conduzidas da memória para o papel. Um mero documento epistolar, de acordo com seus objetivos, pode revelar trajetórias de vidas, biografias completas e ainda, sonhos que não se realizaram, relacionamentos que não frutificaram, ideais abandonados.

Nesta imensa cadeia de situações que tornam-se passíveis de serem observadas pelo buraco da fechadura que é a correspondência, é possível afirmar que a leitura das cartas permite, em larga escala, a apreciação de aspectos psicológicos e comportamentais que reconstroem o mosaico das inúmeras transformações pessoais e socioculturais que se inscrevem no decorrer da troca epistolar. Até mesmo a intensidade com que as cartas são escritas e respondidas servem como indicador para a análise das relações construídas, reconstruídas e preservadas por meio da correspondência.

Os objetivos que motivam a escrita do epistolar, portanto, podem ser muito diversificados. Segundo Thomas & Znaniecki (1918-1920)<sup>108</sup> cartas são escritas para comunicar certos rituais sociais (nascimentos, casamentos, batizados, aniversários, falecimentos etc); para informar acontecimentos e notícias cotidianas; para expressar sentimentos (amores, saudades, rompimentos, intimidades, gratidão etc); para criar e compartilhar arte (cartas literárias ou públicas, interesses estéticos) e para falar de assuntos relacionados a negócios e trabalho, de maneira geral.

---

<sup>107</sup> GOMES, Ângela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

<sup>108</sup> THOMAS, William Isaac; ZNANIECKI, Florian. *The polish peasant in Europa and America*. Universidade de Chicago, 1918-1920.

É importante lembrar também que a carta é uma “via de mão dupla”, um meio de comunicação que tanto compartilha quanto agrega. Por meio dela, também, as pessoas pedem notícias, buscam por orientações e conselhos, e mantêm assim intactas as relações sociais e familiares muitas vezes impossibilitadas pela distância. Escrever a alguém e ansiar por uma resposta representa um modo particular de conservar e estreitar laços.

Neste sentido, os objetivos da carta podem ter sido inicialmente traçados por um determinado missivista, mas é a reciprocidade do diálogo – por meio da continuidade da resposta – que irá determinar os rumos da conversa no decorrer da interação epistolar. Esta é a razão principal pela qual o estudo acerca do epistolar deve levar em consideração a “problemática contextual”, que, segundo Seara (2006: 226):

*[...] para além do conjunto de dados que, possuindo “carácter dinâmico e evolutivo”, é contínua e progressivamente construído no decurso da interacção, a troca epistolar narra sucessões de acontecimentos, redefinindo-se os objectivos pré-existentes, o estatuto dos participantes, o grau de relacionamento, muitas vezes única e simplesmente através dos eventos discursivos<sup>109</sup>.*

A interação dialógica entre os missivistas constitui-se como a principal ferramenta de compreensão dos objetivos da correspondência, uma vez que os turnos da fala (representados pela resposta reativa de seus correspondentes), sofrem a influência contínua e permanente do discurso do outro e, sem dúvida, ajudam a definir e/ou adaptar as motivações iniciais da escrita epistolar à problemática contextual na qual se desenrola a situação comunicativa. Esta afirmação nos auxilia a compreender a maneira como o discurso epistolar é construído com o outro e para o outro, ainda que sua realização aconteça de forma individualizada.

Paralelamente ao esboço do individual, o estudo das cartas também remonta, como dissemos, o retrato social do momento da escrita. Para Bakhtin (2004: 121)<sup>110</sup> “o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é o interior, mas o exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo”. Entendemos que o texto epistolar também auxilia, neste aspecto, a reconstituir pontes não apenas entre pessoas que estão distantes, mas entre os diversos momentos que se esculpem entre o passado e o presente, em um diálogo constante com todas as transições socioculturais às quais os missivistas

<sup>109</sup> SEARA, Isabel Roboredo. Da epístola à mensagem eletrônica, metamorfoses das rotinas verbais. Tese de doutoramento em linguística. Lisboa: Universidade Aberta, 2006.

<sup>110</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. (Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira). 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

estão sujeitos durante a vida. A carta representa, pois, a materialização dos fragmentos históricos mais importantes que compõem a trajetória de cada um, a partir do ato da escrita e da seleção prévia do conteúdo que será compartilhado no texto epistolar. Ao contrário da espontaneidade de uma conversa a dois, na qual os assuntos não são, necessariamente planejados (ainda que isto seja possível), ou da efemeridade de um telefonema onde os assuntos não ficam registrados, na maioria das vezes, e mesmo mais recentemente com o surgimento das redes sociais, cuja interação se dá todo o tempo, tudo se perde... Aparelhos quebram, arquivos se apagam, lembranças se deletam. Apenas as cartas resistem.

Por todas estas razões, entendemos que seja de fato necessário investigar a fundo o universo epistolar, ainda carente de pesquisas de fôlego que comprovem sua relevância e sua historicidade, não somente como uma ferramenta de suporte biográfico, como ocorre na maioria dos casos, mas principalmente como um gênero textual híbrido, múltiplo, complexo e independente. Embora muitos estudiosos venham se debruçando arduamente sobre o assunto, sabemos que existe um enorme manancial de questões ainda a serem investigadas (já que os principais manuais de técnicas epistolares parecem ultrapassados e pouco elucidativos nos dias atuais), inúmeros contextos de produção a serem contemplados no âmbito das análises que usam a epistolografia como meio de pesquisa e, sobretudo, uma infinidade de propósitos técnicos, discursivos, psicológicos e comportamentais passíveis de serem examinados quando o texto epistolar configura-se como o alvo principal de um processo analítico.

### 2.3.1. A IMPORTÂNCIA DA CARTA NO ESTREITAMENTO DE RELAÇÕES

*A morte levou-nos muitos daqueles que eram conosco outrora; possivelmente a vida nos terá levado também alguns outros, é seu costume dela, mas chegado ao fim da carreira é doce que a voz que me alente seja a mesma voz antiga que nem a morte nem a vida fizeram calar.<sup>111</sup>*  
(MACHADO DE ASSIS)

O texto epistolar pode ser entendido como uma ferramenta particular e eficaz que tem, entre outros aspectos, o privilégio único de acessar informações íntimas do outro e, ao mesmo tempo, de compartilhar com ele o que desejamos ser apresentado de nós a terceiros. Esta rara peculiaridade do gênero é responsável por tornar possível o surgimento de inúmeras espécies de relacionamentos, por inaugurar redes fecundas e duradouras de sociabilidades, por estreitar laços de amizade e familiaridade, por fornecer meios para encurtar distâncias e transpor possíveis sequelas temporais que naturalmente se inscrevem no decorrer de nossos dias. Para Gomes (2004: 19):

[...] a escrita epistolar é, portanto, uma prática eminentemente relacional e, no caso das cartas pessoais, um espaço de sociabilidade privilegiado para o estreitamento (ou o rompimento) de vínculos entre indivíduos e grupos<sup>112</sup>.

Por meio da materialidade das cartas são encurtadas distâncias, relatadas experiências, revelados sentimentos, desnudadas saudades, compartilhadas confidências e renovadas esperanças. Uma imensa gama subjetiva, emocional e psíquica, ganha corpo e forma no texto epistolar. Todas essas motivações nascem em função do outro; a escrita de uma correspondência pressupõe a construção de um relacionamento entre dois missivistas.

Neste sentido, o gênero epistolar exerce um papel significativo no que se refere ao estabelecimento — e ao conseqüente estreitamento — de relações entre duas pessoas que mantêm entre si o hábito de escrever cartas. A respeito deste aspecto inerente ao epistolar, afirmou Altman (1982: 89):

[...] if there is no desire for exchange, the writing does not differ significantly from a journal, even if it assumes the outer form of the letter. To a great extent, this is the epistolary pact – the call for response from a specific reader within the correspondent’s world. Most of the other aspects of epistolary discourse that I focus on in this study can be seen to derive from the most basic parameter<sup>113</sup>.

<sup>111</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 07 de setembro de 1908. In: AOC-86 p. 1094.

<sup>112</sup> GOMES, Ângela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

<sup>113</sup> ALTMAN, Janet Gurkin. *Epistolarity. Approaches to a form*. Columbus: Ohio State University Press, 1982.

Diferentemente de outros textos, o processo de correspondência acarreta a aceitação de algumas regras implícitas, uma espécie de pacto epistolar<sup>114</sup>, que só tem sentido e prosseguimento mediante a participação plena e colaborativa do outro. É exatamente neste ponto que o texto epistolar se difere de outras modalidades discursivas, com as quais dialoga e recebe influências. Segundo as palavras de Altman (1982: 89):

What distinguishes epistolary narrative from these diary novels, however, is the desire for exchange. In epistolary writing the reader is called upon to respond as a writer and to contribute as such to narrative. I insist upon the fact that the reader is “called upon” to respond.

De acordo com Bakhtin (1990: 36): “É próprio da carta uma sensação do interlocutor, do destinatário a quem ela visa. Como a réplica do diálogo, a carta se destina a um ser determinado, leva em conta as suas possíveis reações, sua possível resposta”<sup>115</sup>. Sobre este sentimento de expectativa da resposta, certa vez escreveu o poeta Mário de Andrade<sup>116</sup>, em carta: “[...] *uma carta não respondida me queima, me deixa impossível de viver, me persegue*”<sup>117</sup>. Possivelmente fora este mesmo sentimento que fizera com que Machado, mesmo com toda a falta de tempo com suas atividades e todos os problemas que passara, tivesse, ao fim da vida, inventariado uma densa e profícua troca epistolar.

A própria palavra “correspondência” intensifica este aspecto. Sua origem vem do latim *correspondere*, formada etimologicamente por outras duas palavras: *com* (junto) e *respondere* (responder). Originalmente, o termo significava “estar em harmonia, em concordância com”, mas a partir do século XVII, “correspondência” passou a significar também um “comunicar-se através de cartas”. Neste sentido, o ato de corresponder-se com alguém carrega em si um teor semântico maior que uma simples escrita informativa ou comunicativa, mas um importante elo de reciprocidade, de proximidade e de cumplicidade.

Torna-se bastante oportuno, neste momento, citar Seara (2006: 352), que amplia esta noção de pacto epistolar naturalmente presente no gênero, trazendo à pauta de

---

<sup>114</sup> Ainda segundo Gomes (2004: 19), o “pacto epistolar” envolveria as tarefas relacionadas ao ato de “receber, ler, responder e guardar cartas”.

<sup>115</sup> BAKHTIN, Mikhail. “O discurso no romance”. In: *Questões de Literatura e de Estética. A teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1990.

<sup>116</sup> Mário Raul de Moraes Andrade (1893 — 1945) foi um escritor, jornalista, crítico literário, musicólogo, folclorista e ensaísta brasileiro. Publicou em 1922 *Pauliceia Desvairada*, inaugurando o Modernismo, movimento que ajudou a criar ao lado de Oswald de Andrade e Anita Malfatti. Foi diretor do departamento de Cultura de São Paulo e funcionário do Serviço do Patrimônio Histórico do Ministério da Educação.

<sup>117</sup> Carta de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa. In: SANTOS; Matildes Demétrio dos. *Ao sol carta é farol. A correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas*. São Paulo: Annablume, 1998. p. 146.

discussões a ideia de “pacto negocial”. Segundo a autora, o ato de corresponder-se por meio de cartas implica uma negociação:

*[...] os epistológrafos são devedores ou credores na troca, contam as cartas, pagam as suas dívidas respondendo e desculpando-se e reclamam as suas dívidas. Desta colagem da correspondência a uma negociação, onde a carta é entendida como uma moeda de troca, uma nota de crédito ou um reconhecimento do pagamento da dívida, emerge a lógica e o princípio da equidade que se fundamentam num princípio natural (assim o desejaríamos!) da reciprocidade universal<sup>118</sup>.*

A concepção de “pacto negocial” defendida por Seara concretiza-se, perfeitamente, em nossa análise da correspondência machadiana. Além dos conceitos implícitos referentes a essa natural “negociação” por parte dos interlocutores, encontramos, por diversos momentos, uma série de vocábulos que remetem à ideia de “negócio”, e que o autor utiliza para justificar-se de seus atrasos e lapsos nas respostas aos remetentes:

*Meu querido amigo, Vá, não quero demorar mais tempo uma resposta que lhe devo, se não lhe devo muitas. Não me desculpo para me não repetir, mas a verdade é que não tenho outras razões se não estas de tempo e de espera para lhe poder escrever compridamente e resgatar assim as faltas passadas, e afinal não apanhar à mão o tempo que voa, nem a oportunidade, que não é comum [...]. E desde já agradeço a fidelidade de amigo, não menos que a abundância de coração, mandando-me cartas que pagam a demora, se há demora. Das suas velhas cartas, há uma de 1893, quando ainda estava em São Paulo, e já me falava de uma dívida minha, confessada por mim. Certo é que também se acusava de faltar a uma promessa feita quando partira para Minas. Qual de nós se lembra já de tais faltas? Pois seja assim com as últimas<sup>119</sup>. (grifos nossos)*

A partir da leitura deste fragmento, percebemos que a interação epistolar pode representar muito mais que um gesto de cortesia ou de sociabilidade; em alguns casos, fica nítida a obrigação de resposta mútua entre os missivistas, com o risco de um simples esquecimento ou retardo na réplica da carta configurar, de fato, uma “dívida” na relação que se estabelece (ou que se interrompe) entre eles.

Por todas estas razões, é de fundamental importância para o método analítico que ora pretendemos, considerar o início da troca epistolar, entender como se desencadeou este processo e conhecer a motivação que levou os correspondentes a se relacionarem por meio das cartas. Tal informação faz-se absolutamente necessária para uma fiel reconstrução da trajetória individual e social dos envolvidos no processo epistolar. Paralelamente à origem da correspondência, é preciso pesquisar quem são seus interlocutores. Neste momento,

<sup>118</sup> SEARA, Isabel Roboredo. Da epístola à mensagem eletrônica, metamorfoses das rotinas verbais. Tese de doutoramento em linguística. Lisboa: Universidade Aberta, 2006.

<sup>119</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 05 de novembro de 1900. In: ACT III-11 p. 513.

entra em nosso plano o(s) destinatário(s), aquele(s) à quem a carta é dirigida e em quem o remetente pensou enquanto escrevia; estabelecem-se, portanto, os papéis sociais do contrato epistolar. Tal conhecimento nos permite traçar um quadro mais amplo acerca das relações estabelecidas entre eles, para que seja possível contextualizar a carta como um importante vínculo de interação e de sociabilidade. Reconhecer os sujeitos do processo comunicativo significa descortinar não apenas os indivíduos, mas o contexto sociocultural no qual estes se inscrevem e no qual se constroem historicamente.

Um dos pressupostos da correspondência é, como afirmamos, a necessidade do diálogo. Esta característica do gênero epistolar, é, segundo Seara (2009)<sup>120</sup>, uma marca da escrita intimista, pois “longe de ser um refúgio do sujeito individual, torna-se num lugar de experiência em que o destinatário é parte constitutiva dessa figuração do eu”. Desta forma, quem escreve uma carta espera uma resposta, que desencadeia o processo comunicativo.

Se este diálogo ocorre por meio da troca epistolar, é possível inferir que exista uma restrição circunstancial para que os dois missivistas não estejam em contato direto, fisicamente. Escrever cartas significa, então, transpor estas barreiras também geográficas, fazendo-se presente por meio da escrita, possibilitando uma interlocução entre os correspondentes, ainda que não se apague o hiato existente entre o momento da escrita e o da recepção da missiva. Nesta concepção, corresponder-se com o outro representa, ainda, uma maneira de superar, de ultrapassar, de “ir ao encontro de”, como afirmou Rocha (1965: 12): “Escreve-se, pois, ou para não estar só, ou para não deixar só”<sup>121</sup>. Trata-se, na realidade, da edificação de um elo íntimo entre aquele que escreve e aquele a quem a carta é destinada.

Assim, podemos afirmar que a comunicação epistolar é uma espécie de laço construído social e afetivamente, em que a relação que ali se estabelece resiste ao tempo, à distância, aos impedimentos cotidianos e, muitas vezes, até mesmo à morte do sujeito missivista — uma vez escrito, o discurso epistolar torna-se eterno. Não muito raros são os casos de pessoas que recorrem às cartas para, através da leitura e releitura das

---

<sup>120</sup> SEARA, Isabel Roboredo. 2009 “Dialogismo na escrita intimista ou sacralização do eu? Estudo pragmático do acto de confiança”, IN Dermeval da Hora (org). *Anais do VI Congresso da ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística)*. CD-ROM, João Pessoa: Ideia, pp. 1887-1896. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN\\_2009/PDF/Isabel%20Roboredo%20Seara%20-%20Ok.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Isabel%20Roboredo%20Seara%20-%20Ok.pdf) ISBN: 978-85-7539-446-5. [24 de fevereiro de 2016].

<sup>121</sup> ROCHA, Andréa Crabé. *A Epistolografia em Portugal*. Coimbra: Almedina, 1965.

correspondências, presentificar o interlocutor ausente, em uma aproximação metonímica que pretende superar quaisquer limites e obstáculos, sejam estes físicos ou psicológicos.

Além deste peculiar aspecto próprio do gênero epistolar, a relação que se efetiva pela troca de cartas proporciona, entre tantas outras particularidades, a capacidade de testemunhar materialmente sua própria construção. Acreditamos que o ato de ler e reler as missivas enviadas e recebidas, permite ao missivista recriar as mais diversas etapas do processo comunicativo, a saber, as idiossincrasias retórico-discursivas que compõem o mosaico epistolar, o que interfere, conseqüentemente, no modo como vemos e analisamos o fluxo dialógico das mensagens e o grau do relacionamento criado (ou interrompido – convém lembrar) por meio delas. Em outras palavras, o simples ato de reler uma correspondência pode auxiliar o sujeito na compreensão de si mesmo, já que a carta é uma fonte inesgotável de acesso às próprias memórias e, por conseguinte, das relações sócio-históricas ali estabelecidas:

*Relendo a sua última carta, senti mais fundamentamente a impressão que me dou a primeira leitura. Vi pelo tom geral que a melhora que me anuncia existe realmente, e grande; ainda bem. Ela viria, por certo, graças aos verdes anos, que reagem contra o abatimento e restituem ao organismo a força necessária e própria. Mas, tanto melhor se a higiene se faz companheira do tempo, e ambos concertam a máquina por um instante desobediente<sup>122</sup>.*

Este “segundo olhar” para o texto, tão comum no objeto epistolar, confirma que, segundo Santos (1994: 99), “mais que na poesia, mais que no próprio diário, as cartas refletem melhor que qualquer outro documento, o homem e seu tempo”<sup>123</sup>. Exemplos dessas relações que, se não nasceram decorrentes da troca epistolar ao menos se intensificaram a partir delas, podemos claramente notar também na análise de algumas das correspondências passivas de Machado de Assis.

Para ilustrar o nascimento de uma bela amizade por meio das cartas, selecionamos duas correspondências: a primeira, escrita por Belmiro Braga<sup>124</sup> e, a segunda, por Machado de Assis. Nelas, o jovem poeta aproveita a ocasião do aniversário do experiente autor para apresentar-se como seu fiel admirador:

<sup>122</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 26 de maio de 1895. In: ACT III-11 p. 81.

<sup>123</sup> SANTOS, Newton Paulo Teixeira dos. *A carta e as cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

<sup>124</sup> Belmiro Ferreira Braga (1872 – 1937) foi um poeta brasileiro. Escreveu *Cantos e Contos* (1906); *Rosas* (1911); *Contas do Meu Rosário* (1918); *Tarde Florida* (1925); e finalmente, *Redondilhas* (1934). Em sua homenagem, a cidade de Vargem Grande, onde nasceu, recebeu seu nome após ser elevado à categoria de município, passando a ser chamado Belmiro Braga.

*Glorioso Mestre:*

*Desculpai-me, antes de tudo, a ousadia que cometo – escrevendo-vos estas desornadas linhas – eu – o mais obscuro dos filhos destes penhascos de Minas. A grande admiração que tenho pelos vossos extraordinários escritos, fez-me pôr à margem certos escrúpulos [...]. Possuo todos os vossos livros [...]. Em frente à minha mesa de trabalho, e num modesto quadro, tenho o vosso retrato [...]. Não tive estudos; o muito pouco que sei é devido a leituras que faço de bons livros; se os tivesse – em traços mais largos seria traçada essa minha pobre carta de parabéns. Que por longos e dilatados anos se repita esse memorável 21 de Junho e que a vossa ilustrada pena não se recuse de dar-nos mais alguns livros para nossa honra e para nossa glória. As vossas formosas crônicas da Gazeta são já bastante; mas para quem é tão rico em joias como vós – é muito pouco. [...] Terminando científico-vos que por mais que o tempo vos acumule de anos haveis de ser sempre um jovem. Vosso admirador e amigo sincero – Belmiro Braga<sup>125</sup>.*

Sempre atencioso para com seus correspondentes, fossem eles conhecidos ou não, Machado demonstra-se muito comovido com a carta do jovem e relata sua satisfação diante das manifestações carinhosas do poeta mineiro, que o cumprimentava pelo seu aniversário de cinquenta e seis anos. Ainda que nem se conhecessem pessoalmente, o autor prontamente responde a afetuosa correspondência, marcando o início de uma bela amizade que se estabeleceu por meio do texto epistolar:

*Meu caro poeta. Recebi e agradeço-vos muito de coração a carta com que me felicitais pelo meu aniversário natalício. Não tendo o gosto de conhecer-vos, mais tocante me foi a vossa lembrança. Pelo que me dizeis em vossa bela e afetuosa carta, foram os meus escritos que vos deram a simpatia que manifestais a meu respeito. Há desses amigos, que um escritor tem a fortuna de ganhar sem conhecer, e são dos melhores. É doce ao espírito saber que um eco responde ao que ele pensou, e mais ainda se o pensamento, transladado ao papel, é guardado entre as coisas mais queridas de alguém. Agradeço-vos também os gentis versos que me dedicais e trazem a data de 21 de junho, para melhor fixar o vosso obséquio e intenção. Disponde de mim, e crede-me amigo muito agradecido. Machado de Assis<sup>126</sup>.*

É interessante ressaltar que a demonstração de afeto entre os missivistas, por vezes, poderia beirar o ridículo, mas isto não era impedimento para a expressão do carinho existente entre eles. Guimarães Júnior<sup>127</sup>, em carta a Machado, escreve acerca da saudade que sentia e confiança, ao mesmo tempo, que a exposição de tamanho sentimento de estima em relação ao autor poderia soar “patético”, mediante uma leitura desprezível de pessoas que não conheciam a sinceridade do afeto que havia inscrito nas cartas:

<sup>125</sup> Carta de Belmiro Braga a Machado, escrita em 21 de junho de 1895. In: ACT III-11 p. 88.

<sup>126</sup> Carta de Machado a Belmiro Braga, escrita em 24 de junho de 1895. In: ACT III-11 p. 90.

<sup>127</sup> Luís Caetano Pereira Guimarães Júnior (1845 — 1898) foi um diplomata, poeta, contista, romancista e teatrólogo brasileiro. Bacharelou-se na Faculdade de Direito do Recife em 1869. Na carreira diplomática, chegou a ocupar o cargo de ministro de Estado, tendo servido em Santiago do Chile, Roma e Lisboa. Já aposentado, ficou a morar nesta cidade, onde gozou da amizade de alguns dos principais intelectuais do período, como Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro e Fialho de Almeida. Foi um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras e um dos grandes amigos de Machado de Assis.

*Machado. Escrevo-te para matar saudades; se eu não sei até onde tenho o meu coração! Admite a exclamação por causa do patético*<sup>128</sup>.

Machado também deixava-se comover ao receber as cartas de seus principais correspondentes. Em vários momentos, é possível encontrar relatos do autor descrevendo a emoção do contato com o texto epistolar, como se aquele fora, de fato, a personificação do remetente perante a leitura da missiva:

*Leve-lhe esta carta, com as minhas saudades, as minhas invejas, e mande-me em troca alguns versos, se os houver, e, se não, a sua boa prosa epistolar, que é a própria pessoa do autor*<sup>129</sup>.

*Escreva-me logo que possa; meia dúzia de linhas amigas, que me recordam tantas coisas, valem por uma ressurreição*<sup>130</sup>.

*Meu caro Veríssimo. Ontem, ao jantar, recebi a sua carta de anteontem, feita das boas palavras a que Você tanto me acostumou. [...] O que me vale no meio destes achaques e abatimentos é a simpatia que encontro em alguns que me dão provas certas, e aqui tenho mais esta sua. [...] venha quando quiser, — ou escreva, porque me faz bem conhecer pela sobrecarta a sua letra rasgada e firme. A minha são estes rabiscos de velho*<sup>131</sup>.

*A sua carta é ainda uma voz de seu pai e foi bom citar-me o exemplo dele; é modelo que serve e fortifica*<sup>132</sup>.

*Aqui estou em silêncio, e a sua carta valeu por gente [...]*<sup>133</sup>.

Da mesma forma, o autor permitia-se personificar em suas missivas, fazendo com que suas palavras pudessem ir aonde o corpo, pelas mais diversas circunstâncias, nem sempre era capaz de chegar. Mais que uma mera formalidade ou adaptação pessoal às convenções, a carta representava uma importante ferramenta de inclusão, de reiteração, de autoafirmação e, sobretudo, de convivência social e cultural com seus pares:

<sup>128</sup> Carta de Luís Guimarães Júnior a Machado, escrita em 27 de dezembro de 1862. In: ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo I – 1860-1869*. Coordenação e orientação Sérgio Paulo Rouanet. Reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, 2008. p. 17. Doravante, neste texto, todas as citações retiradas deste volume serão indicadas pela sigla ACT I-08.

<sup>129</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 14 de janeiro de 1894. In: ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo III – 1890-1899*. Coordenação e orientação Sérgio Paulo Rouanet. Reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, 2011. p. 33. Doravante, neste texto, todas as citações retiradas deste volume serão indicadas pela sigla ACT III-11.

<sup>130</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 14 de janeiro de 1908. In: M&N-03 p. 150.

<sup>131</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 1º de setembro de 1908. In: ASSIS, Machado de. *Obras Completas*, vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. [196]. Textos literários em meio eletrônico: Epistolário de Machado de Assis. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000081pdf.pdf> [26 de março de 2016].

Doravante, neste texto, todas as citações retiradas deste volume serão indicadas pela sigla OC-94.

<sup>132</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 1º de janeiro de 1898. In: ACT III-11 p. 285.

<sup>133</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 16 de julho de 1908. In: OC-94 [180].

*Quase certo ou certo de não poder ir pessoalmente lá, vou por este bilhete que não exige resposta*<sup>134</sup>.

*Meu caro Salvador. Procurei-te ontem sem ter a fortuna de encontrar-te; mas vai aqui no papel o que eu te queria dizer*<sup>135</sup>.

*Meu querido Salvador. Não quero que passe o dia de hoje sem cumprimentar-te, ainda que por letra, não podendo fazê-lo em pessoa. Tenho há muito minha mulher doente. Não quero, porém, que este dia de teus anos acabe sem mandar aqui um abraço de felicitações e saudade*<sup>136</sup>.

*Adeus, meu Nabuco, continue a lembrar-se de mim, assim como eu continuo a lembra-me de Você, e deixe-me apreciar o seu talento, se não posso também gozar do seu trato pessoal*<sup>137</sup>.

*Estimo que o meu Esaú e Jacó lhe tenha produzido o efeito que me diz na carta. Se lhe pareceu que lá me teve a seu lado, em longa e interessante palestra, é porque estava também comigo, bastou a suprir a presença do amigo velho*<sup>138</sup>.

*Meu caro Veríssimo, Escrevo-lhe a tempo de suprir a visita pessoal, caso não possa ir agradecer-lhe as suas boas palavras de amigo no último número da Revista. Não quero encontrá-lo sábado, à noite, sem lhe ter dado ao menos um abraço de longe. Aqui vai ele*<sup>139</sup>.

*Meu caro Lúcio, Vim dar-lhe um abraço pelo seu restabelecimento, não o tendo feito antes, como fosse crer, por circunstâncias inesperadas. Não tendo tido a fortuna de o encontrar, e não posso hoje demorar-me, deixo aqui este bilhete com os meus parabéns. Ver-nos-emos em breve, e até lá aceite o abraço, que é do coração*<sup>140</sup>.

*Meu caro José Veríssimo. Não me tem sido possível aparecer, nem sei se hoje sairei a tempo de dar lá um pulo. Por isso escrevo [...]. Mande-me uma palavrinha para que eu saiba se não morri*<sup>141</sup>.

Neste último fragmento, Machado deixava claro que a troca epistolar significava, acima de tudo, sentir-se vivo. É nítida a sensação de que, por vezes, o grau de afetividade entre os missivistas tornara-se tão profundo que o mero ato da correspondência não parecia suprir a necessidade de afirmá-lo ao destinatário. Nas cartas machadianas, o eu-missivista permitia que transparecesse o carinho e o respeito que verdadeiramente nutria por alguns de seus mais corriqueiros correspondentes. No excerto abaixo, a carta enviada a Mário de Alencar fala deste sentimento de afeição, ao mesmo tempo que oferece, como prova de seu afeto, a leitura primeira de seu derradeiro livro, *Memorial de Aires*<sup>142</sup>:

<sup>134</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 20 de junho de 1899. In: AOC-86 p. 1048.

<sup>135</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 04 de março de 1875. In: ACT II-09 p. 97.

<sup>136</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 21 de julho de 1904. In: OC-94 [130].

<sup>137</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 14 de abril de 1883. In: ACT III-11 p. 250.

<sup>138</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 04 de outubro de 1904. In: OC-94 [132].

<sup>139</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 15 de dezembro de 1898. In: ACT III-11 p. 336.

<sup>140</sup> Carta de Machado a Lúcio de Mendonça, escrita em 06 de fevereiro de 1895. In: ACT III-11 p. 61.

<sup>141</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 02 de junho de 1900. In: ACT III-11 p. 493.

<sup>142</sup> *Memorial de Aires* foi o último romance escrito por Machado de Assis, publicado no mesmo ano de sua morte, em 1908. A obra está organizada como uma série de entradas em um diário e não tem um enredo único, pois é composta por vários episódios que se intercalam. Aires era um conselheiro que acompanhou

*Confiando-lhe a leitura do meu próximo livro, antes de ninguém, correspondo ao sentimento de simpatia que sempre me manifestou, e em mim sempre existiu, sem quebra nem interrupção de um dia; não há que agradecer este ato<sup>143</sup>.*

De fato, as relações de amizade sempre foram algo que Machado cultivava com extremo cuidado e dedicação. As constantes demonstrações de afeto em suas missivas acabam por revelar uma faceta do autor que raramente se descortina em outras circunstâncias. Muitas vezes rotulado pela acidez e frieza com que analisa, em sua produção literária, as excentricidades da personalidade humana, Machado revela-se, ao contrário, emotivo, humano, leal e companheiro. Em carta enviada ao poeta Teixeira de Melo<sup>144</sup>, o autor fala abertamente de si, exteriorizando o carinho que sentia pelo amigo:

*Lembrei-me há dias de ti, e parece que era um eco simpático, visto que também não há muitos dias te lembraste de mim. A distância não descasou os nossos espíritos, tão sinceramente amigos um do outro<sup>145</sup>.*

O mesmo sentimento de afeição, de solidariedade e até mesmo de agradecimento pelas provas de amizade, Machado estende a outros amigos em sua correspondência:

*Muito me comoveu a carta que me enviou, datada de ontem, cumprimentando-me pelo meu aniversário natalício, e assim também a prova de afeição que me deu enviando-me o seu retrato. Este fica entre os dos amigos que a vida nos depara, e aquela entre os manuscritos dignos de recordação. Agradeço-lhe os votos que faz pela minha vida e felicidade, e subscrevo-me com estima e consideração [...]<sup>146</sup>.*

*Recebi, li e guardo, como lembrança de afeição sincera, este seu artigo. Muito lhe agradeço cá de longe a simpatia do juízo<sup>147</sup>.*

As amizades com outros escritores, tão presentes em suas correspondências pessoais, funcionaram como força propulsora para a carreira de Machado e para acompanhá-lo nos mais diversos momentos de sua trajetória. Algumas delas, possíveis quase que exclusivamente no território das cartas (dadas as distâncias e os problemas pessoais do autor), tornaram-se verdadeiros exemplos de companheirismo e lealdade:

---

Machado em suas histórias, geralmente como um amigo de seus personagens. Reportava à figura do próprio autor. Nesta obra, idolatra uma mulher, D. Carmo, possivelmente inspirada em sua saudosa esposa Carolina, o que é sugerido talvez pela coincidência dos nomes Aguiar e Assis, Carmo e Carolina, e também pelo fato do casal não ter filhos. É bem provável que esta seja a obra machadiana de maior inspiração autobiográfica.

<sup>143</sup> Carta de Machado de Assis a Mário de Alencar, escrita em 22 de dezembro de 1907. In: AEO-09 p. 75.

<sup>144</sup> José Alexandre Teixeira de Melo (1833 – 1907), foi médico, jornalista, historiador e poeta brasileiro. Foi o fundador da cadeira n. 6 da ABL, escolhendo como patrono o amigo e poeta Casimiro de Abreu.

<sup>145</sup> Carta de Machado a Teixeira de Melo, escrita em 22 de novembro de 1864. In: ACT I-08. p. 75.

<sup>146</sup> Carta de Machado a Belmiro Braga, escrita em 22 de junho de 1897. In: ACT III-11 p. 243.

<sup>147</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 07 de dezembro de 1897. In: ACT III-11 p. 273.

*Meu querido Salvador. A data vai errada, mas tu desculparás a falta de ontem; ainda é tempo de mandar um abraço pelo teu aniversário. Somos dois velhos companheiros. A quem o tempo poderá ter levado muita coisa, mas deixou sempre a afeição moça<sup>148</sup>.*

*Não sei ainda a direção que dê a esta carta, se para a embaixada, se para Paris. Qualquer dos dois caminhos leva a Roma e lá achará o meu coração, como o seu está comigo<sup>149</sup>.*

É importante também relacionar à escrita das cartas, uma superação pessoal de Machado. Muitos foram os obstáculos que tivera para perseverar em seu propósito, de produzir literatura e de firmar seu nome no seletivo cenário artístico brasileiro. A escassez de tempo, as dificuldades financeiras, as inúmeras tarefas simultâneas, as diversas instâncias de preconceito que precisou ultrapassar, as fragilidades físicas que o impediam de escrever... Machado superou todos eles. Importava ao autor, entre outras coisas, manter as ligações que efetivamente criara, ainda que o contato fosse realizado por intermédio de terceiros, como confessara ao amigo Franklin Dória<sup>150</sup>:

*Meu caro poeta e amigo. Escrevo-lhe por mão alheia, o que lhe provará que os meus olhos ainda me trazem separado do resto do mundo. Felizmente, a separação não é tal que me torne esquecido dos bons amigos, como você, e claramente o sinto agora, ao receber a sua tese. [...] Ouvi-la-ei ler pelos olhos de minha mulher<sup>151</sup>.*

As relações estabelecidas por meio da correspondência trouxeram à tona um autor desconhecido, escondido, quase desvinculado de sua habitual discrição. É na superfície do discurso epistolar que Machado permite-se observar de maneira profunda e salutar:

*E entre aqueles que eu amo com um doido e decidido amor está Você, meu mestre de todos os momentos, meu confidente íntimo, meu guia, meu espelho. O que Você é lá dentro desta alma tão escondida, eu sei muito bem. A sua ironia, que não entendem bem, é uma forma superior de piedade, é um sorriso de desdém do sonhador profundo, absoluto, ferido pela triste contingência da Realidade, que ele não pode vencer. E exatamente neste ponto foi que se deu o nosso íntimo contato<sup>152</sup>.*

*Dear Sir, A sua bondade é tão grande que me incomoda. Fui anteontem, mais levado antes pela simpatia que lhe dedico e pela vontade de vê-lo e ouvi-lo do que por negócio<sup>153</sup>.*

As cartas, a propósito, só estão hoje passíveis de análise, por representarem um documento concreto, autenticador das relações estabelecidas e mantidas por meio delas.

<sup>148</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 23 de julho de 1907. In: OC-94 [167].

<sup>149</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 07 de julho de 1907. In: M&N-03 p. 146.

<sup>150</sup> Franklin Américo de Meneses Dória, Barão de Loreto (1836 – 1906), foi um político e poeta brasileiro. Eleito em 1897 para completar o quadro de acadêmicos da ABL, Franklin Dória é o fundador da cadeira nº. 25, que tem como patrono o poeta Junqueira Freire, seu grande amigo.

<sup>151</sup> Carta de Machado a Franklin Dória, escrita em 17 de novembro de 1878. In: ACT II-09 p. 160.

<sup>152</sup> Carta de Graça Aranha a Machado, escrita em 21 de julho de 1899. In: ACT III-09 p. 389.

<sup>153</sup> Carta de Capistrano de Abreu a Machado, escrita em 23 de julho de 1880. In: ACT II-09 p. 175.

Uma vez guardadas e conservadas como objetos de valor, tanto da memória quanto da história de seus missivistas, as cartas constituíram-se como verdadeiros fragmentos da vida de cada um deles. As missivas são, nesta perspectiva, pedaços palpáveis da trajetória pessoal e das relações que compõem o universo de todo e qualquer correspondente. A escrita epistolar, portadora de tantas lembranças e experiências, carrega consigo toda a carga emotiva que o missivista utilizou-se ao escrever, bem como aquela que o destinatário sentiu com a leitura. O ato da releitura, tão comum neste gênero, tem a incrível capacidade de transportar novamente o sujeito a determinados lugares e momentos, distantes do presente, que o possibilitam revisitar suas mais íntimas recordações e emoções:

*As minhas saudades são as que você sabe, nascem da distância e do tempo. Ainda agora achei um bilhete seu convidando-me à reunião da Rua da Princesa para fundar a Sociedade Abolicionista; é de 6 setembro de 1880. Quanta coisa passada! Quanta gente morta! Sobrevivem corações que, como o seu, sabem amar e merecem o amor<sup>154</sup>.*

*Adeus, meu caro Nabuco, continue a lembrar-se de mim, onde quer que o nosso lustre nacional peça a sua presença. Eu não esqueço o amigo que vi adolescente, e de quem ainda agora achei uma carta que me avisava do dia em que devia fundar a Sociedade Abolicionista, na Rua da Princesa. Lá se vão vinte e tantos anos! Era o princípio da campanha vencida pouco depois com tanta glória e tão pacificamente<sup>155</sup>.*

Com toda certeza, podemos afirmar que os amigos de Machado transformaram-se na família que ele não teve. As sucessivas perdas, da irmã, da mãe, da madrinha, do pai e, mais tarde, da esposa, fez com que o autor transferisse aos amigos o amor e a dedicação que não pôde compartilhar com seus familiares. Se somarmos a este quadro os filhos que não tivera e os inúmeros amigos que perdera ao longo da vida, tal aspecto torna-se ainda mais compreensível, especialmente quando encontramos, em sua correspondência, vestígios de sua memória afetiva, nunca abandonada e sempre testemunhada por seus companheiros e confidentes:

*Meu querido Salvador de Mendonça. A tua boa carta trouxe ao meu espírito afrouxado não menos pela enfermidade que pelos anos, aquele cordial de juventude que nada supre neste mundo. É o meu Salvador de outrora e de sempre, é aquele generoso espírito a quem nunca faltou simpatia para todo esforço sincero. Tal te vejo a meio século, meu amigo, tal te vi nos dias da nossa primeira mocidade. Íamos entrando nos vinte anos, verdes, quentes e ambiciosos. Já então nos ligava a ambos a afeição que nunca mais perdemos. Aqui estás o mesmo de então e de sempre<sup>156</sup>.*

<sup>154</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 29 de agosto de 1905. In: M&N-03 p. 135.

<sup>155</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 30 de setembro de 1905. In: M&N-03 p. 136.

<sup>156</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 07 de setembro de 1908. In: OC-94 [197].

## 2.4. MARCAS AUTOBIOGRÁFICAS E CONFESSIONAIS NO GÊNERO EPISTOLAR: CONTAMINAÇÃO DE GÊNEROS?

*Tenho a alma feita em maneira que dou apreço ao mínimo, uma vez que seja sincero. Não diria isto a ninguém cara a cara, mas a ti, papel, a ti que me recebes com paciência, e algumas vezes com satisfação, a ti, amigo velho, a ti digo e direi, ainda que me custe, e não me custa nada.<sup>157</sup>*  
(MACHADO DE ASSIS)

De maneira geral, leitores e estudiosos buscam nas cartas informações pessoais e autobiográficas, como se a correspondência fosse, obrigatoriamente, um conjunto de narrativas que o autor pouco a pouco compõe de si mesmo. De fato, se pensássemos que o epistolar constitui um gênero textual situado apenas na esfera privada e limitado ao destinatário, tal panorama permitir-nos-ia conceber um tom possivelmente confessional à escrita, uma vez que o conteúdo da comunicação estaria resguardado a um terreno íntimo, possibilitando aos correspondentes uma exposição mais ampla e mais realista acerca de assuntos confidenciais e pessoais.

No entanto, não podemos ignorar o fato de que a carta não nasceu de mera espontaneidade momentânea – como normalmente acontece em um diálogo face a face ou um encontro casual, por exemplo – pois o autor tomou a decisão de escrever algo a alguém previamente, o que reflete uma prévia seleção de um destinatário em relação ao grupo social do qual faz parte e uma seleção criteriosa do conteúdo que deseja efetivamente comunicar. Segundo Jakobson (1975: 352), existe, neste processo dialógico, “um canal físico e uma conexão psicológica entre o destinador e o destinatário que permite tanto a um como a outro estabelecer uma comunicação”<sup>158</sup>.

Importa considerar, portanto, a diversidade das relações entre o remetente e seus correspondentes e a amplitude das possíveis motivações que desencadearam a troca epistolar. Todos estes elementos ajudam a compor a complexa estrutura que se esconde por trás de um ato comunicativo, em nosso caso particular, o ato de escrever cartas. Que circunstâncias (pessoais, sociais, profissionais, culturais...) poderiam servir de combustível para acender a chama da correspondência? Haveria como precisar em que momento a carta passa a ser uma opção adequada para fins comunicativos?

<sup>157</sup> ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001. p. 116.

<sup>158</sup> JAKOBSON, R. “Linguística e Poética”, *Ensayos de Linguística General*, Barcelona, Seix Barral, 1975, 347-395. In: SEARA, Isabel Roboredo. *Da epístola à mensagem eletrônica, metamorfoses das rotinas verbais*. Tese de doutoramento em linguística. Lisboa: Universidade Aberta, 2006. p. 205.

Sob a luz destas reflexões, podemos afirmar que o desejo de corresponder-se com alguém vai muito além de um desabafo por escrito ou de uma abertura de si próprio em relação ao outro. O tom intimista e confidencial, presente na maioria das cartas familiares, pressupõe uma construção conjunta e contínua do sujeito missivista com seu(s) correspondente(s). O discurso epistolar não acontece de forma isolada e passiva, ao contrário, trata-se, na realidade, de textos que funcionam como peças interligadas, que se encaixam e que formam juntas uma engrenagem significativa, ou melhor, uma cadeia semântica e comunicativa que, através das práticas exercidas pelos correspondentes em seus discursos, reafirmam a cristalização do epistolar enquanto gênero textual e inscrevem seus autores em um dado recorte social e histórico.

Neste processo de construção do “eu missivista” que se insere e se revela no gênero epistolar, é inegável que ocorram certas influências e hibridismos decorrentes tanto do contato deste com os seus correspondentes, quanto com as demais formas textuais que o indivíduo utiliza-se ao longo da vida para comunicar-se nas mais variadas instâncias e nos mais diversos momentos. Talvez por isso a epistolografia seja um campo de tão complexa teorização, sistematização e catalogação. A este respeito, declarou Santos (1992: 15):

Em muitas correspondências, os fantasmas ganham rostos, as máscaras caem, as influências se revelam, as dominações se explicam. De todos os gêneros em prosa, a carta é a mais difícil de ser enquadrado, pois sua feição verbal é múltipla e participa da natureza de outros gêneros periféricos como o diário, a autobiografia e o memorialismo<sup>159</sup>.

Sobre este aspecto naturalmente híbrido no qual se inscrevem as correspondências, há variados enfoques teóricos. Moisés (2007: 153) defende que o gênero epistolar, assim como alguns outros, possui um valor literário pouco relevante e não raro superficial, o que demonstra, a nosso ver, um desconhecimento do autor acerca da complexidade dos mecanismos que compõem o gênero epistolar:

Além da crônica, do ensaio e do teatro, outras várias expressões híbridas podem ser consideradas: a oratória, o jornalismo, a poesia didática, a biografia, a historiografia, a epistolografia, etc. menos relevantes do ponto de vista literário, acusam mescla desigual, em que o teor estético-literário baixa a tal ponto que não raro se reduz a traços irrelevantes e superficiais, chegando mesmo a desaparecer [...]<sup>160</sup>.

---

<sup>159</sup> SANTOS, Matildes Demetrio dos. *Ao sol carta é farol: correspondências de Mário de Andrade e outros missivistas*. São Paulo: Editora Annablume, 1992.

<sup>160</sup> MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa - II*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

Ainda segundo Moisés, a epistolografia é marcada por uma escrita nascida do cruzamento entre diversas influências e imbricações com outros géneros, híbrido, portanto, como já o sabíamos. O interessante, a nosso ver, do seu ponto de vista, é a maneira pouco elucidativa com a qual o pesquisador posiciona, em um mesmo patamar, tantos géneros tão diversificados e, ao mesmo tempo, igualmente complexos, sem quaisquer mostra de preocupação com as idiosincrasias discursivas, estruturais e semânticas que diferenciam cada um dos géneros por ele citados. Possivelmente, tal confusão conceitual ocorra em função da falta de clareza na classificação de cada texto em um tipo específico de género, nomeadamente por estes serem híbridos.

Subscrevemos as palavras de Seara (2006: 25)<sup>161</sup> que afirma que “os textos devem ser apreendidos como fenômenos de produção social e devem efectivamente ser interpretados e analisados a partir da descrição das práticas sociais que os instanciam”. A solução seria, mais uma vez, atentar para um estudo mais profundo acerca das particularidades de cada tipo ou género textual, uma vez que centrar as análises apenas na temática do discurso pode gerar uma série de dúvidas quanto à autenticidade dos aspectos que são inerentes a cada um deles. No caso específico da epistolografia, tal distinção poderia ser feita com base nas partes estruturais que historicamente compõem o género, o que já descartaria uma série de outras possibilidades conceituais:

À mesma área pertencem as confissões, o diário íntimo, a epistolografia, as memórias, a autobiografia, a biografia e a historiografia, visto que se caracterizam como documento, em que se registra a veracidade dos fatos ou em que se busca a verdade fundada na interpretação serena e objetiva dos acontecimentos individuais ou coletivos. Considerados na sequência em que se apresentam, obedecem a um ritmo ascendente, no rumo de uma objetividade cada vez maior: ocupando as confissões o extremo inicial, marcado pelo selo da objetividade voltada para o — eu, à historiografia fica reservado o pólo extremamente oposto, assinalado pela objetividade centrada no — não-eu. Nesse percurso, nota-se a crescente efetivação das veleidades que impulsionam essas formas híbridas, de que as outras seriam espécies ou subclasses. Agrupa-as uma familiaridade imposta não pelo gosto dos arranjos taxionômicos, mas pela semelhança fundamental, de processo.

(MOISÉS, 2007: 159)

Apesar de bastante esclarecedor quanto ao carácter naturalmente híbrido de tais géneros, o ponto de vista de Moisés reflete, na realidade, uma concepção extremamente limitada a respeito da epistolografia, usualmente vista como objeto documental, que apenas comporta e sustenta uma investigação biográfica ou historiográfica:

---

<sup>161</sup> SEARA, Isabel Roboredo. Da epístola à mensagem eletrónica, metamorfoses das rotinas verbais. Tese de doutoramento em linguística. Lisboa: Universidade Aberta, 2006.

Conquanto em graus diferentes, e a propósito de específicos temas e assuntos, todas anseiam pela objetividade que individualiza o método historiográfico, entendido como a soma de técnicas e de instrumentos teóricos empregados para analisar, interpretar e julgar os fenômenos ocorridos na escala do tempo. Sem conceder prioridade a qualquer um deles, o método historiográfico aplica-se quando se deseja a compreensão de um objeto na sua temporalidade.  
(MOISÉS, 2007: 160)

De fato, o caráter memorialístico intrínseco ao gênero epistolar pode ajudar a reconstruir partes importantes da biografia do missivista, detalhes de seu cotidiano e/ou rede de relações que manteve nas diversas fases de sua vida, bem como revelar opiniões e questionamentos críticos acerca da sociedade e do meio ao qual o epistológrafo pertencia. O problema é limitar a importância da correspondência a este “suporte histórico” que, inegavelmente, encontra-se presente nos textos epistolares. Este aspecto foi, em certa ocasião, comentado em carta, pelo escritor brasileiro Mário de Andrade:

*Não tenho jeito para memórias. Mas as cartas são sempre uma espécie de memórias desde que tenham alguma coisa mais nuclear e objetiva que arroubos sentimentais sobre o espírito do tempo. E as memórias em carta têm um valor de veracidade maior que o das memórias guardadas em segredo pra revelação secular futura<sup>162</sup>.*

(MORAES, 1997: 187)

Entendemos que a produção epistolar de uma determinada pessoa carrega consigo importantes pistas a respeito da subjetividade de quem as escreve, do modo como vive e das relações que este estabelece com seus pares. Provavelmente esta é a razão pela qual tantos pesquisadores busquem nas cartas frações do cotidiano do epistológrafo, com a esperança de reconstruir, com a posse destas informações privilegiadas, um mosaico biográfico. Nada mais adequado a um biógrafo, que o testemunho escrito e assinado pelo próprio biografado, por meio de suas cartas:

Uma carta é uma obra, seja ela qual for, é tentador fazer dela uma obra de arte, que valeria por si mesma. Nem todos são poetas, romancistas, artistas. Mas todos escrevem cartas, pelo menos todos aqueles que sabem escrever<sup>163</sup>.

De fato, escrever uma carta é algo que qualquer pessoa pode fazer. Mesmo para aquelas que não têm o conhecimento das letras, é comum encontrar familiares ou voluntários que aceitem transcrever para o papel as mensagens ditadas oralmente por aqueles que anseiam por uma comunicação com alguém, como eram exemplo as célebres

<sup>162</sup> Carta de Mário de Andrade a Sérgio Milliet, escrita em 20 de junho de 1940. In: MORAES, Rubens Borba de. Carta, testemunho e biografia. Múltiplo Mário. João Pessoa/Natal: UFPB/UFRN, 1997. p. 184-190.

<sup>163</sup> COMTE-SPONVILLE, André. A correspondência. In: Bom dia, angústia! São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 16.

“cartas de chamada” dos emigrantes portugueses no Brasil. Neste processo de escritura, muitas vezes executado sem quaisquer orientações técnicas e/ou conceituais acerca do género epistolar, é naturalmente aceitável (e compreensível) que os textos contemplem elementos de géneros variados. O hibridismo seria, então, uma forma empírica de concretizar em palavras, ideias e sentimentos antes possíveis apenas no campo subjetivo. Em outras palavras, concordamos com Bronckart (1999: 108), ao afirmar que:

[...] esse processo acaba na produção de um texto empírico que assim sempre é um produto da dialética que se instaura entre representações sobre os contextos de ação e representações relativas às línguas e aos géneros de texto. Todo texto empírico é realizado por meio de empréstimo de um género e, portanto, pertence sempre a um género; entretanto todo texto empírico também procede de uma adaptação do género-modelo aos valores atribuídos pelo agente à sua situação de ação e, daí, além de apresentar as características comuns ao género, também apresenta propriedades singulares que definem seu estilo particular<sup>164</sup>.

Este carácter híbrido natural, peculiar e interdisciplinar do texto epistolar pode contribuir para os mais variados campos de pesquisa, seja acerca das técnicas de criação discursiva, seja acerca dos efeitos da escrita e recepção do objeto carta entre seus interlocutores. Possivelmente, estes devam ser os pontos que despertem maior curiosidade entre os leitores *voyeuristas* das cartas alheias. Em que circunstâncias a missiva poderia ter sido escrita? O que teria motivado a escrita epistolar? Que espécie de sensações a leitura desta provocaria em seu destinatário? Todas estas questões estão relacionadas ao carácter subjetivo inerente aos aspectos (auto)biográficos presentes na correspondência:

A escrita autorreferencial ou escrita de si integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental. Essa denominação pode ser mais bem entendida a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos. [...] As sociedades modernas são individualistas porque se consagram tendo por base um contrato políticossocial que reconhece todos os indivíduos como livres e iguais, postulando sua autonomia e abrindo campo para um novo tipo de interesse sobre esse “eu” moderno. Uma ideia que confere à vida individual uma importância até então desconhecida, tornando-a matéria de ser narrada como uma história que pode sobreviver na memória de si e dos outros<sup>165</sup>.

(GOMES, 2004:10-12)

Todos estes conceitos servem para mostrar que o epistolar é um género incompleto e transitivo, que aceita, portanto, influências de outros géneros e que exige, para uma perfeita comunicação, a colaboração do “outro” como complemento de si mesmo.

<sup>164</sup> BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

<sup>165</sup> GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

### 3. MACHADO DE ASSIS, EPISTOLÓGRAFO

*A sua hora há de vir. [...] Você tem a mocidade, a fé e o futuro; a sua estrela há de luzir, para alegria dos seus amigos, e confusão dos seus invejosos<sup>166</sup>.  
(MACHADO DE ASSIS)*

Machado de Assis é, indubitavelmente, um autor de prestígio internacional, “a mais alta expressão do nosso gênio literário, a mais eminente figura da nossa literatura<sup>167</sup>”, reconhecido pela originalidade e versatilidade que imprime à sua escrita. Sua vastíssima obra literária, permeada por poesias, romances, críticas, contos e crônicas, vem sendo alvo de inúmeros estudos que buscam analisá-la crítica, literária e linguisticamente ao longo das últimas décadas, o que permite ao leitor, ao pesquisador e ao crítico, diversas reinterpretações. Entretanto, o mesmo não ocorreu com sua produção epistolográfica, que não tem merecido a devida atenção por parte do grande público, tampouco é conhecida e reconhecida por ele.

Descobriu-se em sua literatura, a face de um escritor à frente do seu tempo, moderno, em um franco e permanente diálogo com os assuntos da atualidade, independente e insubmisso às regras sociais. O interessante da leitura de suas cartas é que elas revelam, ao contrário, um homem bem comportado e afeito às convenções impostas pelo círculo sociocultural do qual participava, embora criticasse, às vezes com certa sutileza, às vezes com sua implacável ironia, a elite autoritária e excludente da sociedade brasileira. A leitura das cartas machadianas revela que o autor soube conviver pacificamente com todas as classes sociais, com todos os níveis de formação e, principalmente, com as mais diversas opiniões, estabelecendo as pontes necessárias para unir em torno dele uma unanimidade de literatos e intelectuais de posicionamentos distintos, sem nunca ferir o respeito e a admiração que conquistara ao longo de décadas. Neste sentido, as convenções sociais presentes, inclusive em seu discurso epistolar, funcionaram como ferramentas necessárias para que o autor pudesse realizar objetivos grandiosos, como a formação da Academia Brasileira de Letras, além de outros mais íntimos, como a permanência em cargos públicos, essencial à sua sobrevivência. Tudo isto é possível vislumbrar em suas cartas.

Iniciaremos, então, um frutífero e interessante passeio por sua produção epistolar.

---

<sup>166</sup> Carta de Machado para Joaquim Nabuco, escrita em 29 de maio de 1882, em função do falecimento de sua primeira esposa, Marianinha. In: ACT III-11 p. 224.

<sup>167</sup> VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira — de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. p. 343.

Poucos sabiam que Machado, além de hábil escritor, foi também um grande epistológrafo. O conjunto de seu legado epistolar contempla, além das cartas, telegramas, cartões postais, cartões de visita, cartas abertas, cartas-prefácio entre outros escritos que, ao todo, somam cerca de 1200 documentos. Poucos dias após sua morte, em sessão de 3 de outubro de 1908, presidida por Euclides da Cunha<sup>168</sup>, a Academia ouvia de Rodrigo Octavio<sup>169</sup> que Machado de Assis, em 27 de setembro, por declaração oral feita perante testemunhas, legara à Casa seus livros e papéis. O desejo do Presidente Machado foi prontamente satisfeito, de modo que, na sessão de 30 de novembro, José Veríssimo<sup>170</sup> comunicava que os papéis manuscritos de originais e de cartas já se encontravam na Academia (ROUANET, 2008:7-8)<sup>171</sup>. Infelizmente, das cartas que se encontravam em poder de Machado, muitas se perderam ou foram furtadas juntamente com outros documentos e joias, quando o escritor agonizava, sozinho, em sua casa no Cosme Velho.

Várias foram as tentativas de reunir em livro toda essa correspondência. A própria Academia, em 1929, começou a publicar em sua Revista o “*Epistolário Acadêmico*”, por iniciativa pioneira de Afrânio Peixoto<sup>172</sup> e pesquisa do secretário Fernando Nery<sup>173</sup>. Este último reuniu, no volume intitulado “*Correspondência de Machado de Assis*”, publicado pela Editora Bedeschi (1932), contendo cartas trocadas entre Machado e alguns de seus principais interlocutores, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar. A Editora Jackson lançou, em 1937, uma edição ampliada da obra de Nery, com uma “nota explicativa” acerca das cartas incluídas à coletânea. O problema, no entanto, é que a seleção acabou excluindo um grande número de cartas e de correspondentes. Uma outra publicação da Editora José Aguilar, de 1959, aumentou o

<sup>168</sup> Euclides da Cunha (1866 — 1909) foi um engenheiro, militar, físico, geólogo, geógrafo, botânico, zoólogo, hidrógrafo, jornalista, historiador, sociólogo, professor, filósofo, poeta, romancista, ensaísta e escritor brasileiro. Foi eleito em 21 de setembro de 1903 para a cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras.

<sup>169</sup> Rodrigo Octavio de Langaard Meneses (1866 — 1944) foi um advogado, professor, magistrado, contista, cronista, poeta e memorialista brasileiro. Foi presidente do Instituto dos Advogados Brasileiros, entidade que promoveu a criação da Ordem dos Advogados do Brasil, em 1930. Presidiu também a Sociedade Brasileira de Direito Internacional e foi membro honorário e vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foi consultor-geral da República e Ministro do Supremo Tribunal Federal.

<sup>170</sup> José Veríssimo Dias de Matos (1857 — 1916) foi um escritor, educador, jornalista e pesquisador da Literatura Brasileira. Foi também o fundador e principal editor da Revista Brasileira e da Revista Amazônica, além de ter colaborado para a criação da ABL. Por conta de sua longa amizade com Machado, tornou-se um dos mais importantes críticos de sua obra literária, além de um dos seus mais assíduos correspondentes.

<sup>171</sup> Cf: ACTI-08 p. 7-8.

<sup>172</sup> Afrânio Peixoto (1876 — 1947) foi um médico, político, professor, crítico literário, ensaísta, romancista e historiador brasileiro. Ocupou a cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito em 7 de maio de 1910 e a cadeira 2 da Academia Brasileira de Filologia, da qual foi fundador.

<sup>173</sup> Fernando Nery foi biógrafo de Rui Barbosa e diretor da secretaria do *Petit Trianon*, na sede da Academia Brasileira de Letras, situada na cidade do Rio de Janeiro.

repertório epistolar anterior, mas excluiu toda a correspondência passiva do autor. A decisão da editora não correspondeu ao interesse de biógrafos e pesquisadores, que buscavam por uma ampla visão que ajudasse a compor a multiplicidade de traços presentes no mosaico epistolar machadiano (ROUANET, 2008: 8).

Outras importantes tentativas de reunir as cartas de Machado ocorreram novamente por iniciativa da Editora Nova Aguilar. Primeiramente, uma reedição organizada por Afrânio Coutinho (1986) chamada *Obra Completa em três volumes*, na qual as cartas se encontram transcritas na seção *Epistolário* e, mais tarde, em 2008, uma nova edição organizada por Aluizio Leite Neto, Ana Lima Cecílio e Heloisa Jahn, denominada *Obra Completa em quatro volumes*, cujas cartas estão compiladas na seção *Correspondência*. Ambas contemplam apenas a correspondência ativa do autor e respeitam a ordem cronológica de escrita dos textos epistolares.

Uma série de outras publicações também foram importantes no sentido de reunir as cartas machadianas para uma posterior análise. Entre elas, citamos *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo* (1969) e *Correspondência entre Joaquim Nabuco e Machado de Assis* (2003). Também são muitas as biografias que apresentam cartas transcritas do autor, como as já referidas obras de Lúcia Miguel Pereira, Luís Viana Filho, Jean-Michel Massa e Magalhães Júnior, entre outras. Todas elas têm em comum o fato de manifestarem a interpretação das missivas sob o enfoque particular do biógrafo, o que muitas vezes não condiz com o real intuito do texto epistolar.

O *corpus* principal de pesquisa das cartas de Machado ao qual recorreremos para dar andamento ao trabalho que ora apresentamos, é a extensa pesquisa de Sérgio Rouanet e de suas colaboradoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, a saber, *Correspondência de Machado de Assis Tomos I, II, III, IV e V*, idealizada, patrocinada e publicada pela Academia Brasileira de Letras (ABL). A ideia grandiosa surgiu do então presidente da instituição, Marcos Vinícius Vilaça, no desejo de homenagear o autor por ocasião do centenário de sua morte. A vasta coleção contempla toda a sua correspondência ativa e passiva, levando em consideração tanto textos já publicados como também inéditos, que foram organizados cronologicamente. A imensa coletânea epistolográfica machadiana, no entanto, foi apenas transcrita e recebeu inúmeras notas com importantes referências que ajudam a remontar o contexto sócio-histórico da época, mas não avançou para o campo da análise dos documentos como pertencentes a um gênero textual próprio, com suas

prescrições e características estruturais, linguísticas e retórico-discursivas, tampouco em relação aos propósitos e objetivos inerentes ao gênero epistolar.

Todas estas observações acerca das publicações das cartas de Machado ajudam a revelar, na realidade, uma possível desvalorização dos textos epistolares em comparação com os demais gêneros, uma vez que as cartas, em geral, aparecem apenas transcritas e reunidas em uma seção isolada das “obras completas”, não raramente na última seção do último volume da obra, sem qualquer tipo de análise mais profunda acerca do conteúdo das cartas. Como já afirmamos, justifica-se a inclusão dos documentos epistolares como um suporte biográfico, do qual são extraídas informações e curiosidades sobre o epistológrafo — uma espécie de apêndice para a confirmação de ideias apresentadas ao longo da obra.

A epistolografia de Machado é bastante heterogênea. Os traços de sua escrita mudam, naturalmente, conforme o posicionamento social do autor nas diferentes etapas de sua vida, mediante a alternância dos destinatários e os objetivos por ele traçados. O autor comunicou-se, por longas décadas, com grande parte dos principais intelectuais e escritores do seu tempo, tanto no Brasil quanto no exterior, com os quais manteve fortes laços de amizade, mais evidentes por meio da análise de sua correspondência ativa e passiva.

De fato, o diálogo epistolar entre literatos era uma prática muito comum na época, já que a correspondência tornava possível uma frutífera e intelectual amizade que produziria ecos em determinados textos e que, mais tarde, repercutiriam em outros. Tratava-se, também, de cultivar hábitos de cortesia e civilidade. A afinidade que ligava escritores a outros foi discutida por Eneida Maria de Souza (2002: 48), em seu ensaio intitulado “Notas sobre a crítica biográfica”:

[...] é possível estabelecer laços de amizade literária entre os autores, substituindo-se a tradicional metáfora familiar, que corresponderia à construção de modelos literários a partir dos conceitos de influência e de tradição cultural, herança recebida pelo autor de forma passiva e conforme as exigências da crítica, notadamente de caráter historicista. A relação de amizade implica a escolha de seus precursores pelo escritor, à maneira da fórmula consagrada por Borges, o que acarreta a formação de um círculo imaginário de amigos reunidos por interesses comuns, parceiros que se unem pela produção de um vínculo nascido da região fantasmática da literatura<sup>174</sup>.

Tal afinidade pode ser percebida em vários momentos da vasta epistolografia machadiana, não apenas pelo volume de correspondências enviadas e recebidas, mas principalmente pelo grau de afetuosidade e companheirismo que se inscreve na coletânea

---

<sup>174</sup> SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

de missivas. Ilustramos os laços aqui destacados com alguns de seus interlocutores mais fiéis, a iniciar por Guimarães Júnior, que pede a continuação da amizade entre eles:

*[...] queria encontrá-lo com o fim de pedir-lhe as ordens para São Paulo, e suplicar-lhe a continuação dessa amizade que muito me honra e me alegra*<sup>175</sup>.

Outro futuro grande amigo de Machado, o maranhense Joaquim Serra<sup>176</sup>, então muito comovido com as críticas feitas a seu respeito no *Diário do Rio de Janeiro*<sup>177</sup>, solicita, em carta, estabelecer uma amizade sincera com o renomado jornalista carioca:

*Desde os Desencantos*<sup>178</sup> que sigo com simpática vista e sempre crescente curiosidade os altaneiros voos do cantor de Corina. Por esse motivo a leitura do *Diário do Rio* é sempre motivo de sincero júbilo para mim. Nunca esperei, porém, pela surpresa, que foi-me reservada em o número 293 do *Diário*<sup>179</sup>. Tanta gentileza na hospedagem! Tanta coisa bonita naquela apresentação! Levantando os humildes, mais se engrandecem os verdadeiros poderosos. [...] O nosso Nuno Álvares terá sido muito mau, se não lhe tiver dito que eu o amo de coração. [...] O título de amigo que solicito, é a síntese do que sinto por sua pessoa. Através dos mares, receba o abraço de quem preza o seu talento e ambiciona a sua afeição<sup>180</sup>.

A rede de contatos que se estabeleceu ao redor do autor contemplava grande parte da intelectualidade cultural e política daquela sociedade oitocentista, o que repercute, diretamente, na identificação da atmosfera do período. Apenas por meio da análise de sua correspondência é que podemos notar o grau de cumplicidade e afetividade que unia os escritores da época, o que definitivamente não é possível em outros gêneros textuais. Por intermédio das cartas de Machado, recriamos as discussões acerca da fundação da ABL, bem como suas candidaturas, solenidades e todos os problemas que envolveram a estruturação da instituição; o diálogo fervoroso acerca de importantes obras e autores, além

<sup>175</sup> Carta de Luís Guimarães Júnior a Machado de Assis escrita em 30 de maio de 1862. In: ACT I-08 p. 5.

<sup>176</sup> Joaquim Maria Serra Sobrinho (1838 — 1888) foi um jornalista, professor, político, e teatrólogo brasileiro. É o patrono da cadeira n. 21 da Academia Brasileira de Letras, por escolha de José do Patrocínio. Na data desta correspondência, Serra era então secretário de governo da província da Paraíba do Norte, cujo presidente Sinval Odorico de Moura (1828-1885) teve mandato de 18/05/1864 a 07/07/1865.

<sup>177</sup> O *Diário do Rio de Janeiro* foi fundado em 1821, mas teve a circulação interrompida em 1859. Em 25 de março de 1860, o advogado, político e jornalista Joaquim Saldanha Marinho (1816-1895) assumiu sua direção, imprimindo-lhe um caráter progressista, renovando o seu aspecto gráfico.

<sup>178</sup> *Desencantos* é uma peça teatral, a primeira comédia autoral de Machado de Assis, escrita em 1861.

<sup>179</sup> Eis a nota que comoveu Serra: “Joaquim Serra não é decerto um nome desconhecido aos leitores dos bons escritos e aos amigos dos talentos reais. J. Serra é um jovem maranhense, dotado de uma bela inteligência, que se alimenta dia por dia com sólidos estudos. A imprensa literária e política do Maranhão conta muitos escritos valiosos do nosso distinto patrício. J. Serra é hoje secretário do governo da Paraíba”. Crônica de Machado publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, em 27 de setembro de 1864. In: ACT I-08 p. 73.

<sup>180</sup> Carta de Joaquim Serra a Machado, escrita em 16 de novembro de 1964. In: ACT I-08 p. 72-73.

das organizações e dos veículos de comunicação da época; a interessante rede de apadrinhamentos e trocas de favores que se formava na famosa panelinha<sup>181</sup> de Machado.

Uma segunda possibilidade de estudo do gênero epistolar procura lançar luz sobre a movimentação nos bastidores do sistema literário. Nesse sentido, o empenho na divulgação de um projeto estético, as divergências entre grupos e os comentários sobre a produção literária e artística contemporâneas aos diálogos contribuem para que se possa compreender que a cena literária (livros, periódicos e alterações públicas) tem raízes profundas nos “bastidores”, onde se situam as linhas de força do movimento<sup>182</sup>.

(MORAES, 2009: 3)

Foi justamente por meio de uma carta que Machado autorizava seu amigo e correspondente José Veríssimo a recolher, junto aos arquivos da Academia, o compêndio de sua produção epistolar, embora não escondesse o usual ceticismo frente ao interesse do público por uma possível publicação de suas correspondências pessoais:

*Meu caro J. Veríssimo. Não me parece que de tantas cartas que escrevi a amigos e a estranhos se possa apurar nada interessante, salvo as recordações pessoais que conservarem para alguns. Uma vez, porém, que é satisfazer o seu desejo, estou pronto a cumpri-lo, deixando-lhe a autorização de recolher e a liberdade de reduzir as letras que lhe pareçam merecer divulgação póstuma. Nesse trabalho desconfie da sua piedade de amigo de tantos anos, que pode ser guiado, — e mal guiado, — daquela afeição que nos uniu sem arrependimento nem arrefecimento. O tempo decorrido e a leitura que fizer da correspondência lhe mostrará que é melhor deixá-la esquecida e calada. E para mim bastará a simpatia que o seu desejo exprime<sup>183</sup>.*

(ASSIS apud SANTOS, 1992: 123-124)

De fato, as primeiras leituras da correspondência machadiana destroem nossas expectativas iniciais e, por serem iniciais, são também ingênuas. Encontrar com facilidade traços confessionais na leitura do compêndio epistolar de Machado, desnudando assim sua intimidade enquanto homem, cidadão, escritor, presidente da ABL e funcionário público de alto escalão, não poderia ser uma tarefa simples — com o agravante dessa coletânea de

<sup>181</sup> Em inúmeras cartas, o autor cita este termo. O nome provinha de uma panelinha de prata, que passava mensalmente às mãos do comissário do próximo encontro (AOC-86: 1053). O termo “panelinha” teria surgido no início do século XX, durante os almoços e jantares promovidos por Machado de Assis com um seleto círculo de autores e intelectuais, que se reunia para a discussão de assuntos envolvendo as artes e a literatura. Foi em um desses encontros que nasceu a ideia da criação da Academia Brasileira de Letras. A história leva a crer que teria sido essa a primeira panelinha oficialmente reconhecida do Brasil, pois, a partir desta época, o termo “panelinha” ganhou a conotação de reunião de compadres, de grupo de amigos.

<sup>182</sup> MORAES, M. A. de. Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: históricos e alguns pressupostos. In: Patrimônio e Memória. Unesp, FCLAs, CEDAP, v.4, n. 2, p. 1 – 14 – jun. 2009. p. 2-3.

<sup>183</sup> Carta de Machado de Assis a José Veríssimo, escrita em 21 de abril de 1908. In: SANTOS, Matildes Demetrio dos. *Ao sol carta é farol: correspondências de Mário de Andrade e outros missivistas*. São Paulo: Editora Annablume, 1992. p. 123-124.

cartas ter como signatário um mestre da ironia e da perspicácia, considerado por seus pares um verdadeiro *bruxo das palavras*<sup>184</sup>. De acordo com Aranha (2003: 53):

Machado escreveu para si mesmo. É reservado, tímido, e se por acaso se confessa é pela metade. Não pensa na posteridade e dela duvida. O seu estilo é recolhido. Há muito pudor e delicadeza em sua composição mas no fundo uma perversidade geral, uma audácia íntima que, receosa de transparecer, desfaz-se em cinismo e hipocrisia. Como um verdadeiro artista, as palavras, o verbo, as expressões que vestem as coisas são o seu jogo imaginário, a sua ginástica de câmara secreta. O maravilhoso malabarista, depois de deixar a frase arrastar-se, fá-la saltar repentinamente e goza desse salto, como uma acrobacia da vontade, que o diverte e nos encanta<sup>185</sup>.

Sendo Machado de Assis um autor de reconhecida competência linguística e diversificada qualidade literária, parece difícil aceitar a ideia de que ele pudesse deixar em suas cartas “pistas” de si para serem desvendadas *a posteriori*, a não ser que esta fosse mesmo sua intenção. E, se porventura o tivesse feito, qual seria a razão? Sua intenção enquanto narrador comedido de si próprio seria reduzir (a poucos) ou ampliar a multiplicidade de interpretações do seu perfil autobiográfico? Machado deixar-se-ia intimamente reconhecer nas entrelinhas da sua correspondência ou, ao invés, dissimularia artilhosamente sua personalidade com base num projeto epistolar pessoal? Que Machado, enfim, podemos vislumbrar quando lemos sua produção epistolar? São questões como estas que nos levaram à presente investigação.

Com efeito, para um leitor desavisado que procurar, em uma leitura despreziosa, encontrar confidências de Machado acerca de sua vida íntima e de suas estratégias literárias, a desilusão será imediata. Muitos estudiosos caíram nesta armadilha e, por consequência, acabaram desmerecendo a produção epistolar do autor, considerando-a de qualidade muito inferior em relação à sua riquíssima obra literária. Sobre este aspecto, a pesquisadora Ribas (2008: 42) afirma que:

Machado na correspondência, não desfere golpes demolidores na estrutura social em que se insere. Sua *performance* epistolar não inclui contar singularidades, fazer confidências, a não ser as esperadas acerca de sua doença, relatar fatos que comprometeriam seus amigos ou conhecidos, tampouco polemizar sobre o Império, Canudos, escravidão, abolicionismo, questão militar, República. [...] é mais útil, para o intérprete, ler o texto pelo viés das negativassem, de imediato, traduzi-las meramente com o rótulo de omissão, indiferença, comprometimento

<sup>184</sup> O termo “bruxo do Cosme Velho” teria surgido por conta de seus vizinhos, que alegaram ter visto o escritor, por inúmeras vezes, queimando documentos em um caldeirão de cobre na janela de sua casa no Cosme Velho. Os tais documentos seriam, segundo os biógrafos consultados, manuscritos de suas obras e parte de sua correspondência pessoal.

<sup>185</sup> Cf. M&N-03 p. 53.

pessoal com alguma das partes envolvidas ou absentéismo político – estigma alimentado mais pelo preconceito do que pelo conhecimento efetivo desses textos<sup>186</sup>.

O famoso Capítulo “Das Negativas”, responsável por fechar de maneira inusitada e sarcástica sua obra-prima — o romance realista *Memórias póstumas de Brás Cubas*<sup>187</sup>, retrata bem o aspecto psicológico do pensamento machadiano, o qual nos guiará também pela interpretação e análise de sua correspondência. Assim, ressaltamos aqui a necessidade de um olhar mais atento aos silêncios, às pausas e às reticências presentes na literatura e também na epistolografia machadiana, reflexo nítido e palpável de sua face negativa:

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve minguagem nem sobra, e conseguintemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria<sup>188</sup>.

(ASSIS, 2001: 310-311)

A presença do advérbio “não”, tão fortemente expresso nos últimos versos da obra, traduzem as possíveis decepções de toda uma vida – os filhos, a perpetuação da espécie, a provável hereditariedade. A este respeito, sentenciou Ribas (2008: 43) que tal atitude pode representar, na realidade, “uma estratégia que se consuma pela negação, uma permanência que se constitui pelo fim – um elo”.

Concordamos com o pensamento de Todorov (1981: 32) ao afirmar que: “a presença ou a ausência de um elemento no texto é determinada pelas leis da arte que se pratica<sup>189</sup>”. A adoção de um determinado estilo é, portanto, o resultado de uma profunda análise por parte do escritor, tendo em vista o tipo de discurso que mais se encaixa nos referidos propósitos, bem como o grau de veracidade que o texto assumirá naquele formato

<sup>186</sup> RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 7 Letras, 2008. p. 42. Doravante, neste texto, todas as citações retiradas deste volume serão indicadas pela sigla ROAC-08.

<sup>187</sup> *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é um romance escrito por Machado de Assis, lançado em folhetim pela Revista Brasileira, de março a dezembro de 1880, e publicado como livro no ano seguinte pela então Tipografia Nacional. O livro marca o tom irônico e inovador da prosa machadiana, seja com relação à temática ou ao estilo adotado pelo autor. Adotando a "forma livre", Machado rompe com a narração linear e objetivista de autores consagrados da época, como Flaubert e Zola, para retratar o Rio de Janeiro e sua sociedade, com uma agressividade poucas vezes notada na Literatura Brasileira. O pessimismo, a ironia e a indiferença com que Machado tratou de assuntos polêmicos como a escravidão, as diferenças sociais e as correntes filosóficas da época, fizeram com que a obra se tornasse o marco inicial do Realismo no Brasil.

<sup>188</sup> ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.

<sup>189</sup> TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. Lisboa: Edições 70, 1981.

(nomeadamente no caso das cartas, que traz em si própria uma carga imensa de autenticidade) e, sobretudo, acerca da liberdade de experimentação criativa e artística que esta ou aquela modalidade permitirá a quem o elegeu. Neste sentido, o próprio Machado nos dá pistas a respeito de sua personalidade enquanto narrador de si mesmo, tanto em sua obra ficcional “*Ponho aqui a reticência que deixei então no meu espírito*” (2001: 97)<sup>190</sup>, quanto em sua produção epistolar:

*Não entro em pormenores que já enfadam...*<sup>191</sup>

*Esta carta valeria por três no tamanho, se eu pudesse dizer tudo nela, purgar de vez os meus pecados de silêncio; mas, não sendo assim, valha na intensidade o que perder de extensão*<sup>192</sup>.

*Estes meus últimos dias têm sido de enfado e naturalmente não é assunto que procure o papel*<sup>193</sup>.

*O mais à vista. Papel não comporta tédios*<sup>194</sup>.

*Ainda padeço os efeitos do golpe que recebi há seis meses. Perdi uma companheira de trinta e cinco anos, a mais doce e carinhosa das criaturas, e perdi-a para ficar só, totalmente só na vida. Isto lhe digo assim rapidamente para não aborrecê-lo com as minhas tristezas [...]*<sup>195</sup>.

Tais ausências ou lapsos tratam-se, na realidade, de recursos necessários à “construção do jogo de máscaras machadiano” (BALSINI, 2011: 34), indispensáveis, neste sentido, à compreensão dos procedimentos retórico-discursivos presentes em toda a obra do autor, nomeadamente em sua epistolografia. Para Moraes (2001: 93), o missivista utilizava-se deste “procedimento textual” para suspender propositalmente a expansão íntima, lançando mão de “fórmulas bruscas que sustam ao meio o relato pessoal”.

Uma boa explicação para as recorrentes lacunas — planejadas e necessárias ao estilo do autor — é a consciência que ele tinha acerca da real possibilidade de publicação de suas missivas, já que esta era uma prática bastante comum à época. Segundo afirma Barbosa (2007: 62), Machado escrevia suas cartas sabendo que as mesmas eram passíveis de serem publicadas:

<sup>190</sup> ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.

<sup>191</sup> ASSIS, Machado de. *Correspondência*. Coligida e anotada por Fernando Nery. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1938. p. 147. Doravante, neste texto, os trechos retirados desse volume serão indicados pela sigla AC-38.

<sup>192</sup> ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azedo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969. p. 200. Doravante, neste texto, os trechos retirados desse volume serão indicados pela sigla CMA-69.

<sup>193</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 18 de março de 1907. In: AEO-09 p. 51.

<sup>194</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 23 de fevereiro de 2008. In: AEO-09 p. 87.

<sup>195</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azedo. In: CMA-69 p. 261.

A carta é privada, mas o assunto é público, ou de interesse geral, como o foram as cartas publicadas nos jornais e periódicos. Machado de Assis, assim como todos aqueles que publicaram nos periódicos brasileiros, tem consciência de que seus escritos estarão sempre destinados a um público amplo, seja por meio da leitura oral, própria àquele século, seja pela cópia daquele original – outra prática que o jornal absorveu com muita naturalidade<sup>196</sup>.

Mesmo em cartas entre amigos, como ocorre com esta missiva endereçada ao amigo José Veríssimo, Machado ressalta uma possível leitura de seu conteúdo por mais pessoas, sugerindo que a correspondência seria lida por outros amigos que faziam parte do seu círculo: *“Esta carta, além do que lhe é pessoal, vale por uma circular aos amigos da Revista”*<sup>197</sup>. A forma como o missivista fala ao seu interlocutor nos permite afirmar que tratava-se de uma atividade comum, e naturalmente admitida, a partilha do texto epistolar com outras pessoas. Em outra epístola, desta vez a Joaquim Nabuco, Machado esclarece ao amigo que a correspondência que enviara a Graça Aranha<sup>198</sup> não era em particular para este, mas parte de um conteúdo que devia ser dividido com outros amigos escritores, igualmente ilustres:

*Na carta ao Graça Aranha digo alguma coisa a tal respeito. Parte dela é para ambos, e para o Oliveira Lima, nosso confrade na Academia, e diria também para o Eduardo Prado, se não houvesse lido algures que ele embarcou para cá*<sup>199</sup>.

O próprio Machado deixa escapar, em uma de suas cartas a Salvador de Mendonça, que teria lido uma missiva que recebera deste na companhia de outros amigos em comum, o que teria causado a estes uma certa “afetuosa inveja”, pelo tamanho e densidade do texto. Pelo fragmento abaixo, descortinamos uma prática não só permitida entre os companheiros literatos, mas também admirada por eles, uma vez que era o mestre Machado quem se colocava como leitor das novas epistolares publicamente:

*Não, meu querido Salvador, ainda que eu te mandasse agora uma carta de trinta ou quarenta folhas, não te daria ideia da surpresa que me causou a tua carta de 7 do mês passado: a maior e a mais agradável das surpresas. Quando a abri, e contei as doze laudas da tua letra, cerrada*

<sup>196</sup> BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

<sup>197</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 18 de novembro de 1898. In: AOC-86 p. 1043.

<sup>198</sup> José Pereira da Graça Aranha (1868 — 1931) foi um escritor e diplomata brasileiro. Considerado um autor pré-modernista, foi também um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922. Devido aos cargos que ocupou na diplomacia brasileira em países europeus, ele esteve a par dos movimentos vanguardistas, tendo tentado introduzi-los, à sua maneira, na literatura brasileira, rompendo, por isso, com a Academia Brasileira de Letras em 1924. Foi um dos grandes amigos e correspondentes de Machado de Assis.

<sup>199</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 7 de dezembro de 1900. In: AOC-86 p. 1054.

*e miúda, fiquei extremamente lisonjeado, e creio que causei afetuosa inveja aos que estavam ao pé de mim, o Quintino Bocaiúva e o João de Almeida<sup>200</sup>.*

No entanto, a leitura da carta em público não impedia que o autor tivesse alguns cuidados com a exposição a terceiros de determinados assuntos considerados íntimos por ele. É o que constatamos na continuação da mesma missiva, que demonstra uma preocupação em relação ao conteúdo presente no documento:

*Mas logo que comecei a lê-la, senti uma doce desilusão: só o amor é tão eloquente, só ele podia inspirar tanta coisa ao mais sério dos rapazes e ao mais jovial dos cónsules. Reli a carta, não só porque eram letras tuas, mas também porque dificilmente podia ver melhor retrato de uma jovem americana. Tudo ali é característico e original. (...) Agradeço-te a confiança; mas devo dizer que ia caíndo em rasgar o capote. Foi o caso; estava no Globo, lendo o que me dizias acerca de "um livro sobre coolies e um romance", repeti estas palavras ao Quintino, João Almeida e Taunay. Admiramo-nos todos do teu gênio laborioso, e eu continuei a ler a carta para mim. Quando vi de que romance me falavas, limitei-me a dizer que efetivamente escrevias um romance, mas que não convinha anunciá-lo por ora. Meu receio era que o Quintino noticiasse gravemente no dia seguinte que as letras pátrias iam receber um novo mimo, etc. Imagina o efeito que te produziria semelhante notícia no Globo. De maneira que, por ora, só eu sei do caso, e não o revelarei antes de revelado por cartas ou jornais<sup>201</sup>.*

Em contrapartida, também vislumbramos situações completamente adversas às supracitadas. Se partirmos do princípio de que as cartas poderiam ser lidas publicamente entre amigos ou mesmo publicadas em jornais e revistas da época, tornar-se-ia necessário então deixar claro ao interlocutor que este ou aquele assunto exigia certa discrição. Foi exatamente isso que Machado pediu ao amigo Mário de Alencar, em uma das muitas cartas a ele endereçadas:

*Escrevo-lhe especialmente para que me diga, se é possível, o que há relativamente à casa da Academia Brasileira. O Jornal do Commercio, referindo-se anteontem, creio eu, ao complemento do edifício da Lapa, diz que se não sabe ainda o destino que ele terá. Penso que sobre isto há já decisão do Sr. Ministro do Interior. Houve acaso alteração, excluindo a Academia? Confie-me o que há, se não ao Presidente da instituição, ao seu amigo particular e grato. Ponha-lhe a nota de reserva, se for precisa<sup>202</sup>.*

O autor referia-se à resposta que longamente ansiava para estabelecer a sede da Academia Brasileira de Letras, tema no qual estava pessoalmente empenhado a resolver com o então Ministro do Interior, Sr. J. Seabra. A tal “nota de reserva” na carta, sugerida por Machado, nos leva a crer que alguns assuntos mereciam maior discrição que outros.

<sup>200</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 15 de abril de 1876. In: AOC-86 p. 1033.

<sup>201</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>202</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 10 de fevereiro de 1904. In: AEO-09 p. 23.

O mesmo percebemos em outra missiva destinada a Mário de Alencar, na qual Machado pede diretamente ao amigo que guarde o devido silêncio e a necessária discrição em relação ao que o autor sentenciara ao jovem, a respeito da personagem D. Carmo, de seu último romance, o *Memorial de Aires*, confissão de que ela seria a personificação de sua finada esposa Carolina: “*Aproveito a ocasião para lhe recomendar muito que, a respeito do modelo de Carmo, nada confie a ninguém; fica entre nós dois*”<sup>203</sup>.

Além desta circunstância, na análise da correspondência machadiana, é possível encontrar vários exemplos em que o autor deixa transparecer uma certa desconfiança com o possível desvio de alguns de seus escritos íntimos: “*Eu começo a desconfiar que alguma das minhas cartas não lhe terá chegado*”<sup>204</sup>; “*No primeiro pacote escreverei outra, para remediar o extravio desta, se houver*”<sup>205</sup>. A mesma preocupação, o autor externa a seus correspondentes: “*Não terá havido extravio das cartas que lhe escreveu agora*”<sup>206</sup>?

Ainda a respeito dos constantes extravios de correspondências, Machado revela sua insatisfação Ao amigo Lúcio de Mendonça<sup>207</sup>, dizendo que havia pedido pessoalmente providências acerca do referido problema a um diretor dos Correios:

*Compreendo o tédio que lhe deu o desvio ou perda da carta de 12 ou 13 do mês passado. Ontem de manhã fui ter com o Diretor dos Correios para lhe contar o caso e pedir providências. Respondeu-me que ia telegrafar imediatamente ao agente de Teresópolis, e ao mesmo tempo ordenar aos empregados da Repartição que receberam as malas examinassem esta falta. Ouviria também o carteiro incumbido da correspondência oficial visto que a sua carta trazia o endereço para a Secretaria. Na mesma ocasião expôs longamente a facilidade que há em desvios de cartas apesar do cuidado*<sup>208</sup>.

Interessante também a orientação que encontramos em uma carta de Sizenando Nabuco<sup>209</sup> para Machado, que se inicia com a seguinte indagação: “*Que resposta têm as minhas cartas? Quero uma pelo próximo correio – com toda a brevidade – recordando-te dos pontos seguintes: 1º Correspondência (para o jornal) 2º Poesias tuas*”<sup>210</sup>. Seria esta uma “prova” de que as cartas a serem publicadas já obedeceriam a certas normas

<sup>203</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 8 de fevereiro de 1908. In: AOC-86 p. 1086.

<sup>204</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 28 de março de 1907. In: AEO-09 p. 61.

<sup>205</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 8 de outubro de 1877. In: AOC-86 p. 1035.

<sup>206</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 11 de abril de 1907. In: AEO-09 p. 69.

<sup>207</sup> Lúcio Eugênio de Meneses e Vasconcelos Drummond Furtado de Mendonça (1854 — 1909) foi um advogado, jornalista, magistrado e escritor brasileiro. Ao lado de Machado de Assis, foi um dos idealizadores da Academia Brasileira de Letras. Escolheu, como patrono, poeta Fagundes Varela, dono da cadeira nº. 11.

<sup>208</sup> Carta de Machado a Lúcio de Mendonça, escrita em três de março de 1905. In: AOC-86 p. 1073.

<sup>209</sup> Sizenando Barreto Nabuco de Araújo (1842 – 1892) foi um dramaturgo, escritor, advogado e político brasileiro. Irmão mais velho de Joaquim Nabuco, o escritor foi um dos maiores amigos de Machado no início de sua carreira como jornalista.

<sup>210</sup> Carta de Sizenando Nabuco a Machado, escrita em 24 de abril de 1864. In: ACT I-08 p. 45-46.

previamente estabelecidas pelos missivistas? Nabuco faz questão de lembrar a Machado sobre os “pontos” aos quais ele não deveria se distrair na próxima carta. Esta é uma possibilidade que nos pareceu pertinente descortinar.

A produção epistolográfica de Machado, comedida e discreta, recebeu uma série de críticas por parte de seus primeiros pesquisadores, que viam nela a “expressão cabal do formalismo no manejo do gênero”<sup>211</sup> ou um “modelo de discreta insignificância”<sup>212</sup>. Citamos aqui, a título de ilustração, em face da publicação da Correspondência do escritor em 1932, uma crítica de Agripino Grieco, na qual ele afirma não ter encontrado “uma assinatura inconfundível” nesses documentos. Para o crítico, tratava-se, apenas, de “simples epístolas convencionais” que revelariam uma exagerada precaução do escritor em resguardar o *status quo*<sup>213</sup>:

Haveria [...], a conter-lhes as expansões de franqueza, o receio de que as missivas caíssem sob olhos indiscretos e viessem a comprometê-lo no Ministério da Viação, na Academia de Letras ou na livraria Garnier.

(GRIECO *apud* MORAES, 2011: 96)

Discordamos de Grieco e de outros pesquisadores que pouco acrescentaram à crítica relativamente ao exame da epistolografia machadiana. Como já dissemos, a análise destes documentos dever ser profundamente criteriosa, pois o autor revela-se bastante sutil em suas confissões. No entanto, é possível relacionar tal sutileza e discrição à suposta possibilidade de publicação de suas missivas, preocupação esta que poderia ser confirmada, de fato, em inúmeras situações. A própria análise de sua epistolografia em um sadio cruzamento com sua obra literária comprova, em parte, esta ideia. Analisemos, neste momento, uma carta que Machado recebera de um tal “Amigo Salvador”:

*Meu amigo, à força de não pensar no que me rodeia atingi a um estado de desapego das coisas da vida que às vezes me acredito o único escape de um cataclismo universal. Imagina com que sabor volto de quando em quando o pensamento para os sucessos do tempo. [...]. Vê lá a que ponto cheguei! Lembrei-me de ser poeta; e como não tenho vocação para isso, atribuirás tu esta disposição do espírito ao amor. O amor! [...] Mas existe ele? Existe como*

<sup>211</sup> MORAES, Marco Antonio de. “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”. Machado de Assis em linha, ano 4, número 7, junho de 2011. p. 96. Disponível em: [http://machadodeassis.net/revista/numero07/rev\\_num07\\_artigo06.asp](http://machadodeassis.net/revista/numero07/rev_num07_artigo06.asp) [17 de outubro de 2015]. Doravante, neste texto, os trechos retirados desse volume serão indicados pela sigla MEM-11.

<sup>212</sup> MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986. p. 199.

<sup>213</sup> A expressão, utilizada por Moraes (2011) é a forma abreviada da expressão latina “*in statu quo res erant ante bellum*” (no estado em que as coisas estavam antes da guerra). Significa “no mesmo estado que antes”, “o estado atual das coisas, seja em que momento for”.

*deve ser, despido de toda a preocupação terrena, puro como o resumo que é de todos os outros amores? Nos livros dos poetas, decerto; na humanidade, não acredito*<sup>214</sup>.

Na mesma data, no periódico *O Futuro*<sup>215</sup>, um bem-humorado Machado de Assis revela como resolveu a dificuldade provocada pela falta de matéria para a crônica daquele dia, justificando-se pela edição da carta acima da seguinte maneira:

Afligia-me, devo dizer; porque a boa estrela que preside aos meus dias, sempre me depara, na hora arriscada, com uma tábua de salvação. Desta vez a tábua de salvação é uma carta, uma promessa e uma notícia. Parecem três coisas, mas não são, porque a notícia e a promessa vão incluídas na carta. A notícia é de um romance... por fazer; e é promessa que me faz em uma carta de um amigo a cujos escrúpulos de modéstia não posso deixar de atender; e de quem não posso assoalhar o nome. Estou certo de que o leitor não levaria a mal que eu desse neste ponto dois dedos de conversa acerca do meu salvador<sup>216</sup>.

O interessante desta parte da história é que Machado usa o texto epistolar como inspiração para o texto literário, “a tábua de salvação é uma carta”. A questão é que, segundo Rouanet (2008: 31), a identidade deste misterioso “Salvador” estaria diretamente ligada à autoria do conto “Um Parêntesis na Vida” – que Machado menciona em sua crônica. Especula-se que, tanto a carta quanto o conto, teriam saído da mesma pena. Neste caso, “Salvador” seria um alter-ego fictício criado pelo autor para expressar certos pensamentos que normalmente não sairiam de suas correspondências.

O fato repetiu-se, mediante o recebimento de uma segunda carta do suposto “amigo Salvador”. Se Machado era mesmo o autor das tais correspondências, como se acreditava, fica então nítida sua preocupação acerca da publicidade dos textos epistolares. O missivista fala com certa “surpresa” sobre a “indiscrição” do amigo, que teria publicado a carta sem sua autorização. A crítica de Machado – e, porque não dizer, a ironia – revelam o receio que o autor tinha a esse respeito e a possível “culpa” que seu correspondente deveria sentir caso tivesse cometido a mesma intromissão:

*Meu amigo, aí vão as páginas que te prometi. Não contando que desses publicidade à minha carta, guardava-me para concluir mais detidamente este trabalho. Já que foste indiscreto, paga a culpa da tua indiscrição. O que aí vai foi escrito às pressas; podia valer um pouco mais; assim nada vale. É do teu dever publicar estas linhas, e do meu assinar-me*<sup>217</sup>.

<sup>214</sup> Carta escrita em 1º de maio de 1863, supostamente destinada a Machado de Assis. ACT I-08 p. 29.

<sup>215</sup> *O Futuro*, revista literária quinzenal, fundada e dirigida pelo poeta satírico português Faustino Xavier de Novais, que veio para o Brasil em 1858 e logo se tornou amigo de Machado, que colaborou com o periódico ininterruptamente (crônicas, poesias e um conto), publicando textos entre 15/09/1862 até 01/07/1863. O veículo carioca presenciou o início da trajetória literária de Machado, mais tarde, o maior escritor do país.

<sup>216</sup> Crônica de Machado publicada em 1º de maio de 1863 no jornal *O Futuro*.

<sup>217</sup> Carta escrita em 13 de maio de 1863, supostamente destinada a Machado de Assis. ACTI-08 p. 33.

Na análise da epistolografia machadiana, é possível perceber, claramente, a discrição do autor com nomes e acontecimentos importantes, o que nos leva a crer que tudo o que foi escrito nas cartas (conteúdo e forma) suportaria uma presumível publicidade. Tal pensamento também nos faz inferir que uma boa parcela da espontaneidade da escrita epistolar teria sido amenizada sob a pena de Machado. Reafirmamos, neste ponto, a necessidade de avaliar o que não foi dito, capturar os silêncios, decifrar a autocensura a que foi submetido o autor na redação de suas cartas. Segundo Carvalho (2003: 12) em seu prefácio para o livro de Graça Aranha:

A intimidade tinha provenientes, sim, do temperamento dos missivistas mas também da consciência de que cartas constituíam instrumentos privados de comunicação só até certo ponto. A possível publicação póstuma, certamente admitida, se não contemplada, por todos, era um freio às confidências e inconfidências, além de ser um incentivo à busca da qualidade literária do texto<sup>218</sup>.

Talvez seja este o motivo pelo qual Machado tenha mandado queimar sua correspondência íntima com Carolina, sua esposa e única companheira, durante trinta e cinco anos. Segundo Pereira (1988: 112), em sua biografia sobre o autor:

Essas cartas, que Machado guardou ciosamente até morrer, em móvel fechado, colocado ao pé de sua cama, junto com outras relíquias do seu amor – pedaços do véu de noiva, a grinalda, os sapatinhos de cetim com que se casou D. Carolina, as joias que usava habitualmente – foram, a pedido seu, queimadas por ocasião de sua morte<sup>219</sup>.

É bem provável que esta coletânea de cartas de amor tenha sido a maior e mais completa expressão das confidências de Machado, cuidadosamente reservada, a seu pedido, ao sigilo da eternidade. É interessante notar que a possibilidade de lançar ao fogo suas confissões íntimas, já havia sido aventada em sua obra ficcional, o que reforça a tese de que o *Memorial de Aires* possa ter tido como inspiração suas próprias memórias:

A dona da casa, afável, meiga, deliciosa com todos, parecia realmente feliz naquela data; não menos o marido. Talvez ele fosse ainda mais feliz que ela, mas não saberia mostrá-lo tanto [...]. Não sei se me explico bem, nem é preciso dizer melhor para o fogo a que lançarei um dia estas folhas de solitário.

(ASSIS, 2001: 41)

<sup>218</sup> CARVALHO, José Murilo de. As duas repúblicas. In: M&N-03 p. 12.

<sup>219</sup> A biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1988) cita, em sua obra, o fato de ter se cumprido a vontade de Machado. As senhoras Pinto da Costa teriam levado o referido móvel para casa e, a pedido, deste, queimado-o junto com todas as recordações de sua vida íntima com Carolina, o que teria ocorrido na véspera de sua morte. Metaforicamente, apagava-se também naquela noite, a última fagulha de vida da imensa e vibrante chama que fora Machado de Assis.

Em outra passagem, na mesma obra, o autor retoma a intenção de destruir sua correspondência amorosa, para que ninguém pudesse tocar na superfície de sua intimidade epistolar — ainda que estejamos nos referindo a um romance de Machado, a analogia com sua coletânea de missivas é irresistível, uma vez que este tenha sido este mesmo o fim destinado às cartas de amor do escritor:

Papel, amigo papel, não recolhas tudo o que escrever esta pena vadia. Querendo servir-me, acabarás desservindo-me, porque se acontecer que eu me vá desta vida, sem tempo de te reduzir a cinzas, os que me lerem depois da missa do sétimo dia, ou antes, ou ainda antes do enterro, podem cuidar que te confio cuidados de amor.

(ASSIS, 2001: 74-75)

Da mesma forma, temos o relato de Dona Francisca Basto Cordeiro, filha dos Barões Smith Vasconcelos e neta da condessa de São Mamede, que fora aluna do Colégio São Cristóvão, local onde teria conhecido o então menino Machado de Assis. Nesta escola, segundo relatos de sua família, enquanto Machado vendia os doces feitos por sua madrastra, aproveitava para escutar as aulas que não lhe eram destinadas. Cordeiro (1965: 33) revela, nesta passagem, maiores detalhes sobre a espécie de santuário particular no qual eram mantidos, sigilosamente, os escritos do Mestre e sua correspondência íntima:

No mesmo andar, à esquerda do patamar, ficava o escritório. Única peça na qual Carolina era expressamente proibida de pôr ordem. A janela abria para Santa Teresa. A porta, para a varanda, fora inutilizada por um armário envidraçado, e defronte ficava a escrivaninha, sempre coberta de papéis, e a cadeira de espaldar baixo, arredondada, confortável. Ladeando todas as paredes, estantes com livros encadernados e profusão de brochuras. Pilhas de livros, revistas e jornais enchiam os cantos, transbordavam das cadeiras, numa desordem nada artística. Era o intocável ‘Santuário do Mestre’, que a inspiração bafejava quando, alheando-se do ambiente, vivia no mundo que povoava de títeres humanos, cujos cordéis movimentava com a arte sutil e irônica que o imortalizou<sup>220</sup>.

Para o crítico Afrânio Coutinho, as cartas de Machado contribuem tanto para esclarecer dados acerca de sua biografia — curiosidade natural que decorre na leitura da imensa bibliografia do autor, quanto para identificar traços de sua complexa psicologia e aspectos peculiares de suas concepções estéticas e de suas atividades literárias (1986: 1027). A afirmação reflete a presença, em sua epistolografia, de alguns de seus posicionamentos a respeito do panorama literário, social e político da sociedade brasileira, bem como a repercussão recorrente de sua densa e fecunda produção enquanto cronista e jornalista de prestígio em sua correspondência. Segundo Modesto de Abreu (1939: 55):

---

<sup>220</sup> CORDEIRO, Francisca de Basto. *Machado de Assis na Intimidade*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1965. p. 33.

A correspondência de Machado, ao contrário do que muita gente supõe, é da mais alta importância para o estudo da personalidade do escritor brasileiro: basta dizer que foi a forma, pode-se dizer literária, em que ele revelou melhor a marcha ascensional do seu espírito, pois escreveu cartas durante toda a sua vida de escritor – a primeira, dentre as que nos podem interessar, quando ainda ensaiava os primeiros passos na crítica literária e nas lides do jornalismo, a última pouco menos de um mês antes de morrer. Suas cartas são, portanto, a abreviatura de sua vida, contada por ele mesmo aos seus íntimos, mais nas entrelinhas como convinha ao seu feitio, mas nem por isso menos elucidativas<sup>221</sup>.

Embora ainda sejam raros os estudos acerca da epistolografia machadiana (CARDOSO, 1985; RIBAS, 2008; BOAVENTURA, 2008; ANDRADE, 2008; MORAES, 2011, WERNECK 2000 e 2011; BALSINI, 2011;) muitos autores e pesquisadores já haviam sinalizado para a necessidade de estudos mais profundos acerca da correspondência do autor, uma vez que eles poderiam auxiliar a compreensão plena de sua obra literária e, principalmente, da personalidade do sujeito Machado:

Quanto mais se lê os contos e, principalmente, os romances machadianos, mais ressalta a distância entre estes e o bom comportamento de suas cartas — perfeitamente integradas à farsa do jogo social de que participavam<sup>222</sup>.

(CARDOSO, 1985: 61)

De fato, é relativamente comum que exista uma associação direta entre a obra ficcional de um autor e sua biografia. Isto também ocorre inúmeras vezes com os pesquisadores de Machado. Por falta de elementos que sustentem uma pesquisa que se considere altamente biográfica, em muitas oportunidades é possível vislumbrar certas ligações entre o narrador e o sujeito machadianos. Para Riaudel (2000: 96):

[...] a confusão entre autor e narrador, a equivalência imediata dos planos da ficção e do real, já problemáticas de um ponto de vista teórico, tornam-se mais complicadas ainda diante de uma escrita jogando magistralmente com a ironia e o sentido duplo<sup>223</sup>.

Contrariando a perplexidade inicial, é possível perceber, em uma análise mais detalhada das cartas do autor, características particulares de sua personalidade, como a sensibilidade, a coragem, a franqueza e a afetividade, todas expostas com certa reserva, sabiamente controladas pela inteligência e pela disciplina, com as quais se deu sua produção epistolar. Tratava-se, a propósito, de uma maneira muito peculiar de falar de si, de expor-se ao outro, por meio de suas correspondências pessoais. Segundo Mousinho

<sup>221</sup> ABREU, Modesto de. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Norte, 1939. p. 55-56.

<sup>222</sup> CARDOSO, M. R. Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, v.4, 1985.

<sup>223</sup> RIAUDEL, Michel. Correspondência secreta. In: PS-00 p. 96.

(2008: 14) o exame apurado da correspondência machadiana revela facetas de um autor pouco reconhecível, incomum:

Por vezes longe do que nos soa como atemporal e universal — radical, nas recamadas produções de sentido tensamente ativadas pelos grandes textos que Machado nos legou, ele mesmo podendo ser percebido como um *texto* em si, tal sua marca forte inscrita em nossa tradição<sup>224</sup>.

Também compartilha desta ideia Alexandre Eulálio (1984), ainda que reconheça na epistolografia machadiana uma escrita “decorosa, contida”. Segundo Eulálio, “sequência de sorrisos mais ou menos amarelos e ademanes bem educados, buscavam corresponder à imagem que o próprio acreditava os outros esperassem dele”. Entretanto, mediante uma análise mais minuciosa de suas cartas, o ensaísta afirma que:

Esses escritos dispõem de certa afabilidade nostálgica, sempre polida e distante, mas que se deixa permear por outra qualidade de abandono, menos convencional dentro das mesmas convenções que celebra. Um deixar-se ir que se situa entre pose e atitude, no qual o compromisso do escritor, sem se desatar, permite-se certa liberalidade expansiva que oferece, desse modo, outra pauta para o registro do perfil psicológico do missivista<sup>225</sup>.

(EULÁLIO *apud* CALIL & BOAVENTURA, 1993: 208)

Para que fosse possível identificar os traços peculiares da epistolografia machadiana, optamos por incluir neste estudo a leitura de todos os seus correspondentes, pois acreditamos que a simples seleção de trechos de uma correspondência ou a leitura fora da sequência dialógica natural inerente ao gênero, alteraria bastante a perspectiva analítica. Apesar de a decisão ter tornado esta uma tarefa árdua e muito trabalhosa, o resultado revelou-se muito satisfatório, pois reforçou a recorrência de aspectos psicológicos do autor imperceptíveis, até então, em sua obra literária.

A leitura sequencial das cartas nos permite desfrutar de um certo sabor de cotidiano, de uma rara experiência de proximidade familiar, reiterados e renovados pelas sucessivas expressões de ternura e pelo sofrido e angustiado tom com o qual o solitário Machado vai se despedindo da vida e dos amigos. Por todas estas razões, reafirmamos a necessidade de aprender a ler as cartas e, conseqüentemente, seu autor, seu estilo, sua pena:

Mas o que realmente é importante nas Cartas Familiares é o conhecimento que elas nos dão a respeito da pessoa do seu autor. Através da correspondência [...] o leitor fica informado dos

<sup>224</sup> MOUSINHO, Luiz Antonio. Um certo encantamento tátil: outros Machados. In: ROAC-08 p. 14.

<sup>225</sup> EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs.). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

problemas que o preocupam, das contrariedades da sua vida caseira, das suas diversas actividades, das suas reflexões, das suas relações de amizade. Daí resulta as cartas terem muito mais interesse se forem lidas por ordem cronológica. Acompanha-se o dia-a-dia do seu autor como se se lesse um diário<sup>226</sup>.

(SARMENTO *apud* TIN, 2003: 17)

Não seria possível, neste sentido, centrar nossa análise em um recorte teórico hermético, no qual circulam ideias fixas e fórmulas pré-concebidas. A análise de qualquer correspondência pressupõe uma abertura em relação à compreensão dos procedimentos adotados durante a redação do texto epistolar, para que a análise contemple as mais variadas fórmulas retórico-discursivas adotadas no decorrer do texto.

E ainda, para que nossa investigação contemple, com clareza, os aspectos particulares da epistolografia machadiana acima mencionados, sucederemos à apresentação de um breve e oportuno relato sobre a biografia de Machado de Assis.

---

<sup>226</sup> TIN, Emerson. Familiar del universo: Arte epistolar e lugar-comum nas cartas familiares (1664) de D. Francisco Manuel de Melo. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Instituto de Estudos da Linguagem, 2003.

### 3.1. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-SOCIAL DAS CARTAS DE MACHADO

*Apesar do afeto, que leva à benevolência, é sempre curioso ler, no espírito de um moço, a impressão que deixam escritos de quem transpõe os limites da maturidade para descambar na velhice. Por outro lado, ler no fim da vida que esta não foi absolutamente chocha e vã, fortifica a alma cansada, se o está, consola do mal recebido, se o houve, e anima para esforços novos, se são possíveis.<sup>227</sup>*  
(MACHADO DE ASSIS)

No percurso da presente investigação buscamos trazer à luz um breve levantamento a respeito da biografia de Machado de Assis e do contexto sociocultural em que se deu sua produção literária, além do panorama político, social e histórico no qual foram escritas as cartas analisadas. Tal recensão é de suma importância para tornar possível a compreensão do teor e da importância da correspondência machadiana.

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no dia 21 de julho de 1839 em uma chácara no Morro do Livramento, (atual zona portuária do Rio de Janeiro, próximo ao Bairro da Saúde — que ia desde o mar onde hoje ficam as docas e os armazéns até o Campo de Santana/Praça da República) uma região tipicamente rural do Rio de Janeiro durante o período regencial — intervalo de quase dez anos entre o Primeiro e o Segundo Reinado do Império. Segundo Massa (2009: 60), embora não se tratasse de uma fazenda, produzia-se ali o necessário para a subsistência de seus moradores e funcionários. Lá viviam seus pais, Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado, casados há cerca de onze meses, na capela da propriedade. Foi neste cenário tranquilo e isolado que o autor passou a infância e teve contato com os primeiros elementos de socialização; onde formou seus valores e iniciou a aquisição dos hábitos que tornar-se-iam rotineiros. A respeito dos morros da região e, em especial, daquele no qual se encontrava a chácara do Livramento, Magalhães Jr., registra no primeiro volume de sua extensa biografia:

Na época, os morros da parte central da cidade, em situações privilegiadas, eram dominados por estabelecimentos militares, como o da Conceição, ou por ordens religiosas, como o de São Bento, o do Castelo, o de Santo Antônio, o de Santa Teresa e, ainda, pela gente rica, que aí construía mansões, no centro de chácaras ou quintas. O morro do Livramento, na época, era o domínio de uma grande família de origem portuguesa, cuja figura central era uma verdadeira matriarca, D. Maria José de Mendonça Barroso Pereira<sup>228</sup>.

(MAGALHÃES JR., 1981: 13)

<sup>227</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 10 de dezembro de 1897. In: ROAC-08 p. 34.

<sup>228</sup> MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL-MEC, 1981.

Para entendermos um pouco mais as raízes que mantiveram ligadas por décadas a família de Machado à chácara do Livramento, faremos um breve levantamento sobre seus antepassados, retomando aqui alguns dados importantes levantados por Massa (2009). Os bisavós paternos do autor nasceram escravos e receberam a alforria dos donos da propriedade. Os avós de Machado (Francisco José de Assis e Inácia Maria Rosa) casaram-se em 4 de agosto de 1805 e eram agregados<sup>229</sup> na mesma chácara. Francisco, filho deles, foi batizado em 11 de outubro de 1806 na Catedral do Rio. A família Assis estava, sem dúvida, associada às famílias dos proprietários da chácara e com elas se relacionavam. Assim, foi possível acompanhar a ascensão social dos antigos escravos que ali permaneceram na intimidade familiar.

Não sabemos como Maria Leopoldina Machado da Câmara teria vindo morar na chácara do Livramento, mas a própria emigração para o Brasil confirma a condição humilde da família Machado. De fato, eram pessoas simples e iletradas. O ramo paterno é originário da Ilha de Santa Maria. Estevão José, avô do escritor, nasceu 1790 e era filho de Francisca Rosa e João Pedro (este filho de João Machado e Helena Rosa). É a única vez que aparece, em atos oficiais, o nome Machado, um patronímico muito frequente nos Açores. O ramo materno tem origem na ilha de São Miguel, o que comprova a descendência açoriana da família do escritor. Supomos, assim, que a pele dos Machado era tão clara quanto a dos Assis era escura. Explica-se então, ainda que de forma grosseira, a condição de mulato do menino Machado de Assis<sup>230</sup>.

Maria Leopoldina tinha 26 anos quando casou-se com Francisco, um pardo forro<sup>231</sup> de 32 anos, em 19 de agosto de 1938, na capela do Livramento. Segundo os biógrafos estudados<sup>232</sup>, o pai de Machado era um humilde operário, pintor de casas e dourador, mas também um artesão inteligente, conhecedor das letras, ligado às atividades que exercia no bairro. Em 1846 tornou-se assinante do *Almanaque Laemmert*,<sup>233</sup> (endereço nº 131 da Rua

<sup>229</sup> *Agrégrés* – relacionado àqueles que são integrados à família, uma espécie de parentes não consanguíneos.

<sup>230</sup> Todos os nomes aqui reproduzidos foram investigados na obra de MASSA, Jean-Michel. *A Juventude de Machado de Assis (1839 – 1870)*. Ensaio de biografia intelectual. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

<sup>231</sup> Segundo Magalhães (2008: 23), os pretos forros não eram raros. No censo de 1819, eles já somavam 159.500, numa população de 3.597.500 (dos quais 843.000 eram brancos, 1.728.000 eram escravos, 426.000 mestiços, 259.000 índios e 202.000 mulatos cativos).

<sup>232</sup> A saber: Massa (2009), Magalhães Jr. (1981), Pereira (1988), Montello (1986), Fonseca (1960).

<sup>233</sup> O *Almanaque Laemmert* é considerado o primeiro almanaque publicado no Brasil. Foi editado no Rio de Janeiro, entre 1844 e 1889, pelos irmãos Eduard e Heinrich Laemmert. Originários da cidade alemã de Rosenberg, os irmãos fundaram a Livraria Universal e a Tipografia Laemmert, pioneira no mercado tipográfico brasileiro. Com textos sobre a corte brasileira, os ministérios e a legislação imperial, o *Almanaque Laemmert* tornou-se fonte fundamental para a compreensão do cotidiano brasileiro do século

Nova do Livramento), o que demonstrava certo interesse também para os assuntos fora da propriedade. Em uma sociedade excludente, na qual a maioria era iletrados, saber ler e escrever era um fato raro. A mãe realizava tarefas compatíveis com a sua condição e cultura: costura, bordado e, possivelmente, até um pouco de atividades de ensino, porque sabia ler e escrever. A situação é lembrada nos estudos de Expilly (1863: 237):

Neste país, em que o preconceito de cor conserva toda a força, uma branca se sente humilhada em fazer trabalhos reservados normalmente aos escravos. [...] Uma mulher livre não podia ser tratada como escrava. É indecente pedir a uma branca, serviço de negra<sup>234</sup>.

Como podemos analisar, ao contrário do que se afirmava sobre a infância pobre de Machado, o nível social no qual crescera era relativamente elevado, se comparado a outras famílias em semelhante situação. Os Assis pertenciam a uma minoria... Neste contexto, é compreensível a trajetória que mais tarde ligaria o escritor às classes médias que constituíram a burguesia — era uma grande herança saber ler e escrever.

Segundo elementos consultados na investigação biográfica de Massa (2009: 66), por volta de 1850, a cidade do Rio de Janeiro contava cerca de 270 mil habitantes, dentre os quais 110 mil eram escravos. Levando em consideração os livres, apenas um terço sabia ler e escrever. Anos mais tarde, o próprio Machado (2008: 314) descreveria numa crônica, com certo desânimo e ironia, o triste cenário no qual se encontrava a sociedade brasileira:

Vejam o burro. Que mansidão! Que filantropia! [...] E por falar neste animal, publicou-se há dias o recenseamento do Império, do qual se colige que 70% da nossa população não sabem ler. [...] A nação não sabe ler. Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler; desses, uns 9% não leem letra de mão. 70% jazem em profunda ignorância. Não saber ler é ignorar o Sr. Meireles Queles; é não saber o que ele vale, o que ele pensa, o que ele quer; nem se realmente pode querer ou pensar. 70% de cidadãos votam do mesmo modo que respiram: sem saber por que nem o quê. Votam como vão à festa da Penha — por divertimento. A Constituição é para eles uma coisa inteiramente desconhecida. Estão prontos para tudo: uma revolução ou um golpe de Estado<sup>235</sup>.

Foi no seio de uma família patriarcal que Machado passou seus primeiros anos. O menino cresceu em um grupo social particular, no qual as relações entre patrões e

---

XIX. Atualmente, o acervo do Almanaque, que conta com 46 edições e com cerca de 55 mil imagens, foi disponibilizado pela Fundação Biblioteca Nacional, por meio de seu sítio de Internet: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/almanak/almanak.htmA](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/almanak/almanak.htmA) [19 de março de 2015].

<sup>234</sup> EXPILLY, Charles. *Les femmes et les moeurs du Brésil*. Paris, 1863

<sup>235</sup> A crônica foi publicada na coluna "História de Quinze Dias", da revista Ilustração Brasileira em 15 de agosto de 1876. A situação registrada por Machado teria causado impacto e um certo desconforto em toda a elite letrada brasileira, alheia à dura realidade social do país. O texto integral encontra-se disponível em: [http://www.cronicas.uerj.br/home/cronicas/machado/rio\\_de\\_janeiro/ano1876/15ago76.htmA](http://www.cronicas.uerj.br/home/cronicas/machado/rio_de_janeiro/ano1876/15ago76.htmA) [29 de março de 2015].

empregados eram bem mais estreitas do que de costume. Os constantes apadrinhamentos tornavam mais nítidos tais vínculos e ajudavam a perpetuar as ligações que nasciam na chácara. O próprio nome que recebera foi uma homenagem a seus padrinhos, Joaquim Alberto de Sousa da Silveira, genro da matriarca e D. Maria José de Mendonça Barroso. Na companhia da mulher, Francisco foi padrinho de Cristiana, uma escrava, em 3 de novembro de 1839, no mesmo dia em que foi batizado Joaquim Maria, seu filho, na capela do Livramento. Magalhães Jr (2008: 16) afirma em sua biografia afirma “a aceitação dos compadrios implicava a obrigação social de assistir os compadres e afilhados em seus apuros e dificuldades”, ou seja, um estreitamento natural das relações entre as famílias. A respeito deste vínculo afetivo, também escreve Pereira (1988: 33):

Devia ser muito forte o sentimento que o uniu a D. Maria José e, através dela, à casa do Livramento, ao seu passado. Pessoa que o conheceu intimamente e que, entretanto quase ficou sabendo de sua meninice, ouviu-o referir-se com elogios e gratidão à madrinha<sup>236</sup>.

Com o nascimento de Maria, a única irmã de Machado, em 3 de maio de 1841, tais relações ficaram ainda mais evidentes, uma vez que seus padrinhos foram Bento Barroso Pereira, sobrinho do senador do Império, e D. Maria José de Sousa Silveira, filha da matriarca e esposa do padrinho de Joaquim Maria.

Diante deste quadro, é possível inferir que a casa da madrinha teria sido o lugar em que o menino teve, ainda muito cedo, contato com uma linguagem mais refinada e com um ambiente mais propício às artes e aos elementos culturais, os quais definiriam os primeiros traços de sua personalidade. Segundo Pereira (1988: 29): "Nesta casa sempre habitada por famílias importantes, com fumaças e hábitos de grandeza, passou-se a primeira infância do romancista". O autor retoma, anos mais tarde, algumas lembranças da casa onde foi criado e da capela onde foi batizado, no conto *Casa Velha*, de 1885:

A casa, cujo lugar e direção não é preciso dizer, tinha entre o povo o nome de Casa Velha, e era-o realmente: datava dos fins do outro século. Era uma edificação sólida e vasta, gosto severo, nua de adornos. Eu, desde criança, conhecia-lhe a parte exterior, a grande varanda da frente, os dois portões enormes, um especial às pessoas da família e às visitas, e outro destinado ao serviço, às cargas que iam e vinham, às seges, ao gado que saía a pastar. Além dessas duas entradas, havia, do lado oposto, onde ficava a capela, um caminho que dava acesso às pessoas da vizinhança, que ali iam ouvir missa aos domingos, ou rezar a ladainha aos sábados. Foi por esse caminho que chegamos à casa, às sete horas e poucos minutos. Entramos

---

<sup>236</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

na capela, após um raio de sol, que brincava no azulejo da parede interior onde estavam representados vários passos da Escritura. A capela era pequena, mas muito bem tratada<sup>237</sup>.

Há um consenso entre os biógrafos de Machado, que afirmam ter sido sua mãe quem lhe ensinara as primeiras letras, já que não há indícios de que o menino tenha frequentado regularmente nenhuma escola. Em uma de suas crônicas, Machado teria confidenciado: “Era uma vez um rei! — ... Assim começam as histórias que eu ouvia em criança; mais tarde ouvi outras; mas as primeiras acho que eram ainda as melhores”.<sup>238</sup> As histórias contadas pela mãe e pela madrinha contribuíram tanto para sua educação quanto para sua formação. Para Massa: “Machado, assim como as crianças diante dos fantoches, registrava, acumulava, capitalizava” (2009: 69). De acordo com os dados pesquisados na obra de Fonseca (1960)<sup>239</sup>, Machado teria tido acesso às aulas apenas como ouvinte, do lado de fora da sala, por causa de sua cor. O mesmo cenário descrito por Pereira (1988: 42), neste fragmento:

Certamente, nas horas de folga, procurava ouvir trechos das lições dadas às meninas ricas, pescar aqui e ali uma noção, um esclarecimento. Não lhe seria possível penetrar nas classes, mas os moleques têm mil manhas, sabem escutar às portas, esgueirar-se pelos corredores, esconder-se nos desvãos escuros. Imóvel o coração batendo de susto, enquanto esperava o tabuleiro de quitandas, Joaquim Maria ouviria as aulas que não lhe eram destinadas.

A falta de acesso à escola era apenas mais um entre os inúmeros problemas que assolavam o Rio de Janeiro nesta época. A cidade, bastante portuguesa por sua arquitetura, em nada refletia a civilidade do continente europeu. Tratava-se, na realidade, de uma região completamente insalubre, onde o descaso público e a falta de higiene eram evidentes. Eram comuns os maus odores, as águas paradas nas ruas, os caixões sendo carregados e esvaziados nas praias. Não havia água encanada nem fossas sanitárias e o esgoto corria a céu aberto. Os resíduos domiciliares eram transportados em carroças ou mesmo à cabeça, pelos escravos, e acabavam sendo descartados nas praças públicas.

A falta de investimento em saneamento e urbanização foi um dos fatores que ocasionou o alastramento de diversas epidemias na cidade. Tais episódios foram também registrados por Massa (2009: 72), em sua biografia. Doenças como sarampo, varíola,

<sup>237</sup> ASSIS, Machado de. *Obra Completa*, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. Conto publicado originalmente em *A Estação*, entre 15/01/1885 a 28/02/1886.

<sup>238</sup> ASSIS, Machado de. *Crônicas de Lelio*. Organização de Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958, p. 191. Crônica publicada no jornal *Gazeta de notícias*, em 17/12/1884.

<sup>239</sup> FONSECA, Gondin da. *Machado de Assis e o hipopótamo: uma revolução biográfica*. 2 ed. São Paulo: Fulgor, 1960.

cólera, tuberculose e peste bubônica devastavam, consecutivamente, a população carioca. Em agosto de 1955, por exemplo, uma epidemia de cólera causou a morte de cerca de 100 mil pessoas. Por tantos motivos, as condições de sobrevivência, especialmente das classes menos favorecidas, eram bastante difíceis. A expectativa de vida era muito baixa e a mortalidade infantil excessivamente alta, o que tornava raro ver alguém passar da faixa dos cinquenta anos de idade. Este triste quadro social foi sentido também na chácara do Livramento, quando Maria, a única irmã de Machado, morreu de sarampo, em julho de 1845, aos 4 anos de idade. Meses depois a vítima foi sua estimada madrinha, D. Maria José de Mendonça Barroso. Em 1849, fora sua mãe, Maria Leopoldina, então com 36 anos, que sucumbiria à tuberculose. A doença atingia sobretudo os jovens, o que fez com que muitos poetas amigos de Machado acabassem também perdendo a vida muito cedo<sup>240</sup>; com efeito, “a República dos poetas vestiu luto e o chorou ruidosamente” (MASSA, 2009: 130). O menino mulato, franzino, desfrutava de boa saúde e resistira com vigor às inúmeras epidemias da época, sofrendo apenas a influência do *contágio poético*<sup>241</sup>. Tais acontecimentos, no entanto, sucessivos e irremediáveis, formariam cicatrizes profundas e indissolúveis na alma de Machado de Assis, como ele próprio descreve em seu poema:

*Repousa, linda flor, vem suaviza  
A fraga que devora um peito ansioso,  
Um peito que tem vida, mas que vive  
Envolto na tristeza*<sup>242</sup>.

Magalhães Júnior (2008: 12) nos lembra que, além do saneamento, muito precária também era a iluminação da cidade; poucos eram os lampiões a azeite que quebravam a total escuridão das ruas e das praças: “a iluminação de azeite, muito limitada, de luz fátua e ainda assim em extremo sensível à influência lunar<sup>243</sup>”. Machado acompanhou esta fase de transformação do desenvolvimento urbano da cidade, que, com a chegada da iluminação a gás, inaugurou uma possibilidade de vida noturna que até então os cariocas pouco conheciam. Muitas foram as consequências psicológicas e sociais desse urbanismo, das quais o autor nos presenteou, mais tarde, com interessantes recordações:

<sup>240</sup> Entre eles podemos citar Álvares de Azevedo, Gonçalves Braga, Macedinho Júnior e Casemiro de Abreu, todos amigos próximos de Machado.

<sup>241</sup> Expressão usada por Massa (2009 p. 103), para referir-se à incrível imunidade de Machado.

<sup>242</sup> *Marmota*, nº 564, 20 de março de 1855. Dispersos, p. 4.

<sup>243</sup> PARANHOS, José Maria da Silva. *Cartas ao amigo ausente*. Rio de Janeiro: ABL, 1953. p. 15.

Lembra-me (era bem criança) que, nos primeiros tempos do gás no Rio de Janeiro, houve uns dias de luz frôuxa, de onde os moleques sacaram este dito: o gás virou lamparina<sup>244</sup>.

Quando éramos alegres — ou, o que dá no mesmo, quando eu era alegre, — aconteceu que o gás afrouxou enormemente. Como se despistou o povo da calamidade? Com um mote: o gás virou lamparina. Ouvia-se isto por toda a parte, lia-se no meio de grande riso público<sup>245</sup>.

Outro agravante dos problemas urbanos era a debilidade do transporte público. Raros eram os ônibus e as barcas — que saíam da Prainha para São Cristóvão e Caju. Mais tarde, o próprio Machado recriaria este ambiente de sua infância em uma de suas crônicas:

Tínhamos diligências e ônibus; mas eram poucos, com poucos lugares, creio que oito ou dez, e poucas viagens. Um dos lugares era eliminado para o público. Ia nele o recebedor, um homem encarregado de receber o preço das passagens e abrir a portinhola para dar entrada ou saída aos passageiros. Um cordel, vindo pelo tejadilho, punha em comunicação o cocheiro e o recebedor; este puxava, aquele parava ou andava. Mais tarde, o cocheiro acumulou os dois ofícios. [...] Já passou a diligência? Lá vem o ônibus! Tais eram os dizeres de outro tempo<sup>246</sup>.

Segundo Massa (2009: 76), após a morte da mãe, o pai de Machado, então com 48 anos, casa-se novamente com Maria Inês, uma mulata de 33. Eles resolvem deixar o Livramento e tentar a vida no bairro de São Cristóvão. A madrasta fazia doces para vender no Colégio Meneses, lugar onde o menino teria assistido a algumas aulas como ouvinte. De fato, o novo casamento do pai significava, para Machado, uma possibilidade de conviver mais diretamente com o universo letrado. Tal afirmação sustenta-se pelo testemunho de Hemetério dos Santos<sup>247</sup>, que escreveu em carta a despeito de D. Maria Inês:

Acompanhando a aplicação apaixonada e teimosa do enteado, Maria Inês ensinava-lhe todas as noites, e às escondidas, o pouco de suas letras, quando o marido ia disreterear com o vigário de São Cristóvão, onde moravam... Bem depressa a boa e inquieta madrasta, antes mãe cuidadosa e caroável, já nada mais tinha a transmitir ao menino<sup>248</sup>.

De acordo com os dados biográficos levantados por Gondim (1965: 249), teria sido também a madrasta a pessoa responsável por fazer com que o menino aprendesse, com uma improvável facilidade, a língua francesa:

<sup>244</sup> Crônica de Machado publicada originalmente no jornal *Gazeta* em 23 de outubro de 1892.

<sup>245</sup> Crônica de Machado publicada originalmente no jornal *Gazeta* em 21 de maio de 1893.

<sup>246</sup> A SEMANA. Crônica de Machado publicada em 06 de agosto de 1893. Disponível em: <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=28393#C1893> [02 de abril de 2015].

<sup>247</sup> Hemetério José dos Santos (1858 — 1939) era gramático e filólogo e foi professor da Escola Normal do Distrito Federal, do Colégio Pedro II e do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Recebeu em 1920 a patente de Tenente-Coronel Honorário do Exército Brasileiro. Negro e de origem humilde, Hemetério foi uma figura histórica no combate ao racismo e em defesa da educação extensiva a todos.

<sup>248</sup> Carta de Hemetério dos Santos publicada em 29 de novembro de 1908, no jornal *Gazeta de Notícias*. In: MASSA, 2009 p. 76-77.

Maria Inês pediu ao forneiro de Madame Gallot, com a padaria à Rua São Luís Gonzaga, que lhe ensinasse o francês, que depressa aprendeu a ler, traduzir e falar regularmente, porque em dedicação o mestre corria paralelo com o discípulo<sup>249</sup>.

Todas as possibilidades de aprendizado eram aproveitadas pelo menino. Ávido por conhecimento, desde muito cedo Machado soube fazer bom uso das oportunidades que se lhe apresentavam. Acreditamos que, mesmo menino, ele sabia que aquela seria a única maneira de mudar sua trajetória, de tornar-se verdadeiramente autor de sua história:

Metido na sua roupinha surrada esforçando-se por não gaguejar, corria para casa de Madame Gallot. Apenas tinha uma folga e lá ficava a falar, a conversar, todo ouvidos, todo atenção, certo de que assim estava preparando o futuro.

(PEREIRA, 1988: 44)

Um outro relato muito interessante do qual temos notícia foi escrito por Arthur Azevedo, diretor da revista *O Álbum*, no qual publicara um perfil do autor em 1893. O diferencial deste texto situa-se no fato de Arthur ter sido companheiro de Machado no Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, o que pode representar um raro testemunho colhido do próprio autor para com o amigo:

[...] sabendo apenas ler e escrever, tratou de instruir-se a si mesmo, sem professores nem conselheiros, e assim adquiriu todos os conhecimentos indispensáveis à carreira com que devia ilustrar o seu nome. Para dar uma ideia da força de vontade que ele possuía – como ainda possui – em se tratando de enriquecer o espírito, basta dizer que tinha por perto de 50 anos quando aprendeu a língua alemã.

(MAGALHÃES JR., 2008: 21)

As primeiras correspondências de Machado de que temos notícia revelam traços de um homem bem diferente daquele autor sério e pessimista que é descrito por seus biógrafos em inúmeras obras inspiradas em sua vida — dado compreensível se pensarmos que raros eram os elementos encontrados acerca de sua infância e juventude em documentos oficiais. Com alguma insistência, no entanto, é possível encontrar relatos sobre este período nas crônicas do autor: “Eu fui criado com sinos, com estes pobres sinos das nossas igrejas<sup>250</sup>”. Os sinos eram, para o autor, uma lembrança da infância, já que o Livramento era um lugar muito calmo e com poucos ruídos. Do alto da colina ouvia-se apenas o tocar dos sinos (MASSA, 2009: 70). Seu gosto pelos sinos, portanto, vem antes

<sup>249</sup> GONDIM, Eunice Ribeiro. *Vida e obra de Paula Brito*. Col. Vieira Fazenda, 4. Rio de Janeiro: 1965.

<sup>250</sup> Crônica de Machado de Assis publicada em 03 de julho de 1892, no jornal *Gazeta*.

das funções que exerceu de coroinha, já que o autor, segundo seus biógrafos, (Massa, Pujol, Fonseca e Viana Filho), teria sido assíduo colaborador nas missas de domingo.

Não sabemos que espécie de problemas teria enfrentado Machado para raramente evocar lembranças de seus primeiros anos de vida. São evidentes os consecutivos lutos que assolaram sua família no Livramento, mas o autor não faz, a este respeito, confissões mais emotivas. São esparsos e reticentes os relatos que encontramos em sua obra:

Onde vai, porém, a minha astúcia? Perdi-a com a infância. A inocência em mim foi uma evolução, apareceu com a puberdade, cresceu com a juventude, vai subindo com estes anos maduros, a tal ponto que espero acabar com a alma virgem das crianças que mamam<sup>251</sup>.

Nesta época, começava-se a trabalhar com nove ou dez anos de idade e o pai do escritor tinha a intenção de colocá-lo no comércio. De acordo com Araripe Júnior, “o filho de operário, foi destinado, em princípio, ao comércio, onde permaneceu apenas três dias, como caixeiro de uma loja de papel” (1963: 5)<sup>252</sup>. Ainda sobre esta fase da vida de Machado, encontramos um interessante testemunho na biografia de Massa (2009: 90):

Um habitante de São Cristóvão lhe relatara que um adolescente, que parecia ter treze ou catorze anos, “magrinho, mas modesta e limpamente vestido”, fazia todos os dias o percurso, de barca, entre aquele bairro e o cais Pharoux. Mergulhado na leitura, partia de manhã e retomava à tarde, sem levantar os olhos, indiferente às pessoas, aos incidentes da viagem, à beleza da baía.

Relato muito semelhante ao que faz Pereira (1988: 45), acerca do menino que, indiferente às inúmeras belezas naturais da cidade do Rio de Janeiro, permanecia sempre compenetrado em sua leitura, a melhor maneira que descobrira para apropriar-se do tempo:

A barca vinha cedo para a cidade, e voltava à tarde, conduzindo sempre os mesmos passageiros, gente que tinha empregos no centro. Como era natural, a camaradagem se estabeleceu entre esses companheiros diários, todos conversavam para matar o tempo. Só o mocinho magro, sempre com um livro na mão, nunca dirigiu a palavra a ninguém. Mal se sentava, logo afundava na leitura, e assim ia e voltava, parecendo ignorar os que o cercavam. Sem levantar os olhos do livro, indiferente aos espetáculos da viagem, à beleza da baía, às embarcações que encontravam. Era Machado de Assis.

Facilmente perceptível é o fato de o autor nunca ter se mostrado muito comovido pela beleza da cidade do Rio de Janeiro, talvez por ser esta a única paisagem que ele verdadeiramente conheceu. O mar, as montanhas, a imensa baía, tudo, enfim, constituía

<sup>251</sup> Crônica de Machado de Assis publicada em 10 de fevereiro de 1895, no jornal *Gazeta*.

<sup>252</sup> ARARIPE JÚNIOR. Machado de Assis. *Revista Brasileira*. 1º de janeiro de 1895. In: \_\_\_\_\_. *Obra crítica*. III. Rio de Janeiro, 1963.

um cenário corriqueiro para Machado. A rara presença de descrições em sua obra pode ser justificada por este “natural desinteresse” que lhe era peculiar, em relação ao espetáculo que se apresentava gratuitamente todos os dias diante dos seus olhos. A tal indiferença foi de fato assumida pelo autor ao seu questionado a respeito: “A natureza não me interessa, o que me interessa é o homem”<sup>253</sup>. Em certa ocasião, Machado declarou em uma crônica sua surpresa quanto ao fascínio de um estrangeiro pela natureza carioca:

O viajante entrou, deu uma volta, saiu e foi postar-se junto à muralha, fitando o mar, o céu e as montanhas, e, ao cabo de cinco minutos: “que natureza vocês têm!” ... A admiração do nosso hóspede excluía qualquer ideia da ação humana. Não me perguntou pela fundação das fortalezas nem pelos nomes dos navios que estavam ancorados. Foi só a natureza<sup>254</sup>.

O que realmente interessou a Machado sempre foi a personalidade humana. Segundo o professor francês Roger Bastide, o autor não elimina a natureza de sua escrita, mas a reduz ao mínimo, para que sobressaia o homem:

E foi isso, com efeito, o que procurou realizar em seus romances: não permitir descrições para divertimento, verdadeiros enfeites postiços no livro; é preciso que a natureza seja uma personagem que represente o seu papel, que a paisagem tenha significação e finalidade próprias, que sirva para facilitar a compreensão dos homens ou auxiliar o desenrolar da ação, e não seja um mero quadro rígido<sup>255</sup>.

(BASTIDE, 2002-2003: 196)

A breve análise deste traço peculiar da personalidade machadiana auxilia-nos a compreender certos aspectos retórico-discursivos de sua escrita, presentes ainda em suas primeiras poesias. De fato, a carreira literária do jovem iniciou-se muito cedo, contrariando todas as previsões possíveis para um menino pobre e mulato nascido no Livramento, que nunca tivera acesso à escola. Entendemos que todos os elementos brevemente citados auxiliaram a moldar o complexo mosaico que define a personalidade de Machado de Assis. O acesso à casa da madrinha, repleta de elementos culturais, como livros e pinturas, teria contribuído de forma intensa para sua emancipação tanto social quanto cultural. A maneira como ocorreu sua familiarização com as letras e a busca incessante por um conhecimento que se deu, em grande parte, de forma autodidata, podem explicar seu interesse pela leitura (e consequentemente pela escrita) em um país de analfabetos.

<sup>253</sup> LAGO, Sylvio. *Contrastes e convergências: estudos da literatura comparada*. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2011. p. 99.

<sup>254</sup> Crônica de Machado publicada originalmente no jornal *Gazeta* em 20 de agosto de 1893.

<sup>255</sup> BASTIDE, Roger. Machado de Assis, paisagista. *REVISTA USP*, São Paulo, n. 56, pp. 192-202, dezembro/fevereiro 2002-2003.

Com apenas catorze anos e já afastado da família, Machado publicava seu primeiro texto, no modesto jornal *Periódico dos Pobres*<sup>256</sup>, em 03 de outubro de 1854. Tratava-se de um poema intitulado “Soneto” com a seguinte dedicatória: “À Ilma. Sra. D. P. J. A.”. Desanimado com a falta de repercussão de seu texto, apenas no ano seguinte aventurou-se na publicação de outro poema, “Ela”, que saiu em 12 de janeiro de 1855 na revista *Marmota Fluminense*<sup>257</sup>, dirigida por Paula Brito<sup>258</sup>, um simpático editor que acolhia espontaneamente os jovens e a eles concedia espaço para a circulação de suas obras iniciais. Apenas quatro dias após esta publicação, o poema “A palmeira” sairia na mesma revista, alavancando os demais que naturalmente surgiriam. A grande chance do jovem poeta ser-lhe-ia oferecida pelo mesmo Paula Brito, que concedeu a Machado a oportunidade de escrever o poema em homenagem ao então Imperador do Brasil D. Pedro II, em razão de seu aniversário de 30 anos. O “Soneto a S. M. o Imperador, o Senhor D. Pedro II” fora estampado na primeira página do *Marmota Fluminense*. No entanto, o tom do poema não é de todo laudatório, é possível vislumbrar uma fração da crítica, com a qual, anos mais tarde, o escritor escreveria grande parte de sua prosa literária:

*Nesse trono, Senhor, que foi erguido  
Por um povo já livre, e sustentado por ti*<sup>259</sup>.

De fato, o nome de Paula Brito constitui-se como um fator de fundamental importância para a formação da cultura brasileira, como nos lembra Massa (2009: 84-85):

A população do Rio, que tinha até então pouco gosto pela cultura, até mesmo pela leitura simplesmente — ainda que não se contem os escravos e os iletrados —, não constituía um mercado seguro. Mas, sempre alerta, ele reunia os homens de boa vontade. Nos fundos da sua loja reunia os jovens escritores de quem publicava os primeiros ensaios.

Neste ambiente acolhedor criado por Paula Brito, liam-se poemas, circulavam notícias sobre novos espetáculos, respirava-se literatura. O clima era propício para o nascimento de novas ideias e discussões, o que culminou no surgimento de diversos grupos

<sup>256</sup> De inspiração portuguesa, o *Periódico dos Pobres* era um jornal trissemanal, surgido no Rio de Janeiro em 15 de abril de 1850, tendo sua circulação interrompida em 1871.

<sup>257</sup> Revista fundada por Paula Brito em 1849. O negócio compreendia uma impressora, uma casa editora e uma loja comercial, sendo, portanto, de um grande e importante empreendimento cultural na época.

<sup>258</sup> Francisco de Paula Brito (1809 — 1861) foi um editor, jornalista, escritor, poeta, dramaturgo, tradutor e letrista carioca. Trabalhou em diversas tipografias e foi o fundador da Sociedade Petalógica. Segundo Massa (2009), era um mulato saído de um meio bastante humilde de artesãos e após 1831 estabeleceu-se na Praça da Constituição, centro do Rio de Janeiro, para iniciar sua carreira no ramo editorial.

<sup>259</sup> *Marmota*, n° 642, em 28 de outubro de 1855. Dispersos, p. 23.

literários e movimentos culturais. Alguns dos mais importantes e conhecidos frutos desta fase são a Sociedade Petalógica<sup>260</sup> e a Sociedade Ipiranga, que todo dia 7 de setembro tinha como costume libertar “por merecimento” alguns escravos, por meio de compras de cartas de alforria, custeadas com a concessão de direitos autorais de alguns escritores.

Teria sido na Sociedade Petalógica, inclusive, que Machado teria tido contato com membros da mais elevada elite carioca, o que pode explicar, em parte, seu comportamento refinado em dissonância com sua origem humilde. Ainda na Petalógica, o aprendiz das Letras tivera contato com alguns dos maiores nomes da Literatura Brasileira da época, como Araújo Porto-Alegre<sup>261</sup>, Joaquim Manuel de Macedo<sup>262</sup>, Francisco Otaviano<sup>263</sup> e, curiosamente, com aquele que daria ao jovem escritor a primeira possibilidade de publicar seus poemas em um jornal de grande circulação e prestígio. Tratava-se de José de Alencar<sup>264</sup>, redator e gerente do *Diário do Rio de Janeiro*.

O convívio com os maiores nomes da intelectualidade carioca representava, para o jovem escritor, a abertura de um mundo novo, repleto de conhecimentos e experiências aos quais ele possivelmente jamais teria contato se continuasse a viver como empregado no Livramento. A diversificação da bagagem cultural e o amadurecimento literário somavam ganhos inestimáveis para qualquer autor, especialmente para alguém que veio de um meio social tão humilde. Para Massa, Machado “não descobria a cidade do alto ou de longe, mas lá passava as horas mais ativas do seu tempo, sua jornada de trabalho” (2009: 88). Tratava-

---

<sup>260</sup> Paula Brito criou, em sua loja, a “Sociedade Petalógica”, ou “Sociedade Petalógica do Rossio Grande”, uma agremiação literária e artística, cujo nome deve-se à “liberdade” com que seus membros utilizavam a imaginação (uma petra = uma mentira). A Petalógica conseguiu a façanha de reunir os maiores nomes da Literatura Brasileira da época, como Gonçalves Dias, Laurindo Rabelo, Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antonio de Almeida, Machado de Assis e muitos outros. Além dos literatos, políticos, artistas e intelectuais reuniam-se na Livraria de Paula Brito.

<sup>261</sup> Manuel José de Araújo Porto-Alegre (1806 — 1879) foi um escritor, político, jornalista (fundador de várias revistas, dentre elas a *Nitheroy*, *Revista Brasiliense* e *Lanterna Mágica*), pintor, caricaturista, arquiteto, crítico e historiador de arte, professor e diplomata brasileiro.

<sup>262</sup> Joaquim Manuel de Macedo (1820 — 1882) foi um médico, jornalista, político, professor, romancista, poeta, teatrólogo e memorialista brasileiro. Foi autor de *A Moreninha*, lançado em 1844, considerado o primeiro romance publicado no país. É o patrono da cadeira nº 20 da Academia Brasileira de Letras.

<sup>263</sup> Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1825 — 1889) foi um advogado, jornalista, diplomata, político e poeta brasileiro. Foi deputado e senador do Império de 1867 a 1889. É patrono da cadeira 13 da Academia Brasileira de Letras. Foi o negociador do Tratado da Tríplice Aliança entre Brasil, Argentina e Uruguai.

<sup>264</sup> José de Alencar (1829 — 1877) foi romancista, dramaturgo, jornalista, advogado e político brasileiro. Foi um dos maiores representantes da corrente literária indianista. Destacou-se na carreira literária com o romance “*O Guarani*”, publicado em forma de folhetim, no *Diário do Rio de Janeiro*, onde alcançou enorme sucesso. Foi escolhido como seu patrono por Machado de Assis, ao assumir como imortal e como presidente da instituição, a cadeira de nº 23, da Academia Brasileira de Letras. José de Alencar consolidou o romance brasileiro, ao escrever movido por sentimento de missão patriótica e também foi o responsável por criar uma literatura nacionalista e tipicamente brasileira.

se, na verdade, de um meio de inserção social do menino pobre ao mais alto escalão da sociedade intelectual do Rio de Janeiro. Era uma forma de, através do seu talento e de sua cultura, o jovem mulato ser naturalmente aceito naquele seletivo grupo social. Em suas crônicas, Machado inúmeras vezes retomou tais recordações:

A Sociedade Petalógica, como é sabido, teve nascimento na antiga casa do finado e sempre chorado Paula Brito. Quando a sociedade nasceu já estava feita; não se mudou nada ao que havia, porque os membros de então eram aqueles que já se reuniam diariamente na casa do finado editor e jornalista<sup>265</sup>.

Este livro é uma recordação, – é a recordação da Petalógica dos primeiros tempos, a Petalógica de Paula Brito – o café Procópio de certa época, – onde ia toda a gente, os políticos, os poetas, os dramaturgos, os artistas, os viajantes, os simples amadores, amigos e curiosos, – onde se conversava de tudo – desde a retirada de um ministro até a pirueta da dançarina da moda; onde se discutia tudo, desde o dó de peito do Tamberlick até os discursos do marquês de Paraná, verdadeiro campo neutro onde o estreado das letras se encontrava com o conselheiro, onde o cantor italiano dialogava com o ex-ministro<sup>266</sup>.

Alheios aos problemas políticos, era comum que se formassem pequenas repúblicas de amigos, que se encorajavam e exerciam, uns nos outros, fecunda e permanente influência. Foi nesta época, que um grupo de jovens<sup>267</sup> com profundas pretensões literárias, começou a se reunir, periodicamente, no escritório de Caetano Filgueiras<sup>268</sup>, um jovem advogado que concedia-lhes acolhida para reuniões acerca de discussões envolvendo diversos projetos artísticos. O amigo viria a escrever, mais tarde, o prefácio de *Crisálidas*, a primeira coletânea de poemas de Machado de Assis, aquele mesmo menino franzino sobre o qual falara Filgueiras:

Há dez anos... sim... dez anos! ... Como resvala o tempo sobre a face da terra? ... Éramos sempre cinco, — algumas vezes sete: O mavioso rouxinol das *Primaveras*. O melífluo cantor das *Esperanças*. O inspirador autor das *Tentativas*. O obscuro escritor destas verdades. O quinto era um menino... uma verdadeira criança; não tinha nome, e posto que hoje todos lh'o conheçam, não me convém a mim dizê-lo neste lugar, e tão cedo<sup>269</sup>.

<sup>265</sup> Crônica de Machado publicada no *Diário do Rio de Janeiro* em 24 de dezembro de 1861.

<sup>266</sup> Crônica de Machado publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, em 03 de janeiro de 1865.

<sup>267</sup> Era o famoso Grupo dos Cinco, ou como disse Filgueiras, às vezes dos Sete, cujos encontros tornaram-se mais assíduos a partir de 1857. O grupo de jovens literatos era formado por: Casimiro de Abreu, José Joaquim Cândido de Macedo Júnior, o Macedinho, Gonçalves Braga, Caetano Filgueiras e Machado de Assis. Os outros dois nomes eram, ao que tudo indica, o poeta português Augusto Emílio Zaluar e o fluminense José Alexandre Teixeira de Melo.

<sup>268</sup> Caetano Alves de Sousa Filgueiras (1830 — 1882) foi um advogado, professor, político, dramaturgo, poeta, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e sócio de diversas associações literárias de Pernambuco. Foi também redator do *Noticiador*, da Paraíba, e dos periódicos *Diário do Rio de Janeiro*, *Futuro*, *Guanabara Jornal das Famílias e Constitucional*, do Rio de Janeiro. Foi presidente da província de Goiás, de 26 de junho a 5 de novembro de 1862.

<sup>269</sup> FILGUEIRAS, Caetano. Prefácio de *Crisálidas*, escrito em 22 de julho de 1864. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/crisalidas.html> [04 de dezembro de 2015].

Os encontros entre os jovens literatos ocorriam à noite, já que durante o dia, exerciam suas mais diversas atividades profissionais. A atividade poética, para aquela geração de moços, representava a fuga e o sonho, o desejo e a esperança. Tal panorama fora comentado por Massa (2008: 101), em sua biografia:

A poesia representava uma das raras portas que a eles permaneciam abertas, vários deles sabiam ler e escrever. A nostalgia da pátria e o clima de romantismo que então reinava no Brasil, transformavam os melhores em poetas. Era a evasão pela poesia, que lhes permitia esquecer a miséria da sua condição.

Além das crônicas, como vimos, o que sabemos dessa época deve-se, em grande parte, à leitura das correspondências do autor, que ajudam a reconstruir os tempos de mocidade, as experiências pessoais e as amizades de Machado. Algumas das recordações mais nítidas dos tempos de adolescência encontramos fragmentadas, em um sutil confessionalismo, no decorrer de sua epistolografia. O autor, avesso à banalidade das descrições, raramente as faz para contar de si. No entanto, algumas preciosidades de suas lembranças lapidamos na carta que Machado escreve a Filgueiras:

*Recordaste os nossos amigos, poetas na adolescência, hoje idos para sempre dos nossos olhos e da glória que os esperava. [...] Vai longe esse tempo. Guardo a lembrança dele, tão viva como a saudade que ainda sinto, mas já sem aquelas ilusões que o tornavam tão doce ao nosso espírito. O tempo não corre em vão para os que desde o berço foram condenados ao duelo infausto entre a aspiração e a realidade. Cada ano foi uma lufada que desprendeu da árvore da mocidade, não só uma alma querida, como uma ilusão consoladora<sup>270</sup>.*

O escritor revela seu *ethos* saudosista em carta ao próprio Filgueiras, ao comentar acerca dos tempos de adolescência, do contato com os jovens amigos e também sonhadores das Letras, em uma rara demonstração de suas memórias íntimas:

*A tua pena encontrou expressões de verdade e de sentimento para descrever as nossas confabulações de poetas, tão serenas e tão íntimas. Tiveste o condão de transportar-me a essas práticas da adolescência poética; lendo a tua carta pareceu-me ouvir aqueles que hoje repousam nos seus túmulos, e ouvindo dentro de mim um ruído de aplauso sincero às tuas expressões, afigurava-se-me que eram eles que te aplaudiam, como no outro tempo, na tua pequena e faceira salinha<sup>271</sup>.*

A gratidão de Machado para com o amigo, foi algo que o autor cultivou por toda a vida. Mais adiante, discutiremos a questão do encorajamento aos jovens escritores, que ele

<sup>270</sup> Carta de Machado a Caetano Filgueiras, escrita em 1.º de setembro de 1864. In: ACT I-08 p. 67. Esta carta figurou na primeira edição das *Crisálidas* (setembro de 1864); mas foi retirada pelo próprio Machado da edição de suas *Poesias Completas* (1901).

<sup>271</sup> *Idem, ibidem.*

próprio recebera, quando “começava a versificar algumas ruins estrofes”<sup>272</sup>. Tal atitude mudaria sua visão a respeito do modo como ele acreditava que os autores mais jovens poderiam ser acolhidos pelos mais experientes, o que influenciaria, em definitivo, a maneira como ele próprio mais tarde se relacionaria com os jovens:

*As primeiras animações vieram dele, e dele vieram os primeiros conselhos. Solícito pelo progresso alheio, o Sr. Dr. Caetano Filgueiras felicitava-se quando via que os conselhos e animações não eram de todo perdidos, e realizava assim essas duas coisas, tão comuns na boca, tão raras no coração e no espírito, a amizade pessoal e a fraternidade literária*<sup>273</sup>.

O exame mais apurado das missivas escritas e, sobretudo das recebidas, remetem a um outro personagem, o jovem Machadinho<sup>274</sup>, boêmio e namorador, constantemente requisitado pelos amigos mais próximos para ouvir suas confidências íntimas. É o que podemos verificar nos fragmentos de algumas correspondências passivas do autor:

*Machadinho. Rogo-te, por favor, entregares este livro a Dona Gabriela e dá-lhe as melhores desculpas por não ir oferecer-lho pessoalmente. Continuo ainda bastante doente e parto para Nova Friburgo. Adeus, dá-te um abraço o teu C. de Abreu*<sup>275</sup>.

*Machadinho, Salve. Agradeço-te. Apesar de apaixonado foste pontual! Não pensava que tanta constância e firmeza (quando se tratasse de dote do coração) fossem um dote do meu Machadinho. Oh! Quanto és feliz – sonhas – escreves, e que de coisas bonitas não terás escrito – sem teres mandado uma cópia para o teu amigo. É longe isto aqui – a longitude é o inspirador de todo sentimento puro – é prova disso, não ter eu ainda em meu poder, nada dessas belezas, que por aí terás dado a ler – que remédio, senão a consolação. Creio que houve grande leilão de paixões, este ano, já te vi arrematar uma, que deve-te ser um pouco pesada, menos que aquele marido, mais que minhas maçadas [...]*<sup>276</sup>.

É curioso perceber, no cruzamento da leitura da correspondência de Machado com alguns poemas da época, em especial os “*Versos a Corina*<sup>277</sup>”, que segredos e paixões da juventude poderiam estar ligadas às atrizes e cantoras que passavam em excursão pelo país.

<sup>272</sup> Carta de Machado a Filgueiras, escrita em 22 de maio de 1866. In: *Revista do Livro*, XI, 1958 p. 197.

<sup>273</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>274</sup> Esta era a forma carinhosa como os amigos se dirigiam a Machado nos tempos da mocidade. Conforme cartas de Casemiro de Abreu (19/07/1860), Sizenando Nabuco (04/04/1864), Faustino Xavier de Novais (17/02/1865) e do próprio Machado à sua namorada e futura esposa Carolina (02/03/1869). Disponível em: <http://www.academia.org.br/antigo/media/Correspondencia%20Machado%20de%20Assis%20-%20TOMO%20I-1860-1869%20-%20PARA%20INTERNET.pdf> [07 de janeiro de 2015].

<sup>275</sup> Carta de Casemiro de Abreu a Machado, escrita em 19 de julho de 1860. In: ACT I-08 p. 2.

<sup>276</sup> Carta de Sizenando Nabuco a Machado, escrita em 4 de abril de 1864. In: ACT I-08 p. 39-40.

<sup>277</sup> Corina foi a primeira musa de Machado, antes de conhecer Carolina, que seria sua companheira por 35 anos. O poema é parte de *Crisálidas*, o primeiro livro de poesia do autor, publicado em 1864. O poema dedicado a Corina, na edição das Poesias Completas, foi alterado por Machado, com a retirada de um conjunto de 22 versos, relacionando sua musa às de outros poetas: Leonor (Tasso), Lívia (Horácio), Beatriz (Dante Alighieri), Catarina (Luís de Camões), Corina (Ovídio), Cíntia (Propércio), Lésbia (Catulo), Délia (Tibulo). Deste bloco fazia parte ainda o verso que mais tarde seria usado como lema da Academia Brasileira de Letras: “*Esta a glória que fica, eleva, honra e consola*”.

Pode ser o caso da tal mulher casada, a que referira Sizenando Nabuco na carta anterior. O fato é que, tais versos, retratam um amor profundo e secreto, fruto das aventuras amorosas de Machadinho. A referência à paixão de Machado por Corina aparece em outras missivas:

*No dia 25 [abril] pretendo fechar-me no meu quarto, escrever uma página a ti... e chorar por ti... é o dia em que ela dever partir. Ai, meu poeta... meu amigo... como te lastimo... o presente... com o teu futuro fico descansado*<sup>278</sup>.

*O fogo com que me escreveste foi ardente e passageiro. Ardente, chamo-o eu porque respondeste a três cartas minhas! Passageiro porque em ti... perdoa-me, melhor sorte desejo a teu amor. [...] poetas como tu, que têm no peito um vulcão, não podem ter constância, ela teme muito as erupções sentimentais: admira-me que o Etna que tens se conservasse quatro dias sem fogo. Li tua poesia no Diário. Consolo-me em ver teu nome. E sempre, escrevo-te [...]*<sup>279</sup>.

*Machadinho. Tenho muita precisão de falar contigo, e, como és um Boêmio, incerto em toda a parte, ousa pedir-te que me procures na Praça, hoje, sem falta [...]*<sup>280</sup>.

Outro testemunho interessante acerca deste “Machadinho”, encontramos na obra de Gilberto Freyre (1962), que fala sobre os hábitos requintados adquiridos pelo jovem poeta:

Do próprio Machado de Assis é lícito supor-se ter devido parte dos eu refinamento de gosto e de maneiras a essas “estrangeiras”: *cocottes*, ou atrizes ou modistas – *mesdames* ou *mesdemoiselles* – de chapéu de plumas e punhos de renda, do tipo da famosa Susana, com as quais Machadinho esteve muito em contato nos seus dias de crítico de teatro<sup>281</sup>.

A juventude de Machado de Assis foi uma época de intensa produtividade para o autor e de imensa efervescência artística no país. De fato, o período compreendido entre 1860 e 1869 é de fundamental importância para a História do Brasil, pois aflorava uma geração que nascera independente. Para a Literatura, esta emancipação tornou-se também efetiva. Os autores flutuavam entre o Romantismo e o Realismo, que buscava ainda se firmar com nitidez. Questionavam-se os problemas humanos, os conflitos do sujeito consigo próprio e com a sociedade. É essencialmente nesta perspectiva que sentimos a falta de estudos que levem em consideração a dimensão histórica do homem Machado e o itinerário de sua complexa evolução pessoal. As biografias a que recorremos para entender a psicologia machadiana pouco esclarecem acerca do período em questão.

Em contrapartida, o decênio de 60 corresponde aos anos iniciais de uma longa trajetória epistolar iniciada por Machado, bem como ao início de sua maturidade. Segundo

<sup>278</sup> Carta de Sizenando Nabuco a Machado, escrita em 04 de abril de 1864. In: ACT I-08 p. 39-40.

<sup>279</sup> Carta de Sizenando Nabuco a Machado, escrita em 24 de abril de 1864. In: ACT I-08 p. 45.

<sup>280</sup> Carta de Faustino Xavier de Novais, escrita em 14 de julho de 1865. In: ACT I-08 p. 110.

<sup>281</sup> FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. Rio de Janeiro, 1962. p. 192.

Rouanet (2008: 16), “do ponto de vista da obra, as cartas dos anos 60 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis”. Mas quando se inicia, de fato, sua correspondência, quem era Machado de Assis?

Mesmo antes de completar seus 25 anos, o jovem autor já acumulava uma larga experiência nas mais diversas áreas literárias, como a poesia, o teatro, a crônica e a crítica. Suas novelas já haviam sido publicadas e várias de suas comédias estavam sendo representadas — muitas, inclusive, com arrecadação revertida para a causa abolicionista ou, como dissemos, para comprar cartas de alforria de escravos, já que o autor participava ativamente desta causa, contrariando o tão propagado “absenteísmo” de Machado em relação à questão escravista<sup>282</sup>. Seu papel fora, inclusive, decisivo quanto à aplicação da Lei do Ventre Livre e à resolução de processos de libertação, já que exercia um importante cargo enquanto chefe da seção encarregada da emancipação de escravos. Contrariando os leigos, é bom que se lembre, que o autor sempre esteve envolvido com tais questões.

A escalada rumo à consagração foi meteórica. Em 1861 foi publicado o primeiro livro de Machado, não como autor, mas como tradutor. Tratava-se da obra *Queda que as mulheres têm para os tolos*<sup>283</sup>, impresso pela tipografia de de Paula Brito, a mesma que, ironicamente, o escritor trabalhara antes como auxiliar de tipógrafo. Machado também via crescer seu prestígio enquanto jornalista, colaborando assiduamente em alguns dos mais respeitados veículos de imprensa do Rio de Janeiro.

A leitura da correspondência do período torna-se fundamental para entender a transição do jovem escritor de poesias românticas à fase adulta, na qual Machado, mesmo sem nunca ter frequentado a escola, passa a ser uma referência enquanto jornalista e cronista do *Diário do Rio de Janeiro*<sup>284</sup>, apenas o início de uma longa e promissora carreira de escritor. Segundo seu amigo Joaquim Nabuco, tratava-se do “jovem Hércules da

<sup>282</sup> Segundo Massa (2008: 280-284), as peças “*O caminho da porta*” e “*Gabriela*”, representadas por diversas vezes em São Paulo entre os anos de 1862 e 1864, incluíam, em seus *slogans*, os seguintes dizeres: “*Em benefício para uma liberdade*”; “*Ide, porque dest’arte também concorrereis para dar a liberdade a um escravo, e assim dar mais um cidadão à pátria*”. Cf. *Correio Paulistano*, 20/09/62 e 29/09/62.

<sup>283</sup> Tradução de *De l’amour des femmes pour les sots*, um ensaio satírico de autoria do escritor e advogado belga Victor Hénau, publicado no final da década de 1850. A tradução de Machado de Assis foi publicada na revista *A Marmota*, em série, entre abril e maio de 1861, sem qualquer indicação do autor ou mesmo de se tratar de uma tradução. Neste mesmo ano foi publicada uma versão impressa em livro, que mencionava o escritor brasileiro como tradutor, mas não se referia ao texto nem ao autor original. Tais lapsos fizeram com a obra fosse, por muito tempo, erroneamente considerada um texto original de Machado.

<sup>284</sup> Machado aceita o convite de Quintino Bocaiúva para integrar a equipe do *Diário do Rio de Janeiro* em 1860, jornal progressista no qual desempenhava a função de redator-chefe. A partir de então, Machado inicia sua vida profissional no jornalismo, exercendo as funções de repórter parlamentar, redator e cronista. O desligamento só ocorre em abril de 1867, quando é convidado a integrar a direção do *Diário Oficial*.

imprensa daquela época”<sup>285</sup>. Consideramos oportuna a declaração de seu amigo e também escritor Graça Aranha (2003: 24), a respeito de sua singular trajetória:

Para aí chegar, a viagem espiritual de Machado de Assis foi bem secreta. Veio do nada, venceu as suas origens modestas, tornou-se homem de cultura, de gosto e criou a sua própria personalidade. É um doloroso e belo poema o da elaboração do gênio neste obscuro heroísmo. Machado de Assis não revelou nunca esse árduo combate interior, não fez transbordar no ódio e no despeito a sua humildade inicial. Aristocratizou-se silenciosamente. O seu heroísmo está neste trabalho de libertar-se da sua classe, nessa tragédia surda do espírito que se eleva, na distinção pessoal, no desdém de ser agressivo aos poderosos e aos felizes. Da sua angústia intelectual transpira a perene melancolia da luta. Das tristes fontes da sua inteligência persiste para sempre o travo da amargura<sup>286</sup>.

É comum observar, ao longo de suas missivas, um jovem escritor ainda inseguro, tateando as diferentes texturas literárias, escolhendo os caminhos que lhe pareciam mais convenientes a seguir. Em carta a Quintino Bocaiúva<sup>287</sup>, ele pede a apreciação do amigo em relação à sua nova investida literária, desta vez no campo do texto dramático<sup>288</sup>. Eis um lado de Machado pouco vislumbrado em suas biografias: a expressão do jovem sonhador, receoso das críticas, dependente da aprovação dos mais experientes, preocupado com o que poderiam pensar a seu respeito, mas também repleto de desejo e de coragem:

*Vou publicar as minhas duas comédias de estreia; e não quero fazê-lo sem o conselho de tua competência. O juízo da imprensa viu nestas duas comédias – simples tentativas de autor tímido e receoso. Se a minha afirmação não envolve suspeitas de vaidade disfarçada e mal cabida, declaro que nenhuma outra ambição levo nesses trabalhos. Tenho o teatro por coisa mais séria, e as minhas forças por coisa muito insuficiente; penso que as qualidades necessárias ao autor dramático desenvolvem-se e apuram-se com o tempo e o trabalho; cuido que é melhor tatear para achar; é o que procurei e procuro fazer. [...] – eis uma ambição própria de ânimo juvenil, e que eu tenho a imodéstia de confessar. Até onde vai a ilusão dos meus desejos? Confio demasiado na minha perseverança? Eis o que quero saber de ti<sup>289</sup>.*

A hesitação durou pouco. O livro teve grande repercussão e a peça *Desencantos*<sup>290</sup> fora, a propósito, traduzida para o francês e publicada no *Courrier du Brésil*, em 1861.

<sup>285</sup> M&N-03 p. 24.

<sup>286</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>287</sup> Quintino Bocaiúva (1836 – 1912) foi um jornalista e político brasileiro, conhecido por sua importante atuação no processo de Proclamação da República. Trabalhou nos jornais *Diário do Rio de Janeiro* (1854), no *Correio Mercantil* (1860-1864), no recém-criado *O Globo* (1874) e em *O Paiz* (1884). Foi um dos fundadores de *A República* e um dos redatores do *Manifesto Republicano*. Como político, foi o primeiro ministro das relações exteriores da República, senador e presidente do Estado do Rio de Janeiro, de 1900 a 1903. Quando faleceu, era presidente do Partido Republicano Conservador.

<sup>288</sup> Trata-se das comédias *Desencantos* e *O caminho da porta*, publicadas em conjunto, no ano de 1861.

<sup>289</sup> Carta-prefácio escrita para a abertura do livro *Teatro de Machado de Assis* (Tipografia do Diário do Rio de Janeiro, 1863). Carta de Machado a Quintino Bocaiúva, escrita em dezembro de 1862. In: ACTI-08 p. 19.

<sup>290</sup> Peça teatral escrita por Machado de Assis em 1861. O texto é dedicado a Quintino Bocaiúva. Mário de Alencar situa a produção teatral de Machado num esforço coletivo de criar um teatro genuinamente nacional que inspirou uma grande produção nas décadas de sessenta e setenta no século XIX.

Os questionamentos típicos da juventude não evidenciam apenas as inquietações próprias de um autor em início de carreira, mas são também testemunhas de suas experimentações literárias e filosóficas. Foi assim, que o jovem poeta amadureceu: inovando em seus escritos, tateando os mais diversos gêneros textuais, arriscando-se em campos menos previsíveis como a paródia e a prosa religiosa, equilibrando-se em suas próprias influências, traduzindo grandes clássicos, escrevendo críticas, transbordando suas obras com referências consagradas. Para Massa (2008: 138), “o poeta não escutava as batidas do seu coração. Tinha outras ambições”.

De fato, as constantes investidas do autor nas mais diversas áreas foram solidificando-se com o passar do tempo. Em 1862, Machado passou a ser censor teatral para o governo, um cargo que, apesar de não remunerado, rendia-lhe livre ingresso nos teatros e um imenso prestígio. Começou também a colaborar em *O Futuro*, dirigido por Faustino Xavier de Novais<sup>291</sup>, que mais tarde tornaria-se seu cunhado. Em 1864, aos 25 anos, era publicado seu primeiro livro de poesias, *Crisálidas*<sup>292</sup>. Foi ainda neste ano que começou a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*<sup>293</sup>, revista direcionada para a elite carioca. Condecorado com a insígnia de *Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa*<sup>294</sup>, foi nomeado ajudante do diretor de publicação do *Diário Oficial*, em 1867.

Continuamos nossas reflexões relembando o século XIX, um período marcado por profundas transformações filosóficas, científicas, artísticas e políticas. O cenário repercute de maneira direta na produção cultural da época, influenciando autores e estabelecendo valores estéticos literários. O mesmo ocorre com o gênero epistolar, que passa a reproduzir, de maneira nítida, as inquietações do homem oitocentista, nomeadamente naqueles que, assim como Machado, traziam consigo o sangue mestiço. Segundo Aranha:

A abolição da escravatura foi o fato social mais preponderante para a transformação do Brasil em duas épocas diversas e antagônicas. Desde o seu povoamento colonial o país tinha uma formação feudal, era uma aglomeração de senhores e escravos. A abolição tirara à aristocracia territorial a sua base e desde logo entramos no caos. [...] Todos os instintos mais primitivos, todas as aspirações mais grosseiras, desencadeiam-se sobre a face da terra brasileira. Ao passo

<sup>291</sup> Faustino Xavier de Novais (1820 – 1869) foi um jornalista, poeta e escritor português radicado no Rio de Janeiro, irmão de Carolina Augusta Xavier de Novais, futura esposa de Machado de Assis.

<sup>292</sup> *Crisálidas* (1864) é o primeiro livro de poesias do autor. A obra constava originalmente de 29 poemas, dos quais 17 foram cortados pelo próprio poeta em 1901, quando editou suas *Poesias Completas*.

<sup>293</sup> O *Jornal das Famílias* (1863 – 1878) foi um periódico da cidade do Rio de Janeiro, que originou-se da Revista Popular (1858 – 1862). Era destinado ao público feminino, que crescia consideravelmente na época e teve como editor Baptiste Louis Garnier.

<sup>294</sup> A Imperial Ordem da Rosa é uma ordem honorífica brasileira, criada em 27 de fevereiro de 1829 pelo imperador D. Pedro I para perpetuar a memória de seu matrimônio com Dona Amélia de Leuchtenberg.

que vão apagando, evaporando as tradições, surge por toda parte o “homem novo”. É o rebento da mestiçagem, a flor da plebe. Invade a sociedade de que os seus incertos antepassados foram excluídos. É vingativo, como o filho de escravo que se liberta, rancoroso como uma pátria que rumina longamente a desforra<sup>295</sup>.

O período também marca um momento de transição no comportamento da sociedade brasileira: era necessário “assumir” certos costumes burgueses. Desde 1808, quando ocorreu a transferência da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro, a cidade iniciou um longo processo de modernização: era o surgimento da iluminação a gás e da água encanada, dos bondes elétricos e dos bairros elegantes, dos grandes teatros, dos hotéis luxuosos e dos imensos jardins públicos. Um período de profundas transformações que alterariam, de forma definitiva, a vida na cidade do Rio de Janeiro. Todas estas mudanças foram vivenciadas por Machado e tiveram espaço em suas crônicas, publicadas, cotidianamente, em periódicos como o *Diário do Rio de Janeiro*, *O Espelho*<sup>296</sup>, *O Paraíba*<sup>297</sup>, *O Correio Mercantil*<sup>298</sup>, *O Futuro*, entre outros, dos quais era colaborador.

Os contos de Machado foram inicialmente publicados em jornais e revistas da época. Para o pesquisador Gledson (1998)<sup>299</sup>, os mais importantes veículos de comunicação que ajudaram a impulsionar a carreira do autor foram *O Jornal das Famílias* (70 contos), *A Estação*<sup>300</sup> (37 contos) e *a Gazeta de Notícias*<sup>301</sup> (56 contos). Embora este tivesse sido um meio eficiente para os propósitos do autor (a publicação de seus textos, o

<sup>295</sup> Cf. M&N-03 p. 50.

<sup>296</sup> *O Espelho* foi uma revista semanal de literatura, modas, indústria e artes.

<sup>297</sup> *O Paraíba* foi um jornal da cidade de Petrópolis (RJ), que circulou de 02/12/1857 a 27/11/1859. O periódico foi fundado por Remígio de Sena (1826-1866) e pelo português Augusto Emílio Zalar (1826-1882), que chegou ao Rio de Janeiro em 1849, após abandonar o curso de medicina, para dedicar-se às Letras. Nele, colaboraram Machado de Assis, Quintino Bocaiúva e Manuel Antônio de Almeida.

<sup>298</sup> *O Correio Mercantil* foi um importante jornal do Rio de Janeiro que recebia crônicas de nomes como Machado de Assis, Francisco Otaviano, João Simões Lopes Neto, José de Alencar e Manuel Antônio de Almeida. O jornal também tinha uma seção para folhetins, que abrigava romances brasileiros inéditos e europeus traduzidos. O jornal, a favor do abolicionismo, divulgava cartas, artigos e entrevistas sobre o tema.

<sup>299</sup> GLEDSON, John. Os contos de Machado de Assis: o machete e o violoncelo. In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos: uma antologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 1. p. 17.

<sup>300</sup> *A Estação*, jornal ilustrado para a família, foi uma antiga revista carioca que abordava a moda como objeto principal, direcionada ao público feminino, e notável por publicar em folhetins, escritos de Machado de Assis, como seu romance *Quincas Borba*, antes de ser lançado como livro. No total, a revista publicou 37 contos, 6 poemas, uma novela e um romance do autor, além de muitos outros trabalhos, como críticas, resenhas, editoriais, traduções, variedades, entre outros.

<sup>301</sup> *A Gazeta de Notícias* foi um periódico publicado no Rio de Janeiro. Circulou entre agosto de 1875 e 1942. Fundado em 2 de agosto de 1875, o jornal introduziu uma série de inovações na imprensa brasileira, como o emprego do clichê, das caricaturas e da técnica de entrevistas, chegando a ser um dos principais jornais da capital federal durante a Primeira República. Também abriu espaço para a literatura (que publicava em folhetins) e promoveu o debate dos grandes temas nacionais da época. Antimonarquista e abolicionista, foi em suas páginas que José do Patrocínio (sob o pseudônimo de Prudhome) iniciou a sua campanha pela abolição da escravatura (1879). Machado de Assis, Capistrano de Abreu, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, João do Rio e os portugueses Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, entre outros, escreveram para a *Gazeta*.

reconhecimento de seu talento enquanto escritor e a possibilidade de testar variados gêneros textuais), a diversificada exposição dos contos fez com que grande parte do contexto de escrita dos textos se perdesse nas posteriores compilações que, mais tarde, viraram livros. Assim, pouco sabemos sobre as condições de construção que permearam tais textos, visto que grande parte dos biógrafos do autor exclui os detalhes acerca da composição dos contos. Esta ausência só não é maior em função da ampla visibilidade que o exame da correspondência machadiana nos proporciona.

No dia 12 de novembro de 1869, Machado casa-se com Carolina Augusta Xavier de Novais<sup>302</sup>, irmã de seu amigo Faustino, falecido a apenas 3 meses. A companheira, quatro anos mais velha que o autor, apresentou ao esposo obras de alguns dos mais importantes escritores portugueses, além de uma imensa gama de autores de língua inglesa, autores estes que seriam determinantes influências para a lapidação do humor de Machado.

A partir do decênio de 70, Machado intensificou sua colaboração em jornais e revistas, tais como *O Cruzeiro*, *A Estação* e a prestigiada *Revista Brasileira*<sup>303</sup>, nas quais escrevia crônicas, contos, poesia e romances, que eram publicados sob forma de folhetins e, mais tarde, tornavam-se livros. Era chegado o momento de aventurar-se por um novo gênero textual, o momento era de amadurecimento profissional do autor. Chegara a hora, enfim, de escrever romances. Todas as obras consideradas da primeira fase machadiana pertencem a esta década: *Ressurreição*<sup>304</sup> (1872), *A Mão e a Luva*<sup>305</sup> (1874), *Helena*<sup>306</sup>

---

<sup>302</sup> Carolina Augusta Xavier de Novais Machado de Assis (1835 – 1904) foi a esposa de Machado de Assis durante 35 anos. Portuguesa, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1866 a fim de cuidar de seu irmão enfermo Faustino Xavier de Novais (1820 – 1869).

<sup>303</sup> A primeira publicação da *Revista Brasileira* ocorreu em 14 de julho de 1855, com o título de *Revista Brasileira, Jornal de Literatura, Teatros e Indústria*, fundada e dirigida por Francisco de Paula Meneses. A Fase II da *Revista*, editada por Nicolau Midosi, publicou regular e mensalmente, de junho de 1879 a dezembro de 1881, 30 números, reunidos em 10 volumes. Em suas páginas tiveram primeira publicação as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis e os poemas de Fagundes Varela que constituem *O diário de Lázaro*, entre outras importantes obras. A Fase III, a chamada “fase José Veríssimo”, circulou de janeiro de 1895 a setembro de 1899. Foram publicados 19 tomos, com 93 fascículos. Nesta fase, a *Revista* contava com o melhor das letras no país e em cuja sede passaram a reunir-se os intelectuais que formaram o núcleo fundador da Academia Brasileira: Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, Visconde de Taunay etc.

<sup>304</sup> *Ressurreição* é o primeiro romance de Machado de Assis, publicado em 1872. Embora considerada uma obra da fase romântica do autor, seu romantismo é contido, moderado, sem os excessos sentimentais, reviravoltas na trama e final feliz típicos de um folhetim romântico. Trata-se de um romance psicológico, no qual, mais importante que a intriga, é estudar o caráter e o comportamento dos personagens.

<sup>305</sup> *A Mão e a Luva* é o segundo romance escrito por Machado de Assis, publicado em 1874. Trata-se de sua primeira experiência como folhetinista de jornal, seguindo o exemplo de seus amigos Manuel Antônio de Almeida e José de Alencar. O romance foi publicado em 20 folhetins, com o subtítulo “Um perfil de mulher”, nos rodapés de *O Globo*, jornal dirigido por Quintino Bocaiúva, entre 26 de setembro e 3 de novembro.

<sup>306</sup> *Helena* é um romance de Machado de Assis, publicado em 1876. Nesta obra, o autor abandona o teor psicológico dos dois primeiros romances e assume sua capacidade de produzir algo tipicamente folhetinesco.

(1876) e *Iaiá Garcia*<sup>307</sup> (1878). Sem abandonar a poesia, Machado também publica *Falenas*<sup>308</sup> (1870) e *Americanas*<sup>309</sup> (1875), além de algumas críticas literárias que tiveram intensa repercussão, como *Instinto de Nacionalidade*<sup>310</sup> (1873) e a análise de *O Primo Basílio*<sup>311</sup>, de Eça de Queiroz<sup>312</sup> (1878). Esta crítica, inclusive, levou o autor português a escrever uma interessante correspondência ao colega brasileiro:

*Creio que outros escritores brasileiros me fizeram a honra de criticar o Primo Basílio: – mas eu apenas conheço o folhetim de Vossa Excelência do dia 16, que foi transcrito em mais de um jornal português. [...] não quis estar mais tempo sem agradecer a Vossa Excelência o seu excelente artigo do dia 16. Apesar de me ser em geral adverso, quase severo, e de ser inspirado por uma hostilidade quase partidária à Escola Realista – esse artigo todavia pela sua elevação, e pelo talento com que está feito honra o meu livro, quase lhe aumenta a autoridade. Quando conhecer os outros artigos de Vossa Excelência poderei permitir-me discutir as suas observações sobre Arte – não em minha defesa pessoal (eu nada valho) não em defesa dos graves defeitos dos meus romances, – mas em defesa da Escola que eles representam e que eu considero como um elevado fator de progresso moral na sociedade moderna. Quero também por esta carta rogar a Vossa Excelência queira, em meu nome, oferecer o meu reconhecimento aos meus colegas de literatura e de jornal pela honrosa aceitação que lhes mereceu o Primo Basílio. Um tal acolhimento da parte de uma literatura tão original e tão progressiva como a do Brasil é para mim uma honra inestimável – e para o Realismo, no fim de tudo uma confirmação esplêndida de influência e de vitalidade. Esperando ter em breve oportunidade de conversar com Vossa Excelência – através do oceano – sobre estas elevadas questões da Arte, rogo-lhe queira aceitar a expressão do meu grande respeito pelo seu belo talento<sup>313</sup>.*

Através da correspondência de Machado, é possível recriar um quadro complexo e delicado de acontecimentos, que certamente influenciariam a obra do autor, anos mais tarde. Em 1878, por exemplo, o autor pede licença do serviço público. Era a primeira vez em sua vida, já próximo dos 40 anos, que Machado tirara férias. O casal passara três meses em Nova Friburgo, região serrana do Rio de Janeiro, para tratar do agravamento de um problema que tinha em sua visão. Em suas missivas, o autor relembra os tempos que

<sup>307</sup> *Iaiá Garcia* é o último romance da fase romântica de Machado de Assis, publicado originalmente como folhetim, de 1º de janeiro a 2 de março de 1878, no jornal *O Cruzeiro*. Ainda fiel à tradição romântica, o autor tem como temas a família, o amor e o casamento.

<sup>308</sup> *Falenas* é o segundo livro de poemas de Machado de Assis, publicado em 1870.

<sup>309</sup> *Americanas* é título de um livro de poemas de Machado de Assis, publicado em 1875.

<sup>310</sup> Artigo escrito em 1873, no qual Machado de Assis analisa a evolução da literatura brasileira levando em conta o instinto de nacionalidade, um elemento que espelhou os primeiros traços da personalidade dos nossos autores e do nosso país.

<sup>311</sup> *O Primo Basílio* é um romance de Eça de Queiroz, publicado em 1878. Constitui uma análise da família burguesa urbana no século XIX. O autor, criticando a futilidade e a hipocrisia da vida na cidade, enfoca um lar burguês aparentemente feliz e perfeito, mas com bases falsas e igualmente podres. A criação dessas personagens denuncia e acentua o compromisso de *O Primo Basílio* com o seu tempo: a obra deve funcionar como arma de combate social, servindo como objeto para a análise e a mudança de certos comportamentos.

<sup>312</sup> José Maria de Eça de Queiroz (1845 – 1900) foi um dos mais importantes escritores portugueses da história. Foi autor de romances de reconhecida importância, como *Os Maias* e *O Crime do Padre Amaro*; este último considerado por muitos o melhor romance realista português do século XIX.

<sup>313</sup> Carta de Eça de Queiroz a Machado, escrita em 29 de junho de 1878. In: ACT II-09 p. 142.

passara recuperando-se na serra e que foram fundamentais para a grande mudança que ocorreria meses depois em sua obra literária:

*Estimei ler o que me diz dos bons efeitos de Nova Friburgo. A mim este lugar para onde fui cadavérico há uns dezessete anos, e donde saí gordo, ce qu'on appelle gordo, hei de sempre lembrar com saudades. Estou certo que lucrará muito, e todos os seus também, e invejo-lhes a temperatura*<sup>314</sup>.

*Nova Friburgo é terra abençoada. Foi aí que, depois de longa moléstia me refiz das carnes perdidas e do ânimo abatido. E note que não tinha casa, nem parque, nem biblioteca de amigo, como Você; mas a terra é tão boa que ainda sem eles, conseguí engordar como nunca, antes nem depois*<sup>315</sup>.

Também aparecem nas cartas, de maneira mais nítida, as referências acerca da epilepsia, que começara a se manifestar de forma constante em sua vida. Como as crises tornavam-se mais frequentes e graves, o autor inventou um código para avisar sua esposa que teria outra convulsão: “Carolina, vou sentir-me mal”. Era o suficiente para que a companheira o isolasse da presença dos outros e se retirasse para cuidar do marido.

Em 10 de junho de 1880, ocorre no Theatro Imperial D. Pedro II, na presença do casal imperial, a representação de sua peça *Tu Só, Tu, Puro Amor...*<sup>316</sup>, a propósito do tricentenário da morte de Camões. Aquele seria o perfeito início de uma década transformadora para a carreira de Machado; é justamente durante o decênio de 80 que ocorre a tão propagada fase realista do autor. O romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), ficaria marcado como seu grande divisor de águas. Segundo Rouanet (2009: 22), a publicação do romance representava a “maior revolução de nossa história literária”.

Um ano depois, em 1882, Machado lança sua mais brilhante coletânea de contos, chamada *Papéis Avulsos*<sup>317</sup>. Há um consenso na crítica literária que compara a antologia de contos a uma revolução semelhante ao que fora *Memórias Póstumas*. Trata-se de uma reunião de verdadeiras obras-primas do autor, que encontrava-se em seu apogeu criativo. Dois anos depois a coletânea de contos *História sem Data*<sup>318</sup> (1884) repetiria o sucesso de

<sup>314</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 1º de dezembro de 1897. In: ACT III-11 p. 271.

<sup>315</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 1º de fevereiro de 1901. In: OC-94 [94].

<sup>316</sup> *Tu só, tu, puro amor* é uma peça de teatro escrita por Machado de Assis e representada pela primeira vez em 10 de junho de 1880, no teatro de D. Pedro II, por ocasião do tricentenário do poeta Camões. O título é retirado do primeiro verso da estância 119 do Canto III de *Os Lusíadas*, que trata do episódio de Inês de Castro. A peça aborda os amores malfadados de Camões por uma jovem da nobreza.

<sup>317</sup> *Papéis avulsos* é o terceiro livro de contos de Machado de Assis, lançado em 1882. A partir desta obra, a narrativa curta é legitimada como gênero de primeira importância no Brasil. A coletânea conta com verdadeiros clássicos de sua fase realista, como os contos *O alienista* e *Teoria do Medalhão*.

<sup>318</sup> *Histórias sem data* reúne dezoito contos de Machado de Assis publicados ao longo de 1883 em periódicos cariocas. O livro é a consolidação do nome do autor como o mais versátil e original da Literatura Brasileira.

seu antecessor. O ano também marca sua mudança para o bairro Cosme Velho, onde moraria com Carolina até o final da vida de ambos. Em 1891 publica o romance *Quincas Borba*<sup>319</sup>, outro grande sucesso de crítica e público.

A correspondência dos primeiros anos da década de 90 representou uma mudança estratégica no discurso e nos hábitos de Machado. O monarquista convicto fora obrigado a preservar, com cautela, suas opiniões acerca da política. Segundo Rouanet (2011: 7):

A explicação óbvia é que a truculência do governo republicano ou teria emudecido Machado e seus correspondentes, ou forçado Machado, em geral zeloso guardador de cartas, a não conservar, por prudência, as recebidas nesse período<sup>320</sup>.

Das reuniões na *Revista Brasileira* (1895), saíram os alicerces para a fundação da Academia Brasileira de Letras (1897). Os encontros revelaram um modo muito peculiar de lidar com a recém-conquistada República: não se falava em política! O convívio era amistoso entre pessoas de diferentes opiniões, culturas e crenças, por causa desta espécie de pacto pré-estabelecido entre aqueles que participavam da panelinha<sup>321</sup> de Machado de Assis. É por isto que quem lê a correspondência do autor de maneira descontextualizada, não entende a quase ausência do assunto “política” de seus discursos. Mas para nós, pesquisadores também da biografia machadiana e da sociedade oitocentista, esta constatação nas cartas machadianas não constitui, em absoluto, uma surpresa. O Brasil se recuperava de uma sangrenta Guerra Civil<sup>322</sup> e os brasileiros, em geral, estavam cansados dos debates políticos e desiludidos com o cenário que se desenhava em um país que, há muito pouco tempo, se libertara em definitivo do domínio português.

Em meio a tantas divergências e debates acalorados em favor da Monarquia ou da República, da Abolição ou da Escravatura, bem como das inúmeras mudanças socioculturais pelas quais o país passava na época, as reuniões promovidas por Veríssimo

---

<sup>319</sup> *Quincas Borba* é um romance escrito por Machado de Assis, publicado como folhetim na revista *A Estação*, entre os anos de 1886 e 1891 para, em 1892, ser lançado como livro pela Livraria Garnier. Considerado pela crítica moderna o segundo da trilogia realista de Machado, o autor continuou empenhado em utilizar o pessimismo e a ironia para criticar os costumes e a filosofia de seu tempo.

<sup>320</sup> ACT III-11 p. 7.

<sup>321</sup> Já citada na nota 181, p. 72 desta dissertação.

<sup>322</sup> A Revolução Federalista foi uma guerra civil que ocorreu no sul do Brasil logo após a Proclamação da República. O movimento teve início com a crise política gerada pelos *federalistas*, grupo opositor que pretendia “*libertar o Rio Grande do Sul da tirania de Júlio de Castilhos*”, então presidente do Estado, e almejava conquistar uma maior autonomia e descentralizar o poder da então recém-proclamada República. Empenharam-se em disputas sangrentas que acabaram por desencadear a luta armada, que durou de fevereiro de 1893 a agosto de 1895 e foi vencida pelos seguidores de Júlio de Castilhos. O conflito atingiu os três estados da região: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

na *Revista Brasileira* e por Machado na ABL converteram-se em um espaço alheio às revoltas e aos tumultos, em um ambiente pleno para a conservação das Artes e das Letras, perfeitamente tolerante com as diferenças e amplamente aberto ao surgimento de novos talentos. Para Carvalho (2003: 16), “em um grupo tão heterogêneo, foi natural que a presidência tivesse sido oferecida a Machado de Assis, o mais respeitado pelas letras e o menos comprometido com a política”<sup>323</sup>.

A concretização do sonho de ver inaugurada a Academia, o contato mais assíduo com os amigos literatos, o prestígio alcançado com o reconhecimento de sua obra literária e a satisfação de ver florescer uma nova geração de escritores fizeram rejuvenescer o mestre Machado. Estava oficialmente formado no Brasil um espaço para a convivência democrática. Além de tudo isto, um antigo objetivo do autor se materializava com a fundação da ABL: a profissionalização dos literatos. Segundo a antropóloga Alessandra El Far<sup>324</sup>, este era um objetivo perseguido por muitos escritores: “A Sociedade dos homens das letras, por sua vez, tinha propósitos mais definidos: por exemplo, conseguir do governo brasileiro uma lei reguladora dos direitos autorais” (2000: 43). Ainda segundo El Far:

A ideia de uma Academia de Letras não constituía uma novidade. No final dos anos 1880 e início dos anos 1890, diversos literatos engajados na nascente profissão das letras almejavam estabelecer um novo padrão de sociabilidade literária. Os encontros casuais, as módicas remunerações, os grupos de dispersos e descompromissados já não lhes bastavam; queriam reconhecimento social e uma identidade que os diferenciasse dos outros setores da sociedade intelectual<sup>325</sup>.

Era preciso agora encontrar forças para colocar em prática todos os antigos e, até então, longínquos anseios. A profissionalização do ofício literário era uma necessidade para a subsistência dos autores e um desejo pessoal de Machado, que sonhava ver florescer uma nova geração de escritores. Amigos mais próximos relatam que sentiram Machado ainda mais afetuoso, ainda mais interessado nas figuras humanas com as quais se relacionava no exercício de suas funções na instituição:

Na intimidade era outro homem que não o imaginado pelos seus livros desabusados. [...] Os amigos o conheceram afetuoso, interessado na sociedade deles e consagrado a uma obra humana, falível e frágil, como é uma academia. Durante todo o resto de sua vida encarnou a Academia Brasileira, de que foi o presidente sempre reeleito<sup>326</sup>.

<sup>323</sup> CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. In: M&N-03 p. 16.

<sup>324</sup> EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

<sup>325</sup> Idem, p. 42.

<sup>326</sup> ARANHA, Graça. In: M&N-03 p. 37.

Em meio às inúmeras reuniões que antecederam a fundação da ABL, Machado publica a coletânea de contos *Várias Histórias*<sup>327</sup> (1896) e, já na presidência da instituição lança, em 1899, o controverso romance *Dom Casmurro*<sup>328</sup> e *Páginas Recolhidas*<sup>329</sup>. Dois anos mais tarde, o autor anuncia a publicação de suas *Poesias Completas*<sup>330</sup> (1901) e em 1904 seu romance *Esau e Jacó*<sup>331</sup>, o último ao lado de sua esposa Carolina, que falecera naquele ano. Em 1906 o soneto “*A Carolina*” abre sua obra *Relíquias da Casa Velha*<sup>332</sup> e, em 1908, o autor lançaria seu derradeiro romance, o livro com maior teor autobiográfico segundo os estudiosos: o *Memorial de Aires*. Em 29 de setembro do mesmo ano, o Brasil perdia o maior nome de sua Literatura. Resta-nos a grandeza de sua imensa obra literária, sempre aberta a novas interpretações e análises, além de sua complexa epistolografia, que buscamos conhecer um pouco melhor no decorrer desta investigação.

---

<sup>327</sup> *Várias Histórias* é uma coletânea de contos de Machado de Assis, publicada em 1896. O livro reúne dezesseis contos publicados na *Gazeta de Notícias* entre 1884 e 1891. É considerada uma das suas melhores obras no gênero, contendo várias tramas que tornaram-se clássicas, como *A cartomante* e *O enfermeiro*.

<sup>328</sup> *Dom Casmurro* é um romance escrito por Machado de Assis, publicado em 1899 pela *Livraria Garnier*. Escrito para publicação em livro, o que ocorreu em 1900 - embora com data do ano anterior, ao contrário de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Quincas Borba* (1891), escritos antes em folhetins -, é considerado o terceiro romance da "trilogia realista" de Machado de Assis, ao lado destes outros dois.

<sup>329</sup> *Páginas Recolhidas* é um livro composto por oito contos de Machado de Assis, lançado em 1899. É considerada uma das suas melhores obras no gênero. As histórias aí contidas tornaram-se clássicas, como as obras-primas “*Um erradio*” e “*Missa do galo*”. Conforme explica o próprio Machado no Prefácio, estas páginas são “escolhidas dentre muitas, por achar que ainda agora possam interessar”.

<sup>330</sup> Em 1901 Machado lança suas *Poesias Completas*, uma coletânea de poesias escritas por Machado e publicada pela *Livraria Garnier*. O objetivo era reunir seus três livros de poemas já publicados (*Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas* e *Ocidentais*). A primeira referência ao livro dá-se numa carta do dia 30 de outubro de 1899 enviada a seu editor Baptiste-Louis Garnier, propondo-lhe essa reunião em um único volume.

<sup>331</sup> *Esau e Jacó* é o penúltimo livro de Machado de Assis, lançado em 1904, pela *Livraria Garnier*. A obra se destaca por consolidar sua maestria no domínio da narrativa. Machado envereda num realismo que retoma a melancolia e o lirismo que se iniciara na primeira fase de sua produção literária.

<sup>332</sup> *Relíquias da Casa Velha* é o último livro de contos de Machado de Assis, publicado em 1906. A coletânea inclui “*Pai contra mãe*”, considerado o melhor conto da história da Literatura Brasileira.

### 3.2. A CORRESPONDÊNCIA DE MACHADO DE ASSIS — MÁRIO DE ALENCAR

*Não diria isto a ninguém cara a cara, mas a ti, papel, a ti que me recebes com paciência, e alguma vez com satisfação, a ti, amigo velho, a ti digo e direi, ainda que me custe, e não me custa nada.*<sup>333</sup>  
(MACHADO DE ASSIS)

*[...] e aliás o papel apenas bastará para dizer de nós mesmos.*<sup>334</sup>  
(MACHADO DE ASSIS)

A intensa amizade entre Machado de Assis e o jovem escritor Mário de Alencar teve início em outubro de 1891, durante o discurso proferido por Machado na cerimônia de lançamento da pedra fundamental da estátua de José de Alencar<sup>335</sup>, pai de Mário:

Senhores,  
Tenho ainda presente a essa em que, por algumas horas últimas, pousou o corpo de José de Alencar. Creio que jamais o espetáculo da morte me fez tão singular impressão. [...] A sensação que recebi no primeiro encontro pessoal com ele foi extraordinária; creio ainda agora que não lhe disse nada, contentando-me de fitá-lo com os olhos assombrados do menino Heine ao ver passar Napoleão. A fascinação não diminuiu com o trato do homem e do artista. Daí o espanto da morte. Não podia crer que o autor de tanta vida estivesse ali, dentro de um féretro, mudo e inábil por todos os tempos dos tempos. Mas o mistério e a realidade impunham-se; não havia mais que enterrá-lo e ir conversar com seus livros. [...] Agora que os anos vão passando sobre o óbito do escritor, é justo perpetuá-lo, pela mão do nosso ilustre estatuário nacional. Concluindo o livro de Iracema, escreveu Alencar esta palavra melancólica: “A jandaia cantava ainda no olho do coqueiro, mas não repetia já o mavioso nome de Iracema. Tudo passa sobre a terra”. Senhores, a filosofia do livro não podia ser outra, mas a posteridade é aquela jandaia que não deixa o coqueiro, e que ao contrário da que emudeceu na novela, repete e repetirá o nome da linda tabajara e do seu imortal autor. Nem tudo passa sobre a terra<sup>336</sup>.

A primeira correspondência entre eles, no entanto, é datada de 1895 e encerrada prematuramente em 1908, com o agravamento da doença e a morte de Machado. A amizade entre Machado e Mário nasce exatamente do intenso sentimento de admiração que Machado sempre demonstrou pelo seu pai, o escritor José de Alencar, uma espécie de “referência literária fundamental na trajetória intelectual de toda a sua geração”<sup>337</sup>.

As primeiras cartas trocadas entre os missivistas revelam uma certa formalidade natural a pessoas com pouca intimidade, baseada na cordialidade e no respeito mútuo. Mais tarde, com a intensificação das correspondências, o tom sério e formal vai, aos

<sup>333</sup> ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 2001. p. 223.

<sup>334</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 25 de março de 1907. In: AEO-09 p. 55.

<sup>335</sup> Muitos anos após o falecimento do escritor, que sucumbira prematuramente à tuberculose em 12 de dezembro de 1877, houve a cerimônia de lançamento da estátua de José de Alencar, situada no largo do Catete, atual Praça José de Alencar, zona sul do Rio de Janeiro. Machado de Assis foi convidado para fazer o discurso solene, lembrando a importância do escritor para a Literatura Brasileira.

<sup>336</sup> “A estátua de José de Alencar”. Discurso proferido na cerimônia do lançamento da primeira pedra da estátua de Alencar. In: ASSIS, Machado de. *Páginas recolhidas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1946.

<sup>337</sup> Como observado por COUTINHO e OLIVEIRA in AEO-09 p. 13.

poucos, desaparecendo e dando lugar a um discurso mais próximo e íntimo. É o que podemos observar neste fragmento da carta na qual Machado responde a Mário, que o felicitava por seu retorno à Secretaria da Indústria do Ministério da Viação, onde ocupara o cargo de diretor-geral e do qual se afastara em 1898:

*Muito obrigado pelas suas felicitações à Secretaria; é um modo delicado de achar em mim qualidades que, a existirem, a idade as terá levado ou diminuído*<sup>338</sup>.

Um dado importante a ser observado no compêndio epistolar entre os correspondentes é, sem sombra de dúvida, o grau de afetividade e confiança que foi se estabelecendo à medida que se intensificava a troca epistolar. Machado, já idoso e bastante doente, não hesitava em responder as cartas do jovem amigo, fragilizado pela mesma doença — a epilepsia — numa tentativa de confortá-lo em relação aos problemas físicos e conduzi-lo adequadamente no caminho das Letras, que este escolhera seguir. Segundo Werneck (2000: 138)<sup>339</sup>: “O corpo que resiste à enfermidade e não se deixa perturbar por ela, mantém intocados os acessos à sabedoria”. Compartilhar do mesmo problema de saúde é uma das possibilidades para explicar a forma como os dois amigos rapidamente estreitaram os laços de amizade que os uniam. O biógrafo Magalhães Junior (1981) no capítulo intitulado “*Cartas que são remédio*”, analisa a troca epistolar entre Machado e Mário sob a ótica da função terapêutica das cartas, que a ambos servia como um importante incentivo para lutar contra as fragilidades físicas e emocionais. É bem provável que o agravamento do estado de saúde, tanto de um quanto de outro, tenha impulsionado a densidade e a intensidade das correspondências:

Preocupado em dar assistência epistolar a Mário de Alencar, nesse período Machado de Assis cessou quase inteiramente sua correspondência com outros amigos e colegas da Academia, tendo escrito apenas duas cartas a Joaquim Nabuco, uma a José Veríssimo e nenhuma a Carlos Magalhães de Azeredo, Lúcio de Mendonça, Salvador de Mendonça e outros de seus correspondentes habituais<sup>340</sup>.

As cartas trocadas entre os missivistas confirmam este pensamento. Encontramos uma série de narrativas relacionadas aos momentos de agravamento da saúde de ambos, embora a palavra “epilepsia” nunca tivesse sido abertamente “pronunciada” por eles:

<sup>338</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 18 de novembro de 1902. In: AEO-19.

<sup>339</sup> WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo.” Os cuidados de si na correspondência machadiana. In: PS-00 pp. 137-145.

<sup>340</sup> Cf. MAGALHÃES JR, 1981 p. 287.

*Meu querido amigo, hoje a tarde, reli uma página da biografia do Flaubert; achei a mesma solidão e tristeza e até o mesmo mal, como sabe, o outro*<sup>341</sup>.

São as constantes reclamações de Mário que levam Machado a esquecer de si e a dedicar grande parte dos seus escritos ao amparo do jovem amigo:

*Li o que diz acerca do seu mal-estar e outros fenômenos. Qualquer que tenha sido a causa dessa agravação, vejo que está melhor, e ainda bem. Eu, que tenho mais direito a enfermidades, não lhe digo se não que as vou espiando com os olhos cansados*<sup>342</sup>.

*Tanto melhor, meu amigo. Já sabe que a sua moléstia é uma má impressão, e basta alguém de boa vontade, o que lhe não falta, ao contrário*<sup>343</sup>.

*O mal estar de espírito a que se refere não se corrige por vontade, nem há conselho que o remova, creio; mas, se um enfermo pode mostrar a outro o espelho do seu próprio mal conseguirá alguma cousa*<sup>344</sup>.

Em suas missivas, o experiente autor busca constantemente aconselhar o jovem amigo, tanto em relação aos problemas de saúde que bem conhecia, quanto aos possíveis meios de estímulo que poderiam surgir através de um contato mais profundo com a Arte, sobretudo a Literatura — a única força capaz de animar um coração solitário e um corpo doente, como acreditava Machado: “A arte é o remédio e o melhor deles”<sup>345</sup> ou ainda: “Em duas palavras, busque o remédio na Arte”<sup>346</sup>. Segundo Barreto Filho (1947: 128):

*Não são as manifestações sociais ou psicológicas do sofrimento e do mal o que semelhante artista procura fixar. A arte naturalista ou romântica apenas aflora as camadas externas do mal, mas conserva uma possibilidade otimista, como se a harmonia fosse inerente à vida. O artista trágico avança para o fundo da existência. É o desbravador audacioso e descenda o mal absoluto, irremediável e fatal. Somente a arte e a magia da forma são capazes de trazer essa misteriosa consolação*<sup>347</sup>.

De posse destas convicções, é possível notar, com clareza, que Machado estava seriamente empenhado em animar o jovem escritor, estimulando-o a continuar a escrever e a não se entregar à depressão e à melancolia:

*É preciso sacudir esses nervos despóticos, que fazem da gente o que querem. Bem sei que somente conselhos não valem para tais casos [...]. Com esforço e tempo ficará totalmente restabelecido*<sup>348</sup>.

<sup>341</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 29 de agosto de 1908. In: OC-94 [195].

<sup>342</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 11 de abril de 1907. In: AEO-09 p. 69.

<sup>343</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 1º de abril de 1907. In: AEO-09 p. 65.

<sup>344</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 23 de fevereiro de 1908. In: AEO-09 p. 87.

<sup>345</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 23 de fevereiro de 1908. In: AEO-09 p. 87.

<sup>346</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 20 de abril de 1908. In: AEO-09 p. 95.

<sup>347</sup> BARRETO FILHO, José. *Introdução a Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.

<sup>348</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 20 de abril de 1908. In: AEO-09 p. 95.

*Pela sua carta vejo que está passando bem, melhor que na cidade. Viva a paisagem e as suas vozes e vistas que também são médicos e remédios certos e capazes. A sua descrição fez-me lembrar a que daí fez seu glorioso pai. Vá, meu amigo, entregue-se aos passeios e ao trabalho manual que projeta até que torne e continue os outros<sup>349</sup>.*

*[...] agora é seguir e descansar, vendo as cousas novas e interessantes, com que areje a alma e fortaleça o corpo<sup>350</sup>.*

*Escreva-me logo que receba esta, vencendo o torpor, e veja se a saudade de um amigo lhe dá ânimo<sup>351</sup>.*

*Agradeço muito o seu cuidado, e, na medida em que um conselho é possível, aqui lh'o dou; tenha ânimo. Bem sei que é mais difícil dizê-lo que cumpri-lo, mas não se perde nada em dizê-lo, e pode-se ganhar alguma cousa<sup>352</sup>.*

Com efeito, são corriqueiras as animações de Machado para com o jovem amigo. No fragmento abaixo, o autor parece desaprovar a maneira como Mário permite-se abater pela depressão. Provavelmente, ele julgava-se com mais motivos para passar por tal padecimento. O afeto que os unia fica nítido na correspondência entre os missivistas, especialmente naquelas que tratavam de confidências acerca da saúde frágil de ambos:

*A carta de 2 me fez mal. Essa melancolia que o aflige é preciso que não seja irredutível nem irremediável. Sei o que me pode responder; é o que já me tem dito, como a outros, mas não há como refutá-lo senão tornando aos mesmos termos. Que o mal não é irredutível<sup>353</sup>.*

Recorrentes também em suas missivas são as alusões aos medicamentos e aos cuidados com que o amigo deveria tratar sua enfermidade. Era importante não deixar transparecer a fragilidade da doença. É bem possível que a diferença de idade entre os correspondentes tivesse favorecido a prevalência do aspecto paternal, e quase pedagógico, que marca o diálogo epistolar, permeado de cuidados e confidências para com o outro:

*Eu cá vou andando com os meus tédios. O que faço é não me mostrar a todos tal qual ando; muitos me acharão alegre, e ainda bem<sup>354</sup>.*

*Esta moléstia é lenta e custa a sair das costas; passei a noite mal e o dia pouco melhor; vou ver a noite que passo. Tomei os seus remédios (a calcarea – principalmente) e outros, além dos bochechos. Desde ontem à tarde a minha alimentação é puro leite. [...] Não posso escrever muito mais<sup>355</sup>.*

<sup>349</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 07 de março de 1907. In: AEO-09 p. 43.

<sup>350</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 26 de dezembro de 1906. In: AEO-09 p. 29.

<sup>351</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 05 de janeiro de 1907. In: AEO-09 p. 37.

<sup>352</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 02 de dezembro de 1906. In: AEO-09 p. 27.

<sup>353</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 05 de janeiro de 1907. In: AEO-09 p. 35.

<sup>354</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 20 de abril de 1908. In: AEO-09 p. 95.

<sup>355</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 09 de agosto de 1908. In: AEO-09 p. 111.

*Passei pouco melhor, mas enfim melhor. Antes da carta que tinha já resolvido aqui em casa, ontem, não tomar o tribomureto*<sup>356</sup>.

*Meu querido Amigo. O incômodo que me afligia continua a afligir-me. Tomei a Nux-Vomica ontem e hoje à tarde; amanhã lhe direi o resto. Estou tranquilo, mas este estado é que não pode continuar. Amanhã conto sair e irei vê-lo*<sup>357</sup>.

*Ilustre amigo. Aí vão os remédios que ontem lhe prometi. Deve começar pela Briônia, 1 gota em ½ cálice de água, de 2 em 2 horas. Se, passados dois dias, não notar melhora, convém mudar para Gelsemium<sup>2</sup>, dose idêntica, e idêntico intervalo. Acredito que vai ficar inteiramente curado. Entretanto convém auxiliar a ação dos remédios com um pouquinho de fé*<sup>358</sup>.

O estilo escolhido por Machado para falar de si nas cartas enviadas ao “querido amigo” é o confessional, através do qual se desnuda em sua intimidade por meio de uma densa carga emotiva. Também neste sentido, observamos a recorrência dos pronomes possessivos “*meu querido, todo seu, seu velho amigo*”, que intensificam este aspecto:

*Vá desculpando a letra e o mal alinhado. Este seu velho amigo é um pobre diabo cansado, que mal dá de si alguma cousa pouca, desalinhada e torta*<sup>359</sup>.

A preocupação com a aparência da letra é um tema bastante assíduo em cartas de escritores. Este sentimento também observamos nas correspondências de Machado:

*Vá relendo esta letra execrável, cada vez pior que a de costume*<sup>360</sup>.

*Vá pondo à conta do meu mal esta letra irregular e velha, que está cada vez pior*<sup>361</sup>.

*Desculpe o desalinho da carta*<sup>362</sup>.

O tom de desabafo, tão presente nas missivas enviadas a Mário, remetem diretamente à confiança mútua que foi se estabelecendo no decorrer da troca epistolar: “*O muito trabalhar destes últimos dias tem-me trazido alguns fenômenos nervosos*”<sup>363</sup>. Os tais fenômenos aos quais Machado se refere neste fragmento são os efeitos das crises de epilepsia que, como dissemos, acometia a ambos:

<sup>356</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 06 de agosto de 1908. In: AEO-09 p. 117.

<sup>357</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 30 de julho de 1908. In: OC-94 [185].

<sup>358</sup> Carta de Mário de Alencar a Machado, escrita em 11 de julho de 1897. In: ACT III-11 p. 250.

<sup>359</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 25 de março de 1907. In: AEO-09 p. 55.

<sup>360</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 18 de março de 1907. In: AEO-09 p. 51

<sup>361</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 07 de março de 1907. In: AEO-09 p. 43.

<sup>362</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 06 de agosto de 1908. In: AEO-09 p. 107.

<sup>363</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 11 de abril de 1907. In: AEO-09 p. 69.

*Não cuidei que a causa da ausência destes dias fossem nervos; agora o sei e creio. Já nos habitou a esses sujeitos, maus inquilinos, que quando se metem a proprietários efetivos abusam desapidadamente da casa<sup>364</sup>.*

*A minha saúde não vai mal, exceto o que lhe direi adiante, e não é a "ausência" que senti ontem, esta foi rápida, mas tão completa que não me entendi ao tornar dela. Daí a pouco entendi tudo, e deixei-me estar<sup>365</sup>.*

A tal “ausência”, a que referia Machado, fora mais uma crise epilética, da qual nenhum dos correspondentes falara claramente. Com efeito, era uma prática comum aos missivistas não mencionar o nome do problema de saúde pelo qual atravessavam. A sensação ao ler as cartas é de que pudesse existir entre eles um acordo pré-estabelecido para resguardar a imagem dos escritores, caso a correspondência se extraviasse, caísse em mãos de terceiros ou ainda fosse lida em público:

*Conto que os seus nervos se aquietem e passem a obedecer, como já fazem<sup>366</sup>.*

*Mande-me algumas linhas dizendo como vão os seus nervos. Eu espero que bem. Estes amigos são teimosos, mas não inteiramente, e creio que começando a ir desaparecem<sup>367</sup>.*

*De mim vou bem, apenas com os achaques da velhice, mas suportando sem novidade o pecado original, deixe-me chamar-lhe assim<sup>368</sup>.*

*O mal não é tão grande como parece; é agudo, porque os nervos são doentes delicados, e ao menor toque retraem-se e gemem. Eu sou desses enfermos, como sabe, e, como sabe também, doente sem médico<sup>369</sup>.*

Machado parecia, sem dúvida, sentir-se mais à vontade para fazer confidências ao amigo Mário que a outros correspondentes de longa data. As semelhantes crises causadas por estes “maus inquilinos” funcionavam como uma ponte, capaz de aproximar o renomado e idoso escritor de seu jovem correspondente e, ainda pouco conhecido, amigo das Letras: *“Também eu tenho desses estados da alma, e cá os venço como posso”<sup>370</sup>.*

Esta ponte tão imaginária quanto real que os unia, não se limitava à tênue fronteira entre a saúde e a doença, que orbitava ao redor de ambos. Os amigos revezavam-se nos assuntos literários, imersos, inclusive, em um grande sentimento de confiança mútua que é nítido na leitura das correspondências. Confidenciando a Mário a leitura de seu próximo

<sup>364</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 21 de janeiro de 1908. In: AEO-09 p. 79.

<sup>365</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 08 de fevereiro de 1908. In: OC-94 [172].

<sup>366</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 07 de março de 1907. In: AEO-09 p. 43.

<sup>367</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 13 de março de 1907. In: AEO-09 p. 47.

<sup>368</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 21 de janeiro de 1908. In: AEO-09 p. 79.

<sup>369</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 08 de fevereiro de 1908. In: OC-94 [172].

<sup>370</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 23 de fevereiro de 1908. In: AEO-09 p. 87.

livro, o *Memorial de Aires*, Machado retoma a insegurança do início da carreira, demonstrando o receio de que a análise do amigo poderia ser, na verdade, apenas um ato de boa vontade para consigo, um escritor a esta altura já idoso e bastante debilitado:

*Queria a impressão direta e primeira do seu espírito culto, embora certo de que aquele mesmo sentimento o predispunha à boa vontade*<sup>371</sup>.

O autor ainda confessa, com uma certa “malícia ingênua de velho”, que havia dito a outros amigos que estes seriam os primeiros a ler os manuscritos de sua última obra, quando, na verdade, eles já haviam sido lidos por Mário:

*Quer saber? Na mesma data da sua carta (20) comuniquei ao J. Veríssimo a notícia do livro, como se fosse inteiramente nova; é certo que ele não se deu por achado. Acrescentei-lhe a primeira ideia de confiar aos quatro (o Magalhães de Azeredo não podia entrar por estar em Roma) a publicação do manuscrito, caso eu viesse a falecer. Repita tudo isso consigo e diga-me se há nada mais indiscreto que um autor, ainda quase setuagenário, como eu. E diga-me também, pois que leu as provas, se o livro vale tantas cautelas e resguardos*<sup>372</sup>.

A Literatura, por sinal, era o fio condutor da amizade que foi se cristalizando ao longo dos anos. As cartas, antes cerimoniosas e corriqueiras, vão ganhando intimidade, intensidade e, sobretudo, liberdade. O ato de escrever, para ambos, era mais que um ofício, antes, um importante agente terapêutico para o tratamento da saúde física e emocional. Sob este aspecto, de acordo com Seara (2009)<sup>373</sup>, a escrita epistolar “decorre de uma necessidade de comunicação do eu consigo mesmo ou com os outros, daí a função terapêutica que encerra”. Talvez também tenha sido este o mesmo pensamento que levara Manoel de Barros a sentenciar: “Palavras têm que adoecer de mim para que se tornem mais saudáveis<sup>374</sup>”. É o que observamos nos excertos de correspondências abaixo:

*Obrigado pelos conselhos que me dá acerca da minha saúde. Faço o que posso, mas para mim o trabalho é distração necessária*<sup>375</sup>.

*Faz bem em alternar os livros com os quadros naturais. Ao cabo, tudo concorre para a completa cura*<sup>376</sup>.

<sup>371</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 22 de dezembro de 1907. In: AEO-09 p. 75.

<sup>372</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 23 de fevereiro de 1908. In: AEO-09 p. 87.

<sup>373</sup> SEARA, Isabel Roboredo. "Dialogismo na escrita intimista ou sacralização do eu? Estudo pragmático do acto de confiança", Trabalho apresentado em VI Congresso da ABRALIN, In Anais do (Associação Brasileira de Linguística), João Pessoa, 2009.

<sup>374</sup> BARROS, Manoel de. Retrato do artista quando coisa. RJ: Record, 1998 p. 21.

<sup>375</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 05 de janeiro de 1907. In: AEO-09 p. 35.

<sup>376</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 18 de março de 1907. In: AEO-09 p. 51.

*Por que não escreve alguma cousa? Ideias fugitivas, quadros passageiros, emoções de qualquer espécie, tudo são cousas que o papel aceita, e a que mais tarde se dá método, se lhes não convier o próprio desalinho*<sup>377</sup>.

*Espero muito da sua viagem a Lorena. Depois me dirá as sensações que tiver, e quem sabe se eu ainda terei dedos e olhos para as pôr no papel?*<sup>378</sup>

O poder da escrita não se restringia apenas à produção literária. As cartas, escritas, reescritas, enviadas, recebidas, lidas e relidas também funcionavam como uma interessante ferramenta de revitalização das forças da alma. No exemplo a seguir, é possível perceber que a carta recém-recebida por Machado deu-lhe ânimo para escrever — não um enfadonho e corriqueiro bilhete, como pretendia o autor, mas *uma carta* — uma resposta à altura do terno presente epistolar que recebera e que sentira necessidade de retribuir:

*Hoje de manhã, chegando a casa pensei em escrever-lhe um bilhete de simples lembrança, e achei a sua carta de 20. Lá se foi a ideia do bilhete, e aqui vai a resposta à carta*<sup>379</sup>.

Esta “injeção de ânimo” advinda da correspondência possivelmente fez com que a solidão de Machado fosse menos dolorosa em seus últimos anos de vida, especialmente após a perda de sua companheira Carolina, em 1904. O efeito terapêutico das cartas fazia com que o autor recorresse àquelas palavras, para acalentar, quem sabe, as dores do corpo e as feridas da alma:

*Li e reli as palavras que me diz, e ainda bem que a minha carta lhe produziu esse efeito, o mesmo que parece haver sentido com a nossa conversação. Tanto melhor, meu amigo*<sup>380</sup>.

*Agora com as suas palavras de amizade e simpatia verdadeira, recebo outra consolação e animação. Esta frase da sua carta: “Sinto a sua tristeza como a minha, e talvez por isso é que a não sei aliviar”. É só exata na primeira parte; na segunda, não*<sup>381</sup>.

*Meu querido amigo. O tom da sua carta de anteontem revela bastante melhora. E talvez esta venha também das tristes notícias que lá chegaram, donde verá que, ruins ou excelentes, as notícias distraem e ajudam a combater o mal*<sup>382</sup>.

*Sinto-me um pouco melhor, a despeito de algo que me aconteceu hoje mesmo. [...] Agora, com as suas palavras de amizade e simpatia verdadeira, recebo outra consolação e animação*<sup>383</sup>.

---

<sup>377</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>378</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 02 de dezembro de 1906. In: AEO-09 p. 27.

<sup>379</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 23 de fevereiro de 1908. In: AEO-09 p. 87.

<sup>380</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 1º de abril de 1907. In: OC-94 [159].

<sup>381</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 20 de abril de 1908. In: AEO-09 p. 95.

<sup>382</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 08 de fevereiro de 1908. In: OC-94 [172].

<sup>383</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 20 de abril de 1908. In: OC-94 [174].

O agravamento do estado de saúde de Machado, que o abateu severamente nos últimos meses de vida, fez com que a mudança de seu tom epistolar fosse sentida nitidamente em suas cartas. Por vezes, o ato de corresponder-se com Mário assemelhava-se à escrita de um “prontuário médico”, no qual o “paciente” relatava ao amigo suas enfermidades e indisposições cotidianas:

*Passei o dia fraco, por ter voltado o incômodo intestinal; recomecei agora a medicação contra este*<sup>384</sup>.

*Eu não fui hoje à cidade por ter passado mal o dia de ontem e recear que o dia de hoje fosse a continuação do de ontem; felizmente atenuou-se o mal*<sup>385</sup>.

*Esta resposta vai demorada, porque a sua carta veio achar-me com um princípio de gripe que continua; trouxe-me o corpo amolestado, além de outros fenômenos característicos, como a falta de apetite, amargor de boca e recrudescimento do corisa. Um hospital, meu querido!*<sup>386</sup>

*Hoje acordei um pouco melhor, e vou aguentando o dia. O médico, estando aqui agora, reduziu isto a termos técnicos. Oxalá venha assim a noite, e amanhã não desminta o dia de hoje*<sup>387</sup>.

*Eu vou emagrecendo, e o trabalho neste trimestre adicional cresce e cansa*<sup>388</sup>.

*Eu tenho passado sem novidade. Agora estou bastante cansado, particularmente do pescoço, que me dói, visto que ontem gastei todo o dia curvado a trabalhar em casa. Para quem já havia trabalhado todo o domingo, — (nos outros dias tenho a interrupção das tardes) foi realmente demasiado. Mas eu não me corrijo*<sup>389</sup>.

*A garganta está no mesmo ou um pouco mais dolorida. Vou aplicar o bochecho que me diz. Não escrevo mais por causa dos olhos*<sup>390</sup>.

*Cá tenho o reumatismo de que me fala, é no pé esquerdo, desde bastantes dias. Não sei que lhe faça, nem sei se há que fazer. Vou andando, mal ou bem, a princípio mal, mas depois domino-me um pouco*<sup>391</sup>.

A análise da epistolografia machadiana leva-nos a acreditar que possa ter sido mesmo a intenção do autor criar uma espécie de “diário íntimo” e compartilhá-lo com alguns de seus principais correspondentes. Se pensarmos que a ideia poderia ser estendida a todos os seus amigos e leitores, a concepção do livro *Memorial de Aires* poderia ter sido propositalmente pensada para esta finalidade. Segundo Coutinho & Oliveira (2009: 15):

<sup>384</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 22 de agosto de 1908. In: AEO-09 p. 115.

<sup>385</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 26 de agosto de 1908. In: AEO-09 p. 117.

<sup>386</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 07 de março de 1907. In: AEO-09 p. 43.

<sup>387</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 12 de julho de 1908. In: AEO-09 p. 103.

<sup>388</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 23 de fevereiro de 1908. In: AEO-09 p. 93.

<sup>389</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 26 de dezembro de 1906. In: AEO-09 p. 29.

<sup>390</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em agosto de 1908. In: Epistolário. *Obra Completa de Machado de Assis*. Vol. III. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973, p. 1092.

<sup>391</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 08 de fevereiro de 1908. In: OC-94 [172].

A própria forma, escolhida por Machado para a confecção de seu último livro — um memorial, que equivale a um diário — aproxima-se, por várias razões, do gênero epistolar, incluindo-se a datação explícita dos episódios narrados e o tom intimista que tanto um diário quanto uma carta comportam<sup>392</sup>.

Doente e solitário, sentindo-se incapaz até mesmo para exercer a única atividade que de fato sabia fazer nesta vida — a escrita — o autor deixa transparecer uma considerável “mágoa da vida”. É bastante provável que, em seus momentos de solidão e sofrimento físico, a amargura o tenha levado a uma reflexão profunda acerca de seu legado, não apenas enquanto escritor — o que é riquíssimo e inegável, mas também enquanto homem, enquanto sujeito, enquanto autor de sua própria história.

*Peço-lhe que apresente os meus respeitos às duas companheiras daí, e receba um abraço grande de amigo, que dá para dividir com os filhos e ainda lhe sobrar muito*<sup>393</sup>.

*Lá tem consigo, na família, o melhor viático do coração*<sup>394</sup>.

De fato, as condições financeiras, o acumular de trabalhos a que tivera de se submeter ao longo da vida para garantir a sobrevivência e todas as limitações advindas com a doença não permitiram que Machado pudesse viver tudo o que ele gostaria e poderia ter vivido. Raramente o autor faz confidências a este respeito, mas conseguimos perceber as tais “mágoas” em suas missivas. É possível identificar, inclusive, um forte sentimento de resignação e de conformismo para consigo mesmo, contrastando com aquela sensação de “compensação” com a qual se dirige a Mário, sugerindo o que o amigo deveria sentir por tudo aquilo que já havia conquistado, em sua ainda curta existência. Questionamo-nos, a esta altura de nossa investigação, se seus últimos dias seriam uma *mimesis* de sua arte, eternizada no capítulo *Das Negativas*, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

*Sinto que também não esteja bom, e tenha um dos seus filhos doente; é o que sucede a quem os possui, para compensar a felicidade de os ter*<sup>395</sup>.

*O mal-estar de espírito a que se refere não se corrige por vontade, nem há conselho que o remova, creio; mas, se um enfermo pode mostrar a outro o espelho do seu próprio mal conseguirá alguma coisa. Também eu tenho desses estados de alma e cá os venço como posso, sem animações de esposa nem risos de filhos*<sup>396</sup>.

<sup>392</sup> COUTINHO & OLIVEIRA. In: AEO-09 p. 15.

<sup>393</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 07 de março de 1907. In: AEO-09 p. 43.

<sup>394</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 21 de janeiro de 1908. In: AEO-09 p. 79.

<sup>395</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 06 de agosto de 1908. In: AEO-09 p. 107.

<sup>396</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 23 de fevereiro de 1908. In: AEO-09 p. 87.

Em suas últimas cartas a Mário, o autor apenas relata, de forma bastante breve, as dificuldades relacionadas ao agravamento de sua doença e o seu pessimismo com a proximidade da morte, ao mesmo tempo que agradece a amizade do jovem para consigo:

*Escrevi hoje à Sara<sup>397</sup> dizendo-lhe o que havia, e aí recebo a sua carta que me dá notícia completa quando eu menos a esperava. Realmente foi mais rápida. Ainda uma vez a sua boa amizade se mostrou comigo, e daqui lhe agradeço<sup>398</sup>.*

*Antes da chuva já eu tinha resolvido não sair. Obrigado pelas notícias. [...] Aqui estou em silêncio, e a sua carta valeu por gente; desculpe o apressado da resposta. Amanhã penso que não sairei ainda que haja bom tempo<sup>399</sup>.*

*Meu querido amigo. Não há que desculpar o papel em que me escreve; a carta era já demais. Agradeço-lhe os seus cuidados e explicações, e guardo-os entre as outras lembranças suas<sup>400</sup>.*

Os amigos representavam a família que Machado não possuía. Cansado e sem esperanças, o autor mostrava-se incapaz de tocar os assuntos da Academia e revelava-se reticente quanto à possibilidade de encontrar-se com seus amigos literatos:

*Muito obrigado pelos seus cuidados e comunicações. À boa consorte e a todos os seus agradeço também as afetuosas visitas que me mandam. Ainda não vieram os bons amigos Aranha, Bandeira e Veríssimo, mas ainda pode ser; obrigado. Adeus, meu querido Mário; não digo mais por não poder cansar a cabeça e a vista. Até breve<sup>401</sup>.*

*Agradeço-lhe muito a sua visita. [...] Não sei se amanhã posso ir à cidade; espero ir depois. Não posso escrever muito mais<sup>402</sup>.*

*Muito obrigado pelos seus cuidados. [...] Sobre a Academia falaremos depois detidamente. [...] Muitos cumprimentos a todos os seus, e muitas saudades do Velho amigo Machado de Assis<sup>403</sup>.*

*Enfim, parece-me que melhorarei, não sei; enquanto não me deixarem sair de noite, não posso ir como quisera à rua de Olinda<sup>404</sup>.*

*O Leo deu-me notícias suas há dias e ontem, e boas. Pretendo ir vê-lo sábado, dia certo de estar em casa. Não fui ainda antes por ter sido atacado da gripe durante alguns dias; agora vou melhorando<sup>405</sup>.*

*Não sei se poderei ir amanhã até a Câmara. Até lá, amanhã ou depois [...] <sup>406</sup>.*

---

<sup>397</sup> Sara Gomes da Costa, sobrinha de sua saudosa esposa Carolina.

<sup>398</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 26 de agosto de 1908. In: AEO-09 p. 117.

<sup>399</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 16 de julho de 1908. In: OC-94 [180].

<sup>400</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 20 de abril de 1908. In: OC-94 [174].

<sup>401</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 12 de julho de 1908. In: AEO-09 p. 103.

<sup>402</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 09 de agosto de 1908. In: AEO-09 p. 111.

<sup>403</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 22 de agosto de 1908. In: AEO-09 p. 115.

<sup>404</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 07 de março de 1907. In: AEO-09 p. 43.

<sup>405</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 13 de março de 1907. In: AEO-09 p. 47.

<sup>406</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 26 de agosto de 1908. In: AEO-09 p. 117.

O contato com os amigos literatos, concretizado no sonho que fora um dia a fundação da ABL, era um dos únicos prazeres que ainda podia ter o solitário e doente escritor. Sua fragilidade física e emocional, no entanto, nem sempre lhe permitiam tais encontros. Mas a correspondência ainda lhe era possível. Para Candido (2009: 11):

E convém sublinhar que o apoio afetivo e intelectual dado pelo mais velho ao mais moço ocorre sobretudo depois da morte de Carolina (1904), mostrando que a dor que o dilacerou não o fez encerrar-se em si mesmo. Parece, ao contrário, que favoreceu a receptividade em relação ao sofrimento alheio e a afeição pelo próximo<sup>407</sup>.

Por todos estes motivos, é possível reconhecer no discurso epistolar os traços de uma amizade verdadeira entre os dois missivistas. Para outro grande amigo, Magalhães de Azeredo, Machado confidencia a respeito de seu amigo Mário:

*É um dos que me tem valido nestes dias de solidão e de velhice. [...] Quando estive doente, [...] foi dos que me acompanharam com carinhos de amigo certo. Aqui me vinha ver a este recanto do Cosme Velho, onde passei tantos anos felizes e onde recebi o grande golpe<sup>408</sup>.*

*Não tenho visto o Mário ultimamente. Este meu jovem amigo é muito seu amigo, e de ambos nós merece afeição e estima. É bom, é leal, é dedicado<sup>409</sup>.*

Em outra ocasião, Machado demonstra a importância da presença do amigo em sua vida, que afastar-se-ia para tratamento de saúde:

*A sua resolução de obter descanso ou licença para se tratar de vez e seguidamente, é boa. Por mais que me custe a ausência, estimo saber que caminha para o total restabelecimento<sup>410</sup>.*

Por diversos momentos, o experiente autor coloca-se no lugar do jovem amigo, sente suas dores, compadece delas e, com ele, divide suas próprias dores da alma. As sucessivas recaídas depressivas de Mário, embora fossem abominadas por Machado, encontravam neste, certa ressonância, partilhada em função do verdadeiro sentimento de afeição e cuidado que os unia. Em tom paternal, ao permitir-se compartilhar da melancolia do amigo, cuidava-se, também:

*A segunda e menor parte de sua carta é a seu mesmo respeito, incômodos e o resto; nada de escritos ou só negativamente. O mal estar de espírito a que se refere não se corrige por vontade, nem há conselho que o remova, creio; mas, se um enfermo pode mostrar a outro o espelho do seu próprio mal conseguirá alguma cousa<sup>411</sup>.*

<sup>407</sup> CANDIDO, Antonio. Nota inicial. In: AEO-09 p. 11.

<sup>408</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 1º de agosto de 1908. In: CMA-69 p. 288.

<sup>409</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 17 de novembro de 1896. In: ACT III-11 p. 189.

<sup>410</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 21 de janeiro de 1908. In: AEO-09 p. 79.

<sup>411</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 23 de fevereiro de 1908. In: AEO-09 p. 87.

É importante ressaltar que a correspondência com Mário de Alencar, assim como aconteceu com Magalhães de Azeredo, outro jovem amigo, teve seu tom intimista intensificado principalmente a partir da morte de sua companheira Carolina. Por sinal, seria uma estranha coincidência ou uma curiosa superstição do autor, o fato de seus principais confidentes serem ambos jovens, escritores, fragilizados pelo mesmo mal – a epilepsia – e terem em seus nomes as mesmas iniciais do mestre Machado de Assis? Poderia ele estar transferindo a estes correspondentes o carinho e as confidências que faria aos filhos que não teve? De acordo com nossas análises, acreditamos que sim.

O vazio que preencheria sua vida só não era maior que a vontade de continuar a escrever e a intenção de conservar os amigos mais leais, companheiros de toda uma vida dedicada ao ofício das Letras. Pelo que pudemos observar nestas análises, Mário de Alencar, apesar dos 32 anos de idade que os separavam, foi um desses camaradas, que jamais distanciou-se das lembranças e afeições de seu ilustre Mestre. O próprio Mário, após a morte de seu estimado amigo, escreveria um interessante relato acerca da estreita amizade que mantiveram, emocionadamente narrada em suas “*Páginas de saudade*”:

Era essencialmente bom e puro, de uma delicadeza e sensibilidade que não podia, por mais que o quisesse, acomodar-se à rudeza das cousas e dos homens. Essa mesma delicadeza e sensibilidade o fez tímido e aparentemente fraco, a ele que foi um forte. Contradição da natureza, que tão bem se exprimiu no genial humor de toda a sua obra. Os que só conhecerem o escritor não adivinharão o homem, e os que só tiverem lido superficialmente o homem e o escritor entenderão que houve nele duas figuras distintas e opostas, que entretanto não eram nem distintas nem opostas, senão uma só figura, que se velava ou descobria voluntariamente, pelo respeito de si mesma e o receio de não parecer sincera, aos olhos dos outros. [...]

A beleza foi a sua inspiradora e guia, a beleza divina, que é a perfeição moral e plástica; repousada para a atitude que forma a estátua e medida para a eternidade contra a ação do tempo, que é como um vento forte – onde lhe embaraçam o caminho com o excessivo, aí tudo ele abate e destrói. Capaz de ser terno, com abundância de coração, Machado de Assis escondeu no escritor a ternura do homem, e na intimidade do afeto reservava a manifestação do seu sentimento à eloquência do gesto sóbrio. Certa maneira de apertar a mão equivalia nele a um grito de alma; o seu olhar sabia suprir toda a piedade e simpatia que a voz temia dizer, fugindo à ênfase de convenção ou à palavra banal. [...]

A [afeição] que ele me tinha cheguei a concluir que nascera da afinidade do meu temperamento com o seu na feição principal da timidez doentia. Não alimentei o engano presunçoso de uma afinidade intelectual; posto que me acercasse dele a princípio por admiração do escritor e, aprendendo com ele, afeiçoasse o meu gosto ao seu, pareceu-me sempre que não era o atrativo literário que ele buscava na minha conversa. Eu era apenas um interlocutor pronto a escutá-lo com amizade inteligente, capaz de interromper-lhe a solidão moral, dolorosa. E a esse benefício que eu lhe dava retribuía-me com todo o seu coração agradecido<sup>412</sup>.

---

<sup>412</sup> ALENCAR, Mário. Machado de Assis, *Páginas de saudade*. ABG, 1911. pp. 203-216. Disponível em: <http://www.machadodeassis.org.br/abl/media/RB%2055%20-%20GUARDADOS%20DA%20MEM%C3%93RIA.pdf> [06 de janeiro de 2016].

Por mais que as palavras traduzam o sentimento sincero da amizade que os uniu, é difícil para nós, pesquisadores, sintetizar em poucas páginas tantas emoções e experiências relatadas na intensa correspondência entre os dois missivistas. A admiração mútua, a resistência física, o apoio emocional e psicológico e a sensação de companheirismo talvez sejam o maior aprendizado que se pode ter na leitura da troca epistolar que se estabeleceu entre Machado de Assis e Mário de Alencar.

### 3.3. A RELEVÂNCIA DA CORRESPONDÊNCIA MACHADIANA PARA OS ESTUDOS LITERÁRIOS, HISTÓRICOS E AUTOBIOGRÁFICOS

*Eu é que não tenho aumento de força para poder agradecer a tudo o que as almas simpáticas sentem de mim. Deixe-me dizer lhe: ao fim de uma vida de trabalho e certo amor da arte que sempre me animou, vale muito sentir que encontro eco em espíritos ponderados e cultos. Vale por paga do esforço, e paga rara<sup>413</sup>.  
(MACHADO DE ASSIS)*

Machado de Assis foi um nome fundamental para a inovação da Literatura Brasileira. Crítico voraz das cópias inescrupulosas e das fracassadas adaptações europeias à cultura tupiniquim, o autor pretendia mais da sua escrita: ele queria inaugurar não apenas uma nova literatura, contextualizada cultural e socialmente, mas também um novo leitor, capaz de entender um texto e criticá-lo de forma isenta, de reconhecer um texto falho e de manifestar-se com propriedade a respeito, de vislumbrar a beleza de uma obra literária e de restituir ao autor os elogios pela criação. Tal intenção nos é possível afirmar mediante uma leitura mais atenta e pormenorizada tanto de seus textos jornalísticos e críticas literárias, muitas vezes construídos em tom de ironia e sarcasmo — inesperado aos leitores —, quanto de sua produção epistolar, cujos alicerces encontram-se cimentados pela generosidade e pelo afeto de um Machado poucas vezes reconhecido pelo grande público.

No entanto, em uma leitura descontextualizada de cartas isoladas do autor, é bem provável que ocorra uma imensa frustração do leitor que procura, insistentemente, por confissões pessoais e revelações autobiográficas. Se não há pistas claras sobre tais aspectos, qual poderia ser então o foco de interesse para o público que busca conhecer a correspondência machadiana?

Neste momento, a afirmação que se faz oportuna, é que mesmo ao leitor que não busca um cruzamento de dados biográficos com a produção epistolar de Machado, a mera e descompromissada leitura já justificaria o interesse por tais textos, uma vez que trata-se da intimidade materializada de um autor, que foi e continua sendo referência para todo e qualquer estudo referente à Literatura Brasileira. Afastada a hipótese da curiosidade meramente biográfica, a busca passa a centrar-se na identificação do traço machadiano, no estilo discursivo com o qual o autor comunicava-se com seus correspondentes, no estilo

---

<sup>413</sup> Carta de Machado a Afrânio Peixoto, escrita em 24 de julho de 1908. In: ASSIS, 2008, Vol. III, p. 1422.

epistolar escolhido pelo autor para falar de si e para exteriorizar, ainda que de maneira discreta, sentimentos e confidências pessoais.

Destituído o espírito românticista até então presente e desfeitas as expectativas por parte de sua audiência, restava ao escritor, pois, a escrita. Os textos machadianos constituem um vastíssimo acervo para futuros biógrafos e historiadores, sobretudo acerca do panorama político e social da época do Segundo Reinado. Para o crítico Afrânio Coutinho (1986: 1027), as cartas de Machado de Assis, seja pelo interesse humano, seja pelos temas abordados, contribuem de maneira significativa para esclarecer pontos obscuros de sua biografia, traços de sua psicologia ou aspectos de suas ideias estéticas e de suas atividades literárias. Concordamos com o crítico, pois reconhecemos, no conjunto epistolar do autor, determinados posicionamentos políticos e sociais, além do natural desenvolvimento das questões acerca da cultura e da literatura nacionais, que corroboram as ideias lançadas em suas crônicas e textos jornalísticos, bem como alicerçam sua postura de liderança enquanto presidente da Academia Brasileira de Letras.

O estudo da epistolografia machadiana auxilia-nos, de fato, a revelar dados importantes a respeito de sua biografia e de sua criação literária, mas seu alcance não se limita a estes levantamentos. As cartas nos ajudam também a recriar a estrutura das relações entre Machado e os demais escritores da época, a elucidar os processos de composição artística do próprio autor e de seus correspondentes, apresenta determinados valores políticos e filosóficos presentes apenas no discurso epistolar e fornece valiosos subsídios que permitem a compreensão tanto do contexto sociocultural quanto do ponto de vista histórico sob o qual as missivas foram criadas.

Uma das possibilidades de análise que aventamos (e que analisaremos a seguir) é o estudo das relações epistolares que nasceram e amadureceram tendo como objetivo inicial uma saudável “troca de publicidade literária”. Era uma prática bastante comum à época que autores consagrados cedessem parte de seu tempo para apreciar a leitura de outras obras e autores, incluindo neste rol uma imensa diversidade de novos escritores. De fato, Machado inaugurara nas páginas dos principais jornais em circulação no Rio de Janeiro, a crítica literária, produzindo efeitos mais positivos que negativos à apreciação da Literatura. As obras lidas e comentadas pelo escritor, fossem elas poemas, textos dramáticos, romances ou qualquer outro gênero textual, repercutiam rapidamente, o que aquecia o mercado editorial e aumentava a circulação de textos entre o público leitor.

Por causa do imenso prestígio que sua escrita foi conquistando ao longo dos anos durante o árduo trabalho de jornalista, Machado era frequentemente requisitado por seus pares literários para apreciar suas obras e interpelado a publicar, de forma generosa, críticas elogiosas a respeito delas. É o que podemos constatar na leitura das cartas recebidas por Machado. O amigo de longa data Guimarães Júnior, por exemplo, faz o pedido abertamente em inúmeros momentos:

*A primeira vez, que for à cidade vou ver-te e dar-te a poesia para o Futuro. Não franzas o sobrolho, poeta, dê licença a um infeliz versejador! Se não te igualo, Machado, recebo a tua luz e isso... me engrandece, tu vês! [...] Se lá pelo elegante boudoir de jornalista puderes enviar duas linhas ao touriste que não anda, serão essas linhas recebidas, meu filho, como uma flor do céu!*<sup>414</sup>

*Brevemente te mandarei a cópia de uma poesia minha. Lê-la-ás, e se for possível entende bem? vê se sai no Futuro. [...] Venho falar-te em breve como a um confessor, há de ser um romance*<sup>415</sup>.

*A primeira notícia é que subiu na noite de 5 no teatro de São Paulo a minha comédia. Para ti que já conheces a emoção que se sente nesses momentos é inútil fazer a resenha dos palpites e tremores do meu coração. [...] Peço-te – caprichos de calouro em literatura, perdoa-me! – peço-te digo-te que transcrevas no Noticiário do Diário o que diz o Correio Paulistano com toda a lisonja de que é capaz o Correio Paulistano para comigo! Faz transcrever também o Mercantil e o Jornal e mande-me dizer o importe assim como dos dramas*<sup>416</sup>.

A importância do aval positivo nascido do criterioso olhar crítico de Machado era tanta que, não raramente encontramos situações constrangedoras de crises de ciúme entre os literatos. Mesmo para nomes já influentes da área, receber uma crítica do autor ou mesmo uma carta íntima, era sinônimo de orgulho, de prestígio. Citamos como exemplo as missivas enviadas de Ramos Figueira<sup>417</sup>, Sizenando Nabuco e Guimarães Júnior a Machado de Assis. Figueira, usando de sua posição de redator da *Imprensa Acadêmica*<sup>418</sup>, sugere que as cartas de Machado sejam enviadas diretamente a ele e não ao seu amigo Nabuco, com quem o autor já compartilhava uma sincera amizade:

<sup>414</sup> Carta de Luís Guimarães Júnior a Machado, escrita em 27 de dezembro de 1862. In: ACT I-08 p. 18.

<sup>415</sup> Carta de Luís Guimarães Júnior a Machado, escrita em 14 de abril de 1863. In: ACT I-08 p. 27.

<sup>416</sup> Carta de Luís Guimarães Júnior a Machado, escrita em 07 de julho de 1863. In: ACT I-08 p. 36-37.

<sup>417</sup> Luís Ramos Figueira (1843 – 1894) era bacharel em Belas Artes e estudante de Direito. Foi redator-chefe da Revista *Imprensa Acadêmica*, de São Paulo.

<sup>418</sup> A *Imprensa Acadêmica* era a revista da Faculdade de Direito de São Paulo, criada após a independência com o objetivo de formar as elites no Brasil e não mais na Europa. Os jovens que ali estudavam eram, em sua maior parte, filhos de proprietários de terras e que beneficiavam-se, diretamente, da mão-de-obra escrava. Em São Paulo, além dos estudos e das noitadas, os rapazes editavam revistas, entre elas a *Imprensa Acadêmica*, fundada em 17/04/1864 e tendo ampla circulação até 24/09/1871. Machado de Assis colaborou com o periódico de 17/04 a 25/09/1864, e depois, em 14/08 e 20/08/1868.

*[...] das mãos do Nabuco recebi uma correspondência, com a qual vai honrar o primeiro número da Imprensa Acadêmica, jornal de que tenho a honra de ser redator em chefe. Como agradecer-lhe esse favor e honra, não sei; mas assevero-lhe que sempre contei com a aceitação do convite que lhe fez o Nabuco. Que seus escritos deste e de outros gêneros serão recebidos com prazer e gratidão desta Redação, seria ocioso assegurar-lhe; pois o contrário seria desconhecer o mérito de um escritor, que tão brilhantemente sabe desempenhar sua nobre missão. Aproveito a ocasião para importuná-lo com um pedido, e é ter a bondade de endereçar-me suas correspondências e artigos a mim para mais regularidade da publicação deles, pois sabe que o nosso amigo Nabuco é poeta, e como tal tem direito a não cuidar seriamente nestas coisas positísimas e materialíssimas da imprensa<sup>419</sup>.*

Não sabemos como o pedido chegou ao conhecimento de Nabuco, pois não dispomos da carta em que Machado possa tê-lo revelado, em um momento de rara indiscrição. A carta de Figueira não agradou em nada a Nabuco, que responde ao amigo:

*Oh! Quanta vaidade há por este mundo de Deus! O nosso amigo Figueira acoimou-me de Poeta e que sei mais. Ora porra! É única resposta. Eu o ensino. Peço-te também por minha vez que não mandes as correspondências a Ramos Figueira – É uma meninice como outra qualquer. Não quero entender. Ou dirijas a mim ou a José Joaquim Peçanha Póvoa. Não quero que estas pequeninas paixões se ergam contra mim<sup>420</sup>.*

Como não recebera a resposta que queria de Machado, Nabuco envia outra carta, desta vez em um tom mais agressivo, no qual volta a cobrar a continuidade da amizade epistolar entre eles:

*O fogo com que me escreveste foi ardente e passageiro. Ardente, chamo-o eu, só porque respondeste a três cartas minhas! Passageiro, porque em ti... perdoa-me, melhor sorte desejo a teu amor. É tese axiomática (concede-me o termo) que os poetas, como tu, que têm no peito um vulcão, não podem ter a constância, ela teme muito as erupções sentimentais: admira-me que o Ema que tens se conservasse quatro dias sem fogo. Li tua poesia no Diário. Consolo-me em ver teu nome. E sempre escrevo- te... sempre... e sempre... [...] Que resposta têm as minhas cartas? Quero uma pelo próximo correio – com toda a brevidade – recordando-te dos pontos seguintes: 1.º Correspondência (para o jornal.) 2.º Poesias tuas. Peço-te que me mandes, olha, Machado, que é sério, peço-te como amigo, e se não puderes mandar-me, escreve-me para eu pedir a outro amigo. [...] Não me faltes<sup>421</sup>.*

Como um troféu, Guimarães Júnior agradece a carta que recebera de Machado, mas aproveita a ocasião para demonstrar o ciúme que sente pela amizade deste com Nabuco:

*Recebi – graças a Deus! – a tua cartinha. Não tenho nem novos amores, nem tampouco a ausência da comédia alheia-me da tua lembrança e amizade. Quis que pela primeira vez tivesses a iniciativa. Cedo ou tarde tiveste. Graças a Deus! O Nabuco, que é agora teu amigo (in petto), sempre que recebe cartas tuas, fala-me dizendo-me que tu te recomendas e que a minha comédia entre tarde ou cedo chegava a esta cidade. Estás até com mistérios para comigo! Não me disseste que és o Sileno, correspondente de um jornal do qual sou folhetista!*

<sup>419</sup> Carta de Luís Ramos Figueira a Machado, escrita em 13 de abril de 1964. In: ACT I-08 p. 41.

<sup>420</sup> Carta de Sizenando Nabuco a Machado, escrita em 19 de abril de 1964. In: ACT I-08 p. 43.

<sup>421</sup> Carta de Sizenando Nabuco a Machado, escrita em 24 de abril de 1964. In: ACT I-08 p. 45-46.

[...] *A tua correspondência é um primor; todos têm admirado essa pena séria e mimosa ao mesmo tempo. Tua, basta. [...] Escreve uma introdução à minha comédia quando a mandares, que a quero publicar. Sê menos ingrato. Escreve-me e escreve-me*<sup>422</sup>.

Interessante notar a importância da correspondência de Machado para seus amigos e a maneira como o objeto epistolar torna-se alvo de orgulho para quem o recebera e, conseqüentemente, de ciúme para aquele que não foi lembrado pelo missivista. Convém lembrar que, a despeito da demora na resposta das cartas, por aqueles dias havia falecido Francisco José de Assis, pai do escritor (22/04/1864). Nas correspondências próximas ao período não há indícios de que Machado houvesse revelado aos amigos a morte de seu pai ou mesmo os possíveis problemas pelos quais teria passado nos dias anteriores ao fato ocorrido. O comunicado público aparece apenas no dia 22/05/1864, no *Diário do Rio de Janeiro*, por ocasião da Missa de um mês de falecimento: “J. M. Machado de Assis manda celebrar uma missa por alma de seu pranteado pai Francisco José de Assis, amanhã, 23, às 8 horas da manhã, na matriz do Santíssimo Sacramento”.

Desta forma, é possível afirmar que, pela leitura das cartas de Machado, podemos reconhecer e explicitar certas práticas de escrita, algumas condições de enunciação referentes ao momento biográfico e à rede de sociabilidade que sustenta a troca epistolar, bem como acessar o banco de elementos culturais que influenciam e interagem com a escrita das correspondências. As cartas deste período podem ter marcado o início da propagada discrição do autor acerca de assuntos relacionados à sua vida pessoal e à sua origem, já que tratava-se do início de sua carreira jornalística e o momento mais propício para definir certos posicionamentos com os quais conviveria mais tarde.

As correspondências de Machado refletem, portanto, uma fonte inesgotável de pesquisa, tanto para o conhecimento do momento histórico e para a compreensão do movimento artístico da época, quanto do entendimento do sujeito missivista. O estudo das relações que se efetivaram e que se constituíram por meio das cartas servem-nos hoje como um rico e diversificado manancial, segundo o qual podemos remontar o espaço filosófico e intelectual de discussão e criação literária, responsável por estabelecer e cristalizar os nomes de grande parte dos envolvidos no meio artístico brasileiro daquela sociedade oitocentista, incluindo, obviamente, o surgimento daquele que se tornaria o maior escritor da Literatura Brasileira.

---

<sup>422</sup> Carta de Guimarães Júnior a Machado, escrita em 29 de abril de 1864. In: ACT I-08 p. 46-47.

O conteúdo das missivas machadianas é de fundamental importância também para a visualização do panorama histórico, político e cultural do momento de transição do século XIX para o século XX. A começar pelo empenho pessoal de Machado, contando as “notícias” já conhecidas por todos sob o seu astuto olhar de observador, testemunho da história, fiel narrador da sociedade e da história brasileiras. Por vezes, é possível notar em suas cartas um clima de saudosismo, lembranças de uma cidade que já não existia mais:

*Meu caro Salvador de Mendonça. Com grande prazer recebo teu retrato e a carta que o acompanhou, cheia de tantas saudades e recordações. Tens razão; compreendo que, ao ver tanta gente nova, em 1891, toda ela te parecesse intrusa por nada saber dos nossos bons tempos nem dos homens e coisas que lá vão. Alguns intrusos vingam-se em rir do que passou, datando o mundo em si, e crendo que o Rio de Janeiro começou depois da guerra do Paraguai. Os que não riem e respeitam a cidade que não conheceram, não têm a sensação direta e viva; é o mesmo que se lessem um quadro antigo que só intelectualmente nos transporta ao lugar e à cidade. Este Rio de Janeiro de hoje é tão outro do que era, que parece antes, salvo o número de pessoas, uma cidade de exposição universal. Cada dia espero que os adventícios saiam; mas eles aumentam, como se quisessem pôr fora os verdadeiros e antigos habitantes<sup>423</sup>.*

Um exame mais apurado acerca da correspondência de Machado pode contribuir, ainda, para a formação de um novo leitor epistolar, capaz de ler além das entrelinhas que marcam a natural curiosidade biográfica acerca do escritor das cartas, apto a mapear de maneira mais clara as fronteiras entre o narrador das missivas e o sujeito escritor, habilitado a perceber as recorrências textuais próprias do gênero e as repetições enfáticas que segmentam a fragilidade do homem e a obstinação do autor. A título de ilustração, selecionamos alguns excertos da correspondência passiva de Machado. Através dela, mapeamos algumas situações que podem estar ligadas ao momento em que a epilepsia teria começado a manifestar-se em sua vida de forma mais profunda. É o que depreendemos do silêncio do autor às respostas das missivas que recebera de seus amigos mais próximos:

*Ilustríssimo Amigo e Senhor. Está doente? Nem ontem, nem antes de ontem! Ontem mandei buscar bilhete de camarote para São Januário na suposição de que viria, como no-lo havia prometido, e não fomos porque o esperamos; diga-nos, pois, se está doente, porque assim o supusemos, e estamos com cuidado<sup>424</sup>.*

*Meu Machado. Ainda te não escrevi! Por quê? Por tudo, menos por esfriamento da minha amizade para contigo e por esquecimento. Hoje faço-o por duplo motivo: primeiro por saber de tua saúde [...]<sup>425</sup>.*

<sup>423</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 22 de setembro de 1895. In: ACT III-11 p. 114.

<sup>424</sup> Carta de Joaquim Ferrão a Machado, escrita em 1º de junho de 1865. In: ACT I-08 p. 107.

<sup>425</sup> Carta de Ferreira de Meneses, escrita em 09 de junho de 1865. In: ACT I-08 p. 108.

*Meu Machado. Pela primeira vez zango-me contigo! Escrevi-te, há quase um mês, pedindo-te urgência para um negócio, e nem uma palavra tua! Nem sim nem não? O que fazer? Não recebeste minha carta? Não queres dar-me decisão do negócio? Confessei-te o meu grande empenho em toda esta questão disse-te e digo-te que cada dia que se passa sem que isso se resolva, é de grande prejuízo e nada é bastante para arrancar-te do teu silêncio, do teu pouco de caso, das tuas delícias de Cápua nessa Corte! Oh! Machado! Como teu amigo, peço-te que mudes de trilhas. Escreve-me, escreve-me pelo próximo correio, sem falta alguma! [...] Não faltes, senão acreditaria que não te valho coisa alguma<sup>426</sup>!*

*Os leitores das tuas Semanas literárias estão cansados com o teu descanso; é preciso interromper as férias que são fora de tempo, deste as melhores colunas do Diário do Rio de Janeiro. Tão fora de tempo, repito, porque o momento atual é dos mais agitados em nosso mundo literário. [...] A tua palavra sempre inspirada e justiceira, a tua crítica sempre cortês e cheia de ponderação, tornam-se precisas nesta ocasião. Não serei eu, o último entre os mais obscuros, quem tomará o lugar que é teu, pelo mais belo direito de conquista<sup>427</sup>.*

*Machadinho. Debalde procuro todos os dias no Diário o cumprimento da tua promessa! Nada vejo, e confesso que não esperava isto. Será bom que me devolvas os apontamentos que te dei, e que, pelo que vejo, te não são precisos. A mim podem servir-me ainda, e serão inúteis daqui a alguns dias, quando tenha esquecido o assunto de que tratam. O mundo é isto<sup>428</sup>!*

*Meu caro Assis. O correio que chegou ontem não trouxe Diários para ninguém! [...]Custa a crer o procedimento de Vocês para comigo, mas, enfim, paciência<sup>429</sup>.*

*Note Bem. – Quebro o protesto, e escrevo prosa, e que prosa! Uma repreensão, nem mais, nem menos! É preciso que me escrevas; há dois vapores, que sou taboquado por ti, e isso não tem lugar. Vê lá! O teu Serra<sup>430</sup>.*

*Meu Machado. Quousque tandem? Continuas no mais ingrato de todos os silêncios, e eu já vou perdendo a esperança de restituir-te a fala! O que é isso, meu caro amigo<sup>431</sup>?*

Todos estes fragmentos, embora nunca tivessem sido explicados nas biografias do autor, nos fazem acreditar que Machado distanciara-se de todos, inclusive das cartas, por receio de que tivesse que explicar a razão de seus silêncios. Em nossa análise, o jovem escritor começara a sentir os efeitos da epilepsia e tentara, de todas as formas, escondê-los dos seus amigos. Pode ser a descoberta acerca de sua saúde que tenha levado seu amigo Joaquim Serra, poucos meses depois, a aconselhá-lo a escrever e apaixonar-se:

*Dizes que nada tens escrito, e tens coragem para confessar tão feio pecado? E o romance que esboçaste, e cujos primeiros capítulos me anunciaste? Não posso crer na tua inação, ainda que a documents com a falta de documentos publicados. Creio no fundo da tua gaveta, e nas entranhas da tua pasta. [...] Se andas muito vadio, meu amigo, aconselho-te que ames. É isso mais do que uma distração, embora menos do que uma ocupação. E é tão delicioso esse emprego de horas, em desapego da terra! Sinto-me tão bem neste momento, que aconselho aos meus amigos que imitem-me. Que interessante situação! Perde a gente um pouco do peso*

<sup>426</sup> Carta de Ferreira de Meneses a Machado, escrita em 05 de novembro de 1866. In: ACT I-08 p. 175.

<sup>427</sup> Carta de Joaquim Serra a Machado, escrita em 16 de novembro de 1866. In: ACT I-08 p. 179.

<sup>428</sup> Carta de Faustino Xavier de Novais a Machado, escrita em 23 de novembro de 1866. In: ACT I-08 p. 188.

<sup>429</sup> Carta de Henrique César Muzzio a Machado, escrita em 6 de dezembro 1866. In: ACT I-08 p. 200.

<sup>430</sup> Carta de Joaquim Serra a Machado, escrita em 8 de abril de 1867. In: ACT I-08 p. 207.

<sup>431</sup> Carta de Joaquim Serra, escrita em 30 de maio de 1867. In: ACT I-08 p. 213.

*específico, e sente ao mesmo tempo atração do céu e repulsão da terra! [...] É um crepúsculo da existência que beatifica ou bestifica a humanidade. Nunca te aconteceu isto? Experimenta, experimenta enquanto é tempo, e me dirás depois se valeu a pena experimentar... [...] Escreve-me muito e sempre. Sacrifica-me meia hora em cada quinzena, e perderás o mau hábito que adquiriste<sup>432</sup>.*

Como se tais inferências já não constituíssem relevância suficiente para a leitura de sua epistolografia, temos por motivação maior a própria compreensão do mestre Machado. Por meio delas é possível reconhecer a influência de um autor nascendo na escrita do outro — uma espécie de metamorfose do aprendizado epistolar, nascida na troca e na conseqüente assimilação de certos comportamentos discursivos que até então pertenciam ao outro. Corresponder-se através de missivas configura-se, portanto, em um campo amplo de interações — não apenas comunicativas mas, sobretudo, linguísticas, no qual o contato com o texto alheio influencia e aprimora a própria prática epistolar.

Também torna-se possível recriar a atmosfera da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX, bem como as fomentações e especulações acerca da criação da Academia Brasileira de Letras, as animadas reuniões entre os literatos, a formação dos grandes ciclos de intelectuais e o surgimento de alguns dos maiores nomes da Literatura Brasileira. Todas essas conexões verificadas na troca epistolar entre Machado e seus correspondentes são valiosas, pois ajudam a recompor o contexto e as condições que antecederam a fundação da ABL, a explicar os possíveis processos de composição artística e o desenvolvimento de concepções filosóficas da época, além de fornecer subsídios para a percepção da sociedade brasileira em seus mais diversos aspectos socioculturais.

---

<sup>432</sup> Carta de Joaquim Serra, escrita em 02 de janeiro de 1868. In: ACT I-08 p. 218.

## 4. CONCEITOS LINGÜÍSTICOS, RETÓRICOS E PRAGMÁTICOS

### 4.1. GÊNEROS AUTOBIOGRÁFICOS

*[...] quem viveu de letras, há de morrer com elas. Pode ser que elas aflijam alguma vez; mas é elas canseiras que trazem, e não raro pelos azedumes, não por elas, coitadas! De resto, são aflições que passam depressa, e até dão vida<sup>433</sup>.*  
(MACHADO DE ASSIS)

Em uma pesquisa que pretende desenvolver reflexões profundas acerca do gênero epistolar, faz-se necessário também um breve estudo sobre os diversos tipos de textos que se encontram na esfera da autobiografia. Entendemos que este breve levantamento seja de fundamental importância para que possamos compreender as diferenças entre os objetos epistolares e poder então analisá-los de forma adequada e consistente.

O ponto inicial a ser examinado diz respeito a alguns conceitos tradicionalmente relacionados às cartas, tais como o grau de veracidade inserida no texto epistolar, o suporte historiográfico que a correspondência encerra, o hibridismo com o qual o gênero se inscreve, entre outros aspectos que discutiremos a seguir.

É importante salientar que outros gêneros textuais compartilham do mesmo teor autobiográfico e, porque não dizer, historiográfico. Neste campo semântico, poderíamos incluir ao lado do epistolar as confissões, o diário íntimo, as memórias, a autobiografia, a biografia e a historiografia<sup>434</sup> visto que todos têm como característica semelhante a gênese documental, no qual são registrados fatos relativamente autênticos e/ou verídicos, que podem servir como fonte de pesquisa e interpretação de acontecimentos históricos, sejam eles individuais ou coletivos. De qualquer forma, em todas as esferas textuais aqui citadas, um dado que lhes é peculiar é o hibridismo com o qual são normalmente elaborados os textos, em geral agrupando, durante o processo de composição escrita, características de outros gêneros e formas consagradas em diferentes campos do conhecimento. Para o pesquisador Moisés (2007: 160):

Conquanto em graus diferentes, e a propósito de específicos temas e assuntos, todas anseiam pela objetividade que individualiza o método historiográfico, entendido como a soma de técnicas e de instrumentos teóricos empregados para analisar, interpretar e julgar os fenômenos ocorridos na escala do tempo. Sem conceder prioridade a qualquer um deles, o método

<sup>433</sup> Carta De Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 21 de abril de 1895. In: ACT III-11 p. 72.

<sup>434</sup> Já citadas em Moisés (2007: 159).

historiográfico aplica-se quando se deseja a compreensão de um objeto na sua temporalidade<sup>435</sup>.

Sob este aspecto, as cartas são naturalmente bastante utilizadas nas biografias, especialmente as que se referem à vida de Machado, uma vez que constituem raros exemplos que refletem, com certa dose de veracidade, um testemunho fiel e particular sobre os acontecimentos pessoais e sociais ligados à vida do autor. Sem que nossa pesquisa nos limitasse a um olhar apenas biográfico – o que não condiziria com nossos objetivos neste momento, buscamos elencar alguns dados importantes da vida do autor presentes em sua correspondência, para melhor compreender os aspectos autobiográficos que permeiam seus textos epistolares. Embora, como dissemos, não seja nosso interesse discutir a fundo tal questão, é importante refletir acerca das cartas também sob o viés da autenticidade dos acontecimentos, para que a análise não acarrete uma desastrosa mudança de perspectiva. Sob esta possibilidade analítica da qual nos servimos para dar fundamento às nossas investigações, subscrevemos as palavras de Moraes (2009: 2-3), que ora reproduzimos:

Pode-se, inicialmente, recuperar nas missivas a expressão testemunhal. Ações, confidências, julgamentos e impressões espalhados pela correspondência de um escritor evidenciam uma psicologia singular que, eventualmente, desdobra-se na criação literária. É, assim, território fértil para estudos biográficos, biografias intelectuais e perfis, dirigidos a ampla (e diversificada) gama de leitores. Entretanto, na (auto)biografia desenhada no tecido epistolar pululam contradições. A carta atualiza-se invariavelmente como persona e discurso narcísico; a “verdade” que enuncia – a do sujeito em determinada ocasião, movido por estratégias de sedução – é datada e cambiante<sup>436</sup>.

Acreditamos, desta forma, que o gênero epistolar reflete, em sua essência, um perfil discursivo que não se enquadra em definições rígidas, mas em uma forma naturalmente híbrida, como já o dissemos, permitindo “situar o que se escreve num entre-dois, ambivalente e ambíguo, entre a vida e a obra, o biográfico e o literário<sup>437</sup>” (RIAUEDEL, 2000: 98). Esta pode ser, inclusive, a razão pela qual seja tão complicado classificar as cartas como pertencentes unicamente a um gênero específico, já que muitas se assemelham – em forma e conteúdo, a outros gêneros com os quais dialoga e estabelece tênue fronteira. Tal dificuldade foi especialmente sentida em nossa pesquisa das cartas machadianas. A maioria das obras a que recorreremos trazia a correspondência do autor mesclada em

---

<sup>435</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>436</sup> MORAES, Marcos Antonio de. Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: históricos e alguns pressupostos. In: Patrimônio e Memória. UNESP, FCLAS, CEDAP, v.4, n. 2, p. 1 – 14 – jun. 2009.

<sup>437</sup> RIAUEDEL, Michel. Correspondência secreta (Ana Cristina César). In: PS-00. p. 98.

diversas partes, ora como crítica, ora como prefácios de livros, ora como epistolário, ora como meros textos avulsos, ora simplesmente desclassificados, sem qualquer preocupação com as semelhanças teóricas e estruturais que o gênero epistolar comporta.

Alguns pesquisadores, no entanto, desvendam nuances interessantes sobre o texto epistolar, em comparação com textos de outros gêneros. É o que observamos no fragmento abaixo, no qual Riadel (2000: 97) faz um comentário bastante pertinente acerca das particularidades da correspondência:

Comparada com o diário, a opção epistolar constitui um “avanço” que acompanha o sentido do texto. Ao se dirigir a um outro, eleito, privilegiado, ela inicia uma abertura, supera uma forma ainda elementar de narcisismo [...]. Porém, enquanto introduz pelo destinatário uma figura de alteridade, ela exclui também o resto do mundo, isto é, o leitor [...]. De uma infração suscitada pela exibição sem pudor do falso diário, passamos a uma relação triangular complexa em que a violação da intimidade se agrava com o roubo da identidade – oportunamente anônima, é verdade – de quem está suposto receber a missiva e do qual estamos forçosamente ocupando o lugar<sup>438</sup>.

De fato, a relação que se estabelece entre o missivista e seu correspondente (muitas vezes também seu confidente) é muito diferente daquela que se refere a leitores de outros gêneros textuais. Na correspondência existe um sentimento de cumplicidade, de confiança e de construção mútua da mesma história epistolar que os une. Sob esta perspectiva, o missivista coloca-se, inevitavelmente, como uma ferramenta que trabalha para si e para o outro, por meio do discurso escrito – e inscrito – materialmente na carta. Neste momento, é fundamental que esteja preservada, no território da correspondência, a relação de intimidade e de confiabilidade que naturalmente espera-se em uma comunicação dialógica face a face. Trata-se de uma oportunidade única para a composição (consciente ou não) de sua autobiografia, uma vez que o autor das cartas articula de si ao outro enquanto veicula as imagens que compõem a narrativa de sua trajetória. Para Foucault (2002: 151):

O trabalho que a carta opera no destinatário, mas que também é efetuado naquele que escreve pela própria carta que ele envia, implica portanto uma introspecção; mas é preciso compreendê-la menos como um deciframento de si por si do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo<sup>439</sup>.

É justamente esta abertura ao outro que autoriza o interlocutor a participar da história de seu correspondente, a conhecer detalhes de sua rotina, a testemunhar suas

---

<sup>438</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>439</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. Antonio F. Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega Passagens, 2002.

experiências, a compartilhar com ele de seus segredos e confissões, numa aproximação que foi idealizada por meio da escrita e concretizada materialmente através dela. De todas as maneiras possíveis de falar de si mesmo, a carta aparece como um gênero autobiográfico autêntico e espontâneo, uma vez que carrega consigo as marcas próprias da confiança:

A carta, gênero híbrido por excelência, abre-se um sem número de utilizações. Elástica na sua forma, múltipla nas mensagens que encerra, ela permite ao escritor trabalhar tanto com o confessionalismo quanto com um testemunho de uma época específica<sup>440</sup>.

É o que parecemos vislumbrar na correspondência machadiana. Nenhuma biografia fala mais a respeito do autor e de sua sociedade, que sua própria epistolografia. Por trás da materialidade da letra, desenhada, rasurada, improvisada ou planejada, existe uma gama de emoções e histórias, que, se decifradas no âmbito das relações que estabelece e sustenta por meio da troca epistolar, são capazes de traduzir, muito mais que qualquer outro gênero textual, as marcas de um homem e de seu tempo:

*[...] a modéstia, segundo ele, é um dos meus defeitos, e eu amo os meus defeitos, são talvez as minhas maiores virtudes<sup>441</sup>.*

*Não sei se Vossa Excelência Reverendíssima é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que Vossa Excelência Reverendíssima ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de São Sebastião, um século mais tarde, quando o bond for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica. Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de Vossa Excelência Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta [...]<sup>442</sup>.*

---

<sup>440</sup> AMOSSY, Ruth (Org.). *A imagem de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

<sup>441</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 10 de janeiro de 1898. In: ACT III-11 p. 286.

<sup>442</sup> Carta de Machado ao Bispo Capelão-Mor, escrita em 1º de janeiro de 1877. In: ACT II-09 p. 128.

## 4.2. A CONFISSÃO E AS MARCAS DO “EU” NO GÊNERO EPISTOLAR

*Se a velhice quer dizer cabelos brancos, se a mocidade quer dizer ilusões frescas, não sou moço nem velho. Realizo literalmente a expressão francesa: “um homme entre deux âges”. Estou tão longe da infância como a decrepitude; não anseio pelo futuro, mas também não choro pelo passado. [...] Não privo com as musas, mas gosto delas. Leio por instruir-me; às vezes para consolar-me. Creio nos livros e adoro-os.<sup>443</sup>*  
(MACHADO DE ASSIS)

Como referimos na seção anterior, o gênero epistolar tem como característica primordial a abertura de um sujeito em relação a outro, a seu correspondente. Mesmo que inconscientemente, ao escrever uma carta o missivista coloca-se sob o olhar examinador do outro, sob o julgamento de suas ações e emoções, sob a condição de suscetibilidade ao exame alheio. Foi sobre este aspecto peculiar, que sentenciou Foucault (1995: 151):

Escrever é, pois, “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face-a-face<sup>444</sup>.

A carta seria então, uma espécie de realização discursiva que permite um certo grau de abertura do missivista à apreciação e ao parecer do outro e de si mesmo, já que, o texto epistolar é, na maioria das vezes, condicionado à censura crítica por parte do autor antes mesmo de ser enviado ao seu destinatário. Sob este viés, é possível inferir que o tal “face-a-face” das cartas, proposto por Foucault, perde uma grande parcela de sua espontaneidade se comparado a um diálogo, por exemplo, no qual os assuntos são naturalmente encadeados e a conversa ocorre, quase sempre, de forma impulsiva e imediata.

A ausência física do interlocutor, necessária ao jogo epistolar, cria uma imagem artificial e propositalmente situada na imaginação do missivista que, ao escrever a carta, dialoga com o outro e reinventa-se no texto. Desta forma, o epistológrafo cria também imagens de si, desnuda-se em meio às confidências e aos traços de identidade possíveis de serem apresentados, selecionados mediante uma criteriosa escolha do seu correspondente. De acordo com o grau de intimidade presente na relação entre os missivistas, o que será encontrado no discurso epistolar terá uma ligação direta com os valores e as atitudes que

<sup>443</sup> *Cartas Fluminenses*. Crônica publicada no *Jornal das Famílias* em 05 de março de 1865.

<sup>444</sup> FOUCAULT, M. “A escrita de si”. In: *O que é um autor?* Trad. CASCAIS, Antônio F. e CORDEIRO, Eduardo. Lisboa: Vega, 1995. pp. 129-160.

irão, sem dúvida, ao encontro das expectativas do outro. Neste sentido, podemos afirmar que a carta contém um teor discursivo previamente planejado em função daquele destinatário específico. A mudança do correspondente, ainda que o conteúdo da carta seja basicamente o mesmo, interfere no modo como o missivista escreve e, conseqüentemente, como ele mostra-se a seu interlocutor.

A tal “imagem artificial” do outro, criada em sua imaginação no momento da escrita epistolar e apenas para esta finalidade, configura-se, portanto, como:

- a) constante** – à medida que o missivista precisa pensar em um destinatário específico, ao contrário do que ocorre com os demais gêneros textuais;
- b) mutável** – de acordo com o interlocutor ou os objetivos planejados para o discurso;
- c) inacabada** – pois reflete uma construção permanente e progressiva do outro no contrato epistolar e de si próprio enquanto sujeito missivista, que se descobre e se revela na correspondência em uma relação dinâmica e interativa, e que representa, ao mesmo tempo, continuidade e incompletude.

Tais aspectos, no entanto, só podem ser considerados para a modalidade carta pessoal e/ou familiar, uma vez que em outros tipos de correspondência as relações que se estabelecem por meio da escrita epistolar são menos frutíferas e pouco particulares. É necessário que exista uma boa dose de confiança e de intimidade para que a carta encerre em si uma abertura de si mesmo em relação ao outro.

Segundo Seara (2009) uma das funções mais importantes da confiança é a necessidade de partilhar a carga emocional de determinados acontecimentos. Para a autora:

[...] a confiança exprime, assim, uma situação particular de evocação de emoções: o confidente expõe a sua face conduzindo o outro a zonas do seu território supostamente protegidas e privadas. Por outro lado, a confiança pressupõe que haja um postulado de empatia na partilha das emoções<sup>445</sup>.

O exame das cartas de Machado de Assis comprova esta abertura do missivista para com seu correspondente. Mesmo falando em relação ao seu trabalho literário, é possível perceber um intenso nível de confidencialidade em algumas de suas missivas, nas quais o autor, ao referir-se às técnicas e procedimentos adotados, deixa claro certos valores pessoais e posicionamentos críticos, que compartilha abertamente com seu interlocutor:

---

<sup>445</sup> SEARA, Isabel Roboredo. "Dialogismo na escrita intimista ou sacralização do eu? Estudo pragmático do acto de confiança", Trabalho apresentado em VI Congresso da ABRALIN, In Anais do (Associação Brasileira de Linguística), João Pessoa, 2009.

*O juízo da imprensa viu nestas duas comédias – simples tentativas de autor tímido e receoso. Se a minha afirmação não envolve suspeitas de vaidade disfarçada e mal cabida, declaro que nenhuma outra ambição levo nesses trabalhos. Tenho o teatro por coisa mais séria, e as minhas forças por coisa muito insuficiente; penso que as qualidades necessárias ao autor dramático desenvolvem-se e apuram-se com o tempo e o trabalho; cuido que é melhor tatear para achar; é o que procurei e procuro fazer. Caminhar destes simples grupos de cenas – à comédia de maior alcance, onde o estudo dos caracteres seja consciencioso e acurado, onde a observação da sociedade se case ao conhecimento prático das condições do gênero – eis uma ambição própria de ânimo juvenil, e que eu tenho a imodéstia de confessar<sup>446</sup>.*

*Até onde vai a ilusão dos meus desejos? Confio demasiado na minha perseverança? Eis o que quero saber de ti. E dirijo-me a ti, entre outras razões, por mais duas, que me parecem excelentes: razão de estima literária e razão de estima pessoal. Em respeito à tua modéstia, calo o que te devo de admiração e reconhecimento. O que nos honra, a mim e a ti, é que a tua imparcialidade e a minha submissão ficam salvas da mínima suspeita. Serás justo e eu dócil; terás ainda por isso o meu reconhecimento; e eu escapo a esta terrível sentença de um escritor: Les amitiés, qui ne résistent pas à la franchise, valent-elles un regret?<sup>447</sup>*

*Escrevera-lhe eu mais longamente desta vez, se não fora tanta coisa que me absorveu hoje o tempo e o espírito. Entretanto não deixarei de lhe dizer desde já que as censuras relativas a algumas passagens menos recatadas são para mim sobremodo salutares. Aborreço a literatura de escândalo, e busquei evitar esse escolho no meu livro. Se alguma coisa me escapou, espero emendar-me na próxima composição<sup>448</sup>.*

Mudemos a temática. Em uma situação adversa, referindo-se a uma viagem que fizera com a esposa a Nova Friburgo, para que esta pudesse recuperar-se de sua fragilizada saúde na cidade serrana, é Machado quem lá adocece, e “veladamente” relata o episódio a seu amigo José Veríssimo, citando detalhes sobre seu estado clínico:

*A letra vai ainda um pouco trêmula, mas os beijos ficam menos arrebatados. Veladamente quero dizer que acabo de sair de uma febre que me trouxe de cama alguns dias. A inflamação de garganta que a acompanhou é que me não deixou de todo, e ainda agora uso de um gargarejo, ao qual não sei que nome dê, mas que produz efeito. Veja o que são as coisas deste mundo. Entrei com saúde em cidade, onde outros vêm convalescer de moléstia, e apanhei uma moléstia. Imagine-me um pouco mais magro, e cheio de saudades<sup>449</sup>.*

Esta ideia de confidencialidade, de partilha de segredos, tão naturalmente aceita e reproduzida no discurso epistolar, pode ser encontrada em inúmeros momentos nas missivas de Machado, ao contrário do que imagina grande parte dos estudiosos, que julga não haver, nestes textos, expressões confessionais. Foi para ajudar a desmistificar este conceito tão amplamente difundido acerca da epistolografia machadiana, que optamos por apresentar, nesta pesquisa, fragmentos de um autor que se revela, que se confessa, que não se intimida frente ao julgamento de seu correspondente.

<sup>446</sup> Carta de Machado a Quintino Bocaiúva, escrita em dezembro de 1862. In: ACTI-08 p. 20-21.

<sup>447</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>448</sup> Carta de Machado a José Carlos Rodrigues, escrita em 25 de janeiro de 1873. In: ACT II-09 p. 82.

<sup>449</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 31 de janeiro de 1904. In: AOC-86 p. 166.

Em carta a Magalhães de Azeredo<sup>450</sup>, Machado, ao narrar certas particularidades sobre o ritmo de sua produção literária, constantemente interrompida pelo excesso de trabalho e pelos efeitos da doença, permite-se desnudar o temor de não vê-la terminada. Além dessa revelação, o autor também expressa sua insegurança quanto à publicação dos versos que compunha em sua juventude e que, provavelmente, já não estavam à altura do escritor que se tornara:

*[...] estou acabando um livro, em que trabalho há tempos bastantes, e de que já lhe falei, creio. Não escrevo seguidamente, como quisera; a fadiga dos anos, e o mal que me acompanha obrigam a interrompê-lo e temo que afinal não responda aos primeiros desejos. Veremos. Há quem me anime a coligir os versos que tenho esparsos e a fazer deles um volume. Não sei ainda que faça. Versos, quando são pecados da mocidade, não se podem tornar virtudes da velhice. Como tudo pode entrar na história de um espírito, não digo que não acabe juntando mais alguns pecados<sup>451</sup>.*

A confissão de Machado estava diretamente relacionada ao sentimento de desânimo e o natural pessimismo que acompanhavam o autor. Desprovido de reservas, Machado entrega de si a seu correspondente, em uma plena expansão de suas inseguranças e receios:

*Eu, pela minha parte, além de alguma coisa que tenho em mãos e não sei se acabarei, nem quando, quero ver se coligo certo número de escritos que andam esparsos. Não sei se valerá a pena fazer o mesmo aos versos; dado que sim, poderá sair um tomo pequeno. E será tudo, naturalmente; neste ponto da minha jornada, não se podem fazer muitos nem longos projetos. Vai-se parando onde o cansaço pedir que se pare, e andando até onde consentir que se caminhe<sup>452</sup>.*

Interessante observar que, mesmo deprimido e pouco confiante de que teria muito tempo ainda de vida, Machado preocupava-se sempre em influenciar positivamente seus interlocutores. Ao confessar seu pessimismo ao amigo Salvador de Mendonça, o autor culpa a natureza, por tê-lo feito assim, mas a perdoa por respeitar os “melhores”:

*Meu querido Salvador. Vai aqui um abraço pelo teu restabelecimento, agora completo. [...] Viva a velha guarda, meu amigo. Eu, apesar do pessimismo que me atribuem, e talvez seja verdadeiro, faço às vezes mais justiça à Natureza do que ela a nós. Não posso negar que ela respeita alguns dos melhores, e estou que os fere por descuido, mas logo se emenda e põe o bálsamo na ferida<sup>453</sup>.*

---

<sup>450</sup> Carlos Magalhães de Azeredo (1872 – 1963) foi um jornalista, diplomata, poeta, contista e ensaísta brasileiro. Fez parte do grupo dos dez intelectuais convidados para integrar o quadro dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Escolheu para patrono Domingos Gonçalves de Magalhães, a quem coube a cadeira nº. 9. Foi um dos grandes amigos de Machado de Assis, em seus últimos anos de vida.

<sup>451</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 09 de setembro de 1898. In: ACT III-11 p. 322.

<sup>452</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 10 de maio de 1898. In: ACT III-11 p. 308.

<sup>453</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 29 de agosto de 1903. In: OC-94 [115].

#### 4.3. PERSPECTIVA PRAGMÁTICA: OS ATOS EXPRESSIVOS E A SUA PREVALÊNCIA

*Não se importe de não ser alegre, também eu o não sou, ainda que pareça menos triste. Mas há em tudo um Limite. Sacuda de si esse mal. A arte é um bom refúgio. Perdoa a banalidade do dito em favor da verdade eterna<sup>454</sup>.  
(MACHADO DE ASSIS)*

A língua é um espaço de contato entre sujeitos conscientes de si e do outro, movidos por um determinado propósito. Para Bakhtin (2002: 113), “a interação verbal é a realidade fundamental da linguagem” e todo enunciado é endereçado a um interlocutor, fisicamente presente ou não. A linguagem é por natureza dialógica, uma vez que convoca sempre dois sujeitos: o enunciador e seu interlocutor, cujas existências configuram-se em condição essencial à prática comunicativa. A interação verbal é o lugar no qual toda e qualquer linguagem é produzida e onde o sujeito é constituído socialmente.

Existe, portanto, uma relação de interdependência entre sujeito, sociedade e língua, pois o sujeito se consolida através de sua relação com o “outro”, numa constante relação de alteridade, construída e mediada essencialmente por meio da linguagem. Nesse contexto, o sujeito é marcado pelo ambiente sociocultural do qual participa enquanto membro e seu comportamento influencia e modifica, direta e constantemente, o meio ao qual pertence.

Segundo as teorias pragmáticas, a linguagem pode ser considerada uma forma de ação, pois cada ato de fala estaria relacionado às relações entre os sujeitos, ao papel que cada palavra desempenha em uma situação comunicativa. Esta concepção coloca em evidência o caráter interativo da linguagem, que por sua vez remonta à sua finalidade primordial que é a efetiva comunicação entre as pessoas.

Quando falamos em comunicação, obrigatoriamente pensamos em compreensão de enunciados. Sobre esse aspecto, Sperber & Wilson (1989) nos lembram que, durante o processo de comunicação verbal, o destinatário não tem diretamente acesso às ideias que o locutor quer comunicar, apenas aos sinais por ele emitidos. Ao produzir tais sinais (visuais ou acústicos), o locutor modifica o ambiente físico/acústico do destinatário. É a percepção desses sinais que vai permitir que o destinatário construa representações semelhantes às representações que o locutor quis lhe comunicar:

---

<sup>454</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 3 de setembro de 1895. In: ACT III-11 p. 112.

É verdade que uma língua é um código que associa representações fonéticas a representações semânticas. Mas a representação de uma frase está longe de coincidir com os pensamentos que podem ser comunicados ao se enunciar essa frase<sup>455</sup>.

(SPERBER & WILSON, 1989: 21)

Para os autores, comunicar é produzir e interpretar *indícios* e não transmitir *mensagens*. Esta perspectiva conduz evidentemente a uma problematização do conceito de *sentido*, ao torná-lo dependente da *interpretabilidade* do enunciado. No ato da comunicação, o enunciador produz sinais capazes de conduzir o interlocutor a associá-los à percepção de uma intenção comunicativa, baseando-se principalmente no que chamamos *critério de pertinência*. Assim, o enunciador tem motivos para supor que seus sinais, juntamente com o conhecimento prévio do destinatário, o conduzirão à interpretação desejada. Para tanto, ele busca adequar seu enunciado à suposta capacidade interpretativa do destinatário e ao seu universo cognitivo. Assim, antes mesmo de ser proferido, o enunciado é em parte determinado pela ideia que o enunciador faz de seu interlocutor. Tal conceito é de fundamental importância na análise do texto epistolar.

Cabe ao interlocutor — e no caso da correspondência, o destinatário — a tarefa de procurar identificar, durante o processo de interpretação, a intencionalidade do enunciador, a partir das informações obtidas. Ele deve estar consciente de que algumas hipóteses adquirem pertinência durante o ato comunicativo, enquanto outras vão sendo refutadas. Por tudo isso, é imprescindível entender que uma sentença é portadora de um significado estável, pois emana de sua estrutura proposicional, mas o sentido de um enunciado, ao contrário, possui uma relação bastante estreita com o contexto no qual é produzido, especialmente no caso das cartas familiares, alvo de nossa investigação. Como nos lembra Maingueneau (2001: 20):

Compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes muito diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é um dado preestabelecido e estável<sup>456</sup>.

Dizer, escrever, comunicar, enfim, implica transmitir informações sobre algo de que se fala, mas importa, sobretudo fazer. Trata-se, em um sentido mais amplo, de uma tentativa de agir sobre o interlocutor e sobre o mundo ao seu redor. Em uma perspectiva pragmática, ao valor que se encontra alojado no enunciado, dá-se o nome de valor

<sup>455</sup> SPERBER, D. & WILSON, D. *La pertinence: Communication et cognition*. Paris: Minuit, 1989.

<sup>456</sup> MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

illocutório (ou ilocucionário), que está mais intimamente relacionado à intenção de quem enuncia. Este valor equivale àquilo que o ato significa para aqueles que comunicam: um oferecimento, uma ordem, uma promessa, um pedido de desculpa, uma crítica etc. Chamamos, pois, de ato illocutório, o ato de realizar uma ação através de um enunciado.

Mas para que o interlocutor possa entender perfeitamente a intenção do enunciador, ele deve colocar em prática a interpretação de informações que não são trazidas diretamente pelo enunciado, mas inferidas. Dessa forma, não se trata da mera compreensão de palavras, nem do significado individual que elas possuem, mas de hipóteses, de combinação de informações, de intenção comunicativa, de reconhecimento de posições sociais, de pertinência, de imagens de si (*ethos*) e do outro. Entram em jogo os elementos extralinguísticos, como o contexto de enunciação, o conhecimento prévio, os papéis sociais que os interlocutores exercem e tantos outros, que constituem parâmetros importantes para a interpretação dos enunciados.

Entretanto, é importante salientar que as “variações culturais afetam o funcionamento das interações e da realização dos atos de fala” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005: 200). Por conta desse fenômeno, é muito comum que os enunciados apresentem um certo grau de ambiguidade. Quando falta, ao interlocutor, algum dos parâmetros necessários à interpretação, é bem provável que o discurso possa ser mal compreendido, em função da ambiguidade presente em muitos enunciados. Nesse sentido, podemos dizer que há ambiguidade tanto no âmbito da frase (mais relacionada ao nível da língua, no qual importa o conteúdo) quanto no âmbito do enunciado (situada no contexto, nas inferências e nos propósitos). Há, portanto, situações em que a ambiguidade tende a se manter, apesar da contribuição dos fatores que interferem na interpretação.

Assim, a pragmática sustenta que o sentido é um modo de ação sobre o outro. O discurso não seria, portanto, apenas uma forma de ação, mas principalmente de interação. Todo discurso é uma construção coletiva, uma vez que a ideia que o locutor faz do destinatário orienta seu próprio dizer. A forma como se estabelece o discurso é, em parte, determinada por parâmetros referentes à relação social. Como afirma Kerbrat-Orecchioni (2001: 70), “o contexto interacional determina em uma larga medida quais são os atos permitidos ou proibidos a tal ou tal interagente”.

A partir destas considerações, fica mais clara a Teoria dos Atos da Fala, de John Austin<sup>457</sup> e desenvolvida por John Searle<sup>458</sup>. A teoria confirma as primeiras análises por ele levantadas, ao afirmar que as palavras refletem uma maneira de agir, uma realização concreta. Tal perspectiva revela um novo olhar sobre a língua, vista agora como forma de ação e não apenas como uma simples representação da realidade.

Neste sentido, o contexto desempenha um papel fundamental no processo de produção/atribuição de sentido. De fato, o interesse dos estudiosos, antes seduzidos pela estrutura do enunciado, deslocou-se para outra direção, na tentativa de integrar ao estudo da comunicação verbal elementos pertencentes a outras dimensões, os quais orientam os sistemas de trocas e regulam o funcionamento das atividades sociais.

A análise dos atos discursivos passa a ser mais relacional, ou seja, ganham peso os aspectos funcionais, subjetivos e sociais, sejam eles conscientes ou não, que podem ser apreendidos do exercício da palavra. Incorpora-se, assim, aos estudos da linguagem a preocupação com certos aspectos da enunciação, tais como posições sociais, relações interpessoais, premissas culturais, motivações contextuais e pessoais, efeitos de sentido, processos de intervenção e interação na comunicação, possíveis negociações e estratégias discursivas, representação do *ethos*, conflitos e interesses dos interlocutores.

Com a necessidade de análise de tantos aspectos, admite-se a dificuldade, senão a impossibilidade, de determinar com alguma segurança o sentido de um enunciado sem fazer referência ao seu contexto de enunciação. Estudos acerca do contexto, nomeadamente no texto epistolar, podem fornecer ao leitor um apoio decisivo no que se refere ao cálculo interpretativo, ao vincular o enunciado a uma situação interlocutiva circunstanciada, restringindo dessa forma o espaço da ambiguidade.

Como dissemos, o ato ilocutório é uma estrutura linguística oral ou escrita dotada de determinada força. Servir-se da língua, em qualquer instância ou circunstância, é realizar uma ação — enunciar é fazer. Realizar atos ilocutórios expressivos consiste em expressar estados psicológicos do locutor ou autor relativamente a uma situação ou estado de coisas, e ao interlocutor ou destinatário com o qual desempenha uma determinada função comunicativa.

A articulação do discurso no decorrer dos textos, sejam eles proferidos ou escritos pelos agentes da enunciação, revela uma reação e/ou intenção que em muito se aproxima

---

<sup>457</sup> AUSTIN, John Langshaw. *How to do things with words*. Oxford: Clarendon Press, 1962.

<sup>458</sup> SEARLE, John. *Speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

de suas emoções particulares, exteriorizadas no momento do enunciado. Entretanto, cabe ressaltar que, em muitos casos, tal expressão pode estar relacionada também às convenções sociais do meio e não apenas na sinceridade de sentimentos e pensamentos. Esta afirmação fomenta a necessidade de investigação dos atos expressivos também sob a ótica de suas funções socialmente apreendidas e reproduzidas no discurso.

Seguindo os preceitos de Austin, Searle e, mais especificamente, no que se refere à análise do texto epistolar, os atos ilocutórios expressivos tendem a prevalecer sobre os demais, já que são bastante comuns neste gênero o uso de verbos como agradecer, congratular-se, desculpar-se, deplorar, dar as boas-vindas, exprimir condolências e saudar. Estudiosos mais recentes também têm dado suas contribuições ao tema (Norrick<sup>459</sup> e Palrilha<sup>460</sup>) e mostraram que outras possibilidades também podem ser enquadradas na categoria dos atos expressivos, de forma que é possível identificar diversas outras situações que também encerram em si uma carga emotiva.

Assim, entendemos que a presença de tais atos nos textos epistolares compõe um painel extenso de variações e alternativas discursivas. Tendo como ponto de partida a análise da correspondência machadiana, elencamos algumas possibilidades de construção do “fazer ilocutório expressivo” e, para tanto, servimo-nos da recorrência de alguns elementos que ora destacamos:

- a) *verbos ilocutórios expressivos*: adorar, agradecer, almejar, apresentar condolências, compadecer-se, conformar-se, congratular-se, dar as boas-vindas, deplorar, desculpar-se, desejar, elogiar, enaltecer, esperar, exaltar, felicitar, glorificar, gostar, lamentar, lastimar, odiar, perdoar, querer, queixar-se, saudar, vangloriar-se;
- b) *expressões verbais e adverbiais que criam universos de referência, expressando valores e julgamentos*: achar bem, achar mal, gostar muito, gostar pouco;
- c) *expressões exclamativas, frases ou não, com adjetivos valorativos, advérbios e verbos experienciais, expressivos ou afetivos*.

Para que pudéssemos proceder a uma investigação satisfatória das missivas machadianas, tornou-se imprescindível à nossa análise a apreensão destes conceitos, uma vez que comprovamos nas cartas do autor a recorrência dos atos expressivos. Machado faz

---

<sup>459</sup> NORRICK, Neal R. Expressive illocutionary acts. In *Journal of Pragmatics*, Volume 2, Issue 3, pp. 277-291, 1978.

<sup>460</sup> PALRILHA, Silvéria Maria Ramos. *Contributos para a análise dos actos ilocutórios expressivos em português*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2009.

um uso interessante destes atos ilocutórios, principalmente se pensarmos que o teor de suas correspondências poucas vezes reflete um comportamento confessional ou uma postura autobiográfica. Esta peculiaridade da construção epistolar estabelecida por Machado<sup>461</sup> e as particularidades do autor no âmbito pragmático tornam sua epistolografia uma excelente opção para o estudo que ora propomos acerca da correspondência. Somam-se a esta análise dos aspectos retórico-discursivos das cartas, uma reflexiva interpretação das missivas, o que proporciona um campo bastante fértil de trabalho, e que auxilia, inclusive, a mapear uma nova gama de atos ilocutórios expressivos. No referido processo de investigação, listamos a ocorrência de alguns atos expressivos nas formas já cristalizadas pelos estudiosos e incluímos outros, que julgamos conter os mesmos requisitos necessários à expressividade do autor na situação comunicativa epistolar. São eles:

**a) Pedir desculpa, desculpar-se por algo (ou apresentar informalmente uma desculpa a alguém):** Segundo Palrilha (2009: 35), o ato de pedir desculpa “consiste na expressão de arrependimento por um comportamento negativo, da responsabilidade do falante”. De acordo com as definições de Seara (2006: 241), ao produzir um pedido de desculpas, o locutor está realizando um ato expressivo, “cujo objectivo ilocutório é dar a conhecer ao seu interlocutor que violou determinada norma social e que se considera, pelo menos parcialmente culpado de ter ocasionado essa violação<sup>462</sup>”. Ainda segundo a autora, o pedido de desculpas reforça a face positiva do interlocutor e constitui-se como um ato imprescindível na manutenção das boas relações interpessoais. Optamos por incluir a este grupo os atos que expressam uma “isenção de responsabilidade” do falante em relação a um fato ou acontecimento. Em geral, na correspondência machadiana, este ato ocorre de maneira indireta, menos formal (sem o uso da expressão “desculpe-me por” ou afins), uma vez que suas justificativas, por inúmeras razões, eram bastante comuns:

*Desculpe-me se concluo esta carta mais depressa do que quisera, mas cá me chama a tarefa do dia, e eu não quero perder o paquete. Seria demorar demais<sup>463</sup>.*

*Estimo muito e muito as tuas melhoras, e sinto deveras não ter podido ir ver-te antes da tua partida para a Tijuca<sup>464</sup>.*

<sup>461</sup> Discutiremos a questão do projeto pessoal epistolar de Machado de Assis no capítulo 5 desta dissertação.

<sup>462</sup> SEARA, Isabel Roboredo. Da epístola à mensagem eletrónica, metamorfoses das rotinas verbais. Tese de doutoramento em linguística. Lisboa: Universidade Aberta, 2006.

<sup>463</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 03 de junho de 1899. In: ACT III-11 p. 375.

<sup>464</sup> Carta de Machado a Francisco Ramos Paz, escrita em 19 de novembro de 1869. In: ACT I-08 p. 272.

*Escrevo-te à pressa, à última hora, e por isso me dispensarás se te não digo uma série de coisas que há sempre que dizer entre bons amigos que se não falam há muito<sup>465</sup>.*

*Adeus, meu querido Mário; não digo mais por não poder cansar a cabeça e a vista<sup>466</sup>.*

*Caro e bom amigo. Esta carta devia ser imediata à sua, mas tais são aqui os meus trabalhos que não cumpro logo essa obrigação, aliás deleitosa, uma vez que é falar-lhe, ainda que de longe<sup>467</sup>.*

*Uma antedata salva tudo, mas nem a consciência nem o Graça Aranha deixariam mentir, e eu prefiro confessar a minha triste memória de velho. Pois não é que deixei passar o dia 8 de abril, sem lá mandar duas linhas de saudação, ou dar um pulo à Revista? Foi o Graça que me lembrou hoje aquele dia, e aqui lhe mando as saudações da amizade<sup>468</sup>.*

**b) Agradecer (expressar sentimento de gratidão ou reconhecimento a alguém):**

Segundo a definição de Palrilha (2009: 39), o ato de agradecer “consiste na expressão de um estado psicológico de gratidão por alguma ação realizada pelo interlocutor, no sentido de beneficiar o falante”. A pesquisadora Seara (2006: 240) evoca, neste conceito, o sentimento de reação frente a um comportamento de seu correspondente: “o agradecimento é um acto expressivo reactivo que é determinado por um acto previamente efectuado pelo interlocutor. O acto de agradecimento restabelece o equilíbrio na relação custo-benefício entre os interlocutores<sup>469</sup>”. Em sua epistolografia, Machado faz uso deste ato expressivo inúmeras vezes, principalmente quando deseja demonstrar a importância dos gestos de carinho e amizade recebidos de seus amigos:

*Agradeço-te outra vez a recomendação que de mim fizeste ao Afonso<sup>470</sup>.*

*Agradeço-te as felicitações pelo meu casamento<sup>471</sup>.*

*Agradeço-lhe de coração as suas palavras, ao mesmo tempo que me desvanço de as ler tão cálidas e espontâneas<sup>472</sup>.*

*Antes de mais nada deixe-me agradecer-lhe a confiança que depositou em mim. Qualquer que fosse o objeto, devia agradecer-lha; tratando-se porém de seu futuro, como me disse, lisonjeou-me muito mais a escolha que fez de mim<sup>473</sup>.*

*Quero agradecer-lhe a impressão que me deixaram estas suas páginas de pensamentos e recordações<sup>474</sup>.*

<sup>465</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 08 de outubro de 1877. In: ACT II-09 p. 135

<sup>466</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 12 de julho de 1908. In: AEO-09 p. 103.

<sup>467</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 14 de janeiro de 1894. In: ACT III-11 p. 33.

<sup>468</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 10 de abril de 1899. In: ACT III-11 p. 370.

<sup>469</sup> SEARA, Isabel Roboredo. op. cit., p. 240.

<sup>470</sup> Carta de Machado a Quintino Bocaiúva, escrita em 29 de outubro de 1866. In: ACT I-08 p. 169.

<sup>471</sup> Carta de Machado a Francisco Ramos Paz, escrita em 19 de novembro de 1869. In: ACT I-08 p. 272.

<sup>472</sup> Carta de Machado a Sílvio Dinarte, escrita em 07 de outubro de 1886. In: ACT II-09 p. 322.

<sup>473</sup> Carta de Machado a Lúcio de Mendonça, escrita em 16 de abril de 1873. In: ACT II-09 p. 85.

<sup>474</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 19 de agosto de 1906. In: AOC-86 p. 939.

*Recebe apertado abraço pelas boas palavras que disseste hoje de mim. A mão que me fez entrar para essa casa há sete anos é a mesma que tão lealmente me dá o adeus da despedida. São coisas que não se esquecem<sup>475</sup>.*

**c) Congratular-se, elogiar, enaltecer, glorificar, exaltar e felicitar (expressar louvor, grandiosidade, qualidade):** O ato de congratular-se engloba uma série de situações que, na língua portuguesa, preenchem os requisitos necessários a identificações similares. Para Palrilha (2009: 41), “o ato de congratulação consiste na expressão de satisfação pelo desfecho de uma situação e realiza-se através da felicitação do outro”. A correspondência configura-se, portanto, como o espaço ideal para a expressão desta situação enunciativa, uma vez que a polidez e a cortesia são elementos fundamentais a este tipo de comunicação e estão presentes em qualquer discurso epistolar:

*Felicito-te pelo casamento do Mário, que conheci tão menino. A ele e a sua jovem esposa darás da parte de minha senhora e da minha, iguais felicitações<sup>476</sup>.*

Tal ato pode ser observado constantemente nas cartas de Machado, em especial naquelas em que felicita os amigos literatos por seus textos, livros e demais investidas no campo das Letras. Não devemos ignorar também que o autor era um grande incentivador dos novos talentos, o que intensifica, ainda mais, a presença dos elogios e felicitações em sua correspondência pessoal:

*Quero ler seu estudo sobre a Itália, as novelas, as poesias recentes. Uma destas apareceu agora na Revista Brasileira que só se distribuiu ontem à tarde; é bonita e elevada, como aliás costumam ser os seus versos; estes pertencem naturalmente ao prelúdio do seu consórcio. O metro corresponde bem ao sentimento, o verso é artístico<sup>477</sup>.*

*Deixe-me apertar-lhe as mãos pelas Procelárias, excelente volume, que será recebido como merece<sup>478</sup>.*

*Meu querido amigo, não escolho papel para lhe mandar o meu abraço de parabéns. Não me pergunte se merece tantas fortunas; é certo que sim, e não continuo este capítulo para não vexá-lo<sup>479</sup>.*

*[...] as questões inglesas [...] são pouco familiares neste país; e fazer com que todos as acompanhem com interesse, não era fácil, e foi o que Você alcançou. Sua reflexão política, seu espírito adiantado e moderado, além do estilo e do conhecimento das coisas dão muito peso a esses escritos<sup>480</sup>.*

<sup>475</sup> Carta de Machado a Quintino Bocaiúva, escrita em 09 de abril de 1867. In: ACT I-08 p. 68.

<sup>476</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 22 de setembro de 1895. In: ACT III-11 p. 115.

<sup>477</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 17 de novembro de 1896. In: ACT III-11 p. 187.

<sup>478</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 09 de setembro de 1898. In: ACT III-11 p. 320.

<sup>479</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 10 de janeiro de 1898. In: ACT III-11 p. 286.

<sup>480</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 14 de abril de 1883. In: ACT II-09 p. 250.

**d) Deplorar, censurar, criticar, lamentar, lastimar, queixar-se (expressar pena, lástima, reprovação, indignação ou outros sentimentos que interferem, direta ou indiretamente, no comportamento do interlocutor):** O uso destes verbos é relativamente comum na linguagem, especialmente em situações de interação comunicativa, onde existe a ocorrência de juízos de valores. Esta prática também aparece na escrita epistolar sob forma de expressão valorativa. Como nos lembra Palrilha (2009: 44), “para verdadeiros atos desta natureza, o destinatário tem de ser o agente, o que exclui muitos atos de criticar”. A avaliação do comportamento do outro é o fator que demarca, linguisticamente, a força ilocutória expressiva na fala de um dos interlocutores:

*A carta que me mandou, e a que ora respondo, com algum atraso, trouxe algumas palavras de tristeza, que não fazem mal. As de desespero, porém, são muitas e afligem. Um pouco de melancolia ou muito que seja, traz inspiração: veja Lamartine e Musset. Mas “essa melancolia profunda, angustiada, infernal, que ultimamente o oprime, e para tudo o inutiliza”, isso não pode ser senão doença, contra a qual mais vale a higiene que os medicamentos<sup>481</sup>.*

*Que a minha peça tenha uma fisionomia comum a muitas outras do mesmo gênero, e que, sob este ponto de vista, não possa pretender uma originalidade perfeita, isso acredito eu; mas que eu tenha copiado e assinado uma obra alheia, eis o que eu contesto e nego redondamente<sup>482</sup>.*

*O Oliveira Lima escreveu-me que vocês têm aí um chá das cinco horas, em que recordam os nossos. Aqui é que acabou toda a reunião; raro nos vemos<sup>483</sup>.*

*O que me fez lembrar de ti foi o silêncio e o isolamento a que te condenaste. [...] Ora, se te condeno pela falta de confiança no que te podia vir das mãos do futuro, – e muito deve ser para um talento como o teu, – aplaudo-te no que se refere a não conservares saudades do que abandonavas, saindo da vida ruidosa deste centro, e procurando um refúgio ameno no interior da província<sup>484</sup>.*

**e) Lamentar-se (expressão de lamento a respeito de uma desventura própria):** Este ato ilocutório difere dos demais em alguns aspectos, pois não necessita ser dirigido a um interlocutor; o sentimento expresso refere-se ao próprio sujeito falante. Palrilha argumenta que “este ato envolve sempre o falante como observador da sua própria desventura. É um ato de compaixão dirigido a si próprio” (2009: 46):

*Meu amigo. Prometi-lhe um artigo para o livro que se vai imprimir, comemorando mais um progresso do Liceu Literário Português, e sou obrigado a não lhe dar nada do que era minha intenção. Tinha planeado uma apreciação longa e minuciosa das instituições literárias e outras dos portugueses no Brasil; faltou-me o tempo e descanso do espírito<sup>485</sup>.*

<sup>481</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em setembro de 1895. In: PS-00 p. 141.

<sup>482</sup> Carta de Machado à Imprensa Acadêmica, escrita em 21 de agosto de 1864. In: ACT I-08 p. 64.

<sup>483</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 07 de dezembro de 1900. In: AOC-86 p. 1054.

<sup>484</sup> Carta de Machado a Teixeira de Melo, escrita em 22 de novembro de 1864. In: ACT I-08 p. 76.

<sup>485</sup> Carta de Machado a Luís de Faro, escrita em junho de 1884. In: ACT II-09 p. 272.

Na correspondência de Machado, especialmente aquela escrita durante sua última década de vida, tal ato é sensivelmente recorrente em suas missivas, usado como ferramenta discursiva pelo autor para transmitir ao destinatário suas dores físicas, sua solidão, sua desesperança e seu desencanto para com a vida:

*Cá o invejo de longe. Eu, meu caro amigo, pelo avanço dos anos, e por outras razões não menos melancólicas, creio que irei deste mundo sem ver essa outra parte dele, que atraiu os jovens do meu tempo e continua a atrair os de hoje. Não sei o que serão hoje essa Veneza e essa Verona, que trouxeram para o finado romantismo a imortalidade de Shylock e de Julieta e Romeu<sup>486</sup>.*

*Sinto bem não poder continuar esta carta; tenho o meu espírito realmente atribulado<sup>487</sup>.*

*Disse ontem ao barão que iria hoje ao clube, mas a mesma razão que me impediu ontem de ir à sua casa é a que não me deixa cumprir o que prometi. É o caso que um cirurgião veio-me a uma das orelhas com um bisturi, ontem mesmo, e recomendou-me que evitasse a umidade para não sobrevir uma erisipela. Trata-se de um quisto que ia crescendo e mandei extrair<sup>488</sup>.*

**f) Saudar (expressão cordial entre interlocutores, cumprimentos):** A saudação é uma manifestação de cortesia, uma demonstração de cuidado, respeito ou mesmo admiração com nosso interlocutor. Segundo Palrilha (2009: 50), a saudação está integrada “em todas as culturas como componente verbal da interação social, que se realiza por meio de fórmulas, de estruturas consolidadas e de uso estritamente convencional”. Responder a uma saudação significa estar aberto a um ato de socialização, a um possível estreitamento de laços, a uma continuidade do diálogo que foi estabelecido. Além disso segundo Seara (2006: 240), a saudação tem outras funções interactivas, uma vez que “potencia igualmente a comunicação fática e, de acordo, com a fórmula seleccionada, serve para estabelecer ou confirmar a relação interpessoal, que se define por factores anteriormente evocados<sup>489</sup>”. Vale ressaltar ainda que, no âmbito dos textos epistolares, a saudação remete, metaforicamente, à simpatia inicial presente na conversa informal, responsável pela abertura do canal comunicativo:

*Meu querido amigo, muito obrigado pelas boas novas<sup>490</sup>.*

*Meu querido Mário. Obrigado pela sua carta amiga e boa<sup>491</sup>.*

<sup>486</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 25 de abril de 1897. In: CMA-69 p. 109.

<sup>487</sup> Carta de Machado a Quintino Bocaiúva, escrita em 24 de dezembro de 1866. In: ACT I-08 p. 203.

<sup>488</sup> Carta de Machado a Domingos Lourenço Lacombe, escrita em 11 de maio de 1885. In: ACT II-09 p. 290.

<sup>489</sup> SEARA, Isabel Roboredo. op. cit., p. 240.

<sup>490</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em agosto de 1908. In: OC-94 [188].

<sup>491</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 1º de janeiro de 1898. In: ACT III-11 p. 285.

*Querido e distinto amigo Mário de Alencar. Muito lhe agradeço a sua resposta a minha carta relativa ao destino do edifício da Praia da Lapa*<sup>492</sup>.

*Meu querido Salvador. Vai só uma palavra, por falta de tempo e necessidade de não adiar para amanhã*<sup>493</sup>.

*Meu caro Veríssimo. Aceito muito agradecido os abraços de fim de ano, e aqui os devolvo com igual cordialidade, pedindo-lhe também que apresente à sua senhora as minhas respeitadas felicitações*<sup>494</sup>.

**g) Vangloriar-se (expressar orgulho, exibir-se, gabar-se de algo):** Este ato ilocutório expressivo ocorre de forma indireta, sem o uso dos verbos que estão mais comumente relacionados ao ato de orgulhar-se. Segundo Palrilha (2009: 49), tais atos consistem, muitas vezes, “em manifestações acerca do futuro, ações tencionadas, expressando proposições que não podem ser pressupostas como verdadeiras”. Para a autora, este ato não implica no envolvimento do interlocutor como participante da situação expressa, mas, no caso das correspondências machadianas, a expressão de orgulho acerca de si é bastante nítida, nomeadamente quando alguns de seus trabalhos obtinham boa repercussão:

*Muito obrigado, pela felicitação. Chegou-me à hora própria, e foi lida entre aplausos, que aceitei como sinal da aprovação da nossa amizade, já de alguns anos, e sempre a mesma*<sup>495</sup>.

De fato, Machado orgulhava-se muito dos êxitos que obtinha a cada nova obra. Mesmo em se tratando de reedições, o escritor demonstrava-se bastante satisfeito em ver que seus escritos chegavam a mais e mais leitores. Tal sentimento repercutia, diretamente, na exposição – ainda que rara – de seu *ethos* vaidoso:

*A casa Garnier fez uma nova edição das minhas Memórias Póstumas de Brás Cubas. É a terceira, contando por primeira a publicação na antiga Revista Brasileira. Vai também sair uma edição nova do Quincas Borba, cuja primeira edição data de 1891, e estava esgotada. O primeiro livro há muito que o estava [...]*<sup>496</sup>.

Uma das maiores satisfações da vida do autor foi ter concretizado o sonho de ver instaurada, em seu país, a Academia Brasileira de Letras. A respeito desta conquista, o presidente Machado demonstra seu *ethos* vaidoso, exibindo-a em suas missivas com um inegável orgulho e dividindo-a com seus pares:

<sup>492</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 15 de fevereiro de 1904. In: OC-94 [125].

<sup>493</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 11 de agosto de 1900. In: OC-94 [88].

<sup>494</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 31 de dezembro de 1898. In: ACT III-11 p. 344.

<sup>495</sup> Carta de Machado a Lúcio de Mendonça, escrita em 07 de outubro de 1886. In: ACT II-09 p. 319.

<sup>496</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 29 de maio de 1897. In: ACT III-11 p. 232.

*A Academia pegou, como dizem alguns, e parece que sim*<sup>497</sup>.

*A Academia está, enfim, aposentada e alfaiada; resta-lhe viver*<sup>498</sup>.

*Enfim, a Academia vai sendo aceita, estimada e amada*<sup>499</sup>.

**h) Desejar, esperar, almejar (ou expressar formalmente o “não querer”):** Assim como nos demais casos, a presença destes verbos também reveste o texto de um certo grau de expressividade, uma vez que indica a vontade, o desejo, a intenção de concretizar algo. Além dos verbos, algumas expressões linguísticas carregam em si a ideia do desejo, da breve realização de algo que se espera alcançar. Nas cartas de Machado, em razão de todas as dificuldades que atravessara, tais atos ilocutórios estão bastante presentes:

*A sua carta de 17 de Abril trouxe-me notícia de trabalhos que li e aplaudo, e dos que tem em mão. Deixe-me dizer-lhe ainda uma vez que esse afinco, esse amor à arte, esse gosto da produção, é uma das suas qualidades mais preciosas. Desejo vê-lo assim sempre*<sup>500</sup>.

*Meu amigo. Vou publicar as minhas duas comédias de estreia e não quero fazê-lo sem o conselho de tua competência*<sup>501</sup>.

*Pedes-me coisas tão justas, que eu nem teria pretexto de te recusar se quisesse recusar-te alguma coisa, e não quero*<sup>502</sup>.

*Oxalá possa chegar a ver, parte que seja do seu trabalho. E folgo muito que ponha nele a paciência das obras perfeitas*<sup>503</sup>.

*Palavras de ouro, que oxalá não sejam palavras ao vento*<sup>504</sup>.

**i) Conformar-se (expressão de conformismo ou resignação sobre algo):** Embora esta categoria não tenha sido contemplada nas listas de atos expressivos analisados, ousamos incluí-la nesta pesquisa, uma vez que percebemos nela um forte apelo expressivo, como observados na análise da correspondência machadiana. Quando o sujeito missivista aceita determinada situação e a coloca em suas cartas, ele está expressando ao seu correspondente um sentimento de resignação, de tolerância, de concordância, de adaptação e de conciliação consigo mesmo perante um possível problema que esteja atravessando ou uma

<sup>497</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 26 de dezembro de 1906. In: AEO-09 p. 29.

<sup>498</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 11 de agosto de 1905. In: M&N-03 p. 134.

<sup>499</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 14 de janeiro de 1908. In: ACT III-11 p. 149.

<sup>500</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 03 de junho de 1899. In: ACT III-11 p. 375.

<sup>501</sup> Carta de Machado a Quintino Bocaiúva, escrita entre dez. de 1862 e março de 1863. In: ACT I-08 p. 19.

<sup>502</sup> Carta de Machado a Carolina Xavier Novais, escrita em 02 de março de 1869. In: ACT I-08 p. 257.

<sup>503</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 21 de janeiro de 1908. In: AEO-09 p. 79.

<sup>504</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 14 de abril de 1883. In: ACT II-09 p. 250.

eventualidade a qual não possa solucionar da maneira que gostaria. É este o exato sentido da conformidade que encontramos nas cartas de Machado:

*Foi-se a melhor parte da minha vida, e aqui estou só no mundo. Note que a solidão não me é enfadonha, antes me é grata, porque é um modo de viver com ela, ouvi-la, assistir aos mil cuidados que essa companheira de 35 anos de casados tinha comigo; mas não há imaginação que não acorde, e a vigília aumenta a falta da pessoa amada<sup>505</sup>.*

*Há sempre algum amparo na condolência dos amigos, em um transe destes. A razão é deveras a que me dá, dizendo haver nela um pouco da doçura, que é a simpatia humana. Aprendo esta verdade, e a minha completa fortuna seria ir levá-la cedo à companheira de toda a minha vida<sup>506</sup>.*

*Já há dias tinha notícia do que ora me sucede; a última vez que nos vimos, de passagem, já eu sabia que ia ser adido. Assim, vinha-me acostumando à ideia e ao fato, e agora que este foi consumado não me resta mais que conformar-me com a fortuna, e encarar os acontecimentos com o preciso rosto<sup>507</sup>.*

*[...] agradeço que haja pensado em mim, no meio das pompas da grande basílica. Eu é que nunca me verei lá, como quisera. Já me contento em passar pela memória de alguém nessa hora em que tudo parece excluir outras memórias. Parece-me que é lá ter vivido um instante<sup>508</sup>.*

**j) Expressões exclamativas (relacionadas a valores expressivos e/ou afetivos):** A frase exclamativa é um recurso bastante utilizado para expressar sentimentos e emoções, nomeadamente nos textos epistolares. Embora, em alguns casos, a sentença não chegue a configurar uma oração, já que na maioria das vezes ela é formada sem a necessidade do verbo, a exclamação pode, por si só, transmitir ao interlocutor a ideia emotiva pretendida pelo enunciador. Vejamos alguns exemplos:

*Recebi ontem duas cartas tuas, depois de dois dias de espera. Calcula o prazer que tive, como as li, reli e beijei! A minha tristeza transformou-se em súbita alegria<sup>509</sup>.*

*Se, em vez de te refugiares como andorinha friorenta, houvesse ficado no tumulto da vida, quem sabe se – (tremo em pensá-lo!) – quem sabe se não acordavas um dia com alma de político? Ah! Então é que eu te dava por perdido de uma vez<sup>510</sup>.*

*Queria dizer-te o que houve a respeito de bilhetes, e ao mesmo tempo falar-te de uma ideia soberba<sup>511</sup>!!!*

*Recebi a tua carta e o teu retrato, o que quer dizer que te recebi todo em corpo e alma. A alma não mudou; é a mesma que daqui se foi. Mas o corpo! Estás outro, meu Salvador [...]. Muito me contas desse país. Li-te com água na boca. Pudesse eu ir ver tudo isso<sup>512</sup>!*

<sup>505</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 13 de dezembro de 1904. In: AOC-86 p. 1070.

<sup>506</sup> Carta de Machado a Domício da Gama, escrita em 26 de outubro de 1904. In: OC-94 [134].

<sup>507</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 1º de janeiro de 1898. In: ACT III-11 p. 285.

<sup>508</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 03 de junho de 1899. In: ACT III-11 p. 376.

<sup>509</sup> Carta de Machado a Carolina Xavier Novais, escrita em 2 de março de 1869. In: ACT I-08 p. 257.

<sup>510</sup> Carta de Machado a Teixeira de Melo, escrita em 22 de novembro de 1864. In: ACT I-08 p. 75.

<sup>511</sup> Carta de Machado a Francisco Ramos Paz, sem data. In: ACT I-08 p. 286.

*Veja que bom consolador lhe saio hoje! Acabo falando em coisas tristes*<sup>513</sup>.

*Venhamos ao teu retrato. Acho-o excelente; não te importes com os 54 anos; eu cá vou com os meus 56 e não digo nada. Vivam os quinquagenários*<sup>514</sup>!

**k) Expressões verbais, adjetivais e adverbiais (que conferem à sentença uma expressão valorativa e/ou avaliativa):** Tais expressões, assim entendemos, podem ser igualmente consideradas atos ilocutórios expressivos, à medida que constituem uma indicação do estado mental e/ou emocional do enunciador em relação a uma situação ou um estado de coisas. A título de ilustração, separamos alguns exemplos contidos na epistolografia de Machado:

*Adeus, meu Quintino, sê feliz, e volta breve ao Brasil, onde tanta gente, valendo menos que tu, tem tido a inexplicável fortuna de nos governar este barco*<sup>515</sup>. (grifo nosso)

*Adeus, meu querido amigo; vá desculpendo as faltas de resposta, e castigando-me com obrigações novas de lhe responder*<sup>516</sup>. (grifo nosso)

*Creia que se não foi avisado, lá estive, todavia no pensamento, e lá estaria sempre, qualquer que fosse a distância, não sendo possível tratar de letras brasileiras sem acudir à memória de todos o autor daquela joia literária que se chama Inocência e de tantos outros livros de valor*<sup>517</sup>. (grifo nosso)

**l) Construções com os verbos *estar* e *ficar*:** Para Palrilha (2009: 64), “normalmente, o verbo ‘estar’ designa o estado do sujeito considerado como accidental, não inerente, temporário. Portanto, o predicado representado é um predicado de estádio”. Isto significa que os predicadores podem denotar também estados emocionais, comumente ligados à expressão de sentimentos do enunciador. Tais características podem ser comprovadas através de alguns fragmentos da correspondência machadiana, que ora apresentamos:

*Estou aqui um triste velho desamparado, contando alguns poucos amigos, entre os quais figura o seu nome de moço de talento*<sup>518</sup>.

*Não estou, porém, tão inútil que não possa cuidar das Baladas e Fantasias. [...] Aqui estou pronto para seu procurador e adiantar na parte que me couber o aparecimento daquele livro*<sup>519</sup>.

<sup>512</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 24 de dezembro de 1875. In: ACT II-09 p. 109.

<sup>513</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 26 de maio de 1895. In: ACT III-11 p. 81.

<sup>514</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 22 de setembro de 1895. In: ACT III-11 p. 115.

<sup>515</sup> Carta de Machado a Quintino Bocaiúva, escrita em 29 de outubro de 1866. In: ACT I-08 p. 169.

<sup>516</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 03 de junho de 1899. In: ACT III-11 p. 376.

<sup>517</sup> Carta de Machado a Visconde de Taunay, escrita em 07 de outubro de 1886. In: OC-94 [31].

<sup>518</sup> Carta de Machado a Belmiro Braga, escrita em 23 de junho de 1906. In: OC-94 [149].

<sup>519</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 03 de junho de 1899. In: ACT III-11 p. 376.

**m) Expressões fáticas:** Uma das principais características dos atos expressivos é a garantia do estabelecimento de relações sociais entre os interlocutores. Em cada ato, há um tipo de papel social, exercido pelos sujeitos que participam da situação comunicativa. Com efeito, a ocorrência das expressões fáticas comprova que o autor expressava sua vontade em dialogar com seu interlocutor, em manter sua atenção, numa tentativa de trazer para o diálogo epistolar o frescor e a espontaneidade de uma conversa face a face.

Os exemplos abaixo expressam a preocupação de Machado em estabelecer uma forma de contato que parecesse o mais próximo possível de seu correspondente, o que denota certo grau de cumplicidade e de cordialidade em relação ao outro:

*[...] invejo-lhes a temperatura. Aqui reina o calor; apesar do temporal de ontem, escrevo-lhe com calor, às sete horas da manhã<sup>520</sup>.*

*O que me diz de Minas e dos seus ares, e do seu leite, é de matar de inveja a quem vive aqui nesta capital. Conheço pouco de Minas, mas é o bastante para conhecer a sua hospitalidade. Aqui o verão tem sido benigno, tanto como não há muitos anos, se é que foi assim alguma vez<sup>521</sup>.*

*Aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fruta do tempo. Chegou a haver frio, depois daquele famoso temporal, o maior que tenho visto, porque o de 1864 durou menos e não trouxe o tufão medonho, que me deitou abaixo as duas grandes palmeiras do jardim, arrancou grades, retorceu outras, e não me levou a mim, porque eu já estava em casa, mas levou as telhas e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a crer que vamos ter as tardes antigas de trovoadas; tanto melhor, se vierem temperar o calor<sup>522</sup>.*

*Tem chovido e feito sol, menos sol que chuva; tal é o achaque da terra. Lá parece que o calor faz das suas, conquanto alguns me digam que a temperatura tem feito concessões<sup>523</sup>.*

**n) Denunciar, ironizar, sentenciar (no sentido de expressar diretamente uma opinião):** Optamos por incluir tais atos nesta lista por julgarmos expressiva a natureza destes verbos, nomeadamente na correspondência, uma vez que eles indicam uma opinião do missivista a respeito de algo ou alguém, expressa no discurso epistolar. Em nossa interpretação, quando um missivista faz uma denúncia, responde com ironia ou faz um julgamento acerca de algum fato ou pessoa, ele não estaria apenas declarando algo, mas expressando, de fato, uma opinião que lhe é peculiar e que, por algum motivo, mereceu ser exteriorizada.

<sup>520</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 1º de dezembro de 1897. In: ACT III-11 p. 271.

<sup>521</sup> Carta de Machado a Antônio Sales, escrita em 26 de fevereiro de 1900. In: ACT III-11 p. 456.

<sup>522</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 1º de fevereiro de 1901. In: OC-94 [94].

<sup>523</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 04 de fevereiro de 1904. In: OC 94 [122].

No fragmento abaixo, Machado expressa claramente seu posicionamento acerca de um político baiano, ao mesmo tempo que deixa evidente ao interlocutor, seu *ethos* vaidoso:

*Não é que eu compartia a opinião do Senhor barão de São Lourenço, senador pela Bahia, a quem parece que poetas não servem para nada em política, mormente quando são moços, isto é, quando ainda conservam um pouco de entusiasmo e um pouco de convicção. Quando aquele senador disse algumas frioleiras nesse sentido perante o senado brasileiro, tive eu a honra de consagrar o fato nesta revista, acompanhado por alguns comentários de casa. O ilustre varão cantou daí a dias uma palinódia muito mal arranjada, sob pretexto de retificação<sup>524</sup>.*

Acerca da crítica feroz que recebera de Sílvio Romero<sup>525</sup> acerca de sua obra, Machado sentencia, acerca das “mesquinhas” às quais tivera de conviver:

*Compreendo o que me diz quando acha no espetáculo dessas maravilhas a consolação contra a injustiça dos homens. Em verdade, só uma coisa perdura; todas as mesquinhas da vida não valem o tempo que se gasta com elas<sup>526</sup>.*

O autor também expressa seu julgamento acerca do tempo, necessário à produção literária do colega, incentivando-o a não parar de escrever:

*Venha disso, meu jovem amigo, vá completando e multiplicando os seus trabalhos, sem precipitação, com a paciência velha de Chateaubriand, de Pascal, de Flaubert. Nem por isso produzirá menos; a questão é que produza bem. Só resiste ao tempo o que se faz com ele<sup>527</sup>.*

#### **o) Confessar ou confidenciar algo a alguém:**

O ato da confissão, de acordo com os parâmetros de nossa investigação, também configura-se como um ato expressivo, uma vez que ele indica, além da natural declaração que o termo comporta, um estado emocional de seu enunciador. Nas correspondências, este aspecto é ainda mais notório, dada a superfície confessional que subjaz o gênero. O missivista confessa ou confidencia algo a seu correspondente movido por um sentimento de confiança, de amizade e/ou de afeição para com ele. Trata-se de uma plena exposição do elo que se estabeleceu entre duas pessoas e que se consolidou por intermédio das cartas. É oportuno lembrar, neste momento, que muitas confidências não são feitas em um diálogo face a face, mas resguardadas para o âmbito do discurso epistolar:

<sup>524</sup> Carta de Machado a Teixeira de Melo, escrita em 22 de novembro de 1864. In: ACT I-08 p. 76-77.

<sup>525</sup> Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851 — 1914) foi um advogado, jornalista, crítico literário, historiador, filósofo, cientista político, sociólogo, escritor, professor e político brasileiro. Seu livro *Introdução à História da Literatura Brasileira* (1882), ficou conhecida como a obra na qual o autor critica a produção literária de Machado de Assis.

<sup>526</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 29 de maio de 1897. In: ACT III-11 p. 231.

<sup>527</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 21 de julho de 1897. In: ACT III-11 p. 252.

*[...] eis uma ambição própria de ânimo juvenil, e que eu tenho a imodéstia de confessar*<sup>528</sup>.

*Eu confesso-lhe que estou agora inteiramente parado no que quisera fazer andar*<sup>529</sup>.

*Meu amigo. Quer a cortesia que eu acuda ao teu convite de 12 deste mês. Mas posso fazê-lo sem mostrar-me pretensioso? Confesso que hesitei durante algum tempo*<sup>530</sup>.

*Meu querido amigo, Confesso, não há dúvida, que não esperava carta sua tão depressa; mas é preciso dizer-lhe que os mensageiros atrasam muita vez as mensagens*<sup>531</sup>.

*Confiou-me Vossa Excelência para julgar um dos mais fecundos poetas da América Latina*<sup>532</sup>, *que o meu ilustrado amigo Henrique Muzzio apreciaria cabalmente, a não impedir-lho a doença que nos priva de seus escritos. Entre a ousadia de me fazer juiz e o desprimor de lhe desobedecer, confesso que me acho perplexo e acanhado*<sup>533</sup>.

Tendo em vista que a pluralidade ilocutória é um fenômeno bastante frequente, torna-se de extrema importância a análise profunda dos elementos retórico-discursivos que conferem sentido ao texto, já que, especialmente no gênero epistolar, a maneira como um enunciado pode ser interpretado não será totalmente previsível. Neste momento, entram em ação situações externas que interferem e influenciam o nível de compreensão do texto, tais como a proximidade dos interlocutores, o grau de conhecimento prévio do assunto, a familiaridade com os aspectos socioculturais presentes nas correspondências, entre outros. Assim, em vez de conceber o fenômeno da incompreensão como um fato isolado e extremo, os estudos pragmático-interacionistas consideram que o nível de coincidência entre o sentido pretendido pelo enunciador e o sentido atribuído pelo destinatário nunca é total. A intercompreensão em qualquer texto é uma questão de grau, situando-se sempre em algum ponto entre os dois extremos: a transparência total e a opacidade completa.

O estudo dos atos ilocutórios expressivos presentes na epistolografia machadiana teve como propósito a comprovação de nosso objetivo inicial, ou seja, a confirmação de que, mesmo em uma epistolografia considerada por muitos como pouco atrativa, no que concerne à busca de segredos autobiográficos e confissões pessoais, ainda assim é possível estabelecer uma linha de pesquisa que nos permita compreender a essência da escrita machadiana e, conseqüentemente, traços de sua personalidade, obviamente inscrita em

<sup>528</sup> Carta de Machado a Quintino Bocaiúva, escrita em dezembro de 1862. In: ACT I-08 p. 19.

<sup>529</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 18 de março de 1907. In: OC-94 [156].

<sup>530</sup> Carta de Machado a Faustino Xavier de Novais, escrita em 21 de abril de 1868. In: ACT I-08 p. 250.

<sup>531</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 2 de fevereiro de 1895. In: ACT III-11 p. 59.

<sup>532</sup> Machado referia-se à Guillermo Matta Goyenechea (1829-1899), poeta, ensaísta e político chileno – liberal progressista e expoente do Romantismo em seu país. Perseguido, exilou-se na Inglaterra, posteriormente, foi parlamentar, como seu irmão, Antonio Matta, proeminente jornalista e político. Encontram-se na biblioteca de Machado de Assis os dois volumes de Poesias de Guillermo Matta (1858).

<sup>533</sup> Carta de Machado a Felipe Lopes Neto, escrita em 1º de julho de 1872. In: ACT II-09 p. 64.

suas missivas. Nossa intenção foi vislumbrar uma abertura no campo semântico-discursivo, possibilitando um olhar mais amplo à interpretação de sua epistolografia e do trabalho de investigação da estrutura do gênero epistolar, como um todo.

A intensa e comprometida análise da imensa gama de nuances textuais que se apresentam neste gênero e, por conseguinte, em nosso convívio social, pode representar um campo fértil, e ainda pouco explorado, para o conhecimento das especificidades da língua enquanto fenômeno de expressão pessoal e também como ferramenta de comunicação, além de possibilitar o estudo da complexidade linguístico-discursiva que se encontra naturalmente inserida nos textos epistolares.

#### 4.4. PERSPECTIVA RETÓRICA: A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DO EPISTOLÓGRAFO

*Esta carta valeria por três no tamanho, se eu pudesse dizer tudo nela, purgar de vez os meus pecados de silêncio; mas, não sendo assim, valha na intensidade o que perder de extensão.*<sup>534</sup>  
(MACHADO DE ASSIS)

Iniciamos, nesta etapa, nossas considerações acerca do gênero epistolar sob uma perspectiva retórica. O termo, que deriva do grego e em latim tornou-se *rhetorica*, significa a técnica do bem falar, do bom orador, ou de maneira mais simplificada, “a arte da palavra”. É importante notar que esta arte está relacionada ao poder de persuasão numa situação discursiva, que por sua vez está intimamente ligado à imagem daqueles que estão envolvidos no processo comunicativo.

Em um estudo que se propõe a analisar as correspondências e suas implicações, torna-se indispensável abordar a questão da representação linguística do sujeito, por meio de seu perfil epistolar. Trata-se de um olhar mais cauteloso e atencioso em direção à representação do autor para seu leitor, do remetente para seu destinatário; à imagem que o missivista constrói de si e ao papel social que ele desempenha.

Uma característica marcante da carta é sua escrita em primeira pessoa. Por conta deste traço peculiar, é praticamente uma unanimidade a crença de que o conteúdo ali exposto venha representar um perfil autobiográfico, que desvende, palavra a palavra, a intimidade privada de seu signatário. O que pouco se discute é a questão da consciência da exposição do sujeito em relação ao outro. Que frações de si ele quer revelar e como seria este relato para o outro? A seleção pessoal a qual se submete o autor no momento da escrita de uma carta é o que constrói a representação de si para alguém. A escolha, consciente ou não, do que dizer e de como dizer compõe o discurso que inaugura sua identidade, seu perfil social. Segundo Paz (1984: 200), “o sujeito é uma cristalização mais ou menos fortuita da linguagem”.

Desta maneira, as cartas contribuem para o (re)conhecimento de seu autor sob uma nova perspectiva: não apenas a biográfica, mas a da construção de si mesmo, da afirmação de sua imagem perante o outro. Para Amossy (2005: 9):

---

<sup>534</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 11 de junho de 1900. In: CMA-69 p. 200.

Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si<sup>535</sup>.

Trata-se de uma visão recíproca e contínua: o signatário coloca em palavras o que vê e sente de si mesmo, constrói a imagem de si que busca ser reconhecida socialmente, revela-se ao outro, exterioriza-se; o outro, de posse deste retrato autobiográfico, faz o caminho inverso — busca o interior de seu correspondente, recria sua intimidade, procura pelo que ficou escondido, desconstrói a imagem projetada e tateia por superfícies rasuradas e recobertas pelo autor. Mais confiante e seguro das regras epistolares, o correspondente passa a aceitar e assimilar aquela imagem, a reconhecer no missivista os traços de personalidade que são inscritos nas cartas, a receber como autênticas as características daquele que escreve. Sobre este aspecto de credibilidade, essencial à prática epistolar, também comenta Amossy (2005: 21):

Toda comunicação está fundada em uma confiança mínima entre os protagonistas, e cabe a uma retórica narrativa, segundo o outro, determinar como a enunciação contribui para criar, no enunciatário, uma relação de confiança fundada na autoridade que o enunciador deve se conferir caso deseje convencer.

O processo é, portanto, contínuo no jogo epistolar: revelar e esconder, descobrir e camuflar, acreditar e duvidar, construir e desconstruir. A troca de missivas permite reafirmar ou contestar a autoimagem criada pelos correspondentes, mas esta é uma tarefa que cabe a ambos, autor e leitor.

Para que seja possível analisar, de forma adequada, a ocorrência deste processo na epistolografia machadiana, convocaremos aqui a noção de *ethos*. O termo era utilizado na Antiguidade para referir-se à uma espécie de autorretrato discursivo, ou uma identificação da autoimagem que se projeta a partir do momento da enunciação. Segundo esta concepção, o *ethos* corresponderia à construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório.

Ainda segundo Amossy (2005: 220), Isócrates teria sido o primeiro filósofo a tratar a questão do *ethos*. Segundo a autora, seus estudos percorriam uma perspectiva cujo elemento central seria a reputação do autor em relação ao seu grupo social. Para ele, tanto a qualidade do discurso quanto o caráter do orador seriam responsáveis por compor sua

---

<sup>535</sup> AMOSSY, Ruth. (org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. Dilson F. da Cruz. Contexto, 2005.

imagem, ou melhor, seu *ethos*. Assim, bons oradores seriam dignos de confiança e, por isso, teriam a preocupação em compor bons discursos, em falar de maneira convincente e elegante para sustentar a posição e o status. Nesta acepção, o *ethos* estaria ligado à reputação do indivíduo dentro de uma determinada esfera social.

Aristóteles<sup>536</sup> diverge de Isócrates por pensar que o *ethos* não é construído no exterior do discurso nem na sua vida pública, mas no interior dele e por meio de escolhas. Em sua Retórica<sup>537</sup>, o filósofo discute a eficácia de um discurso através de três conceitos: *ethos*, *logos* e *pathos*, três diferentes aspectos que seriam responsáveis pelo poder de persuasão do ato discursivo. Para Aristóteles, tais conceitos seriam as qualidades essenciais a um orador e basear-se-iam em três pilares principais: o caráter moral do orador (sua credibilidade), a disposição do ouvinte (aspectos emocionais e psicológicos envolvidos) e o conteúdo do próprio discurso (argumentos, lógica). Nesta perspectiva, o *ethos* não poderia ser compreendido sem a presença do *pathos* e do *logos* no processo retórico, pois juntos representariam a identidade do orador através de seu discurso.

Segundo Aristóteles, o *ethos* corresponderia, portanto, à imagem de si que o orador revela no momento da enunciação com o objetivo de convencer seu leitor/ouvinte de forma eficiente. No entanto, tal imagem não equivaleria, necessariamente, à uma identidade autêntica, ao seu caráter real. Para o filósofo:

Os oradores inspiram confiança por três razões que são, de fato, as que, além das demonstrações (*apódeixis*), determinam nossa convicção: (a) prudência/sabedoria prática (*phronesis*), (b) virtude (*areté*) e (c) benevolência (*eunóia*). Os oradores enganam [...] por todas essas razões ou por uma delas: sem prudência, se sua opinião não é correta, se pensando corretamente, não dizem – por causa de sua maldade – o que pensam; ou, prudentes e honestos (*epieikés*), não são benevolentes; razão pela qual se pode, conhecendo-se a melhor solução, não a aconselhar.

(ARISTÓTELES *apud* EGGS, 2005: 32)

O que está inscrito em um determinado discurso, segundo Aristóteles, não é a verdade do que se diz ou daquele que diz, mas os efeitos provocados pelo enunciado; é a

---

<sup>536</sup> Aristóteles (384 a.C. — 322 a.C.) foi um filósofo grego, aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande. Foi autor de diversas obras que abrangiam inúmeros assuntos, como a física, a metafísica, a poesia e o drama, a música, a lógica, a retórica, o governo, a ética, a biologia e a zoologia. Juntamente com Platão e Sócrates (professor de Platão), Aristóteles é visto como um dos fundadores da filosofia ocidental e o responsável por sistematizar, pela primeira vez, a arte da persuasão.

<sup>537</sup> A Retórica (*Ars Rhetorica*) é um texto escrito por Aristóteles, dividido em três livros. Neles o autor buscava tratar a questão sob um foco eminentemente filosófico, oposto ao ideário sofista, até então vigente. Ao contrário de Platão, que no diálogo Górgias condena a retórica e no diálogo Fedro a subordina à filosofia, a investigação aristotélica procurava conferir à técnica retórica uma certa autonomia, um status de ciência. O foco das discussões não deveria estar centrado na verdade do discurso, mas na sua capacidade de persuasão.

adesão (ou não) do leitor/ouvinte que está em jogo na arte da persuasão. Sob estas circunstâncias o *ethos* é construído no discurso, no momento em que ocorre a enunciação. Para Barthes (1978: 315), o *ethos* seria o conjunto de traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão:

O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: sou isto, não sou aquilo. O autor retoma assim as ideias de Aristóteles, que afirmava em sua Retórica: É ao caráter moral que o discurso deve, eu diria, quase todo seu poder de persuasão.

Em outras palavras, o agente do discurso é o responsável pela representação de si, pela imagem que transmite à sua audiência, através de suas escolhas linguísticas e discursivas. Nesta concepção, há um campo discursivo fundamentado na moral, no qual estão inseridas as atitudes e as virtudes, mas há também um outro campo referencial, menos subjetivo, pautado nos hábitos e costumes. É na incorporação destes dois planos, complementares e contraditórios entre si, que são constituídos os traços do *ethos* discursivo, presentes em toda e qualquer atividade argumentativa.

Sobre este aspecto, foram fundamentais as contribuições do linguista francês, Dominique Maingueneau. Segundo ele, a tal “imagem discursiva de si” não se encontrava presente apenas em discursos orais, como era preconizado na retórica clássica. Os textos escritos também comportam a noção conceitual de *ethos*, por meio de um corpo material (a palavra) que se manifesta, que se enuncia: “A leitura faz, então, emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de fiador do que é dito” (Maingueneau, 2005: 98).

Concordamos com os estudos do autor, especialmente no que se refere à materialidade discursiva, pois entendemos que, através do texto – tanto falado quanto escrito – seja possível acessar determinadas imagens daquele que o produziu. A noção de *ethos* discursivo, neste caso, ocorre pelo natural paralelismo que fazemos entre o discurso e a perspectiva social à qual seu emissor/autor estaria relacionado.

Tal perspectiva é imensamente favorável ao estudo dos textos epistolares, uma vez que a carta tem o poder de demarcar um determinado grau de conhecimento e/ou cultura do seu signatário, assim como por meio dela torna-se possível reconstruir, com um certo teor de veracidade, o ambiente social no qual o texto foi escrito. Voltamos a enfatizar que o simples fato de uma pessoa escrever uma carta, não significa exatamente que o conteúdo será verdadeiro ou, por falar de si, autobiográfico. Mas seria difícil sustentar por muito tempo uma imagem, a saber, um *ethos*, que em nada correspondesse com a autenticidade

de seu autor. Nomeadamente em uma correspondência, que encerra em si própria o princípio da troca, da intimidade, da legitimidade e da confiança, a palavra é a representação direta e metonímica de características e comportamentos que supomos serem inerentes à personalidade daquele que a escreve. Embora saibamos que o conteúdo (re)produzido em uma carta não seja, necessariamente, uma representação fiel e verdadeira do sujeito, entendemos que, o simples ato de escrever uma missiva transforma um momento passageiro (ainda que criado, imaginado) em um fragmento capturado, portanto, eternizado. A imagem que se inscreve do signatário é autêntica, pelo menos, dentro do que o missivista pensou e exteriorizou de si mesmo naquele instante, assim a compreendemos.

Desta forma, a releitura do *ethos* como condição constitutiva de uma determinada produção de enunciação, inclusive nos textos escritos, reflete uma evolução considerável para os estudos retóricos, pois passa a considerar diferentes variantes na construção de valores sociais historicamente construídos, como ocorre nos processos interacionais epistolares. Entretanto, a imagem do fiador, que seria a “garantia” do que se diz, não basta ao correspondente, a continuidade da troca epistolar pressupõe uma constante busca pela verdadeira essência do discurso contido nas missivas. A suposta autenticidade relacionada à imagem que o missivista cria de si mesmo, capturada e transformada em palavras por meio de seu discurso, tende a ser colocada à prova, questionada, remodelada conforme as necessidades do jogo epistolar. As imagens de si e do outro naturalmente construídas durante o processo de correspondência, ocorrem de forma interacional, já que um texto decodifica e incorpora o outro, desvenda e ao mesmo tempo assume a “verdade” do outro, exerce influência e é influenciado no e pelo discurso do outro. A representação do *ethos*, neste sentido, não estaria centrada apenas no plano discursivo, mas também e, principalmente, no plano sociocultural.

Especialmente na correspondência machadiana, vemos que a construção do *ethos* está diretamente relacionada a uma prática social e discursiva. A multiplicidade de suas facetas, que discutiremos no capítulo seguinte, refere-se às diversas situações (sociais, culturais e históricas) nas quais o autor encontrava-se inserido. Podemos notar, com efeito, a intenção de Machado em sintetizar para o correspondente o motivo de sua vida centrada na cidade do Rio de Janeiro, embora saibamos que o real motivo de sua reclusão fosse sua saúde precária: *"Eu sou um peço fruto da capital, onde nasci, vivo e creio que hei de*

*morrer*<sup>538</sup>. De fato, o corpo aprisionado pela doença, o impedira de conhecer o mundo com o qual tanto sonhara. Foi por conta desta ligação do autor com sua cidade, que vários amigos, metonimicamente, referiam-se à cidade do Rio como a própria personificação de Machado: “*Você é o carioca por excelência, a quem o ar, a rua, tudo do Rio de Janeiro é absolutamente indispensável*<sup>539</sup>”. Em outras cartas, entretanto, o autor revela sua insatisfação pessoal de nunca ter tido a oportunidade de fazer a tão sonhada grande viagem. Trata-se, na realidade, da demonstração de um *ethos* resignado, mesmo diante da frustração do sonho interrompido. Entendemos que a correspondência funciona, neste sentido, como uma espécie de conforto, para expressão de suas desilusões e frustrações:

*Uma das suas cartas (creio que a última) falava de me ver na Europa, e particularmente nessa Roma, que tanto e de tanta coisa fala. Sei que lhe daria prazer com isto, e pode adivinhar qual seria o meu. Entretanto, se não posso inteiramente dizer que não irei lá nunca, pois ninguém sabe onde estará amanhã, é todavia improporcionavelmente que lá vá. Terei vivido e morrido neste meu recanto, velha cidade carioca, sabendo unicamente de outiva e de leitura o que há por fora e por longe. [...] Adeus, fale-me de Roma, a velha, a nova e a eterna*<sup>540</sup>.

*[...]Jeu não sou Musset, nem posso dizer, como ele, que deixei o coração em Veneza. Se em alguma parte está nessa terra, é em toda ela, que nunca chegarei a ver, meu querido amigo, porque na minha idade já não é possível deixar a terra em que nasci e vivi para recomeçar uma vida nova. Agora acabou. Creio que nenhum dos meus contemporâneos deixou de ir ver terras alheias e diversas, onde a arte lhe deparasse vistas antigas e recentes, e costumes tão diversos destes. Só eu fiquei pegado à terra natal*<sup>541</sup>.

*Aqui fui nado e criado, aqui vou entrando pela idade madura. Tenho saído algumas vezes; já fui, raro e de corrida, a essa própria Minas, – o bastante para bendizê-la. Mas a verdade é que suponho morrer aqui; e ainda que a Fortuna (o que não espero) me levasse a transpor algum dia o oceano, quaisquer que fossem as grandes novidades peregrinas, teria saudades da minha Carioca*<sup>542</sup>.

Não obstante o autor tivesse conservado, ao longo de toda sua trajetória, um comportamento considerado por todos bastante humilde e, até certo ponto, aquém do que sua posição enquanto Presidente da Academia Brasileira de Letras exigia, em algumas passagens de sua correspondência é possível reconhecer traços de um *ethos* vaidoso:

*Meu querido Lúcio. A letra do sobrescrito fez-me logo reconhecer o autor da carta, e pelo autor adivinhar a matéria, pois eu sei que Você sempre guardou para mim aqueles olhos de outrora. Li a carta naturalmente com orgulho; vale a pena escrever um livro para ver que um*

<sup>538</sup> Carta de Machado de Assis a José Veríssimo, escrita em 1º de dezembro de 1897. In: AC-38 p. 147.

<sup>539</sup> Carta de José Veríssimo a Machado, escrita em 12 de fevereiro de 1901. In: AC-38 p. 125.

<sup>540</sup> Carta de Machado a Luiz Viana Filho, escrita em 28 de julho de 1899. In: BRITTO, Luiz Augusto Fraga Navarro de. *Vida e obra de Luiz Viana Filho*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978. p. 59.

<sup>541</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 05 de novembro de 1900. In: ACT III-11 p. 513.

<sup>542</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 14 de janeiro de 1894. In: CMA-69 p. 25.

*competente como Você o aprecia assim, por mais que no calor da frase se deva descontar o da afeição. Ainda bem que este velho não envergonha de todo os seus amigos*<sup>543</sup>.

Com a leitura deste último excerto, percebemos que, mesmo ao falar em “orgulho”, Machado guarda para o fim do parágrafo o pensamento de humildade do qual falávamos anteriormente: “*Ainda bem que este velho não envergonha de todo os seus amigos*”. No entanto, o exame mais apurado de sua correspondência, respeitando a ordem cronológica e as naturais mudanças socioculturais por que passara o autor (e que, afinal, passam todos os missivistas), pode nos revelar que esta postura humilde foi sendo paulatinamente construída e se consolidou ao longo dos anos. Se analisarmos o excerto abaixo, vemos que, no início de sua carreira (1864), o autor não fazia cerimônias ao expressar sua satisfação em ser elogiado publicamente, apresentando, inclusive, suas razões para isso, em carta aberta publicada no jornal *Diário do Rio de Janeiro*:

*Para que os leitores não deixem de ter desta vez uma página de bom quilate, recebi pressuroso a carta que me enviou um amigo e colega, e que vai transcrita adiante. Alguns leitores queriam talvez que eu suprimisse as palavras laudativas com que o meu colega e amigo me honra nesta carta, isto por conveniência e modéstia, – daquela modéstia qu'on impose aux autres, como diz Alphonse Karr. Todavia, eu tomo a liberdade de inserir a carta integralmente, porque isso em nada prejudica a modéstia natural e verdadeira, – que é muito diversa da modéstia de convenção e de palavra. Feito o que, dou a palavra ao meu colega e amigo*<sup>544</sup>.

Analisemos, também, uma demonstração de outro tipo de *ethos*, encontrado em um raro exemplar de uma das cartas destinadas à sua companheira Carolina. No fragmento abaixo, identificamos uma característica bastante particular da personalidade amorosa machadiana, por meio da expressão de seu *ethos* laudativo, manifestação autêntica do discurso epistolar amoroso. Nesta carta escrita à época em que Machado era apenas um namorado sonhador e apaixonado, o autor revela toda sua admiração pela amada e deixa transparecer, no ápice de sua paixão, as qualidades que nela encontrou e as que mais pesaram em sua escolha:

*Tu não te pareces nada com as mulheres vulgares que tenho conhecido. Espírito e coração como os teus são prendas raras; alma tão boa e tão elevada, sensibilidade tão melindrosa, razão tão reta não são bens que a natureza espalhasse às mãos-cheias pelo teu sexo. Tu pertences ao pequeno número de mulheres que ainda sabem amar, sentir e pensar. Como te não amaria eu? Além disso, tens para mim um dote que realça os mais: sofreste...*<sup>545</sup>

<sup>543</sup> Carta de Machado a Lúcio de Mendonça, escrita em 10 de abril de 1900. ACT III-11 p. 465.

<sup>544</sup> Carta aberta publicada no jornal *Diário do Rio de Janeiro*, em 07 de agosto de 1864. In: ACT I-08 p. 61.

<sup>545</sup> Carta de Machado de Assis à Carolina Xavier, escrita em 02 de março de 1869. In: ACT I-08 p. 207.

Os efeitos do *ethos* são percebidos em função do posicionamento do autor em um determinado campo discursivo, uma espécie de adesão à uma dada competência linguística. Neste momento, a atribuição de traços de caráter ou de personalidade aos quais constantemente associamos à sua imagem discursiva, referem-se tanto ao seu modo de dizer (aspecto material do discurso epistolar) quanto ao seu contexto existencial (aspecto psicológico pautado em suas ações enquanto missivista). Talvez esta seja uma explicação possível para a complexa fragmentação da identidade machadiana, tão minuciosamente estudada por inúmeros biógrafos e críticos literários.

Importante ressaltar, dentro desta perspectiva, que Machado constrói uma imagem de si através de sua escrita epistolar, pois acredita que esta corresponda ao que entende ser, de fato, um reflexo de sua personalidade. Em seus textos epistolares, o autor escolhe aquilo que será (ou não) discutido entre ele e seu correspondente, mas nem sempre esse processo acontece de forma deliberada. Quando optamos por dizer ou silenciar este ou aquele assunto, estamos automaticamente nos posicionando a respeito de algo e, por consequência, sendo afetados por nossas escolhas. É neste aspecto que o discurso epistolar mais se assemelha à prática da oralidade, em que se dá, de fato, a “conversa *in absentia*”, pois à medida que se intensifica a troca de correspondências, o relacionamento entre os missivistas vai se transformando, o que inevitavelmente se reflete na escrita — que passa a sofrer a influência do outro, alterando a função do correspondente de mero espectador/leitor para coautor de sua história.

Nas cartas de Machado podemos observar com clareza esse fenômeno, que é simultaneamente contínuo e progressivo. O autor faz suas escolhas linguísticas e temáticas ao mesmo tempo em que é afetado por elas; ele influencia o modo de dizer de seus correspondentes e é, de certa forma, também influenciado. Trata-se, na verdade, de uma construção do discurso com e para o outro, de um texto que é filtrado de acordo com seus objetivos, manipulado para ser reconhecido e aceito pelo outro, incorporado pelas tradições culturais e sociais que regem o contexto dos correspondentes, anulado nas omissões que não acrescentam nem favorecem o diálogo epistolar e construído mediante a troca e a consequente adesão ao jogo discursivo que se faz presente na correspondência.

## 5. ANÁLISE DO *CORPUS*

*Mandar lembranças a um velho é consolá-lo  
dos tempos que não querem ficar...<sup>546</sup>  
(MACHADO DE ASSIS)*

A leitura da epistolografia machadiana, em um primeiro momento, deixa evidente a contenção do autor em relação às confidências pessoais, o que pode causar uma decepção àqueles que buscam por segredos e intimidades do autor. No entanto, é preciso olhar para as missivas do autor de maneira mais subjetiva, permitir-se dialogar com o texto, entrar de fato na personalidade do autor e buscar então as pistas que levam a uma profunda compreensão de sua produção epistolar. O exercício de análise e interpretação das cartas de Machado, o qual nos propusemos, está pautado no reconhecimento das idiossincrasias retórico-discursivas presentes nas cartas e no diálogo constante entre a produção epistolar do autor com sua obra literária, além de ter como fundamentação documental o suporte crítico e literário de alguns dos principais estudiosos da biografia de Machado de Assis.

Nossa proposta é examinar toda a correspondência machadiana, a partir de diferentes enfoques e suportes teóricos que anteriormente recenseámos, para que seja possível reconhecer as diversas etapas discursivas sobre as quais os textos epistolares se alicerçam e se constroem. Como referimos anteriormente, havíamos eleito, a princípio, um *corpus* mais restrito de elementos para a análise — focávamos nossa pesquisa apenas na correspondência entre Machado e Mário de Alencar — contudo, no decorrer do trabalho, sentimos a necessidade de vasculhar mais a fundo a intimidade do epistológrafo, a fim de distinguir diferenças, elaborar comparações e estabelecer graus diversificados de relações que foram se solidificando mediante o autor e seus correspondentes mais frequentes. Nesta nova perspectiva, foi fundamental a leitura sequencial das cartas, para que não perdêssemos a característica dialógica do processo epistolar.

A tarefa, apesar de árdua, resultou em grandes surpresas. Descobrimos facetas de um Machado pouco estudadas e raramente citadas em suas biografias. Tal panorama só se cristaliza mediante o exame da rotina do autor, insistentemente revelada em sua atividade epistolar. A suposta solidão presente no momento de escrita da carta converter-se-ia, a seu critério, em uma fecunda ferramenta para o exercício de sua prática social. Segundo Jobim (2008: 17), o cotidiano de Machado apresenta-se nas cartas sob o pretexto de incluir o seu correspondente, de maneira profunda e satisfatória, em suas atividades diárias: “O relato

---

<sup>546</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 07 de outubro de 1903. In: AOC-86 p. 1063.

diário marcaria a similaridade dos dias, e atestaria não a relevância da atividade relatada nem a sua peculiaridade, mas a confirmação de um modo de ver e ser, que integraria a prática epistolar<sup>547</sup>”. Ainda sobre este aspecto, concordamos com Ribas (2008: 30), que fala a respeito da importância da análise da epistolografia machadiana para um profundo conhecimento acerca do sujeito missivista, como se fosse possível, por intermédio de suas cartas, reconhecer no texto epistolar o olhar do autor para si mesmo:

É preciso, ao invés de decifrar signos, produzir sentidos a partir dos jogos discursivos do narrador e do missivista. Assim, voltamo-nos para considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas.

É importante ressaltar que não estamos discutindo a qualidade dos textos epistolares, o que já fizeram alguns críticos e estudiosos da correspondência machadiana. Procuramos, no entanto, fazer um levantamento acerca dos principais procedimentos retórico-discursivos adotados pelo epistológrafo, a fim de decifrar as possíveis confissões contidas em suas cartas, mesmo que elas tenham sido disfarçadas sob máscaras ardilosamente criadas pelo autor ou cautelosamente evitadas segundo um prévio posicionamento alcançado graças aos seus *ethé* discursivos.

O método de análise que propusemos é relativamente simples. Em uma primeira etapa, relacionamos os itens que julgamos essenciais na estrutura de um texto epistolar e pertencentes a uma tradição histórica peculiar ao gênero, por meio da análise dos procedimentos adotados pelo missivista; em uma segunda etapa, buscamos listar os assuntos mais recorrentes na epistolografia machadiana, a fim de reconhecer no compêndio de sua produção os temas aos quais mais se dedicava para falar de si a seus interlocutores; e em um último momento, procuramos elaborar um inventário das confissões objetivamente feitas por Machado, buscando, desta forma, verificar as nuances de comportamento do autor em diferentes situações e com correspondentes distintos.

Esta pesquisa não tem a pretensão de esgotar as discussões a respeito do tema, ao contrário, ela tem por intuito despertar o interesse do público e de pesquisadores para um mergulho mais profundo nas questões abordadas por Machado em suas cartas, propiciando uma interessante ponte entre as diversas interpretações e análises que possam surgir delas, bem como entre os textos epistolares e a vastíssima obra literária do autor.

---

<sup>547</sup> JOBIM, José Luís. Machado de Assis, o autor encartado. In: ROAC-08 p. 17.

## 5.1. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

*[...] é preciso que quando os amigos fazem um triunfo à gente (leia esta palavra em sentido modesto) haja alguém que nos ensine a virtude da humildade.<sup>548</sup>*  
(MACHADO DE ASSIS)

Analisar a epistolografia de alguém é sempre uma tarefa bastante trabalhosa e intensa, uma vez que imergimos na intimidade do outro e nas relações que se estabelecem por meio da troca de cartas. O género epistolar é, indiscutivelmente, uma fonte documental que nos permite levantar hipóteses, problematizar situações e comprovar argumentos.

A correspondência de Machado de Assis, milimetricamente repassada por nosso olhar investigativo, foi analisada como pertencente a uma tradição epistolar, na qual são reconhecíveis alguns aspectos e peculiaridades próprios do género em que as missivas se inserem. Esta concepção altera o modo como a maioria dos estudiosos articula as análises obtidas nas leituras das cartas, possivelmente centradas apenas na recolha de dados e evidências que possam fornecer informações acerca da biografia do autor. Ignorando a complexidade da composição do texto epistolar, que segue normas convencionais, que é regido por determinados padrões estético-sociais e que, mesmo assim, comporta em si o desafio de ser um objeto autêntico e único aos olhos de quem o recebe, grande parte dos críticos vê na correspondência um género menor, com pouco a ser acrescentado em relação à estrutura e à técnica discursiva, delimitando suas pesquisas ao suporte biográfico que, inevitavelmente, tornam precárias algumas tentativas de interpretação. É de fundamental importância compreender que o texto epistolar não se limita a este suporte historiográfico, mas que também carrega consigo prescrições e conceitos próprios de um género textual complexo, como são todos os demais. Trata-se, portanto, de um imenso manancial teórico ainda aguardando para ser devidamente explorado.

Uma investigação epistolar que se pretende profunda e elucidativa, não pode estar enraizada em meros reconhecimentos de pistas documentais, como geralmente ocorre. Enquadrá-las apenas como parte de um embasamento historiográfico pode acarretar uma perda significativa de informações relevantes acerca do autor e do contexto de criação das missivas. Neste sentido, a análise que ora apresentamos configura-se, por si só, uma tentativa inovadora, uma vez que um dos nossos objetivos é vislumbrar nas cartas de Machado um autor raramente examinado pela historiografia epistolar e pelas diversas

---

<sup>548</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 07 de dezembro de 1897. In: ACT III-11 p. 273.

tendências crítico-literárias a que normalmente estão submetidos seus textos. Mesmo quando, raramente, observamos os estudos acerca da epistolografia machadiana, não é o sujeito missivista que é analisado, mas o escritor, o romancista renomado por trás de sua correspondência íntima. Ainda que o suporte biográfico não seja a única preocupação destas análises, os dados recolhidos parecem servir apenas para justificar determinados posicionamentos do autor, mediante a vida e a carreira literária.

Os objetivos deste trabalho sempre foram ir além do que já haviam descoberto acerca de Machado. Procuramos conhecer o eu-missivista que o autor tantas vezes deixou transparecer em sua correspondência por meio de confidências nem sempre perceptíveis em uma leitura descontextualizada. Ousamos ultrapassar tais limites. E descobrimos novas fronteiras na discreta intimidade machadiana.

Através de uma investigação apurada foi possível, por exemplo, colocar em cheque algumas teorias já levantadas anteriormente acerca do autor, confrontando-as com diversas passagens em suas correspondências que derrubam-nas com certa facilidade. Mesmo para alguém que não seja exatamente um examinador das cartas machadianas, as famosas “ausências temáticas e/ou polêmicas” revelam-se infundadas em uma leitura mais atenta. Tratam-se, na realidade, de estratégias retóricas desenvolvidas por Machado para clarificar as nuances de suas mais diversas *personae* epistolares.

A partir do reconhecimento destas estratégias, procuramos enumerar algumas recorrências estruturais que observamos em sua escrita epistolar, assim como os temas mais contumazes em suas missivas, invariavelmente alternados no decorrer da troca epistolar, para que fosse possível elencar as principais características da correspondência machadiana. Optamos por dividir tais elementos em dois grupos distintos, a saber:

### **I. Aspectos estruturais da correspondência machadiana**

De um modo geral é lícito afirmar que estudar a estrutura de uma coletânea epistolar implica reconhecer profundamente todas as partes que compõem o texto, em suas particularidades e características, bem como observar a regularidade com que o emissor expõe tais elementos, diferenciando quais deles são pertencentes a uma tradição própria do gênero ou que outros poderiam estar ligados a um modo individual de sua *práxis* epistolar. Além destes fatores, é necessário lembrar que cada parte dessa estrutura aponta para objetivos específicos, estrategicamente pensados para atingir esta ou aquela finalidade.

Infelizmente, quando nos deparamos com estudos que pretendem analisar o gênero epistolar, pouquíssimas vezes encontramos pesquisadores que investigam, de forma profunda, a estrutura das missivas. Em geral, tais estudos contemplam apenas o lado semântico-discursivo dos textos epistolares. Segundo Scabin (2010: 3): “[...] a análise do aspecto formal das cartas, e da epistolografia como gênero de escrita, raramente fazem parte dos trabalhos de historiadores que as utilizam como fontes”<sup>549</sup>.

Entretanto, alguns estudos mais recentes acerca da epistolografia parecem comprovar que o conhecimento pleno da estrutura epistolar, assim como das variadas relações que seus componentes estabelecem entre si, tem muito a esclarecer sobre a personalidade do missivista, sobre a maneira como nascem e amadurecem as relações interpessoais que este constitui por meio de suas correspondências, sobre o modo como o autor disponibiliza parte do seu tempo para escrever aos amigos (no caso específico de Machado, justificando-se muitas vezes pela demora na resposta ou pela brevidade do assunto), sobre as técnicas de produção textual — muitas vezes praticadas nas cartas e depois aprimoradas em seus textos literários, entre tantos outros aspectos possíveis de serem vislumbrados e devidamente escaneados em um processo analítico. Por todos estes motivos, endossamos as palavras de Seara (2006: 342), ao afirmar que:

A materialidade da carta, silenciada na maior parte dos estudos do epistolar, parece-nos dever ser igualmente considerada. Antes de ser uma mensagem, a carta é um objecto que reconhecemos, que palpamos, que criamos e que só posteriormente endereçamos<sup>550</sup>.

A cada dia, torna-se ainda mais importante analisar não apenas o conteúdo das cartas, mas principalmente sua estrutura e especificidades, uma vez que este meio de comunicação vem sendo paulatinamente abandonado por conta das inovações tecnológicas e da escassez de tempo. A correspondência, substituída pelo telegrama, pelo telefonema, pelo email e mais recentemente pelas redes sociais, fez com que uma infinidade de conversas fosse esquecida ou simplesmente deixasse de ser registrada para posteriores análises. Neste sentido, a carta escrita, enviada, lida, relida e conservada como relíquia, ainda é uma fonte de pesquisa inesgotável para as mais distintas áreas do conhecimento.

---

<sup>549</sup> SCABIN, Rafael Cesar. A correspondência jesuítica e a vivência religiosa dos colonos do planalto paulista (1549 – 1588). Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP. São Paulo, 2012.

<sup>550</sup> SEARA, Isabel Roboredo. Da epístola à mensagem eletrônica, metamorfoses das rotinas verbais. Tese de doutoramento em linguística. Lisboa: Universidade Aberta, 2006.

Na realidade, existe uma imensa gama de informações escondidas por trás de uma superficialidade teórica, por meio da qual são escritas a maioria das cartas. Ignorar a análise completa dos elementos que compõem esta estrutura significa desprezar também parte de uma compreensão mais ampla acerca da produção epistolar que se pretende analisar. Cada um dos componentes da carta é capaz de produzir, por si só, um sentido próprio, um objetivo peculiar, uma leitura diversa daquela alcançada no todo do texto.

De maneira geral, podemos dizer que as cartas machadianas apresentam uma formatação “previsível”, marcadas por traços convencionais pertencentes a uma “moldura epistolar” própria das cartas pessoais e familiares, embora manifestem, no âmbito de nossa investigação, uma peculiar mobilidade. A maior dificuldade que detectamos, no entanto, diz respeito à precária fonte de recursos metodológicos para uma plena sistematização dos componentes que formam a estrutura do texto epistolar. Por mais que os estudos epistolográficos tenham fornecido, ao longo dos séculos, uma vasta literatura teórica, não é muito comum encontrar modelos de análises estruturais e retóricas acerca destes elementos. Alguns estudos mais recentes vêm sinalizando para a necessidade de concentrar nossas investigações nos aspectos extratextuais, para que seja possível levantar hipóteses que permitam o reconhecimento das diversas práticas discursivas que permeiam a produção do epistológrafo analisado.

Imbuídos de questionamentos e propósitos suficientes para analisar a natureza da epistolografia de Machado de Assis com maior profundidade, listamos alguns dos aspectos mais importantes relacionados aos elementos que compõem a organização e a disposição da estrutura epistolar encontrados com maior frequência nas cartas do renomado autor.

#### **a) A referência espaço-temporal nas cartas machadianas;**

Um dos elementos mais característicos e normalmente presente em toda e qualquer carta é a referência que o missivista concede a seu correspondente acerca do local e da data em que o texto epistolar foi criado. De certa forma, trata-se de uma interessante maneira de contextualizar seu interlocutor dentro de uma realidade física e temporal que aproxime autor e leitor, tanto no momento da escrita quanto da leitura da missiva. Este hiato profundo que se inscreve na troca epistolar foi lembrado por Castro (2000: 15):

O hoje da recepção e da leitura vem sempre depois da escrita e do envio, que agora é já um ontem, e esses dois hojes, sendo defazados no tempo, contêm a possibilidade quase certa e

angustiante de aquilo que nas cartas se lê já não corresponder ao que está acontecendo. [...] O hoje que leio é já um ontem que foi escrito...<sup>551</sup>

Esta intenção de recriar um “encontro” imaginável no âmbito da carta, no entanto, não é uma preocupação apenas do género epistolar, já que “toda literatura é uma longa carta a um interlocutor invisível, presente, possível ou futura paixão que liquidamos, alimentamos ou procuramos”<sup>552</sup> (COSTA; BARRENO; HORTA, 1979: 9).

É importante salientar que esta forma de situar o leitor no tempo e no espaço não se trata, apenas, de uma estratégia metalinguística, mas de uma tentativa inconsciente, na maioria dos casos, de resgatar nesta espécie de diálogo *in absentia*, a função fática da linguagem, um saber como, quando e onde naquela dada situação comunicativa. Segundo Seara (2008: 122), tal referência faz parte de um conjunto de elementos que ajudam a reconstruir um contexto ou situação, *ab initio*, não partilhada entre os missivistas:

[...] a comunicação epistolar desenrola-se em situação não partilhada que motiva o emissor à especificação, através de determinados elementos peritextuais (envelope, datação, localização, assinatura) e textuais, da sua identidade, a da(s) do(s) seu(s) destinatário(s) e do quadro espaciotemporal em que se inscreve a sua actividade<sup>553</sup>.

As cartas de Machado, de maneira geral, trazem a referência da datação no início das missivas, antes da *salutatio*, título ou vocativo: “20 de abril de 1908. Meu querido amigo [...]”; “22 de dezembro de 1907. Meu querido amigo [...]”. Em outras ocasiões, o autor faz alusão ao local onde a correspondência foi escrita, sempre no início da missiva: “Cosme Velho, 23 de fevereiro de 1908. Meu querido amigo [...]”; “Rio, 05 de janeiro de 1902. Meu querido Nabuco [...]”; “Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1899. Meu caro Nabuco [...]”, “Nova Friburgo, 10 de fevereiro de 1904. Meu caro Mário [...]”.

Além destes modelos mais canônicos de datação em correspondências, também encontramos, nas missivas de Machado, um deslocamento desta referência para o interior da própria carta, funcionando tanto como uma espécie de confirmação da distância e do tempo que separam os missivistas, quanto de testemunha de “isenção de responsabilidade” quanto ao natural atraso e demora na resposta:

<sup>551</sup> CASTRO, E. M. de Melo. Odeio cartas. In: PS-OO p. 15.

<sup>552</sup> COSTA, Maria Velho; BARRENO, M. Isabel; HORTA, M. Teresa. *Novas Cartas Portuguesas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

<sup>553</sup> SEARA, Isabel Roboredo. “A palavra nómada. Contributos para o estudo do género epistolar”, *Estudos Linguísticos, Linguistic Studies, Revista do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Edições Colibri*, 2008, pp. 121-144.

*A sua carta de 17 chegou-me ontem, 20, e só agora de manhã lhe respondo*<sup>554</sup>.

*A sua carta de anteontem chegou-me tarde. Contava responder ontem, mas soube a tempo que poderia sair cedo, e logo que saí fui à Revista. Já o não achei. Aqui vai pois a resposta [...]*<sup>555</sup>.

*Meu caro José Veríssimo. Recebi anteontem, 29, a sua carta de 27, e só hoje lhe respondo, porque o dia de ontem foi para mim de complicações e atribuições*<sup>556</sup>.

*Também ontem deves ter recebido duas cartas minhas; uma delas, a que foi escrita no sábado, levei-a no domingo às 8 horas ao correio, sem lembrar-me (perdoa-me!) que ao domingo a barca sai às 6 horas da manhã. Às quatro horas levei a outra carta e ambas devem ter seguido ontem na barca das duas horas da tarde. Deste modo, não fui eu só quem sofreu com demora de cartas*<sup>557</sup>.

*Tenho lido e aplaudido as suas correspondências. Ainda hoje vem uma, e vou lê-la depois que acabar esta carta, porque são nove horas da manhã, e a mala fecha-se às dez*<sup>558</sup>.

*E tu? Eu dir-te-ia muita coisa mais, a não ser a urgência. Escrevo esta carta, à hora de sair da Secretaria, para ir levá-la ao João de Almeida. Prometo desde já ser muito mais extenso no primeiro vapor*<sup>559</sup>.

*Meu querido amigo. Recebi a sua carta de 2 e devia responder-lhe a 5 mas tive o dia tomado, e ontem não pude fazê-lo nem teria meio de mandar a carta ao Correio. Hoje aproveito esta nesga de tempo, devendo aliás dar-lhe a melhor parte, mas se lhe disser que, depois de algum tempo largo de melhoras sensíveis, tive esta noite uma pequena crise, compreenderá a obrigação em que me vejo de lhe dizer pouco e às pressas*<sup>560</sup>.

## **b) As saudações (*salutatio*);**

Como afirmamos anteriormente nesta dissertação, na seção *A Estrutura Prototípica da Carta*, as saudações podem revelar o nível de relação e de cumplicidade que se estabelece entre os missivistas e seu principal objetivo é dar início, formalmente, à comunicação epistolar. Trata-se de uma rotina de cordialidade indispensável a qualquer diálogo, inclusive aquele realizado por meio das cartas. Quanto ao estilo adotado pelos missivistas para explicitar as saudações, recorreremos às palavras de Seara (2008: 125):

*A abertura das cartas familiares patenteia uma extrema heterogeneidade que vai desde a saudação trivial mais comum, que se traduz numa expressão apelativa conjuntiva, sendo o incipit preenchido pelas formas canónicas de abertura ‘meu caro amigo’, ‘prezado amigo’, ‘querido N’, até ao registo, em situações de intensa proximidade temporal, da ausência de expressão apelativa*<sup>561</sup>.

<sup>554</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 21 de janeiro de 1908. In: AEO-08 p. 79.

<sup>555</sup> Carta de Machado a José Veríssimo. In: AOC-86 p. 1047.

<sup>556</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 1º de dezembro de 1897. In: ACT III-11 p. 271.

<sup>557</sup> Carta de Machado a Carolina Xavier Novais, escrita em 02 de março de 1869. In: ACT I-08 p. 257.

<sup>558</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 29 de maio de 1882. In: ACT II-09 p. 224.

<sup>559</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 13 de novembro de 1876. In: ACT II-09 p. 125.

<sup>560</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 05 de janeiro de 1907. In: OC-94 [152].

<sup>561</sup> SEARA, Isabel Roboredo. op. cit., p. 125.

Em geral, as cartas de Machado de Assis não possuem uma grande variação na maneira como o autor saúda seus correspondentes. Na maioria das missivas, o autor inicia seus textos com a expressão “*meu caro*”, mas é possível notar que, no decorrer da troca epistolar, os laços de amizade vão se estreitando e o tom das cartas se altera.

Assim acontece com Joaquim Nabuco, acostumado a encontrar nas missivas de Machado um sóbrio “*meu caro Nabuco*” até surpreender-se com um afetuoso “*meu querido Nabuco*”<sup>562</sup>. Contrariando os que julgam o autor frio em suas correspondências, é justamente Machado o primeiro a permitir-se relacionar-se com o amigo de maneira mais íntima e afetuosa, o que mais tarde refletirá numa mudança de comportamento do próprio Nabuco para com seu correspondente: “*meu querido Machado*”<sup>563</sup>.

A diferença no uso das formas de tratamento pode dizer muito acerca da intimidade e do grau de afeição que o autor nutria por cada um de seus destinatários. A primeira carta enviada a José Veríssimo, por exemplo, iniciava-se com uma formal saudação: “*Ilmo. Exmo. Sr. José Veríssimo*”<sup>564</sup>. Mais tarde, com o decorrer do relacionamento de amizade entre eles, o grau de intimidade foi se intensificando e a formalidade foi sendo, aos poucos, suprimida: “*Ilmo. am.º e colega*”, “*Meu caro José Veríssimo*”, “*caro Veríssimo*”.

A propósito, as expressões “*meu querido*” e “*meu querido amigo*” são destinadas, sobretudo, aos seus amigos mais íntimos, como Mário de Alencar, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Estes são, inclusive, os mais recorrentes destinatários das cartas machadianas, o que poderia servir de parâmetro também para uma aproximação metonímica tendo como fundamento a própria seleção lexical e linguística, possibilidade esta que aventamos de acordo com nossa análise. A esse respeito, também se pronunciaram Guimarães e Sacchetta (2008: 33-34):

São raros os momentos em que Machado, avesso a derramamentos emocionais e ao tom confessional, nos deixa entrever sua intimidade. Mas é possível distinguir, nas formas de tratamento que utiliza, os diferentes níveis de afeição que tinha por seus interlocutores. Ao crítico José Veríssimo dirigiu-se sempre com um distante e respeitoso “*Meu caro Veríssimo*”. Com Joaquim Nabuco, o tratamento oscilou bastante ao longo dos anos, entre o “*meu caro Embaixador*” e o “*meu querido Nabuco*”. Sempre querido foi Salvador de Mendonça, com quem se correspondeu por mais de trinta anos<sup>565</sup>.

<sup>562</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 24 de junho de 1905. In: M&N-03 p. 131.

<sup>563</sup> Carta de Joaquim Nabuco a Machado, escrita em 13 de fevereiro de 1908. In: M&N-03 p. 151.

<sup>564</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 19 de abril de 1883. In: ACT II-09 p. 254.

<sup>565</sup> GUIMARÃES, Hélio e SACCHETTA, Vladimir. *Machado de Assis, fotógrafo do invisível: o escritor, sua vida e sua época em crônicas e imagens*. São Paulo: Moderna, 2008.

Através da leitura da correspondência passiva do autor, também é possível perceber que seus correspondentes mais jovens, como Mário de Alencar e Magalhães de Azeredo, e outros nem tanto, como Coelho Neto e José Veríssimo, tratavam-no, com certa frequência, pelo codinome “mestre”: “*Meu querido Mestre e Amigo*”<sup>566</sup>; “*Mestre, Salve*”<sup>567</sup>; “*Mestre e amigo Machado de Assis*”<sup>568</sup>. Tal comportamento diz respeito tanto à hierarquia cultural (o correspondente era o Presidente da Academia Brasileira de Letras), como também à posição socialmente construída pelo autor durante décadas de dedicação às Letras.

Em outros casos, o grau de intimidade parecia sobressaltar às formalidades do gênero. É o que observamos em algumas cartas destinadas a Francisco Ramos Paz, amigo de longa data com quem Machado chegou a dividir moradia nos tempos de mocidade. Tanto na estrutura das missivas (algumas delas meros bilhetes) quanto na ausência das formas de tratamento, é possível observar o grau de afeição e proximidade que unia os amigos e correspondentes. Com frequência, apenas a indicação “Paz” resume a referência ao destinatário: “*Paz. Procurei-te ontem e anteontem em casa, e não te achei*”<sup>569</sup>; “*Paz: No domingo bati e rebati à tua porta. Nem viva alma*”<sup>570</sup>.

O mesmo ocorre com seu amigo dos tempos de mocidade, Caetano Filgueiras. Ao dirigir-se a ele em carta, Machado usava simplesmente: “*Meu amigo*”<sup>571</sup>. Com outro amigo de longa data, Quintino Bocaiúva, o autor constantemente suprimia o substantivo e utilizava apenas o possessivo: “*Meu Quintino*”<sup>572</sup>.

Uma das mais interessantes alusões que o próprio Machado faz à sua particular maneira de saudar um amigo em suas missivas, nasceu de uma carta enviada a Azeredo, na qual justifica-se, brilhantemente, pela mudança na saudação ao seu correspondente:

*Meu querido amigo,*  
 – e não amigo e poeta, como usava até aqui, porque é tempo e mais que tempo de afirmar, pela exclusão de um só termo, o seu talento de prosador também, que se aperfeiçoa de dia para dia. Amigo só, sem mais nada, abrange tudo, não só o poeta das Procelárias, como o narrador de contos e de viagens. Não falo também do crítico, porque seria suspeito, depois do artigo, que publicou a meu respeito no último número da Revista Moderna<sup>573</sup>.

<sup>566</sup> Carta de Magalhães de Azeredo a Machado, escrita em 23 de janeiro de 1897. In: ACT III-11 p. 206.

<sup>567</sup> Carta de Coelho Neto a Machado, escrita em 03 de fevereiro de 1897. In: ACT III-11 p. 212.

<sup>568</sup> Carta de José Veríssimo a Machado, escrita em 27 de novembro de 1897. In: ACT III-11 p. 270.

<sup>569</sup> Carta de Machado a Francisco Ramos Paz, escrita em 1º de maio de 1869. In: ACT I-08 p. 264.

<sup>570</sup> Carta de Machado a Francisco Ramos Paz, sem data. In: ACT I-08 p. 286.

<sup>571</sup> Carta de Machado a Caetano Filgueiras, escrita em 1º de setembro de 1864. In: ACT I-08 p. 77.

<sup>572</sup> Carta de Machado a Quintino Bocaiúva, escrita em 24 de dezembro de 1866. In: ACT I-08 P. 202.

<sup>573</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 07 de dezembro de 1897. In: ACT III-11 p. 273.

**c) O início da conversação, as simpatias, as demonstrações de afeição para com o destinatário (*captatio benevolentiae*):**

De acordo com o que vimos na seção *A Estrutura Prototípica da Carta* desta dissertação, a *captatio benevolentiae* consiste em uma demonstração da humildade do emissor em relação ao seu correspondente, buscando a simpatia e a boa vontade deste em ler sua carta. Nas missivas de Machado, este aspecto tem ligação direta com um posicionamento de modéstia do autor em relação à importância afetiva daquele que receberá a correspondência. Em nossa análise, esta era a maneira como o autor buscava “captar” e manter a empatia, a afinidade e o afeto de seus destinatários:

*Meu querido amigo, e não amigo e poeta, como usava até aqui, porque é tempo e mais que tempo de afirmar, pela exclusão de um só termo, o seu talento de prosador também, que se aperfeiçoa de dia para dia. Amigo só, sem mais nada, abrange tudo, não só o poeta das Procelárias, como o narrador de contos e de viagens. Não falo também do crítico, porque seria suspeito, depois do artigo, que publicou a meu respeito no último número da Revista Moderna*<sup>574</sup>.

*Meu bom Quintino. O Belfort mostrou-me a cartinha que lhe escreveste e que também me veio dirigida. Enfim, aí chegaste a esse novo mundo, e com feliz viagem, o que estimo de coração*<sup>575</sup>.

*Prezado senhor e amigo. Chamo-lhe amigo, e peço para conservar este nome a pessoa que mostra querer-me tanto*<sup>576</sup>.

Quando, por algum motivo, a pressa na escrita e/ou no envio da correspondência impediam que Machado pudesse ser mais cortês no trato com seu destinatário, ele fazia questão de justificar-se, dado que aquele não era um procedimento natural em sua dinâmica epistolar. Certamente, aos que conviviam com o autor ou recebiam suas missivas, a pouca cordialidade poderia causar-lhes certa estranheza, ao passo que, para o missivista, tal ato seria um verdadeiro incômodo para alguém tão habituado a demonstrar sua afeição:

*Meu caro Salvador. Escrevo-te à pressa, à última hora, e por isso me dispensarás se te não digo uma série de coisas que há sempre que dizer entre bons amigos que se não falam há muito*<sup>577</sup>.

*Meu querido amigo. Creio que quando a sua última carta me chegou, já lá estaria chegando a minha última também. Ela explicará os meus silêncios [...]. A razão das minhas falhas é o aumento de trabalho que tenho agora, ainda maior pelo cerceio das horas, pois já lhe disse mais de uma vez que não escrevo à noite. Sabe que quando me sento a escrever-lhe não tenho vontade de levantar a pena, e assim deve ser com um amigo que até hoje me tem sido fiel e*

<sup>574</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 07 de dezembro de 1897. In: CMA-69 p. 129.

<sup>575</sup> Carta de Machado a Quintino Bocaiúva, escrita em 25 de novembro de 1866. In: ACT I-08 p. 190.

<sup>576</sup> Carta de Machado a Belmiro Braga, escrita em 26 de fevereiro de 1900. In: OC-94 [79].

<sup>577</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 08 de outubro de 1877. In: ACT II-09 p. 135.

*carinhoso. Desta vez a carta será curta. Considere-a como um suplemento à outra que lá terá chegado, se chegou*<sup>578</sup>.

#### **d) O conteúdo epistolar (*narratio*);**

As cartas de Machado são compostas por uma extensa e diversificada gama de temas, que juntos formam um interessante mosaico epistolar. Mais adiante, ainda neste capítulo, trataremos dos assuntos que destacam-se na correspondência do autor, exatamente por serem os mais recorrentes: os procedimentos adotados durante o processo de criação literária, a publicidade “amiga” das obras lançadas pelo grupo de colegas escritores, as conversas relacionadas à Academia Brasileira de Letras, as referências que Machado constantemente fazia às obras de outros autores, as reclamações acerca do excesso de trabalho, o diário de doenças do escritor, sua discrição a respeito dos temas polêmicos e de sua vida pessoal, as justificativas pelo atraso, demora ou brevidade na resposta das cartas, a solidão, o pessimismo e a espera pela morte e o relato angustiante das mágoas que carregou durante a vida. De acordo com nossa análise, estes foram os temas mais assíduos na epistolografia machadiana.

O que fica claro na leitura das cartas é que Machado queria transportar seu correspondente para sua intimidade, dialogar com ele, indagar sua opinião sobre os assuntos que faziam parte de sua rotina. Neste sentido, suas missivas não representam uma espécie de refúgio pessoal (comum neste tipo de gênero textual), mas de espaço para o amplo diálogo e para a convivência social, um laboratório no qual o autor o escritor, espontaneamente, compartilhava com seus interlocutores os assuntos que viriam a ser pauta de suas obras – daí a ponte que vez ou outra traçamos entre sua escrita epistolar e sua riquíssima produção literária.

#### **e) Os pedidos, as indagações e as motivações especiais da correspondência (*petitio*):**

Toda carta tem um objetivo específico, mas nem sempre convém explicitá-lo de maneira direta. Machado tinha uma maneira muito particular de chegar ao íntimo de seus correspondentes, o que revela um cuidado especial do autor para conquistar a simpatia de seu interlocutor e dizer, finalmente, o que pretendia em suas missivas. Não raro, é possível notar o apelo por meio do uso de diminutivos “*chegadinha*”, da expressão de seu *ethos* humilhado, apequenado diante do outro:

---

<sup>578</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 20 de dezembro de 1900. In: ACT III-11 p. 531.

*Meu caro José. Veríssimo. Pode Você dar uma chegadinho aqui, hoje, ao Gabinete? Só lhe peço cinco minutos, se me der dez ou vinte, é porque sabe o que eles valem*<sup>579</sup>.

Em carta a Rodrigo Octávio, Machado intercede em favor de um amigo para que este consiga o cargo de cônsul, o que demonstra que o autor utilizava-se de sua influência para ajudar os amigos nas mais diversas situações, fossem elas pessoais ou não:

*Meu caro Doutor Rodrigo Octavio. Acabo de saber que Você foi nomeado para substituir o Doutor Amaro Cavalcanti na mesa examinadora de candidatos ao lugar de cônsul e de chanceler, amanhã. Um desses candidatos é o meu amigo Senhor Rodrigo Pereira Felício, para o qual peço a sua indulgência em tudo o que não for contrário à justiça, – o que aliás é inútil, sabendo que o seu espírito é reto e moderado. O Senhor Rodrigo Felício, conquanto já exercesse o lugar de chanceler, é a primeira vez, creio eu, que se apresenta em concurso, e a timidez pode prejudicar a habilidade*<sup>580</sup>.

O mesmo ocorre em carta endereçada a Domício da Gama, na qual Machado, sabendo que um amigo pediria demissão do cargo que ocupava, pede sua interseção a favor de um jovem estudante de Direito, que necessitava urgentemente de trabalho:

*Meu caro Domício. Vim procurá-lo e soube que está em Petrópolis e não descera hoje. Disse-me o senhor Vasco Smith de Vasconcelos que o Dr. Dutra, adido à Secretaria, vai pedir demissão segunda-feira, depois de amanhã. Ele deseja o lugar para si, e já uma vez lhe falei disto, pedido dele; é estudante do 1º ano de direito. Pode você interceder por ele? Não desejo incomodar indiretamente o nosso Rio Branco a este respeito, nem sei se lhe poderia falar hoje. Escrevo também ao Graça Aranha*<sup>581</sup>.

Por mais que Machado tivesse conquistado livre acesso junto às maiores influências daquela sociedade oitocentista, o autor parecia sentir-se muito incomodado em pedir, mesmo a um amigo, um favor pessoal. O excerto a seguir demonstra claramente a maneira como o missivista procura as mais adequadas estratégias retóricas para alcançar a simpatia de seu correspondente e, só então, ele começa a revelar seu pedido. Não podemos deixar de citar o pedido de desculpa que faz ao final da missiva, bem como a maneira que expressa seu *ethos* laudatório ao seu correspondente:

*Vossa Excelência é tão bom que me anima a recorrer à sua competência para um trabalho literário. Trato de colher elementos relativos ao José Basílio da Gama, a fim de escrever uma larga biografia deste nosso maviosíssimo poeta. Querera Vossa Excelência auxiliar-me, ou ministrando-me apontamentos daquilo que tiver a respeito dele, e ainda não seja conhecido, ou indicando-me as pessoas a quem poderei recorrer, dando-me, em tal caso, as recomendações necessárias? [...] Peço-lhe desculpa do incômodo; mas em tais casos recorre-se aos competentes e aos amigos, e Vossa Excelência é ambas as coisas, como eu sou e*

<sup>579</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 20 de outubro de 1899. In: ACT III-11 p. 420.

<sup>580</sup> Carta de Machado a Rodrigo Octavio, escrita em 19 de agosto de 1896. In: ACT III-11 p. 176.

<sup>581</sup> Carta de Machado a Domício da Gama, escrita em 29 de dezembro de 1906. In: OC-94 [151].

*continuarei a ser sempre De Vossa Excelência Admirador, amigo e Criado muito obrigado Machado de Assis*<sup>582</sup>.

#### **f) A despedida (*conclusio*);**

Em geral, as cartas de Machado apresentam em sua estrutura um anúncio prévio de despedida, um pré-fecho, que indica o término da carta a seu correspondente. Na maioria dos casos, o autor, neste momento, desculpa-se pela brevidade da carta:

*Esta carta é breve. Daqui a dias lhe mandarei outra*<sup>583</sup>.

*O papel acaba. Adeus, meu querido amigo e poeta. Talvez esta carta cruze alguma outra sua em caminho. Continue a lembrar-se do Velho amigo Machado de Assis*<sup>584</sup>.

*[...] não escrevo mais por causa dos olhos, mas sempre há vista para acrescentar que os seus carinhos me vão animando neste final de vida. Adeus, até amanhã. Lembranças e agradecimentos a todos. Todo seu. Machado de Assis*<sup>585</sup>.

*Não me estendo mais como quisera, porque escrevo para que a carta fique hoje mesmo no Correio, a fim de sair pelo vapor de amanhã. Amanhã pode ser que chegue tarde*<sup>586</sup>.

Como observado neste último excerto, outra justificativa recorrente nesta parte das missivas é a necessidade de encaminhar, com urgência, a carta nos paquetes ou vapores, principalmente quando se tratava de correspondências internacionais:

*Esta carta é breve, porque o tempo escasseia; faço-a aqui no gabinete do ministro para não perder o paquete de Bordéus. O de Liverpool sai depois de amanhã, mas sempre é perder um dia, e creio que a mala francesa será mais pronta. Escreverei daqui a dias para completar o que falta agora. Desde já lhe digo que a ideia relativa à Academia tem obstáculos naturais; serei mais extenso depois*<sup>587</sup>.

*Adeus, meu querido amigo. Sou obrigado a acabar esta carta às pressas, para não perder o paquete; se perco este, não terei outro antes de sete dias, e já por um descuido deixei de escrever pelo outro vapor*<sup>588</sup>.

*A carta não é mais longa, porque ainda tenho de escrever para a Europa, não contando que já despachei alguns papéis da Secretaria*<sup>589</sup>.

*A carta é pequena, e vê que não me falta papel para fazê-la maior; o tempo é que é escasso. Assim, para não perder esta mala, acabo aqui mesmo, e vou já levá-la*<sup>590</sup>.

<sup>582</sup> Carta de Machado a Santo Ângelo Porto-Alegre, escrita em 30 de julho de 1875. In: ACT II-09 p. 99.

<sup>583</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 03 de setembro de 1895. In: ACT III-11 p. 111.

<sup>584</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 16 de junho de 1895. In: ACT III-11 p. 86.

<sup>585</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 20 de julho de 1908. In: OC-94 [182].

<sup>586</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 22 de setembro de 1895. In: ACT III-11 p. 117.

<sup>587</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 07 de novembro de 1899. In: ACT III-11 p. 433.

<sup>588</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 07 de dezembro de 1897. In: ACT III-11 p. 273.

<sup>589</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 12 de janeiro de 1896. In: ACT III-11 p. 139.

<sup>590</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 25 de dezembro de 1898. In: ACT III-11 p. 339.

*Adeus, meu querido amigo; deixe-me confessar-lhe que esta carta, não podendo ir no outro pacote, vai no de amanhã, 4 de Junho, tendo sido o fecho escrito à última hora, a ver se haveria alguma coisa que acrescentar. Não há nada*<sup>591</sup>.

O ato de despedida nas cartas machadianas representa um interessante elemento de análise da estrutura do texto epistolar e que merecia ser estudado mais profundamente, tamanha a importância de que se reveste. Muitas vezes, tudo o que o autor omitiu no corpo do texto epistolar, é surpreendentemente revelado no último parágrafo da missiva. Algumas das mais incisivas amostras dos diversos tipos de *ethé* utilizados por Machado só são possíveis de serem vislumbradas nesta parte específica. No fragmento abaixo, percebemos o discurso epistolar pautado em valores importantes para o autor: a presença da família, a lembrança dos amigos, a admiração e a gratidão pelo afeto de seus correspondentes:

*Estou certo que você achou todos os seus em boa saúde, e ansiosos de ver o seu amado chefe. Peço-lhe que lhes apresente os meus respeitos, e também que me recomende ao amigo Chermont. Não lhe peço que se lembre de mim, porque sei, com ufania e gosto, que nunca me esqueceu, e sempre quis ao seu velho admirador e grato amigo Machado de Assis*<sup>592</sup>.

As demonstrações de afetividade nas cartas de Machado representam, efetivamente, o grau necessário de abertura do sujeito missivista a uma profícua troca epistolar. A um leitor que espera encontrar nas cartas um mero tratamento formal, relacionado à imagem de ranzinza tão divulgada em suas biografias, surpreender-se-á com a maneira com que o autor revela sua permeabilidade, sua disponibilidade em relacionar-se com o outro:

*Adeus; ainda uma vez agradeço as suas expressões de amigo, e asseguro-lhe os meus sentimentos de afeição. Minha mulher recomenda-se-lhe, e a toda a Excelentíssima família, à qual peço que apresente os meus respeitos. Escreva-me e creia no Velho e saudoso amigo Machado de Assis*<sup>593</sup>.

*Apresente os meus respeitosos cumprimentos à sua feliz mãe, e os de minha mulher, que também se lhe recomenda. De mim receba um destes abraços longos para descontar o mar que nos separa, e adeus, ainda uma vez, e muitas saudades do Velho amigo Machado de Assis*<sup>594</sup>.

É também bastante comum encontrar, nas conclusões das cartas machadianas, um apelo do autor à continuidade da troca epistolar, uma espécie de confirmação do pacto que se estabelecera entre os missivistas, e do qual ele tanto necessitava:

<sup>591</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 26 de maio de 1895. In: ACT III-11 p. 81.

<sup>592</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 07 de fevereiro de 1907. In: M&N-03 p. 142.

<sup>593</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 07 de dezembro de 1897. In: ACT III-11 p. 273.

<sup>594</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 09 de dezembro de 1895. In: ACT III-11 p. 128.

*Mande-me notícias suas, meu amigo, e apresente os meus respeitosos cumprimentos a D. Flora, de quem minha mulher guardava tão boas recordações. Eu continuo a ser o mesmo seu admirador e amigo [...]*<sup>595</sup>.

*Adeus, meu Salvador; muitos beijos em teus pequenos, futuros yankees, e um abraço apertado do Teu do Coração Machado de Assis que te pede novas letras e te envia muitas saudades*<sup>596</sup>.

*Adeus, meu querido amigo. Não se demore em escrever-me; não se vingue do meu silêncio, ainda que este se prolongue alguma vez mais do que o justo ou perdoável. Apresente os meus respeitos às Excelentíssimas Esposa e Mãe, que têm a fortuna de amá-lo, e creia-me sempre o velho amigo e admirador Machado de Assis*<sup>597</sup>.

*Responda-me e creia sempre na afeição e confiança deste Amigo velho Machado de Assis*<sup>598</sup>.

### **g) O fecho (assinatura);**

Logo após a *conclusio*, Machado costumava deixar, ao lado de sua assinatura, algumas derradeiras palavras a seus correspondentes. Com frequência, o autor utilizava em um mesmo parágrafo, com ou sem em pontuação, um fecho para suas cartas que ia além da simples rubrica. As reiteradas lembranças à família, o uso de verbos no imperativo, de pronomes possessivos, de adjetivos especificadores, de diminutivos e de palavras afetuosas são, em geral, as principais características que podemos enumerar no fecho das missivas machadianas, que ora sintetizamos:

*Adeus querido amigo, recomende-me a D. Helena, a Mamãe e a todos os seus meninos. Creia-me sempre, seu do coração, Machado de Assis*<sup>599</sup>.

*Até logo, ou até breve. Minha mulher agradece-lhe os seus cumprimentos, e eu peço-lhe que apresente os meus respeitos à sua Senhora. Receba um abraço do Velho amigo e admirador Machado de Assis*<sup>600</sup>.

*Queira-me como antes e receba as congratulações de um trabalhador velho e amigo Machado de Assis*<sup>601</sup>.

*Adeus, meu Salvador; muitos beijos em teus pequenos, futuros yankees, e um abraço apertado do Teu Machado de Assis, que te pede novas letras e te envia muitas saudades*<sup>602</sup>.

*Agradeço-te o abraço, e mando-te outro, apertado e de amigo. Teu do coração Machado de Assis*<sup>603</sup>.

*Queira-me sempre bem, como eu lhe quero, além da grande admiração que lhe tenho, e releve a interrupção do Velho amigo e admirador Machado de Assis*<sup>604</sup>.

<sup>595</sup> Carta de Machado a Oliveira Lima, escrita em 1º de agosto de 1908. In: OC-94 [187].

<sup>596</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 24 de dezembro de 1875. In: ACT II-09 p. 110.

<sup>597</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 05 de novembro de 1900. In: ACT III-11 p. 513.

<sup>598</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 22 de setembro de 1895. In: ACT III-11 p. 118.

<sup>599</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 21 de janeiro de 1908. In: AEO-08 p. 79.

<sup>600</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 05 de janeiro de 1900. In: ACT III-11 p. 447.

<sup>601</sup> Carta de Machado a Belmiro Braga, escrita em 26 de fevereiro de 1900. In: ACT III-11 p. 457.

<sup>602</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 24 de dezembro de 1875. In: ACT II-09 p. 110.

<sup>603</sup> Carta de Machado a Quintino Bocaiúva, escrita em 24 de dezembro de 1866. In: ACT I-08 p. 202.

Com efeito, o uso de pronomes possessivos que acompanhavam a assinatura do autor pareciam traduzir, de forma carinhosa, toda a carga de afeto e cumplicidade que Machado nutria por seus correspondentes. Eis uma marca registrada de sua *práxis* epistolar:

*Teu do coração, Machado de Assis*<sup>605</sup>.

*Escreve-me, e crê no coração do teu Machadinho*<sup>606</sup>.

*Meus respeitos à tua senhora, lembranças a teus filhos, e para ti o coração do Teu Machado de Assis*<sup>607</sup>.

Outro aspecto interessante, assim como especificamos nas cartas enviadas a Mário de Alencar, são as justificativas pela letra. Caprichoso com a confecção das missivas e zeloso no trato com os amigos, Machado tentava justificar-se pelo estado da letra, possivelmente mais trêmula e menos alinhada por conta de suas constantes crises epiléticas. Quando tais explicações não se encontravam presentes no início da carta, estavam certamente no fecho:

*Adeus, meu caro Veríssimo; venha quando quiser, — ou escreva, porque me faz bem conhecer pela sobrecarta a sua letra rasgada e firme. A minha são estes rabiscos de velho*<sup>608</sup>.

*Vá desculpando a letra e a maçada [...]*<sup>609</sup>.

*Releve esta letra; nunca foi bonita: a idade a está fazendo execrável*<sup>610</sup>.

*Desculpe a letra e o desalinho*<sup>611</sup>.

*Desculpe os borrões da carta; escrevo no meio de atropelo e papelada grande*<sup>612</sup>.

*Vê que as próprias cartas já me saem riscadas e emendadas, além da ruim letra, que já foi menos ruim*<sup>613</sup>.

*E desculpe a letra, que é cada vez pior*<sup>614</sup>.

*Vá relevando esta letra execrável, cada vez pior que a do costume*<sup>615</sup>.

*Tudo isto vai em desalinho; desculpa-me*<sup>616</sup>.

<sup>604</sup> Carta de Machado a Rui Barbosa. In: AOC-86 p. 1062.

<sup>605</sup> Carta de Machado a Quintino Bocaiúva, escrita em 29 de outubro de 1866. In: ACT I-08 p. 169.

<sup>606</sup> Carta de Machado a Carolina Xavier Novais, escrita em 02 de março de 1869. In: ACT I-08 p. 257.

<sup>607</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 13 de novembro de 1876. In: ACT III-09 p. 124.

<sup>608</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 1º de setembro de 1908. In: OC-94 [196].

<sup>609</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 28 de novembro de 1898. In: ACT III-11 p. 333.

<sup>610</sup> Carta de Machado a Lúcio de Mendonça, escrita em 02 de abril de 1901. In: AOC-86 p. 1058.

<sup>611</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 18 de setembro de 1899. In: ACT III-11 p. 415.

<sup>612</sup> Carta de Machado a Lúcio de Mendonça, escrita em 28 de novembro de 1900. In: OC-94 [91].

<sup>613</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 10 de maio de 1898. In: ACT III-11 p. 308.

<sup>614</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 09 de setembro de 1898. In: ACT III-11 p. 322.

<sup>615</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 18 de março de 1907. In: OC-94 [156].

<sup>616</sup> Carta de Machado a Quintino Bocaiúva, escrita em 24 de dezembro de 1866. In: ACT I-08 p. 202.

*O desalinho desta carta corre parelha com o ruim aspecto da letra, que é pior que a do costume*<sup>617</sup>.

*Releve a letra apressada e as emendas, e creia sempre no Amigo Velho Machado de Assis*<sup>618</sup>.

*Vá-me desculpando a letra, o estilo, os saltos, todos os defeitos desta carta. Não quero faltar ao correio. Antes assim que nenhuma*<sup>619</sup>.

*Adeus meu caro Nabuco, desculpe esta letra que nunca foi boa e a idade está fazendo pior, e não esqueça o velho amigo que não o esquece e é dos mais antigos e agora o mais triste*<sup>620</sup>.

De fato, Machado sentia-se a cada dia mais triste. Como se não bastassem as descrições de si que o autor fazia ao longo das missivas, seu *ethos* depressivo apareceu muitas vezes também no fecho das cartas, como parte de sua assinatura e confirmação de seu estado psicológico:

*[...] é um abraço de velho amigo e companheiro neste dia de seus anos, e talvez seja o último. Aceite-o de coração e não esqueça o triste que lh'ó manda*<sup>621</sup>.

*Adeus, meu querido Lúcio, receba um abraço do Velho e triste amigo*<sup>622</sup>.

*Adeus, meu querido Nabuco. Disponha sempre deste velho e triste amigo*<sup>623</sup>.

*Aceite este abraço do triste amigo velho Machado de Assis*<sup>624</sup>.

*Escreva-me logo que receba esta, vencendo o torpor, e veja se a saudade de um amigo lhe dá ânimo. Adeus, peça-lhe que dê recomendações minhas a sua boa Mãe e boa consorte, e receba o meu abraço de velho, de amigo e de solitário. Adeus, meu querido*<sup>625</sup>.

## **II. Os principais temas abordados por Machado de Assis em sua epistolografia:**

A correspondência machadiana, de acordo com nossa análise, revelou-se bastante complexa em relação às temáticas abordadas pelo missivista. Contrariamente ao que lemos a respeito, não encontramos uma epistolografia “trivial” como afirmou Pereira<sup>626</sup> tampouco um modelo de “discreta insignificância” sentenciado por Meyer<sup>627</sup>. A complexidade, a propósito, está ligada à imensa variedade temática das cartas de Machado, que contempla meros bilhetes, cartas-prefácio e uma vasta coletânea de missivas pessoais.

<sup>617</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 21 de julho de 1897. In: ACT III-11 p. 255.

<sup>618</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 07 de novembro de 1899. In: ACT III-11 p. 433.

<sup>619</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 12 de março de 1899. In: ACT III-11 p. 362.

<sup>620</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 14 de maio de 1907. In: OC-94 [161].

<sup>621</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo. In: CMA-69 p. 279.

<sup>622</sup> Carta de Machado a Lúcio de Mendonça, escrita em 03 de março de 1905. In: OC-94 [142].

<sup>623</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco. In: AOC-86 p. 1074.

<sup>624</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 20 de novembro de 1904. In: OC-94 [136].

<sup>625</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 05 de janeiro de 1907. In: OC-94 [152].

<sup>626</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

<sup>627</sup> MEYER, Augusto. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: São José, 1958.

Procuramos, neste trabalho, apresentar os temas mais importantes e rotineiros presentes no compêndio epistolar machadiano. Ainda que não fosse possível elucidar toda a riqueza dos assuntos abordados pelo autor, dado o volume das epístolas e a dimensão de seus correspondentes, tentamos elaborar um breve panorama das inúmeras possibilidades de interpretação de sua epistolografia, a partir da observação dos pontos mais recorrentes:

**a) O processo de criação literária;**

Estudar a correspondência de Machado faz suscitar no pesquisador um outro ponto de vista que transborda os objetivos unicamente epistolares — é possível por meio das cartas perceber o complexo processo de criação das obras literárias do autor. Trata-se de um testemunho vivo acerca dos momentos de escrita, aos quais ele se dirige aos seus interlocutores para pedir conselhos, para relatar ideias e projetos, para narrar detalhes da produção, para citar suas influências, para falar sobre as expectativas acerca da aceitação e repercussão das obras, entre outros.

Seus principais correspondentes, em sua maioria também escritores e intelectuais, acabam estabelecendo por meio de uma profícua troca epistolar, uma rede de contatos que permite compreender e recriar a atmosfera sociocultural daquela sociedade carioca oitocentista, na qual foi criada a imensa obra literária machadiana. Neste contexto, por meio de uma leitura atenta das missivas, retomamos alguns dos aspectos que estiveram presentes na intimidade dos processos de composição do autor, que ele permitiu-se revelar em suas cartas.

É legitimamente possível fazer uma analogia simples destes relatos como uma espécie de inventário memorialístico de sua produção literária, para o qual Machado faz em suas cartas constantes depoimentos, que nos ajudam a recompor e compreender parte dos procedimentos utilizados nos mais diversos momentos da criação e as técnicas escolhidas pelo autor para a escrita de seus textos.

Em uma destas demonstrações, Machado deixa-se observar, no exato instante da produção de um de seus romances, ainda permeado das incertezas que naturalmente povoam o imaginário de um escritor no percurso de seu processo criativo. Tratava-se de uma “intromissão autorizada” pelo próprio autor. A despeito do tal “inventário” de que há pouco falávamos, podemos anexar a este uma confiança que o autor faz a seu correspondente acerca do conteúdo da obra, que em muito teria de semelhante àquele

momento particular no qual o sujeito missivista encontrava-se. Seria esta mais um significativo indício da existência de relações entre os textos epistolares e os literários?

*Pelo que me toca, o livro em que trabalho é ainda um romance. Não estou certo do título que lhe darei; já lhe pus três, e eliminei-os. O que ora tem é provisório; ficará, se não achar melhor. Disse-lhe romance, mas subentenda que no gênero do meu Quincas Borba, o melhor que se acomoda ao que estou contando e à minha própria atual feição<sup>628</sup>.*

A análise das cartas machadianas permite-nos descortinar algumas confissões referentes às “incertezas” do autor. No excerto abaixo, encontramos um eu-missivista que desnuda ao seu correspondente todas as dificuldades de sua produção poética, mas também revela o capricho com o qual esmera-se como verdadeiro ourives da palavra:

*Não incluí neste volume todos os meus versos. Faltou-me o tempo para coligir e corrigir muitos deles, filhos das primeiras incertezas. Vão porém todos, ou quase todos os versos de recente data. Se um escrúpulo de não acumular muita coisa sem valor me não detivesse, este primeiro volume sairia menos magro do que é; entre os dois inconvenientes preferi o segundo<sup>629</sup>.*

Em um interessante relato, o autor confessa que reunir suas poesias em um livro, fora uma ideia dos amigos, que insistiram em transformar o aspirante em poeta:

*Como sabes, publicando os meus versos, cedo às solicitações de alguns amigos, a cuja frente te puseste. Devo declará-lo, para que não recaia sobre mim exclusivamente a responsabilidade do livro. Denuncio os cúmplices para que sofram a sentença<sup>630</sup>.*

Outro ponto interessante das condições de produção de sua obra, parece-nos possível vislumbrar quando Machado confia a Magalhães de Azeredo que, no período em que esteve bastante doente, teria ditado à sua esposa Carolina alguns capítulos de sua irretocável obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

*[...] já fui doente exemplar, quando padeci de uma retinite e me proibiram ler. Estive assim longas semanas. Era minha mulher que me lia tudo. Para o fim serviu-me de secretária. As Memórias Póstumas de Brás Cubas foram começadas por esse tempo; ditei-lhe creio que meia dúzia de capítulos<sup>631</sup>.*

As cartas também trazem, de maneira nítida, o ritmo com o qual o autor escrevia seus textos literários, sempre assoberbado pelo excesso de trabalho e acúmulo de tarefas:

<sup>628</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 26 de maio de 1895. In: ACT III-11 p. 81.

<sup>629</sup> Carta de Machado a Caetano Filgueiras, escrita em 1º de setembro de 1864. In: ACT I-08 p. 68.

<sup>630</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>631</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo escrita em 2 de abril de 1895. In: ACT III-11 p. 72.

*Creio que já lhe disse estar com um livro no prelo, simples coleção de contos, já dados na imprensa diária; é uma escolha deles, ainda me ficam outros. Nas horas que me sobram do trabalho administrativo, que é muito, como sabe, vou trabalhando em algumas páginas que aparecerão este ano, se puder ser<sup>632</sup>.*

*[...] não trabalho às noites, e ponha o remate dos anos, cujo peso cresce à medida que se acumulam, como diria La Palisse<sup>633</sup>.*

*[...] vou fazendo como posso esses meus livros, e um pouco também como no-lo permitem as nossas circunstâncias literárias<sup>634</sup>.*

*Não trabalho continuamente; tenho grandes intervalos de dias, e até de semanas. As tarefas administrativas são muitas, como já lhe disse, não tenho noites. Se puder concluir o livro este ano, tanto melhor<sup>635</sup>.*

*Eu saio tarde do gabinete do Ministro, e entro cedo à mesma hora dele, que é matutino. As noites já não são dos meus olhos. Mas deixemos explicações, e conversemos de longe<sup>636</sup>.*

*Os anos, meu amigo, de certo ponto em diante andam muito depressa. Sabe quantos conto já? Entrei nos sessenta. Não escrevo em algarismo para me não afligir a vista. Ponha sobre isto o constante e crescido trabalho administrativo, e diga-me se pode haver nestes ossos muito que espremer para a literatura. Feliz ou infelizmente, como é vício velho, vou cachimbando o meu pouco. Este gosto ao trabalho é que me faz ainda mais apreciar o seu belo talento, que tanto ama a produção e a correção<sup>637</sup>.*

Além da exposição (voluntária ou não) dos aspectos que permeiam as condições de produção das obras machadianas, percebemos que o autor procura, em sua epistolografia, retomar algumas incorreções que percebera na publicação das mesmas. Segundo Moraes (2011: 103)<sup>638</sup> esta era uma maneira bastante peculiar de o autor mostrar-se consciente de seus desvirtuamentos e, de alguma forma, constituir o interlocutor testemunha desse saber:

*A casa Garnier reimprimiu ultimamente um dos meus livros mais antigos, os Contos fluminenses; fê-lo sem que eu houvesse revisto o trabalho, e (creio que por equívoco) sem aviso prévio, e sem lhe pôr a nota de que era edição nova. Por tudo isso não lhe mando um exemplar<sup>639</sup>.*

*Há de ter visto que o meu artigo trouxe erros tipográficos. Pará em vez de Peru, por exemplo. Há mais dois ou três; e há também um parágrafo desarticulado, que é das coisas que mais me afligem na impressão, não pelo aspecto, mas porque me quebra as pernas ao pensamento. O Gustavo, da casa Laemmert, disse-me que queria transcrever o artigo no Boletim*

<sup>632</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 02 de abril de 1895. In: ACT-III p.72.

<sup>633</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo. In: CMA-69 p. 252.

<sup>634</sup> Carta de Machado a Franklin Dória, escrita em 22 de agosto de 1884. In: ACT II-09 p. 275.

<sup>635</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 26 de maio de 1895. In: ACT III-11 p. 81.

<sup>636</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 05 de novembro de 1900. In: ACT III-11 p. 513.

<sup>637</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 07 de novembro de 1899. In: ACT III-11 p. 434.

<sup>638</sup> MORAES, Marcos Antonio de. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: Revista Machado de Assis em Linha, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 88-111, 2011. Disponível em: <http://machadodeassis.net/download/numero07/num07artigo06.pdf> [17 de outubro de 2015].

<sup>639</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 28 de julho de 1899. In: CMA-69, p. 181.

*Bibliográfico; disse-lhe que sim, notando-lhe aqueles defeitos, ficou de me dar provas. Vou emendar um exemplar da Gazeta e mandar-lho*<sup>640</sup>.

*[...] uma 2ª edição de Iaiá Garcia a ser posta à venda. Traz algumas incorreções, mas em pequeno número e de menor monta que as das novas edições das Memórias póstumas de Brás Cubas, e de Quincas Borba, a primeira principalmente*<sup>641</sup>.

*Se pudesse fazer uma escolha das Semanas, publicá-la-ia; mas valeria a pena o trabalho? Demais, há em muitas delas erros tipográficos, palavras trocadas, não emendadas oportunamente, e que me obrigariam agora a fadigas sem utilidade. Já lá vão três anos que faço esta crônica da Gazeta... Como passa o tempo!*<sup>642</sup>

*Esta carta é quase que exclusivamente destinada a acompanhar o meu livro de versos. Creio que lhe disse mais de uma vez que ia reunir em um só volume os três publicados, coligando então em uma quarta parte os versos que andavam esparsos... Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também... Há de achar no fim uma longa errata, que não devia existir, se eu pedisse, como fiz aliás com outros livros impressos fora, segundas provas de tudo. O resultado foi aquela lista de erros. Talvez o livro as mereça. Em todo caso, a culpa foi minha*<sup>643</sup>.

Em alguns casos, percebemos que as cartas também serviam para expor a seus interlocutores ou até mesmo para o grande público, (se levarmos em conta que o autor tinha pleno conhecimento da possibilidade de publicação das missivas), o orgulho que ele sentia pelo êxito que algumas de suas obras alcançavam. Em nossa análise, essa era também uma forma peculiar de autopublicidade, uma vez que a demonstração de seu *ethos* vaidoso, em que se vangloria, fazia aumentar a curiosidade das pessoas acerca do sucesso de sua literatura, além de fazer ecoar seu nome por lugares cada vez mais distantes:

*A casa Garnier fez uma nova edição das minhas Memórias póstumas de Brás Cubas. É a terceira, contando por primeira a publicação na antiga Revista Brasileira. Vai também sair uma edição nova do Quincas Borba, cuja primeira edição data de 1891, e estava esgotada. O primeiro livro há muito que o estava*<sup>644</sup>.

Outro aspecto bastante peculiar, e até certo ponto confessional, observado nas correspondências machadianas é a maneira como o autor fala abertamente do pessimismo impresso em sua produção literária, bem como dos mais diversos procedimentos por ele utilizados, na elaboração de suas obras:

<sup>640</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 14 de junho de 1899. In: ACT III-11 p. 382.

<sup>641</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 1898. In: CMA-69, p. 155.

<sup>642</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 26 de maio de 1895. In: ACT III-11 p. 82.

<sup>643</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 30 de junho de 1904. In: ASSIS, Machado de. Correspondência de Machado de Assis. Tomo IV – 1900-1904. Coordenação e orientação Sérgio Paulo Rouanet. Reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, 2013 [604]. Doravante, neste texto, todas as citações retiradas deste volume serão indicadas pela sigla ACT IV-13.

<sup>644</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo. In: CMA-69 p. 111.

*[...] a minha organização moral e mental é essa mesma que ali define; pelo menos, a leitura do seu escrito produziu em mim a sensação de um reflexo. O meu pessimismo é esse mesmo que ali analisa. Sobre os meus processos literários creio também não ter que divergir, salvo sempre o que implicar louvor em boca própria. Por exemplo, é certo que sou parco em descrições; e, quanto aos quadros naturais, raro achará nos meus livros. Não é, relativamente a estes, que eu não receba a impressão estética que eles dão, é a minha preocupação exclusiva do homem que toma o papel todo nos meus escritos; mas talvez esteja disfarçando com isto uma virtual incompetência técnica. Não digo mais para não dissertar, em vez de limitar-me à parte afirmativa da resposta que me pediu, e aí vai<sup>645</sup>.*

*Já lhe disse que tenho um livro no prelo, e de versos. São todos os que estão por colecionar e mais os colecionados, desde os primeiros anos: Poesias completas. Devem ter chegado a Paris, mas ainda não recebi comunicação. Creio ou antes estou certo que não darei mais versos. Assim o título definitivo fica ajustado à coleção de todos. Agora só a prosa me prenderá os anos de vida que me restam, e naturalmente irá perdendo com eles a pouca força que tem<sup>646</sup>.*

## **b) O espírito de companheirismo e de cooperação para com os autores da época; apadrinhamentos, publicidade, críticas favoráveis;**

Machado de Assis, durante toda sua vida adulta, sempre esteve envolvido com o universo das Letras. Foram décadas de amizades profícuas e duradouras com alguns dos principais nomes da Literatura Brasileira e também com importantes personalidades das mais diversas áreas. Em sua epistolografia, é possível recriar tais redes de contato, fazendo emergir uma legião de amigos que se correspondiam e se associavam em torno de sonhos e de objetivos em comum. Para Souza (2002: 48):

*[...] é possível estabelecer laços de amizade literária entre os autores, substituindo-se a tradicional metáfora familiar, que corresponderia à construção de modelos literários a partir dos conceitos de influência e de tradição cultural, herança recebida pelo autor de forma passiva e conforme as exigências da crítica, notadamente de caráter historicista. A relação de amizade implica a escolha de seus precursores pelo escritor, [...] o que acarreta a formação de um círculo imaginário de amigos reunidos por interesses comuns, parceiros que se unem pela produção de um vínculo nascido da região fantasmática da literatura<sup>647</sup>.*

Todo o contexto sociocultural da segunda metade do século XIX foi propício ao surgimento de grupos que compartilhavam destes mesmos interesses. Na sociedade carioca, foram muitas as agremiações das quais Machado participava como o Clube Beethoven, Grêmio Literário de Letras e Artes, A Sociedade Petalógica, a Sociedade Ipiranga, o Clube Português de Leitura, as reuniões da Livraria Garnier e da Revista Brasileira e os encontros da Panelinha, além de, mais tarde, os encontros da Academia Brasileira. Desta forma, o autor reunia, em torno de si, a nata da sociedade intelectual

<sup>645</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 02 de fevereiro de 1898. In: ACT III-11 p. 289.

<sup>646</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 05 de novembro de 1900. In: ACT III-11 p. 513.

<sup>647</sup> SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult.* Belo Horizonte: UFMG, 2002.

brasileira, com a qual conviveu e tornou-se seu grande articulador. Segundo o biógrafo Magalhães Júnior (1981):

A sociabilidade de Machado de Assis se manifestou desde cedo, favorecida, aliás, pelo grande número de grêmios e sociedades literárias existentes no período de sua juventude<sup>648</sup>.

Neste espírito associativo nascido da natural irmandade literária, as críticas publicadas em jornais serviam como uma importante ferramenta para a veiculação das obras recém-lançadas, uma vez que este era o principal meio de comunicação (e publicidade) da época. Machado de Assis, desde o início de sua carreira jornalística, vinha sendo constantemente procurado para escrever e intermediar tais publicações:

*Escreve uma introdução à minha comédia quando a mandares, que a quero publicar. Sê menos ingrato. Escreve-me e escreve-me*<sup>649</sup>.

*As malditas Musas já me deram com o esconderijo, e começam a maçar-me, com impertinências que eu passo para ti. Aí vai um livro de versos. Lê-o, e fala dele no Diário*<sup>650</sup>.

*Aí fica o livro do Gentil; é uma linda coisa! Escreve sobre ele; lembra-te que estás em falta para com o Gentil (que é teu amigo) desde a publicação da Eloá! Esse livro tem grande merecimento [...]. Tudo o mais é bom e pede um bom artigo. Escreve-o na próxima Semana*<sup>651</sup>.

*Meu querido Machado. Quando o teu Diário tiver absoluta falta de matéria para as suas colunas, eu te peço que transcrevas o artigo incluso da Imprensa Acadêmica sobre as minhas “folhas soltas”, pois que tencionando dever ao amável público uma 2.<sup>a</sup> edição, isso serve para mostrar-lhe que o livreco é ainda procurado. Adeus. Muito breve terei uma longa conversa contigo, quando minha alma purificar-se com a leitura das tuas Crisálidas*<sup>652</sup>.

*Releve-me dirigir-lhe pela primeira vez letras minhas para pedir-lhe um favor. Recebi o incluso artigo do Rio Grande do Sul que muito me interessa seja publicado no Diário, quisera porém que saísse no Noticiário para obter ainda maior atenção. Ser-lhe-á possível prestar-me esse importante favor? Eu conto [com] a sua benevolência para crer-me atendido. [...] peço-lhe que seja bastante indulgente para com ele [...]*<sup>653</sup>.

*Por intermédio do Serra enviei-lhe um exemplar dos meus Versos. Agasalhe os enfeitadinhos, não por amor de mim, que um mau poeta sou; mas, por amor do Serra, que foi quem me obrigou a fazê-los sair da gaveta em que sempre deveriam estar guardados. Adeus, e aqui me tem para o ler e o estimar sempre seu muito admirador amigo Gentil H. de Alm. da Braga*<sup>654</sup>

*Aí vai um vomitório, que por força te fará lançar... Acompanha esta carta um livro que tem por título “Um coração de mulher, poema-romance por Joaquim Serra”. Reveste-te de toda aquela indulgência, que guardas para as ocasiões de grande jubileu, e lê o meu livro*<sup>655</sup>.

<sup>648</sup> MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, V. 1, p. 152.

<sup>649</sup> Carta de Luís Guimarães Júnior a Machado, escrita em 29 de abril de 1864. In: ACT I-08 p. 47.

<sup>650</sup> Carta de Luís Guimarães Júnior a Machado, escrita em 17 de fevereiro de 1865. In: ACT I-08 p. 83.

<sup>651</sup> Carta de Joaquim Serra a Machado, escrita em janeiro de 1870. In: ACT II-09 p. 06.

<sup>652</sup> Carta de Nuno Álvares P. e Sousa a Machado, escrita em 19 de setembro de 1864. In: ACT I-08 p. 69.

<sup>653</sup> Carta de Nuno Álvares P. e Sousa a Machado, escrita em 1864 a 1866. In: ACT I-08 p. 204.

<sup>654</sup> Carta de Gentil Braga a Machado, escrita em 19 de junho de 1872. In: ACT II-09 p. 63.

<sup>655</sup> Carta de Joaquim Serra a Machado, escrita em 30 de maio de 1867. In: ACT I-08 p. 213

Assim, tornou-se uma prática normalmente aceita que as correspondências particulares contemplassem, no resguardado espaço da “suposta intimidade epistolar”, pedidos de críticas e resenhas favoráveis das obras escritas por literatos que faziam parte do mesmo círculo de amizades. Segundo Silva (2009):

O envio e o recebimento de livros não se prestavam unicamente para uma lembrança ou presente trocado entre amigos; configurava uma sociedade literária em que a opinião de um, publicada em jornal ou revista *a posteriori*, funcionava como suporte, apoio ou propaganda do escrito do outro. Os amigos, assim, se fortaleciam não apenas na amizade, mas também profissionalmente, promovendo a existência de grupos intelectuais prestigiados pela crítica deles mesmos<sup>656</sup>.

Foi o que percebemos na correspondência ativa e passiva de Machado: o envio de textos e obras para apreciação, ao passo que se faziam explícitos os pedidos de publicação de críticas favoráveis nos jornais e revistas em que trabalhavam os amigos escritores:

*Meu caro Salvador. [...] Remeto-te um exemplar das minhas Americanas. Publiquei-as há poucos dias, e creio que agradaram algum tanto. Vê lá o que isso vale; se tiveres tempo, escreve-me as tuas impressões. Não remeto exemplar ao nosso Rodrigues, porque o Garnier costuma fazê-lo diretamente, segundo me consta. [...] Olha o Rodrigues é bom mestre, e o Novo Mundo um grande exemplo<sup>657</sup>.*

O que fica claro, na leitura do excerto seguinte, é que o autor demonstrava seu *ethos* ansioso em virtude da espera pela publicidade de seu livro de poesias *Americanas*<sup>658</sup>:

*Não vi o Novo Mundo do mês de março; mas afiançam-me nada vem lá a respeito das Americanas. Virá no de abril provavelmente; desde já te agradeço a atenção<sup>659</sup>.*

Mais tarde, satisfeito com o artigo favorável acerca de sua obra, Machado agradece ao amigo Salvador e aproveita para enviar um exemplar de um novo livro, *Helena*<sup>660</sup>, certamente esperando a mesma repercussão positiva:

*Meu caro Salvador. Mal tenho tempo para agradecer-te muito do coração o belo artigo que escrevestes no Novo Mundo, a propósito das Americanas. Está como tudo o que é teu: muita reflexão e forma esplêndida. Cá ficará entre minhas joias literárias. Vai por este vapor um exemplar da Helena, romance que publiquei no Globo. Dizem aqui que dos meus livros é o menos mau; não sei, lá verás. Faço o que posso e quando posso<sup>661</sup>.*

<sup>656</sup> SILVA, Otoniel Machado da. Retórica, roda de compadres, solidão e achaques da velhice: o Machado de Assis das cartas. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 2009.

<sup>657</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 24 de dezembro de 1875. In: AOC-86 p. 1033.

<sup>658</sup> *Americanas* é um livro de poemas de Machado de Assis, publicado em 1875.

<sup>659</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 15 de abril de 1976. In: AOC-86 p. 1034.

<sup>660</sup> *Helena* é o terceiro romance de Machado de Assis, publicado em 1876.

<sup>661</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 13 de novembro de 1976. In: ACT II-09 p. 124.

No próximo excerto de uma carta enviada a Joaquim Nabuco, Machado sugere que sua crítica (escrita sob forma epistolar) também seja publicada, assim como os textos de Veríssimo acerca da obra de Nabuco. Esta é mais uma prova que elencamos a respeito do conhecimento que o autor tinha sobre a real possibilidade de publicação de suas missivas:

*O Veríssimo escreveu, a propósito do seu livro das Pensées Détachées, os dois excelentes artigos que Você terá visto no Jornal do Commercio, para onde voltou brilhantemente com a Revista literária. Fez-lhe a devida justiça que nós todos assinamos de coração. A minha carta, aquela que tive a fortuna de escrever antes de ninguém, era melhor que lá tivesse também saído*<sup>662</sup>.

Da mesma forma, transbordavam do papel os agradecimentos às resenhas que os amigos publicavam de maneira elogiosa, o que reforçava a ideia de rede associativa, na qual todos colaboravam a fim de difundir uma imagem positiva acerca de si mesmos:

*Meu jovem colega. Deixe-me agradecer-lhe cordialmente as boas e finas palavras que fez publicar no País acerca do meu livro Esaú e Jacó. Quando se conclui algum trabalho dá sempre grande prazer achar quem o entenda e explique com sincera benevolência e aguda penetração. Valham-me as suas agora, expostas com tão graciosa maneira, e aceite este aperto de mão do Velho colega Machado de Assis*<sup>663</sup>.

*Esta carta leva-lhe um grande abraço pelo seu artigo de hoje. Dom Casmurro agradece-lhe comigo a bondade da crítica simpática e o exame comparativo. Você acostumou-nos às suas qualidades finas e superiores, mas quando a gente é objeto delas melhor as sente e cordialmente agradece. Ao mesmo tempo sente-se obrigada a fazer alguma, se os anos e os trabalhos não se opuserem à obrigação. Caso fosse possível, não seria dos menores efeitos da sua crítica de mestre*<sup>664</sup>.

*Quisera finalmente agradecer-lhe a carta com que honrou este seu obscuro amigo. Nem o posso, porém fazer, sem primeiro ralhar-lhe muito, porque devendo ser apenas justo, quis ser nimiamente generoso para comigo. A culpa bem sei eu que não é sua, mas da natureza que lhe deu um coração igual ao seu grande talento. Se refletir verá quão pouco vale este seu admirador e amigo Machado de Assis*<sup>665</sup>.

*Aceito, e muito cordialmente, as boas palavras de Vossa Excelência na carta que tenho presente acerca das minhas Histórias sem Data. [...] folgo principalmente com a aprovação dos bons e dos entendidos, como Vossa Excelência, cuja amizade me honra, e cujo talento admirei sempre*<sup>666</sup>.

*Meu caro José Veríssimo. Deixe-me ainda uma vez apertar-lhe gostosamente a mão pela sua boa vontade e simpatia. Cá o li e reli hoje e guardo com as animações do amigo as indicações do juiz competente*<sup>667</sup>.

<sup>662</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 07 de fevereiro de 1907. In: OC-94 [153].

<sup>663</sup> Carta de Machado a Alcides Maia, escrita em 10 de outubro de 1904. In: OC-94 [133].

<sup>664</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 19 de março de 1900. In: ACT III-11 p. 458.

<sup>665</sup> Carta de Machado a Ladislau Neto, escrita em 10 novembro de 1871. In: ACT II-09 p. 54

<sup>666</sup> Carta de Machado a Franklin Dória, escrita em 22 de agosto de 1884. In: ACT II-09 p. 275.

<sup>667</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 18 de setembro de 1899. In: ACT III-11 p. 415.

*Você é que, apesar de tudo, lembrou-se de mim com aquela boa vontade que sempre lhe achei. Cá li a referência no jornal de hoje, e daqui lhe mando um aperto de mão*<sup>668</sup>.

*Meu caro Júlio César Machado. Não sei de que modo lhe agradeça o magnífico e mais que benévolo artigo da América a respeito das minhas Falenas. De longe, e há muito, admirava o seu talento vivaz e brilhante. Era, porém, uma homenagem do espírito. Fala-lhe agora a voz do coração, de um coração que é seu, porque uma voz benévola que nos vem de tão longe só não cativaria um ingrato, e não o é nem o será nunca este seu admirador Machado de Assis*<sup>669</sup>.

Como dissemos, por toda sua importância enquanto jornalista renomado e, mais tarde, Presidente da ABL, Machado sempre foi muito requisitado para fazer suas críticas, o que garantia aos ilustres ou desconhecidos autores, uma visibilidade imensa junto à sociedade leitora. Um de seus grandes amigos e principais correspondentes, o escritor José Veríssimo, ao escrever pela primeira vez ao autor, revela a esperança de tê-lo como colaborador da *Revista Amazônica*<sup>670</sup>, que acabara de fundar no Estado do Pará:

*É uma tentativa talvez utópica, mas, em todo caso, bem intencionada [...] Mas eu só, e no meio de uma sociedade onde os cultores das letras não abundam, nada posso; e se, não fosse confiar na proteção daqueles que, como V. Ex., conservam vivo o amor ao estudo, não a publicaria. – É, pois, para pedir sua valiosíssima colaboração, que tenho a honra de escrever a V. Ex., de quem há muito que sou admirador sincero*<sup>671</sup>.

Consciente dos problemas socioculturais do país e das limitações financeiras que dificultariam o estabelecimento da Revista e sua permanência no cenário literário, Machado assim responde, em carta, a Veríssimo:

*Não importa; a simples tentativa é já uma honra para V. Ex., para os seus colaboradores e para a Província do Pará, que assim nos dá uma lição à Corte. – Há alguns dias, escrevendo de um livro, e referindo-me à Revista Brasileira, tão malograda, disse esta verdade de La Palisse: – “que não há revistas sem um público de revistas”. Tal é o caso do Brasil. Não temos ainda a massa de leitores necessária para essa espécie de publicações*<sup>672</sup>.

Bastante generoso com os elogios, ainda que o autor em questão não tivesse tantos méritos quanto se supunha, o autor fazia questão de enaltecer o esforço dos novos talentos, encorajando-os a continuar a escrever e percorrer, com êxitos e tropeços, o tortuoso caminho das Letras, o que atesta, reiteradamente, o carácter elevado do autor. Tal atitude revela, em parte, o projeto pessoal de Machado, que analisaremos mais adiante. Em poucas palavras, podemos afirmar que há, tanto em sua produção crítica quanto na epistolar, uma

<sup>668</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 10 e abril de 1899. In: ACT III-11 p. 369.

<sup>669</sup> Carta de Machado a Júlio César Machado, escrita em 23 de julho de 1871. In: ACT II-09 p. 34.

<sup>670</sup> Revista literária paraense criada por José Veríssimo, que circulou entre os anos de 1883 e 1884.

<sup>671</sup> Carta de José Veríssimo a Machado, escrita em 04 de março de 1883. In: ACT II-09 p. 246.

<sup>672</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 19 de abril de 1883. In: ACT II-09 p. 254.

supervalorização do outro, uma projeção de si (e de sua importância) que nasce na alteridade, na construção simbólica do outro. Nesta perspectiva, a publicidade das obras ajudava a cristalizar os nomes de autores célebres ao passo que aspirava o surgimento e a profissionalização dos autores iniciantes. Em termos literários, esta seria uma tentativa de enaltecer as novas vozes, de ceder aos mais novos o mesmo espaço que, um dia, lhe fora gentilmente oferecido por outros companheiros.

No entanto, havia uma preocupação excessiva de Machado para com aqueles a quem sua crítica literária fazia pequenos ajustes e restrições. O autor sabia que devia ser justo e era; mas temia magoar e desanimar os novos literatos, como podemos notar em carta enviada ao amigo de longa data, Faustino Xavier de Novais<sup>673</sup>:

*Cuido, meu amigo, que os reparos que fiz, não hão de magoar o autor do Riachuelo; é filho de uma sociedade literária, onde a modéstia anda casada ao estudo. Demais, a franqueza é uma homenagem que se presta à dignidade do talento; a lisonja seria uma injúria*<sup>674</sup>.

Eis um raro exemplo da franca exposição do autor acerca de seu papel enquanto crítico literário. Por mais que a publicidade das obras fosse algo comum à época, Machado tinha plenas convicções da sua responsabilidade para com o público leitor. É o que ele confidencia ao amigo, quando comenta a carta que recebera de José de Alencar, que, na ocasião, o apresentara para seu julgamento, o jovem poeta Castro Alves<sup>675</sup>:

*É a situação igual àquela em que me vi, não há muito, quando o ilustre autor do Iracema teve a generosidade e a benevolência de apresentar-me um poeta e um livro. Agradei a confiança; mas tratei de defini-la. Apesar dos termos em que me era manifestada, tão acima do que eu podia ambicionar, apenas vi nela uma animação aos meus esforços, um benévolo parabém, um honroso aperto de mão. Já era aceitar muito quem vale tão pouco; mas a natureza pôs em todos nós uma parcela de vaidade. Podemos disfarçá-la; não suprimi-la. [...] Adverte, meu amigo, que eu hesito assim pela consideração de que há em frente de nós um público de leitores, não por mim que sei extremar a benevolência da justiça, a ilusão da realidade. Não quero aos olhos do público parecer que aceito um papel de juiz, eu que, no foro literário, mal posso alinhar razões. Não levanto com isto um castelinho de palavras; exprimo a minha profunda convicção*<sup>676</sup>.

A incumbência que Alencar destinara a Machado, apresentando-o o novato poeta Castro Alves, de fato, não o surpreendera tanto, mas sim a maneira como aquele referia-se

<sup>673</sup> Faustino Xavier de Novaes (1820 – 1869) foi um jornalista, poeta e escritor português radicado no Rio de Janeiro. Ficou conhecido como o irmão de Carolina Augusta Xavier de Novais, esposa de Machado de Assis.

<sup>674</sup> Carta de Machado a Faustino Xavier de Novais, escrita em 21 de abril de 1868. In: ACT I-08 p. 254.

<sup>675</sup> Antônio Frederico de Castro Alves (1847 — 1871) foi um poeta brasileiro. Suas poesias mais conhecidas são marcadas pelo combate à escravidão, motivo pelo qual é conhecido como "Poeta dos Escravos".

<sup>676</sup> Idem, *ibidem*.

ao jornalista, enaltecendo seu trabalho enquanto crítico e, principalmente, reconhecendo suas habilidades técnicas e seu vasto conhecimento acerca da Literatura.

*O Senhor foi o único de nossos modernos escritores, que se dedicou à cultura dessa difícil ciência que se chama a crítica. Uma porção do talento que recebeu da natureza, em vez de aproveitá-lo em criações próprias, não duvidou aplicá-lo a formar o gosto e desenvolver a literatura pátria. Do Senhor, pois, do primeiro crítico brasileiro, confio a brilhante vocação literária que se revelou com tanto vigor<sup>677</sup>.*

Mediante tamanha perplexidade com as palavras do Mestre Alencar, seria natural que o ainda jovem escritor sentisse o peso de sua responsabilidade. É justamente com este sentimento, um misto de impotência e vaidade, que Machado confessa ao amigo:

*Sinto-me débil e incompetente para a magistratura literária. E não me custa dizê-lo; não me custa recusar cortesmente um título que o meu coração pode agradecer sem que o sancione a minha consciência. Consciência? Se o sancionasse já não seria consciência; seria vaidade pueril. A minha não vai até lá. Animações merecê-las-ia talvez; nada mais<sup>678</sup>.*

Pelo que podemos notar, o autor tinha profundo receio de que suas críticas pudessem ser mal interpretadas ou parecer a mera exposição de um gosto pessoal, de alguém que se atrevia a enveredar pelo árduo caminho da crítica literária. Por isso, insistia em afirmar que suas tentativas eram “*desambiciosas e sinceras*”<sup>679</sup>. A missiva em questão é uma plena exposição confidencial acerca de seu papel enquanto crítico:

*Não pretendia galgar nenhum posto eminente; tão pouco pretendia defender interesses que não fossem comuns aos homens de letras. Expunha objeções, tecia louvores, conforme me iam impressionando os livros. A dissimulação não foi a musa desses escritos; preferi a franqueza. Alheio ao fetichismo e aos rancores literários, nem aplaudi por culto, nem censurei por ódio. A esperança de ganhar afetos ou o receio de criar ressentimentos, não me serviram de incentivo ou obstáculo. [...] Foi sem dúvida por ver a boa vontade com que meti ombros à tarefa, a independência e a cortesia com que a desempenhei, o zelo com que procurava analisar escritos geralmente lidos, raras vezes comentados; foi sem dúvida por tudo isto que o autor do Guarani me honrou com uma carta que o arquivo literário nacional não pode perder porque é um primor de estilo<sup>680</sup>.*

Além dos aspectos analisados nesta seção, o final da missiva também revela uma outra possibilidade interpretativa. Machado fala claramente sobre a importância de se preservar a carta de Alencar para a posteridade, o que nos leva a inferir, mais uma vez, que

<sup>677</sup> Carta de José de Alencar a Machado, escrita em 18 de fevereiro de 1868. In: ACT I-08 p. 229.

<sup>678</sup> Carta de Machado a Faustino Xavier de Novais, escrita em 21 de abril de 1868. In: ACT I-08 p. 255.

<sup>679</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>680</sup> Idem, *ibidem*.

o próprio autor sabia que suas correspondências poderiam tornar-se referência para outros autores e que suas cartas também seriam lidas e arquivadas para futuras leituras.

Outra preocupação latente do autor era com a maneira como a crítica deveria parecer verdadeira. Por mais que houvesse uma espécie de “pacto literário” entre os autores, era fundamental para Machado que a publicidade fosse autêntica:

*Essa recordação bastava para felicitar o meu livro. Mas onde não vai a amizade e a crítica benevolente? Foste além: – traduziste para o papel as tuas impressões que eu, – mesmo despido desta modéstia oficial dos preâmbulos e dos epílogos, – não posso deixar de aceitar como parciais e filhas do coração. Bem sabes como o coração pode levar a injustiças involuntárias, apesar de todo o empenho em manter uma imparcialidade perfeita<sup>681</sup>.*

*Ilustríssimo Senhor Doutor José Carlos Rodrigues. Aperto-lhe mui agradecidamente as mãos pelo seu artigo do Novo Mundo a respeito do meu romance. E não só agradeço as expressões amáveis com que me tratou, mas também os reparos que me fez. Vejo que leu o meu livro com olhos de crítico, e não hesitou em dizer o que pensa de alguns pontos, o que é para mim mais lisonjeiro que tudo<sup>682</sup>.*

**c) As discussões em torno da Academia Brasileira de Letras, desde seu projeto inicial, sua fundação e, posteriormente, suas candidaturas e nomeações;**

É inegável que Machado tenha chamado para si a responsabilidade de unir os literatos em torno de um sonho, de uma ideia grandiosa, de uma verdadeira revolução para a arte nacional. O irremediável amante das Letras não contentava-se em ser o maior nome da Literatura Brasileira de seu tempo, ele queria mais e ousou sonhar mais alto. Imbuído de um desejo imenso de reunir os maiores nomes das Letras nacionais, Machado liderou o grupo de intelectuais que, mais tarde formariam com ele a Academia Brasileira de Letras.

Neste momento crucial para a história da Literatura brasileira, no qual estava em jogo a afirmação da identidade cultural de um país que recentemente conquistara sua independência, as cartas assumiam um papel fundamental tanto para a comunicação entre os literatos quanto para o estabelecimento de relações cordiais entre eles, já que nem sempre o contato direto era possível. As missivas abordavam questões como a organização da sonhada instituição, as regras gerais que norteariam as atividades e as possíveis nomeações que ocorreriam no decorrer do processo de implantação da ABL.

A partir de 1897, quando ocorre de fato a fundação da Academia, este assunto passa a ser recorrente nas missivas de Machado, algo muito natural para um autor que preside a instituição. Além dos temas já mencionados, o autor utiliza-se do espaço epistolar para

<sup>681</sup> Carta de Machado a Caetano Filgueiras, escrita em 1º de setembro de 1864. In: ACT I-08 p. 67.

<sup>682</sup> Carta de Machado a José Carlos Rodrigues, escrita em 25 de janeiro de 1873. In: ACT II-09 p. 82.

convocar reuniões, para encaminhar trabalhos, para informar aos membros acerca de resoluções e eleições, para tratar de publicações e solenidades, entre outros:

*A notícia é que foste, como de justiça, eleito pela Academia Brasileira de Letras, que aqui fundou o nosso Lúcio. Poucos creram a princípio que a obra fosse a cabo; mas sabes como o Lúcio é tenaz, e a coisa fez-se. A sua amizade cabalou em favor da minha presidência. Resta agora que não esmoreçamos, e que o Congresso faça alguma [coisa] pela instituição. Cá estás entre nós. O Lúcio te dirá (além da comunicação oficial que tens de receber) que cada cadeira, por proposta de Nabuco, tem um patrono, um dos grandes mortos da literatura nacional<sup>683</sup>.*

*A Academia não perde seu orador, cujo lugar fica naturalmente esperando por ele; alguém dirá sempre que for indispensável, o que caberia a V. dizer, mas a cadeira é naturalmente sua<sup>684</sup>.*

*Vou lembrar-lhe a expedição dos avisos e a notícia sobre a sessão da Academia. O José Avelino esteve aqui, anteontem, e, perguntando-me em conversa se o Francisco de Castro apresentara-se candidato, disse-lhe que sim; ao que retorquiu que não se apresentaria, fazendo boas referências ao outro<sup>685</sup>.*

*A nossa Academia Brasileira parece que afinal terá as três coisas – casa, franquia postal e impressão de inéditos de autores mortos que ela julgue digna de tal serviço. Já passou na câmara dos deputados o projeto e foi para o senado. [...] Salvo demora, creio que passará<sup>686</sup>.*

É possível notar também, no decorrer das cartas relacionadas ao tema Academia, que Machado deixava claro a seus interlocutores certas preferências pessoais para a eleição de membros da ABL, em detrimento de outros nomes. Tal panorama pode ser facilmente perceptível neste fragmento da carta enviada a Magalhães de Azeredo por ocasião da indicação de Euclides da Cunha, apesar de afirmar que sua intenção não era insinuar voto:

*Vamos ter eleição acadêmica no meiado de Setembro. Lá receberá comunicação oficial pelo Rodrigo Octavio. Não quero insinuar-lhe voto, mas o candidato que parece reunir maioria é o Euclides da Cunha, autor dos Sertões. Estamos concertados muitos em votar nele, começando pelo Rio Branco<sup>687</sup>.*

Em outra missiva, Machado novamente expõe sua preferência, chegando mesmo a “fazer campanha” para a eleição de seu amigo pessoal Luís Guimarães Júnior:

*Ainda não estive com o Caldas Viana, mas sei por pessoas que lhe falaram que ele veio de lá com grande pena; também eu sentiria a mesma coisa, se houvesse de tornar antes do fim. A vaga deixada por ele terá de ser preenchida naturalmente de acordo com Você ou por proposta sua. Sobre isto tenho indicação de um moço que desejaria ir e é bastante inteligente*

<sup>683</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 09 de fevereiro de 1897. In: AOC-86 p. 1041.

<sup>684</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 10 de março de 1899. In: M&N-03 p. 99.

<sup>685</sup> Carta de Machado a Rodrigo Octavio, escrita em 07 de agosto de 1899. In: ACT III-11 p. 403.

<sup>686</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 05 de novembro de 1900. In: ACT III-11 p. 513.

<sup>687</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 17 de julho de 1903. In: CMA-69 p. 249.

*para corresponder ao que Você lhe confiar: É o Luís Guimarães, filho do Luís Guimarães Júnior. Está na Gazeta de Notícias. Veja Você o que pode fazer por ele [...]*<sup>688</sup>.

O mesmo ocorre em relação à eleição para a vaga de Visconde de Taunay. Os fragmentos abaixo demonstram a forma, por vezes tendenciosa, como o Presidente da ABL conduzia as eleições e sugeria certos votos:

*Vamos ter, na Academia, uma eleição para a vaga do Taunay; é a de 10 de Agosto. Há dois candidatos; o Dr. Francisco de Castro, cuja medicina não tolhe o cultivo literário, e que, de resto, começou a vida na Faculdade por um livro de versos; e o deputado José Avelino. Creio que vencerá o primeiro. É superior ao segundo, e tem já certo número de votos. Também há quem trabalhe pelo José Avelino, e ele mesmo tem feito visitas e escrito cartas, mas estou que é trabalho baldado*<sup>689</sup>.

*Pensei na sucessão do Taunay logo depois que o tempo afrouxou a mágoa da perda do nosso querido amigo. A vida que levo, entregue pela maior parte à administração, não me permitiu conversar com os amigos da Revista mais que duas vezes, mas logo achei a candidatura provável do Arinos, e dei-lhe o meu voto; o Graça Aranha e o Veríssimo a promovem, e já há por ela alguns votos certos, ao que me disseram. Assim fiquei aliado, antes que V. me lembrasse o nome do Constâncio Alves. Também ouvi falar do Assis Brasil, mas sem a mesma insistência*<sup>690</sup>.

*Diga-me agora o que há mais sobre as candidaturas da Academia? Teve resposta de S. Paulo? O Nabuco falou-me, por carta, na candidatura do Constâncio Alves. Respondi-lhe com o que já havíamos conversado na Revista, e o acordo em que estávamos alguns acerca do Arinos. Ouvi que também o Francisco de Castro pensa na vaga. Todas estas perguntas são de pessoa que não pode aparecer e vive aqui entre ofícios e requerimentos*<sup>691</sup>.

O que não se pode deixar de reconhecer, de fato, é que a leitura das missivas machadianas nos remetem a uma faceta pouco reconhecida do autor, na qual seu *ethos* vaidoso permite-se revelar, sem reservas, em função de seu orgulho pela Academia:

*A Academia pegou, como dizem alguns, e parece que sim*<sup>692</sup>.

*Enfim, a Academia vai sendo aceita, estimada e amada*<sup>693</sup>.

#### **d) As constantes referências a organizações e obras literárias, os debates acerca das Artes e dos grandes autores;**

Também muito comuns na correspondência machadiana são as referências às leituras que fizeram parte de seu cotidiano, necessárias não apenas ao escritor autodidata,

<sup>688</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 31 de outubro de 1899. In: ACT III-11 p. 431.

<sup>689</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo. In: CMA-69 p. 1081.

<sup>690</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 13 de fevereiro de 1899. In: AOC-86 p. 1045.

<sup>691</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 25 de fevereiro de 1899. In: OC-94 [55].

<sup>692</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 26 de dezembro de 1906. In: AEO-09 p. 29.

<sup>693</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 14 de janeiro de 1908. In: ACT III-11 p. 149.

mas também ao sagaz leitor e profundo admirador da arte literária. Desde muito cedo, o então jovem jornalista mergulhava intensamente na leitura dos grandes clássicos, sem deixar de prestigiar os grandes nomes da Literatura aos quais era contemporâneo.

Revelando um conhecimento vasto acerca dos mais variados temas que orbitavam ao redor das Letras, Machado faz constantemente em sua correspondência menções e citações variadas, habilidosamente inseridas em um riquíssimo jogo intertextual, fato raramente observado em outras coleções epistolográficas:

*Estou passando a noite a jogar paciências; o dia, passei-o a reler a Oração Sobre a Acrópole, e um livro de Schopenhauer*<sup>694</sup>.

*Mestre e senhor. Conversemos de um grande poeta e de uma excelente obra, de Bocage e dos Primeiros amores de Bocage*<sup>695</sup>.

*Roma e Grécia não perdem o seu grande prestígio, por mais que hajam fatigado alguma vez. Qui nous délivrera des Grecs et des Romains? Diriam um dia. Mas nos fins do outro século, Chénier metia os gregos em belos versos, seguindo-se Chateaubriand, que os metia em bela prosa. [...] Não sei o que serão hoje essa Veneza e essa Verona, que trouxeram para o finado romantismo a imortalidade de Shyloch e de Julieta e Romeu. Sei o que Byron ainda pôde achar nas águas do Lido e o que Stendhal contou de Milão, sem esquecer os versos de Musset e de tantos outros*<sup>696</sup>.

*Penso que ontem, ao sairmos daí, esqueceu-me, em cima da mesa do chá o primeiro tomo da Ressurreição de Tolstoi que o Tasso Fragoso me emprestou. Caso assim seja, peço-lhe o favor de mandar-mo pelo portador. Vai junto um folheto do Tasso que ontem deixei de levar-lhe; peço-lhe também que lho dê, quando aí for. [...] Em tempo, Vão juntos o nº do Figaro (delicioso Anatole!) e outro do Matin, que estava comigo há tempos*<sup>697</sup>.

*Como vai o Paulo? E o Graça? E os outros? Como vai o ruisseau de la rue du Bac, como diria Madame Stäel?*<sup>698</sup>

*Meu querido amigo, hoje à tarde, reli uma página da biografia do Flaubert; achei a mesma solidão e tristeza e até o mesmo mal, como sabe, o outro...*<sup>699</sup>

*Eu, por mais que me iluda a vontade, não passo de um fêrido admirador do belo. Alguma vez, e não rara, fiz aí críticas e análises; mas tão elevada e séria me parece esta função de julgar, que (custa pouco a dizê-lo) sempre me achei abaixo do papel. [...] Imagina Otelo, Hamlet, Iago, Cordélia, Desdêmona, Lear, Shylock, todo o Shakespeare, enfim; imagina Horácio, Camila, Fedra, Mirrah, Luís XI, Frei Luís de Sousa, Stuart, que sei eu?*<sup>700</sup>

A biografia de Machado nos mostra que o autor convivia cotidianamente com as mais importantes agremiações culturais da época. Eram constantes as reuniões de literatos

<sup>694</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 06 de agosto de 1908. In: AOC-86 p. 1093.

<sup>695</sup> Carta de Machado a José Feliciano de Castilho, escrita em 15 de agosto de 1865. In: ACT I-08 p. 111.

<sup>696</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 25 de abril de 1897. In: CMA-69 p. 109.

<sup>697</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 21 de março de 1900. In: ACT III-11 p. 461.

<sup>698</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 31 de dezembro de 1898. In: AOC-86 p. 1044.

<sup>699</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 29 de agosto de 1908. In: AOC-86 p. 1094.

<sup>700</sup> Carta de Machado a Salvador de Menonça, escrita em 20 de julho de 1871. In: ACT II-09 p. 29.

e intelectuais para tratar de assuntos diversos e, principalmente para falar de Artes. Espaços públicos como a Livraria Garnier, o Real Gabinete Português de Leitura, bem como os cafés e as editoras tornaram-se ponto de encontro para os amigos das Letras. O prédio onde funcionava a *Revista Brasileira*, embrião da ABL, foi, por diversas vezes, citado de maneira saudosista em sua correspondência:

*Tenho ido sempre à Revista, onde o nosso Paulo [Tavares] continua a receber com aquela equanimidade e bom humor que fazem dele um excelente companheiro. Somos todos firmes. Do Graça [Aranha] não há ainda cartas, mas sei pelo sogro que chegou bem. Estive na Revista com o Artur Alvim, que veio da Europa*<sup>701</sup>.

*Na sala da Revista, rua Nova do Ouvidor 31, costumamos reunir-nos alguns, entre 4 e 5 horas da tarde, para uma xícara de chá e conversação; os mais assíduos são o Graça Aranha, o Nabuco, o Araripe Junior, o Taunay, o João Ribeiro, o Antonio Salles, e ultimamente o Tasso Fragoso. O José Veríssimo é da casa, mas está passando as férias em Nova Friburgo*<sup>702</sup>.

*Depois de algumas diligências que recomendei ao Rodrigo Octávio relativamente à sala da Biblioteca Fluminense, para celebrarmos a próxima sessão da nossa Academia, resolvi que nos reuníssemos na Revista Brasileira. Falei ao José Veríssimo, e só me falta marcar o dia*<sup>703</sup>.

De todos os exemplos aqui registrados, o traço mais peculiar que podemos ressaltar nesta seção é a maneira com que Machado, através das inúmeras citações e referências a autores e obras, permite-se personificar na própria Literatura, refletida não apenas em sua vastíssima obra literária, mas também em sua intensa correspondência íntima. Como fecho para esta breve seção, escolhemos o fragmento de uma carta enviada a Felipe Lopes Neto, na qual o autor faz uma interessante comparação entre o imitador e o discípulo de grandes autores. Além da perfeição crítica, ficam nítidas a riqueza cultural e literária de Machado:

*É justo dizer que uma ou outra vez, mas sobretudo nos dois poemas e nos fragmentos de poema que ocupam o primeiro volume, há manifesta influência de Espronceda e Musset. Influência digo, e não servil imitação, porque o poeta o é deveras, e a feição própria, não só se lhe não demudou ao bafejo dos ventos de além-mar, mas até se pode dizer que adquiriu realce e vigor. O imitador servil copiaria os contornos do modelo; não passaria daí, como fazem os macaqueadores de Victor Hugo, que julgam ter entrado na família do poeta, só com lhe reproduzir a antítese e a pompa da versificação. O discípulo é outra coisa; embebe-se na lição do mestre, assimila ao seu espírito o espírito do modelo. [...] Vasco Nunes recebe um louro, Pizarro um estigma. Quevedo e Cervantes, Lope de Vega e Platen, Aristófanes e Goethe, Espronceda e Victor Hugo, e ainda outros têm cada um o seu baixo-relevo na obra do poeta. Ofélia tem uma página, Lélia duas. A musa voa dos Andes ao Tirreno, do presente ao passado, tocada sempre de inspiração e sequiosa de cantar. Mas o principal assunto do poeta é ele mesmo*<sup>704</sup>.

<sup>701</sup> Carta de Machado a José Veríssimo. In: AOC-86 p. 1042.

<sup>702</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo. In: CMA-69 p. 139.

<sup>703</sup> Carta de Machado a Lúcio de Mendonça. In: AOC-86 p. 1048.

<sup>704</sup> Carta de Machado a Felipe Lopes Neto, escrita em 1º de julho de 1872. In: ACT II-09 p. 64.

### e) A reclamação por conta do excesso de trabalho;

Em muitas missivas, Machado fala sobre a sobrecarga de atividades, na maior parte estabelecida pelas dificuldades financeiras por que passava. Segundo Massa (2009: 153), era comum que os escritores tivessem cada qual seus empregos durante o dia, a fim de conseguir sobreviver e honrar suas dívidas. Com Machado o panorama não era diferente, “ele precisava ganhar dinheiro para o sustento” (p. 157). Isto ocorria porque, naquela época, os escritores não podiam se dar ao “luxo” de viver apenas dos ganhos de seus escritos. Para Lajolo e Zilberman (1998: 64), “no Brasil do século XIX não foi possível à maioria dos escritores viver de sua literatura”<sup>705</sup>.

Com efeito, Machado acumulou ao longo da vida, inúmeros trabalhos simultaneamente. Uma parcela desta rotina cansativa e desgastante o autor revelou a alguns de seus principais correspondentes. Em várias passagens, ele lamenta não ter tempo para encontrar os amigos, nos costumazes encontros da *Revista Brasileira*, da *Livraria Garnier* e, mais tarde, nas reuniões da Academia Brasileira.

A sobrecarga de atividades e os compromissos cotidianos em diversos meios de comunicação, além das atribuições como Presidente da Academia e as tarefas burocráticas que exercia como funcionário do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras, resultaram, muitas vezes, no surgimento de um eu-missivista “resmungão”, reclamante, entediado com a falta de tempo e com os prazos a serem cumpridos. Eis alguns exemplos da expressão de seu *ethos* ranzinza e rabugento:

*Escrevo esta carta prestes a sair da corte por uns dois meses, a fim de restaurar as forças perdidas no trabalho extraordinário que tive em 1880 e 1881*<sup>706</sup>.

*A vida que levo, entregue pela maior parte à administração, não me permitiu conversar com os amigos da Revista mais que duas vezes*<sup>707</sup>.

*Meu caro José Veríssimo. Recebi anteontem, 29, a sua carta de 27, e só hoje lhe respondo, porque o dia de ontem foi para mim de complicação e atribuições*<sup>708</sup>.

*Vou abrir a pasta da Secretaria apesar de domingo, e dar-me aos negócios administrativos*<sup>709</sup>.

*Recebi a sua carta anteontem à noite. Era minha intenção ir lá ontem, mas não pude, e não sei se poderei fazê-lo hoje; provavelmente não. Dado que sim, a visita aparecerá atrás da carta,*

<sup>705</sup> LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

<sup>706</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 14 de janeiro de 1882. In: M&N-03 p. 91.

<sup>707</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 13 de fevereiro de 1889. In: M&N-03 p. 98.

<sup>708</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 1º de dezembro de 1897. In: ACT III-11 p. 271.

<sup>709</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 1894. In: CMA-69 p. 25.

*mas para o caso de falhar a primeira, aqui vai a segunda. É curta, porque o gabinete está cheio de gente e a mesa de papel*<sup>710</sup>.

*Faço o que posso e quando posso*<sup>711</sup>.

*Faltei com a resposta no dia marcado. Um incômodo, que me durou quatro dias, e de que ainda tenho restos, sucessos diferentes e acréscimo de trabalho com que eu não contava, e que ainda hoje me prendem o dia inteiro em casa, tais foram os motivos do meu silêncio. A resposta é a que eu já receava dever dar-te. São tantos e tais os trabalhos que pesam sobre mim, que não me atrevo a tomar o folhetim da Gazeta*<sup>712</sup>.

*Esta carta não é longa. Escrevo-a com um acesso intermitente de nevralgia, talvez agravado pelo trabalho do gabinete, que é grande e longo. Já lhe disse esta última parte mais de uma vez. Não estranhe a repetição; é próprio da idade*<sup>713</sup>.

*Há de saber que desde 17 de novembro estou de Secretário do Ministro da Viação. O que não sabe talvez é que o meu trabalho é agora imenso, e dizendo-lhe eu que saio todos os dias da Secretaria ao anoitecer, e, não obstante, trabalho em casa, logo cedo, e aos domingos também, poderá imaginar a vida que levo. Daí a longa demora desta resposta, à última carta sua*<sup>714</sup>.

*Respondo de vez às suas duas últimas cartas, posto que entre elas recebesse a que lhe mandei. Não quero insistir sobre as causas da minha tardança, mas pode imaginar o serviço que tenho a meu cargo, já em casa, já Secretaria, donde o Ministro, eu e os demais auxiliares do gabinete saímos regularmente às seis e meia e sete horas da tarde. Para um homem franzino e avançado em anos, a tarefa não é pequena, posto que vou dando conta dela como posso*<sup>715</sup>.

*Eu vou emagrecendo, e o trabalho neste trimestre adicional cresce e cansa*<sup>716</sup>.

Ainda que aceitemos a hipótese de que tais mecanismos possam ter sido, por vezes, utilizados como uma estratégia discursiva do autor para livrar-se de algumas situações ou tarefas indesejáveis, ou ainda para desculpar-se por não poder assumir determinados compromissos, seja por falta de tempo ou por problemas de saúde, não podemos deixar de analisar o excesso de atividades como um dos motivos de suas constantes reclamações e, por que não dizer, angústias. Machado sonhava em viajar, queria estar mais vezes com os amigos, desejava ler e aprender coisas novas, esboçava inúmeros projetos que não teve a oportunidade de dar prosseguimento... Muitas de suas angústias tiveram início por conta de sua exaustiva rotina profissional:

*A pressa com que se precisa dos versos, a aglomeração de trabalho que sobrevivo agora, e as circunstâncias referidas na nossa conversa anteontem me impedem de servir-te como estava*

<sup>710</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 05 de janeiro de 1900. In: ACT III-11 p. 447.

<sup>711</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 13 de novembro de 1976. In: AOC-86 p. 1034.

<sup>712</sup> Carta de Machado a Francisco Ramos Paz, escrita em 14 de dezembro de 1876. In: ACT II-09 p. 127.

<sup>713</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 29 de novembro de 1901. In: ROAC-08 p. 56.

<sup>714</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 25 de dezembro de 1898. In: ACT III-11 p. 339.

<sup>715</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 12 de março de 1899. In: ACT III-11 p. 362.

<sup>716</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 23 de fevereiro de 1908. In: AEO-09 p. 93.

*decidido. Não te acanhes, se levar nisso grande interesse de afeição; farei então o trabalho a todo o custo; mas, se o caso é como me disseste, vê se me hás por dispensado*<sup>717</sup>.

*Agora não sei quando poderei escrever outro [livro]; o trabalho administrativo, especial e dobrado que trago sobre mim, veda empreendê-lo. Por outro lado, é preciso ir contando os anos, e cumprindo as advertências da natureza, que é pessoa despótica. Mas é possível que, em me sentindo mais aliviado de outras obrigações, tente alguma coisa*<sup>718</sup>.

*Adeus, meu caro Nabuco; a minha saúde não é pior do que era há um ano; a velhice é que não menor, naturalmente, e a fadiga que se aproxima com os seus braços frouxos, e daqui a pouco exaustos*<sup>719</sup>.

## **f) Os padecimentos por conta da velhice; as enfermidades; o diário de doenças;**

São bastante comuns nas cartas de Machado, em especial aquelas escritas posteriormente a 1890, as reclamações relacionadas aos problemas de saúde e às limitações físicas impostas pela doença. Sem dúvidas, aflora das correspondências um eu-missivista que relata detalhadamente ao seu confidente os incômodos advindos da velhice, as dificuldades para lidar com as tarefas básicas do cotidiano e todas as complicações de suas enfermidades.

A partir dos anos 1900, as cartas parecem traduzir, de maneira ainda mais constante e profunda, o delicado quadro no qual se encontrava o autor. Sob este aspecto, sua produção epistolar torna-se mais pessoal e, sobretudo, cada vez mais confidencial. Tratava-se de exteriorizar, por meio de sua correspondência íntima, um autorretrato interno, o corpo efetivamente doente, em todas as suas fragilidades e deficiências. É justamente neste momento que os laços de amizade, nascidos e cultivados por meio das cartas, tornam-se essenciais para o escritor – uma maneira bastante peculiar que encontrara para falar dos males do corpo enquanto mantinha sua mente sã. A distância, a saudade e o isolamento a que, muitas vezes, estivera submetido, não pareciam afetar as relações de Machado, ao contrário – estreitava-as. Sob este cenário paradoxal, afirma Santos (1999: 20):

*A carga de dor provocada pela cena afetiva impõe recusa à vida. A defesa e seus mecanismos são de natureza reativa: para não sofrer do afeto, sofre-se de afeto do corpo – este é o modo que a memória escolhe para descarregar*<sup>720</sup>.

Ao contrário do natural confinamento que sugere a enfermidade, o autor se esforça em mostrar-se, revelar-se, entregar-se por completo e sem reservas a seu correspondente:

<sup>717</sup> Carta de Machado a Francisco Ramos Paz, escrita em 1870. In: AOC-86 p. 1031-2.

<sup>718</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 28 de julho de 1899. In: ACT III-11 p. 395.

<sup>719</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 07 de julho de 1907. In: M&N-03 p. 147.

<sup>720</sup> SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Modos de saber, modos de adoecer*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 20.

*Ontem passei o dia relativamente melhor, apesar de muito enfraquecido e muito desanimado; o Mário lhe dirá sobre isto alguma coisa. Agora (oito da manhã) ainda não estou pior. Vamos ver se esse intestino, que é apenas um mal acessório, mas aflitivo, se dispõe a me deixar tranquilo por uma vez<sup>721</sup>.*

*A letra vai um pouco trêmula, mas os beijos ficam menos arrebatados. Veladamente quero dizer que acabo de sair de uma febre que me trouxe de cama alguns dias<sup>722</sup>.*

*A minha doença seria antes cansaço que outra coisa. Estou e continuo muito fatigado, e ultimamente, por isto ou aquilo, tenho tido algumas dores nevrálgicas na cabeça, mas não estão passando<sup>723</sup>.*

*O mal não é tão grande como parece; é agudo, porque os nervos são doentes, delicados e ao menor toque retraem-se e gemem. Eu sou desses enfermos, como sabe, e, como sabe, também doente sem médico<sup>724</sup>.*

*Quando lhe escrevi ontem contava com a visita do Hilário, que de dois em dois dias vem fazer-me uma injeção subcutânea de estriçnina<sup>725</sup>.*

A partir de 1903, as cartas também refletem o estado de saúde de sua esposa Carolina, que, assim como Machado, piorava a cada dia:

*Minha mulher e eu temos andado adoentados, eu menos que ela, ambos, todavia, com a esperança de transpor este momento e repousar, não digo de vez, mas por outro momento, que será breve ou longo, não sei<sup>726</sup>.*

*Sua tia não lhe respondeu por haver caído de cama. Levantou-se, mas estando muito fraca, pede-me que lhe escreva por ela. Sabe que ela vinha padecendo desde alguns meses<sup>727</sup>.*

Com a morte da companheira, poucos meses depois das correspondências acima, o assunto seria, inevitavelmente, o agradecimento pelos pêsames e o pesar pela perda:

*Eu, meu querido amigo, estou ainda atordoado pela imensidade do golpe, como pela injustiça que a feriu. Após trinta e cinco anos de casados é um preparo para a morte<sup>728</sup>.*

*A doença era pertinaz e o estado de abatimento grande, mas estava longe de supor que, saindo de casa para a Secretaria, viesse achá-la prostrada na cama. Pouco depois do meio-dia, manifestara-se uma forte hemorragia, que lhe fez perder os sentidos. Quando voltou a si, e quiseram mandar-me chamar, tiveram de obedecer à sua vontade contrária, por me não querer assustar, disse ela. Vinte quatro [horas] depois, expirava<sup>729</sup>.*

<sup>721</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 1º de setembro de 1908. In: OC-94 [196].

<sup>722</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 31 de janeiro de 1904. In: OC-94 [121].

<sup>723</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 29 de maio de 1897. In: ACT III-11 p. 230.

<sup>724</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 08 de fevereiro de 1908. In: OC-94 [172].

<sup>725</sup> Carta de Machado a Franklin Dória, escrita em 18 de novembro de 1878. In: ACT II-09 p. 161

<sup>726</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 20 de outubro de 1903. In: ACT IV-13 [725].

<sup>727</sup> Carta de Machado a Sara Novais, escrita em 12 de julho de 1904. In: ACT IV-13 [766].

<sup>728</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 28 de outubro de 1904. In: OC-94 [135].

<sup>729</sup> Carta de Machado a Oliveira Lima, escrita em 18 de novembro de 1904. In: DIMAS, Antonio. Uma visita a 'Oliveira Lima Library': cartas de Jackson de Figueiredo, Nestor Vitor, Machado de Assis e Aluizio Azevedo. Língua e Literatura (USP), São Paulo, v. 6, pp. 339-368, 1977. p. 358.

**g) A discrição ou a contida referência acerca da política e de assuntos polêmicos;**

Um fator primordial para a compreensão da correspondência machadiana é o reconhecimento de sua comedida escrita epistolar. A omissão proposital do autor relacionada a alguns assuntos também gera sentidos, também diz muito a respeito do autor através do seu silêncio. Em uma análise mais detalhada acerca de alguns assuntos, por exemplo, é possível perceber que não houve lapsos ou “absenteísmos”, como sugerem alguns pesquisadores. Tudo estava escrito, discretamente, fazendo parte de uma cadeia interpretativa que se consolidava nas reticências e que produzia as ressonâncias necessárias ao jogo retórico-discursivo planejado por Machado:

*Dadas estas explicações, consentirás que te faça um pedido. Acredita-me, amigo, abre mão de pequenas polêmicas de que não poderás tirar glória, não malbarateies em pouquidades o talento que Deus te concedeu; volta-te para os grandes interesses do país, disseca as profundas chagas que corroem o nosso corpo social, põe a descoberto a podridão desses cancros que, sob o nome de companhias, absorvem o melhor dos nossos recursos; e protesto-te que nesse terreno, não tendo forças para acompanhar-te, pelos menos te aplaudirá o sincero amigo Machado de Assis.<sup>730</sup>*

Pelo excerto acima, percebemos que o autor, ao aconselhar o amigo, fala acerca de sua própria conduta. Machado busca a si próprio para alcançar o outro, mas não o faz de maneira direta. O destinatário da carta e, como defenderemos a diante, os demais futuros leitores, teriam o conhecimento exato da personalidade machadiana por meio das pistas que ele imprimia em sua correspondência. Para se destacar, alcançar respeito e glória, era necessário sacrificar-se, abrindo mão de certas “pequenas polêmicas” pessoais que em nada contribuiriam para o reconhecimento do escritor. O exame de sua correspondência passiva do autor nos revela que o conselho também fora dado e seguido por Machado:

*Machado. Recebi uma carta tua na qual me falas do negócio do Diário de São Paulo. Acho que deves guardar imparcialidade – não teres nenhuma cor política na tua correspondência. É o melhor [...]”<sup>731</sup>.*

Sua famosa discrição estaria, neste sentido, diretamente ligada a uma possível necessidade de se fazer aceito socialmente, em particular no início de sua carreira. Encontramos, com alegria, uma crônica de Machado que inaugura o primeiro exemplar da revista *O Futuro*, na qual o autor conversa com sua pena, em um nítido tom de desabafo, aconselhando-a a ser prudente com a exposição franca de suas futuras ideias:

<sup>730</sup> Carta de Machado ao Redator de Ecos Marítimos, escrita em 08 de fevereiro de 1862. In: ACT I-08 p. 6.

<sup>731</sup> Carta de Ferreira de Meneses a Machado, escrita em 29 de setembro de 1866. In: ACT I-08 p. 166.

Tirei hoje do fundo da gaveta, onde jazia a minha pena de cronista. A coitadinha estava com um ar triste, e pareceu-me vê-la articular por entre os bicos, uma tímida exploração. [...] Limpei-a, acariciei-a, e, como o Abencerragem ao seu cavalo, disse-lhe algumas palavras de animação para a viagem que tínhamos de fazer. [...] Vamos lá; que tens aprendido desde que te encafuei entre os meus esboços de prosa e de verso? Necessito mais que nunca de ti; vê se me dispensas as tuas melhores ideias e as tuas mais bonitas palavras; vais escrever nas páginas do Futuro. Olha para que te guardei! Antes de começarmos o nosso trabalho, ouve amiga minha, alguns conselhos de quem te preza e não te quer ver enxovalhada. Não te envolvas em polémicas de nenhum género, nem políticas, nem literárias, nem quaisquer outras; de outro modo verás que passas de honrada a desonesta, de modesta a pretensiosa, e em um abrir e fechar de olhos perdes o que tinhas e o que eu te fiz ganhar. O pugilato das ideias é muito pior que o das ruas; tu és franzina, retrai-te e fecha-te no círculo dos teus deveres, quando couber a tua vez de escrever crônicas. Sê entusiasta para o gênio, cordial para o talento, desdenhosa para a nulidade, justiceira sempre, tudo isso com aquelas meias-tintas tão necessárias aos melhores efeitos da pintura. Comenta os fatos com reserva, louva ou censura, como te ditam a consciência, sem cair na exageração dos extremos. E assim viverás honrada e feliz<sup>732</sup>.

A importância do exemplo acima reside tanto na rara expressão de sua autocrítica como na confirmação de que não podemos analisar a personalidade de Machado apenas pela leitura de seus romances e contos, mas também por suas crônicas, críticas, poesias e, defendendo a autonomia do género, sua produção epistolar.

Também é provável que a necessidade financeira tenha sido um dos fatores que levaram o autor a silenciar, prematuramente, as discussões políticas. Era necessário manter o emprego e, sobretudo, as boas relações. Tal posicionamento pode ser claramente notado na análise tanto de suas crônicas quanto de suas correspondências pessoais:

*Aqui praticarei mansamente com o leitor sobre todas as coisas que nos fornecer a quinzena, sem fadiga para mim, nem mágoa para ninguém*<sup>733</sup>.

*Eu, no diário, vou fazendo o trabalho de costume, e mais um ou outro artiguinho de fundo quando é necessário. Alguns são indicação de Afonso Celso com quem tenho estado. [...] Agradeço-te outra vez a recomendação que de mim fizeste ao Afonso. Achei-o nas melhores disposições a meu respeito, e segundo me aprovou ainda ontem, estarei empregado até janeiro, e com bom emprego*<sup>734</sup>.

*Daqui não tenho nada que lhe dizer que não saiba pelos jornais*<sup>735</sup>.

*Por aqui nada há que mereça ser contado, salvo um caso de conspiração ou tentativa, mas as nossas cartas não tratam de política*<sup>736</sup>.

Esta ponte, que por vezes traçamos, nos revela que sua postura enquanto escritor repetiu-se enquanto epistológrafo, o que espelha uma coerência de vida. Mais tarde,

<sup>732</sup> Crônica de Machado de Assis publicada originalmente em *O Futuro*, nº 1, 15 de setembro de 1862. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macr03.pdf> [23 de dezembro de 2015].

<sup>733</sup> *Futuro*, nº 5. 1º de novembro de 1862. In: MASSA, 2008 p. 305.

<sup>734</sup> Carta de Machado a Quintino Bocaiúva, escrita em 29 de outubro de 1866. In: ACT I-08 p. 169.

<sup>735</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 02 de abril de 1895. In: ACT III-11 p. 72.

<sup>736</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 19 de março de 1900. In: ACT III-11 p. 459.

quando já assume o papel de escritor reconhecido e respeitado, o exercício da diplomacia e a arte do resguardo acerca de temas polêmicos representavam uma aceitável e compreensível exigência, própria da posição que Machado ocupava no meio político e cultural brasileiro. No entanto, o autor demonstrava ter plena consciência, tanto em sua epistolografia quanto em sua produção literária, de sua autorrepresentação:

Hoje, que não saio, vou glosar este mote. Acudo assim à necessidade de falar comigo, já que o não posso fazer com os outros. A índole e a vida me deram o gosto e o costume de conversar. A diplomacia me ensinou a aturar com paciência uma infinidade de sujeitos intoleráveis que este mundo nutre para seus propósitos secretos<sup>737</sup>.

Havia, portanto, um rigoroso cuidado em relação ao que o autor colocaria ou não em suas cartas, o que pode ter levado à construção da imagem exageradamente reservada atribuída a Machado de Assis. A título de ilustração, trazemos um comentário do autor minimizando o fato de seu correspondente ter feito uma interpretação equivocada sobre sua opinião acerca de obras públicas:

*Isto é intuitivo; e seguramente escapou, porque apenas examinaste a questão por uma face*<sup>738</sup>.

Percebemos a estratégia do missivista em evitar o embate e as polêmicas acerca de assuntos políticos. No entanto, o que fica nitidamente exposto em seu discurso epistolar, é a maneira como, através das negativas, Machado constrói um obstáculo permanente de temas que, segundo ele, não devem ser profundamente discutidos, mas sutilmente depreendidos em suas missivas. Esta hipótese que ora levantamos acabaria por revelar uma possível intenção do autor, que discutiremos a seguir, acerca da formação de um leitor mais eficiente e crítico, a ponto de deduzir e inferir as informações que não lhe foram claramente apresentadas:

*Da guerra não há nada. O Caxias deve estar a esta hora no exército; do Rio Grande vai marchar, graças ao Caxias, um exército comandado pelo Osório, e acompanhado por todos os chefes dali, o Canabarro, o Jacuí, Ourives etc. O exército consta de 10 a 12 mil homens. [...] Mais nada daqui*<sup>739</sup>.

Como afirmar que “da guerra não há nada”? Ora, sempre há assuntos quando o país está em guerra. A negativa, em nossa interpretação, poderia significar algo como: “não

<sup>737</sup> ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001 p. 220.

<sup>738</sup> Carta de Machado ao Redator de Ecos Marítimos, escrita em 8 de fevereiro de 1862. In: ACT I-08 p. 5.

<sup>739</sup> Carta de Machado a Quintino Bocaiuva, escrita em 25 de novembro de 1866. In: ACT I-08 p. 191.

digo para não me comprometer, mas entenda como queira”. Por este fragmento, Machado parecia querer deixar clara sua opção de não abordar, ao menos diretamente, determinados assuntos. Entretanto, a demonstração do *ethos* reservado machadiano parecia esculpir, nas entrelinhas do discurso epistolar, mediante sua pena irônica e sagaz, as pistas necessárias para que seu correspondente pudesse inferir aquilo que não fora anteriormente afirmado pelo missivista. Nesta perspectiva, as negativas, as lacunas, as reticências e os silêncios funcionariam como estratégias que também produziam sentidos.

Algumas pistas revelam que, em maior ou menor proporção, Machado permitia-se alguns comentários acerca da política e da sociedade brasileiras. Analisemos o fragmento da carta enviada de Portugal por seu cunhado Miguel de Novais, irmão de Carolina:

*É tempo de responder à sua carta de 9 de Setembro. Li com interesse a parte que se refere à política brasileira e creio bem na semelhança que encontra na política dos dois países-irmãos; como é costume dizer, penso porém que a patifaria por cá é maior ainda. Agora estão as câmaras fechadas, não há questão nenhuma importante a resolver-se e o futuro ano parlamentar será apenas de cavaco entre amigos<sup>740</sup>.*

Falar de política, portanto, era algo que o autor fazia com reservas, uma vez que este assunto era destinado a poucos. O líder em que se tornara Machado deveria ter livre trânsito em todas as áreas; posicionar-se de forma explícita poderia comprometer sua atuação como escritor e jornalista mas, principalmente, a liderança que exercia sobre os demais literatos. Como já referimos anteriormente, a fundação da ABL significava mais que uma formalidade institucional que distribuía títulos e honrarias, mas antes uma esfera autônoma para o livre pensamento e a plena convivência cultural. Nesta atmosfera, a regra era evitar o debate político, que só deveria aparecer sob forma literária:

*Homens daqui podem escrever páginas de história, mas a história faz-se lá fora<sup>741</sup>.*

#### **h) Os lapsos propositais acerca de assuntos pessoais como família, infância, a origem humilde, a possível hesterilidade, a epilepsia;**

As cartas de Machado de Assis dizem muito sobre o autor, inclusive quando este não revela exatamente o que o leitor procura encontrar em sua correspondência. O tom evasivo presente em grande parte de sua produção epistolar também produz sentidos. Os

<sup>740</sup> Carta de Miguel de Novais a Machado, escrita em 02 de novembro de 1882. In: ACT II-09 p. 233.

<sup>741</sup> Discurso de Machado de Assis para o encerramento dos trabalhos na Academia Brasileira de Letras, no ano de sua fundação, em 1897. In: M&N-03 p. 17.

silêncios, previamente planejados para criar lacunas desejáveis à imagem retórica do autor ou à manutenção de sua reservada personalidade, também têm muito a dizer acerca do que Machado considera essencial e daquilo que ignora em sua biografia. Narrador de sua própria história, o então menino mulato do Morro do Livramento soube, como ninguém, selecionar o que estaria ou não presente nas páginas que contam sua trajetória até alcançar o ápice do reconhecimento enquanto Presidente da ABL. Não é nossa intenção (e tampouco poderia ser) discutir se o autor estava correto ou não em seus posicionamentos e escolhas. Ao contrário! Nosso objetivo é estudar tais lapsos sob o viés da sobrevivência, da inclusão e da inserção social que se faziam necessárias a quem pretendesse se firmar como escritor, especialmente em uma sociedade repleta de contradições e dificuldades.

Entretanto, tais silêncios nem sempre estiveram presentes na escrita do autor. No início de sua carreira como poeta, é possível perceber uma série de alusões à sua vida pessoal, como a saudade e a dor pela perda da mãe e da irmã, além dos romances não correspondidos. As inúmeras imersões literárias de Machado nos mais variados gêneros textuais comprovam que, não apenas no campo da Literatura, mas também em sua intimidade, as tentativas serviram como aprendizado, para que ele aprendesse a camuflar aquilo que não deveria aparecer em seus textos. Entendemos que a necessidade de se adequar à vida profissional e de se enquadrar às convenções sociais, bem como as decepções pessoais próprias de seu amadurecimento, fizeram com que o escritor, pouco a pouco, fosse excluindo de sua escrita o elemento biográfico.

Esta especificidade da pena machadiana é perceptível tanto em seus textos literários quanto em sua epistolografia. Sem muitos obstáculos, encontramos uma série de exemplos em sua correspondência nos quais o autor, ao referir-se às notícias pessoais, disfarça, desconversa ou minimiza, enfim, a necessidade de falar sobre determinados acontecimentos e/ou memórias íntimas. A famosa amargura de Machado, muitas vezes disfarçada por seu humor sarcástico, leva o leitor de seus textos literários, jornalísticos ou epistolares, à reflexão, à indagação, ao amadurecimento das questões por ele levantadas. Nesta perspectiva, as reticências, claras ou implícitas, são propositalmente organizadas no texto para que o foco não esteja na pessoa do escritor, mas no autor, em sua obra, em sua Literatura. Trata-se de uma espécie de esfumaçamento do homem para o nascimento do escritor. E, com esta técnica de leitura mais apurada, nasce também o leitor crítico que Machado tanto desejou formar.

Não devemos, contudo, ignorar o fato de que a possibilidade de publicação e os riscos de extravio das missivas possam vir a ter influenciado a maneira como Machado e os demais autores mostraram-se (ou não) em suas correspondências. Certas circunstâncias de produção e de circulação acabam por alterar, de forma profunda, o modo como o missivista fala de si mesmo e como revela ao interlocutor parte de sua rotina. Esta pode ser uma explicação plausível para a cristalização da personalidade reservada machadiana, nomeadamente aquela impressa em sua produção epistolar. Por isso é tão comum encontrar nas missivas do autor uma maneira peculiar de (não) falar acerca de notícias pessoais:

*Meu caro José Veríssimo. Recebi ontem de manhã a carta que me enviou em data de 30, dando-me notícias suas, pessoais e de família. As minhas são as de costume*<sup>742</sup>.

*Por aqui não há nada que importe dizer para tão longe*<sup>743</sup>.

*Aqui nenhuma novidade*<sup>744</sup>.

*Daqui nada lhe posso dizer que não saiba pelos jornais*<sup>745</sup>.

*Nada há que dizer daqui, a não ser o que já sabe [...]*<sup>746</sup>.

*[...] eu não vou mal, e enquanto puder dar conta do trabalho, tudo irá bem*<sup>747</sup>.

Provavelmente por conta de leituras descontextualizadas e pouco aprofundadas das cartas de Machado, é que sua epistolografia tenha sido, por tanto tempo, negligenciada pelo público e por grande parte dos pesquisadores. Seu *ethos* reservado, misturado ao contumaz pessimismo do autor, era nitidamente observado por amigos mais próximos, que reconheciam suas tentativas de esquivar-se de contar detalhes acerca de sua intimidade:

*Para dizer-lhe alguma coisa de mim, vou fazendo o que posso, e é pouco, e não sei se por muito tempo*<sup>748</sup>.

Mesmo quando a carta supunha revelar intimidades, como as que escrevera a sua amada Carolina, Machado demonstra-se reticente a contar-lhe sobre seu passado:

*A minha história passada do coração resume-se em dois capítulos: um amor, não correspondido; outro, correspondido. Do primeiro nada tenho que dizer; do outro não me*

<sup>742</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 04 de outubro de 1904. In: OC-94 [132].

<sup>743</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 29 de maio de 1897. In: ACT III-11 p. 231.

<sup>744</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 26 de dezembro de 1906. In: AEO-09 p. 29.

<sup>745</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 26 de maio de 1895. In: ACT III-11 p. 81.

<sup>746</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 17 de novembro de 1896. In: ACT III-11 p. 188.

<sup>747</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 11 de agosto de 1900. In: OC-94 [88].

<sup>748</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 09 de setembro de 1898. In: ACT III-11 p. 322.

*queixo; fui eu o primeiro a rompê-lo. Não me acuses por isso; há situações que se não prolongam sem sofrimento. Uma senhora de minha amizade obrigou-me, com os seus conselhos, a rasgar a página desse romance sombrio; fi-lo com dor, mas sem remorso. Eis tudo*<sup>749</sup>.

Um dos assuntos mais resguardados pelo escritor dizia respeito à gravidade da doença que lhe dominava o corpo, nomeadamente nos últimos anos de sua vida. Já citamos passagens em sua correspondência nas quais Machado, em missivas endereçadas ao amigo Mário de Alencar, não ousava falar o nome de seu mal, a epilepsia: “*O muito trabalhar destes últimos dias tem-me trazido alguns fenômenos nervosos, etc.*”<sup>750</sup>. Tratava-se de uma maneira muito peculiar de minimizar, para seus amigos, os efeitos das crises epiléticas, utilizando-se corriqueiramente de eufemismos para catalogar o seu padecimento. Esse parecia ser, de fato, um tabu para os diálogos epistolares com seus correspondentes. O autor justifica-se por suas ausências, mas as referências ao real problema de saúde apareceriam, apenas, de maneira discreta e evasiva:

*Quanto à Revista, era ontem dia marcado e hoje também, mas ontem os destinos o não quiseram, estive doente e recolhi-me logo*<sup>751</sup>.

*Meu querido Lúcio de Mendonça. Não lhe escrevi domingo não só por falta de portador, como por haver dito, sábado, ao Medeiros: que era quase certo não ir ao almoço inaugural, A razão era estar com aftas, que me mortificavam e impediam quase de comer*<sup>752</sup>.

Os lapsos a esse respeito pareciam tão seriamente decisivos na mentalidade do autor que ele resolveu corrigir, nas edições posteriores de seu consagrado romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, uma frase na qual descreve o sofrimento da personagem Virgília frente o falecimento de seu amante:

Não digo que se carpissem; não digo que se deixasse rolar pelo chão, *epiléptica*...

Não digo que se carpissem, não digo que se deixasse rolar pelo chão, *convulsa*...

### **i) A recorrência de justificativas pelo possível desgaste do destinatário com a leitura das cartas, pela demora na resposta das correspondências, por suas ausências;**

Por diversos momentos em nossa análise, percebemos uma tentativa do autor em conservar-se neutro, pouco aparente, como se apenas a função de escritor pudesse ter

<sup>749</sup> Carta de Machado a Carolina Xavier Novais, escrita em março de 1869. In: ACT I-08 p. 257.

<sup>750</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 11 de abril de 1907. In: AEO-09 p. 69.

<sup>751</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 31 de dezembro de 1898. In: AOC-86 p. 147.

<sup>752</sup> Carta de Machado a Lúcio de Mendonça, escrita em 11 de julho de 1900. In: OC-94 [86].

alguma relevância para seu destinatário. Trata-se de uma tentativa de aniquilação do eu-missivista, tornando-o opaco, mesmo em textos pertencentes a um gênero que encerra em si os princípios da transparência, da autenticidade e do confessionalismo, como sugerem os rudimentos concernentes à escrita epistolar.

A face humana de Machado, entretanto, concretiza-se na superfície do papel à medida que o autor tenta justificar-se de suas constantes ausências e de seus permanentes atrasos, bem como de sua pouca originalidade na descrição de suas atividades cotidianas:

*Estou que quer fazer destas linhas o intróito de seu livro. Cumpre-me ser breve para não tomar tempo ao leitor. O louvor, a censura, fazem-se com poucas palavras*<sup>753</sup>.

*Contar-lhe a minha vida administrativa seria, além de lhe tomar tempo, tomá-lo às letras, que por si mesmas não dão desgostos, e muita vez os fazem esquecer ou minorar*<sup>754</sup>.

*[...] desculpe-me se a maior parte do que lhe disse foi a meu respeito*<sup>755</sup>.

*Meu eminente e querido amigo. Deixe que, em meio de seus graves trabalhos, vá ocupá-lo com a minha pessoa. O que me dá confiança, além da sua bondade, é tratar também de pessoa amiga nossa*<sup>756</sup>.

*Quanto à Revista, era ontem dia marcado e hoje também, mas ontem os destinos o não quiseram, estive doente e recolhi-me logo*<sup>757</sup>.

*Receba já a parte destas que lhe pertence, e com ele receba a explicação do meu silêncio. Releve-me se não vou mais longe. [...] Vá desculpando estes rabiscos. Não ponho mais na carta para que ela chegue à mala que vai partir: Faz-me aqui a eleição em boa paz. Adeus*<sup>758</sup>.

*Não digo mais para não dissertar, em vez de limitar-me à parte afirmativa da resposta que me pediu, e aí vai*<sup>759</sup>.

*Adeus, meu querido amigo; releve o que aí vai mal arranjado; estou em hora de tristeza e grande fadiga*<sup>760</sup>.

*Agora reparo que, no fim da sua, me pedia que fosse breve, e eu deixei passar tantos dias. De novo lhe peço que me desculpe, tanto a demora, como a letra em que isto vai*<sup>761</sup>.

*Vá desculpando estas palavras emendadas; é obra da pressa e da velhice. Não falo em doença para o não enfadar ainda uma vez com esta desculpa, mas a velhice fica. Quando não fosse obra da natureza, era do calendário*<sup>762</sup>.

<sup>753</sup> Carta de Machado a Lúcio de Mendonça, escrita em 24 de janeiro de 1872. In: AOC-86 p. 900.

<sup>754</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo. In: CMA-69 p. 148.

<sup>755</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo. In: CMA-69 p. 251.

<sup>756</sup> Carta de Machado a Barão do Rio Branco, escrita em 17 de março de 1903. In: OC-94 [113a].

<sup>757</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 31 de dezembro de 1898. In: ACT III-11 p. 344.

<sup>758</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 31 de janeiro de 1904. In: OC-94 [121].

<sup>759</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 02 de fevereiro de 1898. In: ACT III-11 p. 289.

<sup>760</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 19 de agosto de 1907. In: M&N-03 p. 148.

<sup>761</sup> Carta de Machado a Lúcio de Mendonça, escrita em 04 de março de 1886. In: ACT II-11 p. 308.

<sup>762</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 17 de março de 1903. In: OC-94 p. [113].

Com efeito, constitui uma prática comum nas cartas pessoais as justificativas pela demora na resposta, e é o que vemos se repetir nas cartas machadianas. No caso específico de Machado, o recurso estava muitas vezes ligado aos problemas de saúde que o autor atravessava. A descrição, tanto dos males físicos quanto da rotina exaustiva e solitária, funcionava como uma espécie de “testemunha de defesa” para ele, cujos hiatos de tempo tornavam-se naturalmente aceitáveis diante do quadro que se desenhava no texto epistolar:

*Há de ir-me achando um pouco mais demorado nas minhas cartas – e não lhe dou a explicação da demora, para não repetir o que estará cansado de ler*<sup>763</sup>.

*Começo a desconfiar que se está vingando das minhas faltas relativamente a esta correspondência. Com efeito, tenho sido menos assíduo, e a razão já lhe foi dada duas vezes. Não a repito, para não cansá-lo [...]*<sup>764</sup>.

*Esta carta devia ser imediata à sua, mas tais são aqui os meus trabalhos que não cumpro logo essa obrigação, aliás deleitosa, uma vez que é falar-lhe, ainda que de longe. Li e reli a sua carta, tão cheia da sua alma, e certo que o invejei e invejo*<sup>765</sup>.

*Deve estar zangado comigo, e com tanta razão que não me atrevo a pedir-lhe desculpa. Não é só a demora desta carta, é a demora de todas. As suas são mais prontas. Verdade é (sempre tenho uma desculpa) que desta vez esperava por pessoa que me levasse também o seu exemplar do meu último livro [...]*<sup>766</sup>.

*Adeus, meu querido amigo e poeta; releve-me a demora da carta e não lance à conta de esquecimento o que não merece tal escrituração. Adiamentos por uma ou outra circunstância trazem destes efeitos. Mas tudo se resgata em havendo boa-fé*<sup>767</sup>.

De fato, eram latentes na correspondência machadiana a preocupação com a cortesia e a constante demonstração de afeto para com seu destinatário. Em função destes aspectos, comumente encontramos menções de Machado em relação ao tamanho da carta, à qualidade da letra e às demais justificativas que podem contextualizar o momento da escrita. No fragmento abaixo, o autor termina dizendo que gostaria de falar mais, porém confessa que seria melhor fazê-lo na presença do amigo Mário, em uma plena expansão de seu *ethos* solitário, que busca nas cartas a companhia para sua solidão:

*Esta resposta vai demorada, porque a sua carta veio apanhar-me com um princípio de gripe que continua; trouxe-me o corpo amolentado, além de outros fenômenos característicos, como a falta de apetite, amargor de boca e recrudescimento do coriza. Um hospital, meu querido! Há três noites não saio de casa. Em plena gripe tinha passado duas delas num jardim vizinho,*

<sup>763</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 19 de março de 1900. In: ACT III-11 p. 459.

<sup>764</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 28 de julho de 1899. In: ACT III-11 p. 393.

<sup>765</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 14 de janeiro de 1894. In: CMA-69 p. 24.

<sup>766</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 09 de dezembro de 1895. In: ACT III-11 p. 128.

<sup>767</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 17 de novembro de 1896. In: ACT III-09 p. 188.

*sentado, apanhando sereno. [...] Adeus, meu querido. Quisera falar-lhe bastante, mas é melhor cá<sup>768</sup>.*

A leitura das missivas escritas por Machado nos últimos anos de sua vida revela, com tristeza, o olhar decadente do autor sobre si mesmo. Ainda que estivesse falando acerca de sua produção literária, o escritor demonstrava certa incredulidade quanto ao valor de seus textos. Frequentemente, ele questionava se seus textos pareciam enfadonhos aos olhos do leitor. É o que observamos no fragmento abaixo, o autor questiona seu amigo Veríssimo a respeito do livro *Relíquias da Casa Velha*:

*Ainda bem que lhe agradaram estas páginas que o teimoso de mim foi pesquisar, ligar e imprimir como para enganar a velhice. Não sei se serão derradeiras, creio que sim. Em todo caso estimo que não tenham parecido inoportunas ou enfadonhas, e o seu juízo é de autoridade<sup>769</sup>.*

O mesmo sentimento Machado exterioriza em outras cartas, refletindo seu *ethos* melancólico e deprimido, numa triste manifestação de suas incertezas e receios acerca da aceitação de sua obra literária:

*[...] ainda bem que o livro agrada. Como é definitivamente o meu último, não quisera o declínio<sup>770</sup>.*

#### **j) O caráter metalinguístico constantemente presente em sua *práxis* epistolar;**

Muito comuns nas cartas de Machado são as referências feitas relativamente ao ato da escrita epistolar, ora justificando uma possível demora na resposta à última carta recebida, ora desculpando-se pelo tamanho da missiva, entre outros motivos.

Tratava-se, na realidade, de um cuidado com a escrita do texto epistolar e de uma preocupação particular de Machado, não apenas com a comunicação efetivamente realizada por meio da correspondência, mas também – e principalmente – com seu correspondente. Para o autor, era necessário situar seu interlocutor em uma dada realidade espaço-temporal e em um determinado contexto sociocultural, que aproximassem, ainda mais, emissor e destinatário deste processo:

*Meu caro Salvador. Escrevo à pressa, à última hora, e por isso me dispensarás se te não digo uma série de cousas que há sempre que dizer entre bons amigos que se não falam há muito<sup>771</sup>.*

<sup>768</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 07 de março de 1907. In: AEO-08 p. 43.

<sup>769</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 22 de fevereiro de 1906. In: OC-94 [148].

<sup>770</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em agosto de 1908. In: OC-94 [188].

<sup>771</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça. In: AOC-86 p. 1035.

*Meu querido Nabuco. Esta carta é breve, o bastante para lhe dizer que todos nós lembramos de você, notícia ociosa*<sup>772</sup>.

*Meu caro Salvador. Aqui está uma carta que vai duas vezes retardada; mas como acerta de levar uma notícia agradável aos teus amigos, como que me desculparás a demora das suas outras partes*<sup>773</sup>.

*Meu jovem colega. Esta carta devia ter-lhe sido escrita e enviada há cinco ou seis dias. São tais porém os meus trabalhos e apoquentações, que espero me desculpe a demora*<sup>774</sup>.

*Meu caro Nabuco. Há cerca de um mês que esta carta devera ter seguido, mas o propósito em que estava de escrever uma longa carta foi retardando a resposta à sua, e daí a demora. “Valha a desculpa, se não vale o canto”. E o canto aqui não vale muito, porque afinal vai uma carta mínima, como vê, não querendo prolongar estes adiamentos*<sup>775</sup>.

*Interrompi a carta por motivo de doença. Ainda sinto alguns vestígios do mal, mas este passou. Note que não fui para a cama, e apenas faltei um dia ao gabinete, mas não podia acabar deveras a carta*<sup>776</sup>.

*Meu caro Nabuco. Esta carta devia ser escrita há cerca de um mês. Como, porém uma folha desta Corte anunciasse que Você em maio viria ao Rio de Janeiro, entendi esperá-lo*<sup>777</sup>.

*A carta é pequena e tem um objeto especial*<sup>778</sup>.

*[...] o desalinho desta carta corre parelhas com o ruim aspecto da letra, que é pior que a do costume; mas, tendo suspenso a pena um pouco acima, para acabar a carta mais tarde, estou na véspera da mala, e preciso levar isto ao Correio hoje mesmo*<sup>779</sup>.

*Meu caro Lúcio. Não lhe respondi logo nos primeiros dias, porque preciso tratar de um ponto de sua carta, e mais tarde, quando já estava tratado o ponto, meteram-se adiamentos. Peça-lhe que me desculpe*<sup>780</sup>.

*Reli a carta, é tudo um embrulho, mas prefiro manda-la assim mesmo a não lhe dizer linha*<sup>781</sup>.

*Esta carta é apertada para caber, não no papel, mas no tempo de que posso dispor*<sup>782</sup>.

*Quando os prazos de silêncio se alongam muito, parece-me que as cartas devem ser mais compridas, e entro a esperar uma boa ocasião; naturalmente o prazo cresce mais. O melhor, meu caro amigo, é ir dando cartas pequenas; sempre são notícias, e, como sei que preza as minhas, sempre serão acolhidas com prazer*<sup>783</sup>.

*Esta carta é a mais breve que lhe terei escrito; di-la-ei brevíssima, como vai ver. Não a demoro, para aproveitar o pacote que sai amanhã, e por estar em preparativos de mudança*<sup>784</sup>.

<sup>772</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 07 de fevereiro de 1907. In: M&N-03 p. 141.

<sup>773</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 09 de fevereiro de 1897. In: OC-94 [40].

<sup>774</sup> Carta de Machado a “um colega jovem”, escrita em 30 de julho de 1880. In: OC-94 [22].

<sup>775</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 29 de maio de 1882. In: M&N-03 p. 93.

<sup>776</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 25 de dezembro de 1898. In: ACT III-11 p. 339.

<sup>777</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 14 de abril de 1883. In: M&N-03 p. 94.

<sup>778</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 14 de janeiro de 1882. In: M&N-03 p. 92.

<sup>779</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 21 de julho de 1897. In: ACT III-11 p. 252.

<sup>780</sup> Carta de Machado a Lúcio de Mendonça, escrita em 04 de março de 1886. In: OC-94 [29].

<sup>781</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 31 de janeiro de 1904. In: AOC-86 p. 1066.

<sup>782</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 16 de fevereiro de 1901. OC-94 [95].

<sup>783</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 28 de julho de 1899. In: ACT III-11 p. 393.

<sup>784</sup> Carta de Machado a Magalhaes de Azeredo, escrita em 21 de fevereiro de 1896. In: ACT III-11 p. 147.

*Esta é curta. Serve unicamente de capa a uma carta que achei na Gazeta de Notícias, com o seu nome no sobrescrito. Tomei a mim remeter-lha. Há de ter já recebido a carta com que lhe respondi à sua última e a qual foi acompanhada de um exemplar do meu livro. Desculpe a pressa; escrevo na Secretaria, à última hora<sup>785</sup>.*

Em uma interessante análise de sua escrita epistolar, Machado demonstra a Azeredo a maneira como tornava-se difícil para ele até mesmo a simples tarefa de escrever cartas. Consciente de suas limitações, o autor confessa-se saudoso dos tempos em que escrevia intensamente, sem as preocupações e fragilidades que, naquele momento, o incapacitavam para a escrita. Trata-se de um triste olhar do autor sobre si mesmo:

*Dir-me-á que uma carta breve escreve-se depressa, mas é justamente isto o que me prende as mãos. Quisera escrever cartas longas e cheias como as suas costumam ser, não só pessoais, mas literárias também, isto é, duas vezes agradáveis entre amigos que cultivam a arte, e o meu temor é não haver, já não digo tempo, mas aquele vagar de espírito que permite tratar da poesia e do que lhe é conexo; enfim cartas quais as que lhe mandei ainda o ano passado<sup>786</sup>.*

Por fim, ilustramos esta seção com mais um interessantíssimo comentário do autor acerca de sua demora em responder seu correspondente. Na carta, Machado justifica-se utilizando um soneto composto pelo próprio amigo, o poeta Luiz Leopoldo Pinheiro Júnior<sup>787</sup>, que criticara a maneira como determinados críticos fazem certos julgamentos acerca de uma obra literária sem, ao menos, conhecê-la profundamente:

*Tão tarde lhe dou a resposta prometida é que não queria imitar o descoco do crítico, objeto de um dos seus sonetos, que leu a primeira página de dois livros, e louvou justamente o mau, e censurou o bom. Daí a demora, daí e de mil outras circunstâncias, que não aponto aqui, para não demorar a carta<sup>788</sup>.*

### **k) Os momentos de solidão (especialmente após a morte de sua esposa Carolina);**

Em 1904, Machado de Assis sofreria um golpe que consumiria todas as forças já escassas por conta de sua fragilidade física. Carolina, sua companheira ao longo de trinta e cinco anos, partiria de sua vida deixando inconsolado o saudoso marido. Em todo o nosso trabalho de leitura e análise das cartas do autor, aquelas que fazem referência à morte da esposa e à solidão em que o autor encontra-se desde então, são certamente as mais comoventes dentre todas as que compõem seu compêndio epistolar:

<sup>785</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 30 de dezembro de 1895. In: ACT III-11 p. 139.

<sup>786</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 12 de março de 1899. In: ACT III-11 p. 362.

<sup>787</sup> Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro Júnior – foi um escritor, tradutor, jornalista, filólogo, professor, geógrafo e historiador brasileiro. Trabalhou ainda como servidor público e redator do periódico *Fluminense*.

<sup>788</sup> Carta de Machado a Luiz Leopoldo Pinheiro Júnior, escrita em 1866. In: ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994.

*[...] eu não contava com tal golpe. A doença era pertinaz e o estado de abatimento grande, mas estava longe de supor que, saindo de casa para a Secretaria, viesse achá-la prostrada na cama. Pouco depois do meio-dia, manifestava-se uma forte hemorragia, que lhe fez perder os sentidos. Quando voltou a si quiseram mandar-me chamar, tiveram de obedecer a sua vontade contrária, por me não assustar, disse ela. Vinte e quatro horas depois, expirava<sup>789</sup>.*

A solidão parecia de fato corroer a alma de Machado, que entregava-se, cada vez mais, à melancolia e ao pessimismo. Nesta fase de sua vida, o autor expõe a seus amigos mais próximos todos os problemas advindos da velhice e as complicações de sua doença, que revelavam as cicatrizes causadas pelo imenso exílio no qual se encontrava. A questão da solidão, intimamente relacionada à morte de sua esposa Carolina, não estava por inteiro delimitada a este motivo em suas cartas. O autor queixava-se, com frequência, da ausência dos amigos, das longas temporadas que estes passavam fora do país, da distância de suas atividades como Presidente da ABL impostas por sua fragilidade física.

Na carta que Machado escreve ao amigo Magalhães de Azeredo, o autor justifica sua ausência da intensa troca epistolar que mantinha com o jovem escritor, em função da perda da esposa. Eis aqui uma plena exposição do vazio em que o missivista se encontrava, completamente solitário e emocionalmente devastado:

*Certo é que o meu silêncio foi longo, mas eu tive as razões que sabe e lhe disse de viver metido em mim mesmo, só neste mundo, tendo dele perdido tudo<sup>790</sup>.*

O mesmo sentimento de solidão e pessimismo, que torturavam o autor dia após dia, Machado confessara a outros amigos, deixando clara em sua correspondência a expressão irreversível de seu *ethos* melancólico e deprimido:

*Meu caro Paz. Obrigado pelas tuas palavras e pelo teu abraço. Ainda que de longe, senti-lhes o afeto antigo, tão necessário nesta minha desgraça. Não sei se resistirei muito. Fomos casados durante 35 anos, uma existência inteira; por isso, se a solidão me abate, não é a solidão em si mesmo, é a falta da minha velha e querida mulher<sup>791</sup>.*

*Não se admire se esta carta repetir alguma resposta já dada, tal é a confusão do meu espírito depois da desgraça que me abateu. Fiquei de lhe responder especialmente sobre a eleição da Academia; é o que vou fazer. Se fá o fiz, não se perde nada<sup>792</sup>.*

---

<sup>789</sup> Carta de Machado a Oliveira Lima, escrita em 18 de novembro de 1904. In: DIMAS, Antonio. Uma visita a Oliveira Lima Library: Cartas de Jackson de Figueiredo, Nestor Vitor, Machado de Assis e Aluizio Azevedo. Língua e Literatura (USP), São Paulo, v. 6, pp. 339-368, 1977. p. 358.

<sup>790</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo. In: CMA-69 p. 267.

<sup>791</sup> Carta de Machado a Francisco Ramos Paz, escrita em 15 de dezembro de 1904. In: AOC-86 p. 1072.

<sup>792</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 13 de dezembro de 1904. In: M&N-03 p. 128.

*Diz-me bem, em termos próprios, o que esta dor foi para mim, e o que vai ser a minha vida, se vida se pode chamar o resto dos meus velhos dias. Sinto-me acabado. Vivemos casados 35 anos, e eu sempre imaginei ir antes dela*<sup>793</sup>.

*Eu, meu querido amigo, estou ainda atordoado, pela imensidade do golpe, como pela injustiça que a feriu. Após trinta e cinco anos de casados é um preparo para a morte*<sup>794</sup>.

O permanente estado de abandono em que Machado encontrava-se após a morte de sua companheira Carolina só era quebrado quando o autor recebia a visita de amigos ou cartas destes, que ajudavam-no a suportar o árduo peso da idade e da solidão:

*Creio, creio nos sentimentos de pesar que, em nome da Exma. Sra. D. Flora e no seu, me envia neste momento cruel da existência. Creio e agradeço-os, como sendo dos remédios morais que ainda podem trazer algum ânimo a um enfermo desenganado de si mesmo e meio morto de solidão*<sup>795</sup>.

*Aqui vou andando, querido amigo, com estas afeições da velhice, que ajudam a carregá-la*<sup>796</sup>.

*Obrigado pelas tuas palavras... Ainda que de longe, senti-lhes o afeto antigo, tão necessário nesta minha desgraça*<sup>797</sup>.

*Deixe-me agradecer-lhe a fotografia e a lembrança. Aquela é soberba, e esta é doce ao meu coração, já agora despojado da vida. Consolam-me ainda memórias de amigo, meu querido Nabuco. Esta aqui fica na minha sala, com as de outros íntimos*<sup>798</sup>.

*A idade não me dá tempo nem força de começar outro; lá lhe mandarei um exemplar. Completei no dia 21 sessenta e nove anos; entro na ordem dos septuagenários. Admira-me como pude viver até hoje, mormente depois do grande golpe que recebi e no meio da solidão em que fiquei, por mais que amigos busquem temperá-la de carinhos*<sup>799</sup>.

*Meu caro Nabuco. Quando ia responder à sua carta de 8 de outubro, aqui chegada depois da morte da minha querida Carolina, trouxe-me o correio outra de 17 de novembro, a respeito desta catástrofe. A nova carta veio com palavras de animação, quais poderiam ser ditas por Você tão altas, cabais e verdadeiras. Há só um ponto, meu querido amigo; é que as lê e relê um velho homem sem forças, radicalmente enfermo. Farei o que puder, para obedecer ao preceito da amizade e da bondade*<sup>800</sup>.

*Recebi a sua carta 21, com as boas palavras que me manda pelo meu aniversário. Gostei de as ler, com a natural restrição que lhes põe de que tal data não é de alegrias para mim, depois que perdi a minha boa companheira de trinta e cinco anos. Assim é: muito obrigado. Estou aqui um triste velho desamparado, contando alguns poucos amigos, entre os quais figura o seu nome de moço de talento*<sup>801</sup>.

<sup>793</sup> Carta de Machado a Oliveira Lima, escrita em 18 de novembro de 1904. In: DIMAS, Antonio. Uma visita a Oliveira Lima Library: Cartas de Jackson de Figueiredo, Nestor Vitor, Machado de Assis e Aluizio Azevedo. Língua e Literatura (USP), São Paulo, v. 6, pp. 339-368, 1977. p. 359.

<sup>794</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 28 de outubro de 1904. In: OC-94 [135].

<sup>795</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>796</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 07 de fevereiro de 1907. In: M&N-03 p. 142.

<sup>797</sup> Carta de Machado a Francisco Ramos Paz, escrita em 15 de dezembro de 1904. In: AOC-86 p. 1072.

<sup>798</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 24 de junho de 1905. In: AOC-86 p. 1073.

<sup>799</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 1908. In: AOC-86 p. 1090.

<sup>800</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 06 de dezembro de 1904. In: M&N-03 p. 127.

<sup>801</sup> Carta de Machado a Belmiro Braga, escrita em 23 de junho de 1906. In: OC-94 [149].

*A generosidade de Mário de Alencar veio agora aumentada pela sua, uma vez que as palavras dele lhe foram bem aceitas, como declara na carta que acabo de receber. Eu é que não tenho aumento de força para poder agradecer a tudo o que as almas simpáticas sentem de mim*<sup>802</sup>.

Em uma de suas últimas cartas, escrita ao amigo Joaquim Nabuco, Machado, já afastado do serviço público e totalmente entregue à depressão, fala solidão e da tristeza pelo falecimento da esposa e confessa, em tom de despedida: “*Tudo isso me abafa e entristece. Acabei*”<sup>803</sup>.

### **l) O pessimismo e a iminência da morte;**

As últimas cartas de Machado, além dos relatos sobre a doença e da solidão causada pela ausência dos amigos e pela morte de sua esposa Carolina, revelam também um eu-missivista sem expectativa alguma, pessimista na maior parte do tempo, sentindo-se bastante deprimido e esperando, passivamente, pela chegada da morte. O tom já melancólico de suas missivas, agravado pelo avanço da epilepsia e pelo falecimento de sua companheira, acentuavam ainda mais a amargura e a desilusão do solitário autor. A escrita de *Memorial de Aires*, sua última obra, foi permeada de toda sorte de sentimentos e angústias. Segundo os estudos de Werneck (1996):

O regime de anotações diárias das mutações de humor e da saúde do corpo que estrutura as cartas-diário [...] fornece a base da retórica narrativa do *Memorial de Aires*, ou melhor, o modelo para os “cadernos do conselheiro”<sup>804</sup>.

O corpo fragilizado, a incessante solidão, a inaptidão para as tarefas mínimas, a ausência do contato rotineiro com os parceiros da Academia e todos os demais, com quem estabelecera, ao longo da vida, um frutífero e prazeroso círculo de amizades, são alguns exemplos das inúmeras dificuldades enfrentadas pelo autor durante a composição da obra. O último romance de Machado fora construído nesta intensa mescla de emoções, entre o desânimo e a sobrevivência, entre o pessimismo e a superação:

*Apesar da exortação que me faz e da fé que ainda põe na possibilidade de algum trabalho, não sei se este seu triste amigo poderá meter ombros a um livro, que seria efetivamente o último*<sup>805</sup>

<sup>802</sup> Carta de Machado a Afrânio Peixoto, escrita em 24 de julho de 1908. In: OC-94 [184].

<sup>803</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 1º de agosto de 1908. In: AOC-86 p. 1092.

<sup>804</sup> WERNECK, Maria Helena. Cadernos não-publicados: o biográfico segundo uma poética do indicial. In: *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996. p. 239.

<sup>805</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 04 de fevereiro de 1905. In: ASSIS, 1942 p. 221.

*Não sei se terei tempo de dar forma e termo a um livro que medito e esboço; se puder, será certamente o último. As forças compreenderão o conselho, e acabarão de morrer caladas*<sup>806</sup>.

*Tinha um livro em projeto e início, mas não vou adiante. Sinto-me cansado, estou enfermo, e falta-me gosto*<sup>807</sup>.

*Tenho um trabalho literário entre mãos; não sei se o darei pronto; isto lhe dirá o meu desânimo físico. Emagreci muito nos últimos meses. Mas, enfim, são causas confiadas a um amigo sério e calado*<sup>808</sup>.

Presentindo seu fim, Machado sentia-se incapacitado para continuar a escrever. A depressão, a solidão e o pessimismo tomavam conta do autor, que sofria também com o agravamento da epilepsia. De uma certa forma, ele sabia que, se conseguisse reunir forças para escrever seu *Memorial de Aires* (ou seria de Assis?), aquele seria seu último trabalho:

*Repito o que lhe disse verbalmente, meu querido Mário, creio que esse será meu último livro*<sup>809</sup>.

*O livro é derradeiro; já não estou em idade de folias literárias nem outras. O meu receio é que fizesse a alguém perguntar por que não parara no anterior, mas se tal não é a impressão que ele deixa, melhor*<sup>810</sup>.

*Insisto em dizer que é o meu último livro; além de fraco e enfermo, vou adiantado em anos, entrei na casa dos setenta, meu querido amigo. [...] Uma vez que o livro não desagradou, basta como ponto final*<sup>811</sup>.

O autor já não podia mais esconder sua inaptidão para o trabalho. Mesmo ao ser procurado por amigos para comentar suas obras literárias, Machado deixava claro que não podia mais exercer a crítica benevolente, que a tanto ajudara os escritores mais jovens e menos conhecidos. Utilizando-se de sua costumeira cortesia, ele confia ao amigo:

*A pessoa que me trouxe o seu livro das Vaidades lhe terá dito que o meu estado de saúde não permite fazer dele a leitura precisa a um cavalheiro. Para um moço que começa assim em tão verdes anos uma leitura rápida não basta; fi-la, entretanto, o bastante para ver que há notas de vigor e rasgos de colorido, surtos altos ao par de descuidos a que o autor de si mesmo acabará fugindo. Este juízo é sem autoridade e expresso com a timidez dos velhos*<sup>812</sup>.

Por vezes, Machado permitia-se certas expressões de bom humor, ainda que não fosse sua intenção tentar disfarçar seu evidente pessimismo. O sarcasmo e a ironia do

<sup>806</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 07 de fevereiro de 1907. In: M&N-03 p. 141.

<sup>807</sup> Carta de Machado a Oliveira Lima, escrita em 5 de fevereiro de 1906. In: MEM-11 p. 107.

<sup>808</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 10 de janeiro de 1898. In: ACT III-11 p. 288.

<sup>809</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 22 de dezembro de 1907. In: AEO-09 p. 75.

<sup>810</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 19 de julho de 1908. In: OC-94 [181].

<sup>811</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 1º de agosto de 1908. In: AOC-86 p. 1092.

<sup>812</sup> Carta de Machado a Batista Cepellos, escrita em 30 de julho de 1908. In: AOC-86 p. 1091.

autor, tão presentes em sua obra literária, continuavam ali, preservados, camuflados pela armadura de dor e angústia que, com extrema dificuldade, carregava sobre os ombros:

*A minha ideia secreta era que, quando o Rio Branco viesse ao Brasil, fosse recebido por Você na Academia. Façam os dois por virem juntos, e a ideia será cumprida, seu eu ainda for presidente. Não quero dizer se ainda viver, posto que na minha idade, e com o meu organismo, cada ano vale por três*<sup>813</sup>.

*Meu eminente amigo. Esta tem por fim dizer-lhe que ainda não morri, tanto que lhe remeto um livro novo. Chamei-lhe Memorial de Aires. Mas este livro novo é deveras o último. Agora já não tenho forças nem disposição para me sentar e começar outro; estou velho e acabado*<sup>814</sup>.

No excerto abaixo, é possível perceber que até mesmo quando se referia a assuntos relacionados à Academia, da qual Machado tanto se orgulhava, notamos que o autor deixava transparecer seu desânimo pessoal, suas incertezas e até mesmo uma certa frustração diante do monótono quadro em que havia se reduzido a belíssima pintura de outrora. A falta de entusiasmo do autor, no entanto, não condizia apenas com os problemas pessoais do autor; de fato, a ABL atravessava inúmeras dificuldades, como a escassez de recursos financeiros, os constantes questionamentos acerca das honorárias que eram distribuídas pela instituição, as eleições controversas (como a de seu protegido Mário de Alencar, considerado o primeiro grande escândalo da Academia) entre outros.

*A Academia vai andando; fazemos sessão aos sábados, nem sempre e com poucos*<sup>815</sup>.

Demonstrando, sem reservas, seu *ethos* depressivo e melancólico, o autor parecia adivinhar que, embora não houvesse vagas para eleição na Academia, seria ele próprio quem abriria espaço para a chegada de um novo acadêmico à casa:

*Não há vaga, mas quem sabe se não a darei eu! Releve-me estas ideias fúnebres; são próprias do estado e da idade*<sup>816</sup>.

Ainda em tom de despedida, Machado escreve a seus amigos Joaquim Nabuco e Mário de Alencar. Suas últimas cartas, tão permeadas de confidências e desabafos, revelam traços de um homem esgotado fisicamente, sentindo que o seu fim está próximo e que aquele seria, de fato, seu último romance:

<sup>813</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 10 de março de 1899. In: M&N-03 p. 99.

<sup>814</sup> Carta de Machado a Oliveira Lima, escrita em 1º de agosto de 1908. In: OC-94 [187].

<sup>815</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 1º de agosto de 1908. In: AOC-86 p. 1092.

<sup>816</sup> Idem, *ibidem*.

*Eu, meu querido, vou andando como posso - já um pouco fraco e com temor de perder os olhos se me der a longos trabalhos. Já não trabalho de noite. Ainda assim posso fazer-lhe uma confidência: escrevi o ano passado um livro que deve estar impresso agora em França. [...] Creio que será o meu último livro; descansarei depois<sup>817</sup>.*

*Repito o que lhe disse verbalmente, meu querido Mário, creio que esse será o meu último livro; faltam-me forças e olhos outros; além disso o tempo é escasso e o trabalho é lento. Vou devolver as provas ao editor e aguardar a publicação do meu Memorial de Aires. Adeus, meu querido Mário, ainda uma vez agradeço a sua boa amizade ao pobre e velho amigo Machado de Assis<sup>818</sup>.*

De fato, a morte tornara-se um tema recorrente das cartas machadianas. Sem expectativas de melhora na saúde e vivendo sozinho após a morte de Carolina, não restara muito mais ao escritor do que a espera pelo *trem derradeiro*:

*Não sou dos que dão para octogenários. [...] Quando digo saudar o próximo século, não é que conto lá chegar, mas pode ser que sim. Em todo caso, não me demorarei muito por este mundo<sup>819</sup>.*

*Há um ano tive o prazer de jantar com Você neste dia e brindar com amigos seus pela sua saúde e prosperidade. Não quero calar a data e daqui lhe mando lembranças minhas, lembranças de amigo velho e sincero. Talvez seja a última saudação; sinto que não vou longe, por mais que amigos me achem bom aspecto; esse mesmo achado me parece simples consolação<sup>820</sup>.*

*Quando Você tornar de vez à nossa terra, cá terá o lugar que com tanto brilho ocupou e é seu naquela casa. O que não sei é se ainda me achará neste mundo; releve-me esta linha de rabugice, é natural aos 69 anos (quase)<sup>821</sup>.*

Ao amigo e confidente de longa data, Salvador de Mendonça, o autor revela a maneira como, pouco a pouco, sentia todo o peso dos anos e das dificuldades que o acompanhavam. Em uma rara exposição de suas inseguranças em relação ao ofício das Letras, Machado fala acerca do receio de ser esquecido, caso não pudesse escrever mais:

*Os anos, meu caro Salvador, vão caindo sobre mim, que lhes resisto ainda um pouco, mas o meu organismo terá de vergar totalmente; e as letras, também elas me cansarão um dia, ou se cansarão de mim, e ficarei à margem<sup>822</sup>.*

De fato, os últimos anos da vida de Machado foram imensamente difíceis. A solidão, a saudade de Dona Carolina e o agravamento da doença fizeram com que o autor se sentisse, a cada dia, mais desejoso da morte. Em uma rara expressão de suas crenças

<sup>817</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 08 de maio de 1908. In: M&N-03 p. 153.

<sup>818</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 22 de dezembro de 1907. In: OC-94 [169].

<sup>819</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 03 de setembro de 1895. In: ACT III-11 p. 112.

<sup>820</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 19 de agosto de 1907. In: M&N-03 p. 148.

<sup>821</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 14 de janeiro de 1908. In: M&N-03 p. 149.

<sup>822</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 09 de fevereiro de 1897. In: ASSIS, 1986 p. 1040.

religiosas, o eu-missivista deixa transparecer a esperança que nutria, de um dia reencontrar, do outro lado da vida, seu grande amor:

*Meu caro Nabuco. Tão longe, em outro meio, chegou-lhe a notícia da minha grande desgraça [...]. A única palavra com que lhe agradei é a mesma que ora lhe mando, não sabendo outra que possa dizer tudo o que sinto e me acabrunha. Foi-se a melhor parte da minha vida, e aqui estou só no mundo. Note que a solidão não me é enfadonha, antes me é grata, porque é um modo de viver com ela, ouvi-la, assistir aos mil cuidados que essa companheira de 35 anos de casados tinha comigo; mas não há imaginação que não acorde, e a vigília aumenta a falta da pessoa amada. Éramos velhos, e eu contava morrer antes dela, o que seria um grande favor; primeiro, porque não acharia ninguém que melhor me ajudasse a morrer; segundo, porque ela deixa alguns parentes que a consolariam das saudades, e eu não tenho nenhum. Os meus são os amigos, e verdadeiramente são os melhores; mas a vida os dispersa, no espaço, nas preocupações do espírito e na própria carreira que a cada um cabe. Aqui me fico, por ora na mesma casa, no mesmo aposento, com os mesmos adornos seus. Tudo me lembra a minha meiga Carolina. Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará<sup>823</sup>.*

E o *ethos* saudosista sobrepõe-se, irremediavelmente, nos últimos anos de vida do autor. Como não podia trazer de volta o tempo, ele utilizava-se de suas recordações, numa vã tentativa de agarrar-se, ainda que com suas fragilidades, a algum suspiro de vida:

*[...] o passado é ainda a melhor parte do presente, — na minha idade, entenda-se<sup>824</sup>.*

*[...] em verdade o sofrimento é ainda a melhor parte da vida<sup>825</sup>.*

#### **m) As mágoas por tudo que não vivera, as decepções, as amarguras, as negativas;**

Diante da previsibilidade do gênero epistolar, cumpre-nos aventar uma possível chave para a compreensão do pensamento machadiano presente em sua produção epistolar. O fato de o missivista ser um escritor talentoso e renomado poderia levá-lo a adotar uma escrita totalmente diferenciada para seus textos epistolares? As estratégias narrativas do escritor poderiam estar inseridas também em sua correspondência? Nesta perspectiva, Machado seria um narrador de si mesmo no âmbito de sua escrita epistolar? Em nossa interpretação, sim. As “negativas” de Brás Cubas estariam certamente inscritas em suas cartas, representadas pelas viagens que não fez, pelos filhos que não teve, pelas verdades que não disse, pelas experiências que não vivenciou... Sem dúvida, a morte de Carolina apenas reforçou este aspecto, deixando o autor ainda mais imerso em suas próprias amarguras e desconsolos:

<sup>823</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 20 de novembro de 1904. In: AOC-86 p. 1070.

<sup>824</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco. In: AOC-86 p. 1059.

<sup>825</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 04 de fevereiro de 1905. In: OC-94 [141].

*Confesso-lhe que estou ainda sob a ação da minha desventura. Minha mulher, se pudesse ter lido o artigo, sentiria o mesmo que eu; mas nem sequer leu o livro, posto me dissesse o leria segunda vez; apenas leu algum trecho, o que me foi confirmado por uma de suas amigas, a quem ela confessou o estado em que se achava*<sup>826</sup>.

Um tema bastante recorrente em suas obras literárias são as referências que o autor faz a respeito da Europa. No entanto, a vida nunca possibilitou a Machado a tão sonhada viagem àquelas paisagens que o autor só conhecera dos livros. Para Cardoso (1985: 65):

A resistência à travessia do Atlântico, frustrando o sonho de ver Roma, compensa-se pela familiaridade com a Europa literária. Não há Roma de Byron ou Veneza de Musset, que Machado não tenha palmilhado vezes sem conta. Seu texto está impregnado desse saber europeu, que ele sempre discutiu com agudeza, perfeitamente à vontade. A rigor, a transposição do mar é dispensável. A viagem da escrita, de há muito, já realizou a travessia<sup>827</sup>.

A Itália, sobretudo a cidade de Roma, sempre foi citada em suas cartas como um sonho distante, do qual sentia-se metaforicamente mais próximo ao saborear os relatos de viagens dos amigos literatos:

*A Itália dá-me não sei que reminiscência clássicas e românticas, que faz crescer o pesar de não haver pisado esse solo tão amassado de história e de poesia. Talvez algumas coisas não correspondam à imaginação; a maior parte delas há de excedê-la, e onde houver ruínas, quaisquer que sejam, há um mundo de coisas perenes e belas. Onde as achar, onde vir palácios, quadros, um recanto de costumes, não se esqueça de mim, que lerei as suas notas com grande prazer. Farei de conta que sou que as vejo; as suas letras farão de realidade*<sup>828</sup>.

*Que bom que é ler o apanhado de tantas vistas belas, como as de arte, de monumentos, de ruínas, e de toda aquela Itália que acaba de deixar! É melhor que ler outras de estranhos. Quando a pessoa que as descreve é um patrício, fala a nossa língua, sente conosco recordações comuns, parece que também nós vemos pelos olhos dele*<sup>829</sup>.

Em nossa interpretação, nos deparamos com uma faceta pouco conhecida do autor, que expressava, sem reservas, seu *ethos* ressentido acerca de sua própria sorte e, de certa forma, seu *ethos* também invejoso:

*Estou ansioso por ver cartas tuas e por saber que impressões tiveste ao entrar nesse grande mundo, o que te parece isso, o que é na realidade. Se tiveres vagar de contar-me tudo isso, acredita que me dás infinito prazer. Gozarei ao menos através das tuas cartas, o que me servirá de satisfação no meio do profundo aborrecimento em que vivo*<sup>830</sup>.

<sup>826</sup> Carta de Machado a Oliveira Lima, escrita em 04 de dezembro de 1904. In: LIMA, Oliveira. Estudos literários, p. 42.

<sup>827</sup> CARDOSO, Marília Rothier. “Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis”. *O Eixo e a Roda*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, vol. 4. 1985. pp. 59-70.

<sup>828</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 17 de novembro de 1896. In: ACT III-11 p. 188.

<sup>829</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 21 de janeiro de 1897. In: CMA-69 p. 120.

<sup>830</sup> Carta de Machado a Quintino Bocaiúva, escrita em 25 de novembro de 1866. In: MASSA, 2008 p. 434.

*Muito me contas desse país. Li-te com água na boca. Pudesse eu ir ver tudo isso! Infelizmente a vontade é maior do que as esperanças, infinitamente maiores do que a possibilidade*<sup>831</sup>.

*Desejo ver cartas suas, a despeito da demora desta. Espero-as carinhosas e amigas, como sabem ser. As suas impressões da sociedade em que vive ser-me-hão sempre agradáveis. As suas esperanças acharão em mim o apoio que merecem. As próprias tristezas, quando as tiver, serão bem-vindas ao meu espírito, não por serem tristezas, mas por serem suas. [...] Repito-lhe que me escreva*<sup>832</sup>.

*Quando recebi a sua carta, estava prestes a mandar-lhe um cartão de felicitações pela remoção para Roma. Vi logo que lhe seria a mais agradável de todas; a carta o confirma, e o que eu conheço do seu espírito e do seu coração era bastante para adivinhá-lo. Roma pontifícia é, na verdade, colocação apropriada a uma alma tão docemente cristã, tendo de mais o engenho, a cultura das letras e o amor das artes. Tudo isso, com um lar feliz, e vinte e poucos anos de idade. Creia; é um belo espetáculo e uma sensação boa para os homens vencidos de anos (ao menos, para mim) a felicidade assim completa e merecida, em plena juventude*<sup>833</sup>.

*Eu, meu caro poeta, não leio nunca nada disso que não sinta das grandes lacunas da minha vida. O destino — outros dirão as circunstâncias, mas eu não demoro em nomes — esse quer que é que nos leva através dos tempos faz-me nesta idade alheio e remoto de tantas coisas belas, e, o que mais, sem esperança de as ver jamais*<sup>834</sup>.

*... o invejo de longe... Eu, meu caro amigo, pelo avanço dos anos, e por outras razões não menos melancólicas, creio que irei deste mundo sem ver uma ou outra parte dele, que atraem os jovens do meu tempo e continuará a atrair os de hoje*<sup>835</sup>.

*Não é provável que me arranque um dia daqui para ir ver coisas novas, posto que o desejo seja grande; desejo não vale resolução nem supre a possibilidade. Nem a grandeza dele é a mesma que era. Creio que, se algum dia, sair em viagem, terei o mesmo sentimento de que me fala no fim da sua carta. Os nossos temperamentos são irmãos*<sup>836</sup>.

*A última das três cartas é já de Roma, e ver uma carta datada de Roma, para quem não há de ver nunca a cidade, dá grande melancolia*<sup>837</sup>.

*Quisera dizer-lhe de viva voz estas palavras, mas creio que não voltará cá por ora, seguindo daí para Londres, e pela minha parte não irei lá. Já não é tempo para os meus anos compridos, natural fadiga, além de outras razões que impedem este passo, que considero de gigante*<sup>838</sup>.

A tal “inveja” da qual falávamos anteriormente aparece, sem reservas, em uma crônica que Machado escrevera em seus verdes anos, em 1866, quando ainda nutria o sonho de conhecer os encantos de uma Europa que só visitara nos livros. Eis aqui mais um interessante diálogo que estabelecemos entre a escrita epistolar e sua obra literária:

<sup>831</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 24 de dezembro de 1875. In: ACT II-09 p. 109.

<sup>832</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 2 de abril de 1895. In: ACT-III p. 72.

<sup>833</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 12 de janeiro de 1896. In: ACT III-11 p. 140.

<sup>834</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 29 de maio de 1897. In: ACT-III p. 230.

<sup>835</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 25 de abril de 1897. In: ACT III-11 p. 226.

<sup>836</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 02 de fevereiro de 1895. In: ACT III-11 p. 59.

<sup>837</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 17 de novembro de 1896. In: ACT III-11 p. 187.

<sup>838</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 28 de junho de 1904. In: AOC-86 p. 1068.

Mas, devo dizê-lo com toda a franqueza, quando ouço dizer a alguém que já atravessou por gosto doze, quinze vezes o Oceano, não sei que sinto em mim que me leva a adorar o referido alguém. Ver doze vezes o Oceano, roçar-lhe doze vezes a cerviz, doze vezes admirar as suas cóleras, doze vezes admirar os seus espetáculos, não é isto gozar na verdadeira extensão da palavra?<sup>839</sup>

Vejamos agora fragmentos de duas cartas enviadas a Magalhães de Azeredo, nas quais Machado felicita o amigo por sua transferência a trabalho para a Europa e reitera a satisfação em ver realizado o sonho do jovem escritor. No entanto, no decorrer das missivas, o autor também evidencia seu próprio desencanto ao perceber que, após tantos anos, o sonho de cruzar o Atlântico ainda não havia se tornado realidade:

*Estimo muito que se realize a notícia que me deu reservadamente de ser transferido em breve para uma boa legação da Europa. Eu é que já não sei se algum dia lá irei também; não completei ainda o meu tempo de administração e não sei se, acabado este, terei forças para uma viagem. Sinto-me cansado. Tudo, porém, é possível, até mesmo transpor o Atlântico, quando menos se conta com isso, e viver além do fim do século. Guardo o seu segredo e desejo vê-lo realizado<sup>840</sup>.*

*A primeira carta que me escreveu de Rocca di Papa (não ponho a data para não acentuar a distância desta) deu-me invejas pela descrição de Roma. Fala-me em lá ir, mas eu já agora tenho outra e única Roma, mais perto e mais eterna. Não creio já na possibilidade de ir ver o resto do mundo. Aqui nasci, aqui morrerei; terei conhecido apenas duas cidades, a de minha infância e a atual, que na verdade são bem diversas; fora destas, alguns lugares do interior, poucos. Há de adivinhar o pesar que me fica<sup>841</sup>.*

Outro episódio que demonstra uma grande mágoa do autor foi o fato de ter sido colocado em disponibilidade, aos cinquenta e oito anos, na repartição pública do Ministério no qual trabalhava desde 1873, onde exercia o cargo de diretor-geral. Na nova condição, Machado apenas auxiliaria em tarefas para as quais fosse extraordinariamente requisitado. Eis a passagem transcrita do Diário Oficial:

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. Considerando que, nos termos do regulamento aprovado pelo decreto nº 2.766, de 27 de dezembro próximo findo, foram reunidas em uma só as Diretorias-Gerais de Viação e de Obras Públicas; Considerando que o citado decreto converteu a nova Diretoria-Geral em repartição técnica, devendo a sua direção passar a ser exercida por um profissional; Considerando que por essa razão não podem ser nela aproveitados os serviços do atual diretor-geral Joaquim Maria Machado de Assis; Considerando, porém, que esse funcionário tem mais de 10 anos de serviços públicos, com direito à aposentadoria; Resolve, nos termos do artigo 19 da Lei nº 490, de 16 de dezembro de 1897, adi-lo à referida Secretaria de Estado, percebendo os vencimentos que lhe competirem.

<sup>839</sup> Uma excursão milagrosa. Texto publicado originalmente em *Jornal das Famílias*, de abril a maio de 1866. In: ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. V. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

<sup>840</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 22 de setembro de 1895. In: ACT III-11 p. 116.

<sup>841</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 17 de novembro de 1896. In: ACT III-11 p. 188.

Capital Federal, 1º de janeiro de 1898. – Prudente J. de Moraes Barros – Sebastião Eurico Gonçalves de Lacerda<sup>842</sup>.

(MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, V. 4, p. 47)

O decreto era uma forma de “aliviar o peso” dos ombros do governo, já que Machado, além de ser uma figura muito respeitada na sociedade, era também o presidente da ABL. Magoado, o autor não aceitava o fato de receber sem trabalhar, já que, apesar de todas as dificuldades físicas, ele sempre cumprira com suas obrigações públicas e não se considerava inválido para o exercício das mesmas. Sobre este episódio, escreveu seu amigo de repartição Artur Azevedo:

Todos sabem que no funcionalismo público o ficar adido é o ideal do vadio e o desespero dos laboriosos. Machado de Assis sempre foi um grande trabalhador, e não merecia, escusado é dizê-lo, a desconsideração com que o trataram, sofreu um desgosto sério com essa espécie de aposentação, com todos os vencimentos, mas com esse diploma de inútil<sup>843</sup>.

Azevedo ainda teria declarado que ouvira do próprio autor a seguinte confidência: “Fazem-me um enterro de primeira classe...” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, V. 4, p. 48). A este respeito, vários amigos demonstraram solidariedade a Machado, entendendo que o ato era uma retaliação política do governo republicano, uma vez que o autor sempre se declarou um convicto monarquista. Entre tantas correspondências que manifestaram apoio ao escritor, escolhemos um exemplar do amigo Mário de Alencar:

*Dizer-lhe o meu espanto indignado, assegurar-lhe que sinto profundamente isso, fora supérfluo, porque deve saber de antemão quanto é desagradável e revoltante para todos que o conhecem e estimam esse ato iníquo do Governo. ... Paciência, meu lustre amigo. Lembre-se de que meu pai, quando o magoavam e abatiam os dissabores políticos, se refugiava no seio das letras, onde as alegrias são puras e o consolo é o infinito. Faça como ele; e de modo algum, para bem seu, de todos que o admiramos, deixe o desgosto assenhorear-se do seu nobre espírito e embarçar a continuação da sua obra brilhante<sup>844</sup>.*

No excerto abaixo, encontramos uma rara demonstração das confidências de Machado. Na carta, o autor conta “em reserva” ao amigo Azevedo que fora afastado de suas funções e de como isso o magoara. É possível perceber a ironia e a mágoa presentes em seu discurso epistolar, no exato momento em que Machado dá vez e voz a um *ethos* inconformado, camuflado pela decepção que lhe causara a vida burocrática:

<sup>842</sup> Diário Oficial, 3 de janeiro de 1898. In: MAGALHÃES JÚNIOR, R. Vida e obra de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, 4 vols.

<sup>843</sup> AZEVEDO, Artur. Palestra, seção que Artur Azevedo mantinha em *O País*, sob assinatura de A. A., a 2 de outubro de 1908. Reproduzido no nº 3 da *Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*.

<sup>844</sup> Carta de Mário de Alencar a Machado, escrita em 1º de janeiro de 1898. In: ACT III-11 p. 283.

*A justiça vem aos moços. Os velhos, como eu, atraem menos essa esquivia. Ao contrário (se me releva dizer aqui em reserva uma coisa pública e oficialmente impressa) na última reforma da Secretaria de Viação fui declarado adido. A razão é que o regulamento novo exige para o meu lugar um profissional, mas justamente o benefício seria não exigir um profissional, e continuar como durante o tempo em que exerci o cargo efetivamente (cinco anos) e antes de mim outros que não eram profissionais. Mas, enfim, o feito está feito, e o ministro ornou-me de rosas a saída, por meio de um decreto especial e fundamentado. A minha posição agora é a que pode crer; segundo o ministro, farei os trabalhos que ele me der, mas é preciso que os haja; sem isso, terei os proventos do cargo sem os ônus. Os meus amigos têm sentido o caso, e muitos dos antigos colegas também. Sei que sentirá, mas fica tudo entre nós... Sobre este ponto, adeus<sup>845</sup>.*

A verdade é que, por diversas razões, Machado voltara ao trabalho burocrático. Era preciso superar as decepções e tocar a vida, o que inclui as obrigações financeiras. A esse respeito, falou-lhe inconformado o amigo José Veríssimo, em carta:

*E Você o que faz? Ofícios, pareceres e outras coisas igualmente infames e inúteis. Por que eu não hei de ser, ao menos uma hora, ditador? Você era logo aposentado com vencimentos por inteiro, uma pensão no valor do dobro, e a recomendação de nos dar um livro por ano, as suas memórias, contos, romances, versos, e, se pudesse ser, a tradução completa do Dante. Mas enfim é preciso viver, o tal “pão para a boca”, e Você não tem remédio senão fazer aquelas coisas repugnantes e mesquinhas<sup>846</sup>.*

#### **n) A supervalorização da correspondência e da produção literária do outro;**

Já demonstramos, neste trabalho, a importância vital da continuidade da troca epistolar para Machado, um autor que via em seus amigos a família que nunca tivera. A ausência dos pais, da irmã, dos filhos que não teve e, mais tarde, da esposa Carolina, parecia intensificar o peso que a correspondência passara a ter na vida do autor.

Neste sentido, encontramos inúmeras passagens em que o escritor aniquila-se, inferioriza-se, para engrandecer o outro, seu correspondente, enaltecendo a importância de suas cartas e do vínculo continuado de amizade, por elas representado:

*Receba as saudades de um velho amigo e mande-me as suas, se lhe mereço algumas. Adeus, meu caro Domício, não esqueça o amigo velho Machado de Assis<sup>847</sup>.*

*Dê-me sempre os seus conselhos, ou, pelo menos, as suas notícias e lembranças<sup>848</sup>.*

*Não se esqueça de mim; diga-me sempre o que faz, antecipe-me algumas coisas, e confie no amigo<sup>849</sup>.*

<sup>845</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 10 de janeiro de 1898. In: ACT III-11 p. 286.

<sup>846</sup> Carta de José Veríssimo a Machado, escrita em 09 de julho de 1901. In: ACT IV-13.

<sup>847</sup> Carta de Machado a Domício da Gama, escrita em 29 de dezembro de 1906. In: OC-94 [151].

<sup>848</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 20 de junho de 1899. In: ACT III-11 p. 385.

<sup>849</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 12 de março de 1899. In: ACT III-11 p. 362.

*O meu exemplar da Alma Primitiva<sup>850</sup> é primoroso. Agradeço-lhe muito e muito o obséquio de incluir-me no número dos que foram lembrados tão particularmente pelo seu coração, colocando-me entre sua feliz mãe e seu dedicado amigo Mário de Alencar. Não precisava de mais provas para conhecer que me ama e estima. Entre a boa senhora que acha em seu filho o melhor da vida, e o amigo tão verdadeiro, que é o Mário, este pobre homem avelhantado, senão velho, espera não fazer má figura, se a afeição e a confiança bastam por título<sup>851</sup>.*

O autor mostrava-se sensivelmente comovido com o carinho das palavras afetuosas dos amigos e retribuía a gentileza, como podemos observar nas cartas seguintes:

*Ainda estou comovido do abraço que em sua carta mandou, e saudoso das mesmas saudades, mas não sei se animado das mesmas animações; esta parte é naturalmente incompleta, graças à idade, à solidão. Em todo caso, as suas palavras fizeram-me bem<sup>852</sup>.*

*O seu cuidado, porém, mandando uma boa palavra a esta solidão é um realce mais e fala ao coração<sup>853</sup>.*

*Meu caro Sílvio Dinart. Agradeço-lhe de coração as suas palavras, ao mesmo tempo que me desvaneço de as ler tão cálidas e espontâneas. Servem-me ainda, de animação<sup>854</sup>.*

*Meu caro Veríssimo. Ontem, ao jantar, recebi a sua carta de anteontem, feita das boas palavras a que Você tanto me acostumou. [...] O que me vale no meio destes achaques e abatimentos é a simpatia que encontro em alguns que me dão provas certas, e aqui tenho mais esta sua<sup>855</sup>.*

Com efeito, a amizade epistolar, necessária tanto ao sujeito quanto ao escritor, era algo que Machado fazia questão de agradecer em suas missivas. Ao mesmo tempo, o autor pedia, humildemente, que o elo de afeição entre os missivistas fosse conservado:

*Adeus, meu querido poeta; desculpe sempre a vulgaridade do conselho, não esqueça as musas. [...] Minha mulher recomenda-se-lhe, e eu abraço-o de todo coração. Repito-lhe que me escreva e creia no Velho amigo Machado de Assis<sup>856</sup>.*

*Adeus, meu Nabuco, continue a lembrar-se de mim, assim como eu continuo a lembra-me de Você, e deixe-me apreciar o seu talento, se não posso também gozar do seu trato pessoal<sup>857</sup>.*

*Escreva-me logo que receba esta, vencendo o torpor, e veja se a saudade de um amigo lhe dá ânimo. Adeus, peço-lhe que dê recomendações minhas a sua boa Mãe e boa consorte, e receba o meu abraço de velho, de amigo e de solitário<sup>858</sup>.*

*Peço-lhe que apresente os meus cumprimentos à ditosa e digna Embaixatriz, e continue a amizade de que há dado tantas e tocantes provas ao Velho amigo Machado de Assis<sup>859</sup>.*

<sup>850</sup> *Alma Primitiva* foi o primeiro livro de Azeredo, uma coletânea de contos, publicado em 1895.

<sup>851</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 09 de dezembro de 1895. In: ACT III-11 p. 128.

<sup>852</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 08 de maio de 1908. In: M&N-03 p. 152.

<sup>853</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em agosto de 1908. In: OC-94 [188].

<sup>854</sup> Carta de Machado a Visconde de Taunay, escrita em 07 de outubro de 1886. In: OC-94 [31].

<sup>855</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 1º de setembro de 1908. In: OC-94 [196].

<sup>856</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 02 de abril de 1895. In: ACT III-11 p. 72.

<sup>857</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 14 de abril de 1883. In: ACT III-09 p. 250.

<sup>858</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 07 de março de 1907. In: AEO-09 p. 37.

Bastante oportuno nos parece citar, neste momento, excertos de duas cartas enviadas a Magalhães de Azeredo. Nelas, além de desculpar-se pelo atraso na resposta das últimas cartas recebidas, Machado pede, de maneira bastante singular, que o jovem escritor não “se vingue” dele atrasando também sua correspondência, e que, pelo contrário, o resposta o quão breve seja possível:

*Meu querido amigo: Queixa-se bem de mim; a amizade dar-lhe-á razão, mas a equidade perdoará esta demora. Não é preciso encarecer os motivos que houver de dar do meu longo silêncio; basta dizer-lhos. [...] Daí a longa demora desta resposta, à última carta sua. Não vá agora pagar-me na mesma moeda. Sabe o gosto que me dão as suas letras, tão amigas, tão sisudas, tão cheias de arte e mocidade. [...] Viva e trabalhe, meu bom amigo, e não se esqueça de mim. Adeus, vou terminar dizendo-lhe outra vez que não se vingue de mim, e escreva-me sempre; lembre-se que é moço, e a palavra dos moços, é o melhor licor dos idosos<sup>860</sup>. (grifos nossos)*

*Meu querido amigo, Há de ir-me achando um pouco mais demorado nas minhas cartas – e não lhe dou a explicação da demora, para não repetir o que estará cansado de ler. O trabalho cresce-me à medida que o tempo diminui. Releia as minhas cartas e verá o que lhe tenho dito a tal respeito. Vamos depressa a esta antes que me levem os minutos. A sua última carta foi rápida, como esta minha, posto que não haja espaço em que, por mais breve que seja, não ponha muito do seu afeto. Entretanto, sem ter direito de queixa, vi que depois dela nenhuma veio mais. Creio que não é esquecimento, e oxalá não seja moléstia. Se é despique tem toda a razão! [...] Adeus, meu caro amigo; escreva-me. Não se vingue dos meus silêncios. Para isso é que é moço e forte [...]”<sup>861</sup>. (grifo nosso)*

Vangloriando-se de suas amizades, Machado fazia questão de evidenciá-las em suas missivas, para que seu correspondente não tivesse qualquer sombra de dúvida acerca da importância que tinha na vida do autor. Pequenas demonstrações de Eris uma das poucas circunstâncias em que notamos a presença do *ethos* vaidoso machadiano:

*Não lhe peço que se lembre de mim, porque sei, com ufania e gosto, que nunca me esqueceu e sempre quis ao seu Velho admirador e grato amigo Machado de Assis<sup>862</sup>.*

*Ainda bem que me não faltam amigos distantes, que sintam comigo o bem e o mal<sup>863</sup>.*

*Assim, quando dei com a notícia da folha 5.<sup>a</sup> página 4, tive uma impressão súbita, não só de espanto, visto não contar com ela, mas também e principalmente de gosto. Vai casar, tanto importa dizer que vai ser feliz, porque o seu coração haverá escolhido com acerto. [...] A notícia fica em segredo, e tanto melhor se me deu a primazia, para que eu seja o primeiro que lhe envie daqui o meu abraço de parabéns<sup>864</sup>.*

<sup>859</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 11 de janeiro de 1905. In: OC-94 [140].

<sup>860</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 25 de dezembro de 1898. In: ACT III-11 p. 339.

<sup>861</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 19 de março ≅ de 1900. In: ACT III-11 p. 459.

<sup>862</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 07 de fevereiro de 1907. In: M&N-03 p. 141.

<sup>863</sup> Carta de Machado a Belmiro Braga, escrita em 05 de novembro de 1899. In: ACT III-11 p. 432.

<sup>864</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 12 de janeiro de 1896. In: ACT III-11 p. 140.

**o) as figuras de linguagem, as metáforas, as pontes semânticas e as demais preciosidades linguísticas presentes no discurso epistolar machadiano:**

Machado de Assis ficou conhecido como o maior nome da Literatura Brasileira e não foi pela quantidade de romances ou contos que publicou. Sua linguagem literária, tanto original quanto autêntica, fizeram com que o menino de origem humilde se tornasse uma referência para a sua e as futuras gerações. Mas o que dizer de sua linguagem epistolar? Haveria no missivista traços do inigualável autor que fora Machado de Assis?

Encontramos em sua epistolografia inúmeras passagens que nos comprovam que sim. Contrariando a suposta “vulgaridade semântica” de sua correspondência, nos deparamos com uma série de preciosidades linguísticas que reafirmam a riqueza dos seus escritos, ainda que camufladas por sua habitual discrição para com os assuntos pessoais:

*Eu aqui indo, como posso, emendando o nosso Camões, naquela estrofe: “Há pouco que passar até outono... / Vão os anos descendo, e já de estio”. Ponho outono onde é estio, e inverno onde é outono, e isto mesmo é vaidade, porque o inverno já cá está de todo*<sup>865</sup>.

*O gênio é águia, dizem os poetas. E das águias escreve Buffon que vivem assaz afastadas umas das outras, para que, no espaço que lhes fica, achem sempre amplo alimento. O alimento do gênio é a glória*<sup>866</sup>.

*Sobre a minha verte vieillesse, não sei se ainda é verde, mas velhice é, a dos anos e a do enfado, cansaço ou o que quer que seja que não é já mocidade primeira nem segunda. Vamos indo. Adeus, meu caro amigo; um ano mais não é a pétala de rosa dos apedidos dos jornais; para nós é uma pedra nova ao edifício da amizade e da estima. Não digo isto alto para não vermos as pétalas dos jornais substituídas por pedras*<sup>867</sup>.

*Ha minutos desses que não se podem tirar do relógio da alma; o mais que se alcança é dar outro aspecto ao mostrador. O ponteiro marca a alegria, em quanto a mola interior vai na direção do pesar. Passou; não suprimo o trecho, para lhe deixar esta prova de confiança*<sup>868</sup>.

*Recebi o livro que me mandou. Já li o capítulo relativo a François Coppée, que é de chegar. Veja o que é conservar uma impressão antiga. Esta exclamação: Génèreux et cher vieillard! Causou-me espanto, por ter ainda na cabeça o rapaz de outro tempo e o retrato que então acompanhava as suas edições. Corri a um espelho e reconheci que o tempo também correu para mim*<sup>869</sup>.

*O tempo não corre em vão para os que desde o berço foram condenados ao duelo infausto entre a aspiração e a realidade. Cada ano foi uma lufada que desprende da árvore da mocidade, não só uma alma querida, como uma ilusão consoladora*<sup>870</sup>.

*Meu querido Lúcio. Logo que recebi a sua carta, fui-me ao Laemmert, onde achei à minha espera o exemplar das Horas do Bom Tempo. Já o título trazia a frescura necessária aos meus*

<sup>865</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 22 de fevereiro de 1906. In: OC-94 [148].

<sup>866</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 20 de julho de 1871. In: ACT II-09 p. 30.

<sup>867</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 05 de janeiro de 1900. In: ACT III-11 p. 446.

<sup>868</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 26 de maio de 1895. In: ACT-III p. 81.

<sup>869</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 11 de fevereiro de 1904. In: OC-94 [124].

<sup>870</sup> Carta de Machado a Caetano Filgueiras, escrita em 1º de setembro de 1864. In: ACT I-08 p. 67.

*invernos. [...] É doce achar na conta da vida passada algumas horas tais que não esquecem, que revivem e fazem reviver os outros. Não há senão um relógio para elas, mas é preciso ser bom relojoeiro para saber dar corda e fazê-las bater de novo como você fez<sup>871</sup>.*

*Não esquecerá a nossa água da Carioca, mas acostumar-se-á a ver que há outras águas, e que é força beber a que temos, porque a sede acompanha o homem. Os cativos de Israel penduravam as cítaras nos salgueiros dos rios de Babilônia, mas bebiam a água, por não haver outra. Faça melhor que eles; não pendure o instrumento da poesia, e cante-nos, ainda que longe de Sião, o que a sua alma de moço lhe inspirar<sup>872</sup>.*

Além das metáforas e ironias, outra figura de linguagem bastante presente nas cartas de Machado era o eufemismo, através do qual o autor tentava minimizar a gravidade das situações e fatos abordados em suas correspondências:

*Vou escrever ao nosso querido Aranha. Na carta em que ele me anunciou o livro, lembra-me aquela “nossa trindade indissolúvel...” O vento dispersou-nos<sup>873</sup>.*

Como vimos, em nossa análise, a epistolografia de Machado de Assis é bastante variada quanto à abordagem de assuntos que naturalmente fizeram parte da vida autor, documentando, assim, parte de sua autobiografia. Além deste aspecto, suas cartas também compõem um riquíssimo mosaico de informações que nos auxiliam a compreender as principais obras e autores que influenciaram sua carreira, bem como a presença segura e constante de alguns dos mais importantes valores e crenças que acompanharam Machado ao longo de sua vida. Tais observações apenas comprovam a importância de estudos mais apurados acerca da epistolografia do autor, a fim de traçar panoramas mais amplos sobre sua personalidade e sua singular produção literária.

---

<sup>871</sup> Carta de Machado a Lúcio de Mendonça, escrita em 02 de abril de 1901. In: OC-94 [98].

<sup>872</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 10 de maio de 1898. In: ACT III-11 p. 308.

<sup>873</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 21 de abril de 1902. In: OC-94 [106].

## 5.2. O ESTILO CONFSSIONAL E AUTOBIOGRÁFICO DA CORRESPONDÊNCIA MACHADIANA

*A parte relativa ao que se achou de humorismo e pessimismo nos últimos livros é tratada com fina crítica, e acerta comigo, cuja natureza teve sempre um fundo antes melancólico que alegre. A própria timidez, ou o que quer que seja, me terá feito limitar ou dissimular a expressão verdadeira do meu sentir, sem contar que a experiência é vento mais propício a estas flores amarelas...*<sup>874</sup>  
(MACHADO DE ASSIS)

Uma das características mais marcantes do género epistolar é a possibilidade de abertura de um sujeito em relação a outro. Esse “mostrar-se” ao seu correspondente representa uma pré-disposição ao olhar do outro, ao seu conseqüente julgamento e à prática de expressão de si mesmo. De maneira geral, as cartas de Machado exibem uma tímida tentativa de abertura do autor em relação aos seus correspondentes, salvo alguns raros casos em que são observados momentos de maior flexibilidade na demonstração de sua intimidade. Em um estudo que tem por objetivo a análise da confissão e do teor autobiográfico em sua epistolografia, torna-se imprescindível lançar sobre estes textos um olhar mais cuidadoso, mais sujeito à compreensão das lacunas e dos silêncios. Entendemos que reticências e elipses também falam...

Um dado verificado com bastante frequência na correspondência machadiana é a presença da comunicação meramente fática, em detrimento das revelações íntimas que normalmente são encontradas com certa facilidade em textos epistolares. Apesar desse aspecto, sob uma atenta leitura das missivas, é possível reconhecer também traços de um autor que se coloca disposto e preparado à uma ampla interlocução. Machado, nestes textos, transborda o papel de si mesmo, entrega-se, fala em tom confessional e radiografa-se, insistentemente, em suas dores físicas e emocionais. Em nossa interpretação, vemos esse fato como uma tentativa do autor em demonstrar que pertencia àquela comunidade, àquele grupo, sem necessariamente, conviver com ele. Tal conclusão só foi possível alcançar quando passamos a observar a real dimensão afetiva com a qual Machado se relacionava com alguns de seus mais fiéis correspondentes.

Sob esta perspectiva, é possível perceber que a amizade entre Machado e seus correspondentes inicia-se, em sua maioria, de maneira tímida e reservada e, com o tempo e a confiança, evolui para a intimidade. O grau de formalismo até então presente nas missivas, vai sendo vagarosamente diluído, ao passo que os laços de amizade vão se

<sup>874</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 10 de maio de 1898. In: ACT III-11 p. 308.

estreitando com a sucessiva troca de correspondências. Especificamente no caso de Machado, estes laços podem ser constatados pelas confidências que faz acerca de assuntos pessoais, incluindo neste rol as dificuldades financeiras, os constantes problemas de saúde, as incertezas sobre seu futuro enquanto escritor e a dor da solidão.

De fato, as diversas instâncias de dificuldade que se apresentaram ao longo da vida de Machado de Assis fizeram com que a carta representasse, para ele, uma ferramenta comunicativa de extrema importância. Desde muito cedo, mediante todas as limitações que atravessou, o texto epistolar parecia uma saída às constantes ausências do autor, suprindo parte das lacunas físicas e temporais que se inscreveram entre ele e seus correspondentes. As missivas, a propósito, tiveram também um papel crucial na vida profissional do autor, que sempre estabeleceu importantes e duradouras relações com alguns dos maiores nomes da imprensa e da literatura de sua época.

O ainda jovem Machado surpreende com a firmeza de suas convicções sociais e políticas e com a franqueza com que fala de si mesmo, demonstrando desde cedo sua personalidade e sua ideologia. A carta que trouxemos a título de investigação, publicada em 1862, discute problemas muito comuns à época, como o excesso na jornada de trabalho, a ilusão acerca dos “ganhos” com o pagamento de horas extras, as péssimas condições de trabalho e o mau uso das verbas públicas — temas, aliás, bastante atuais ainda hoje em nossa sociedade. Machado argumenta com precisão e firmeza, e justifica-se, deixando clara sua posição, seu *ethos* questionador e crítico:

*Praz-me acreditar que, nos longos anos da nossa íntima e nunca estremecida amizade, tenho-te dado sobejas provas de que não costumo subordinar as minhas opiniões ao interesse ou conveniências, e que, errôneas ou verdadeiras, são-me elas sempre ditadas pela consciência. Sabes que não pertenço ao número desses otimistas que têm sempre nos lábios um elogio e nos bicos da pena uma justificação para todo e qualquer ato do poder, somente porque é do poder. [...] Nesta contenda ficaremos colocados em campos opostos, tomaremos mesmo caminhos diversos, mas como ambos temos o mesmo fim, como ambos visamos ao mesmo norte — a elucidação da verdade, — espero que nos encontremos, e então, como agora, nos poderemos apertar as mãos, porque nem tu nem eu teremos de corar<sup>875</sup>.*

Na mesma carta, Machado mostra-se bastante crítico em relação ao excesso de trabalho dos operários, assumindo sua postura em relação aos problemas sociais da época — o que afasta a hipótese comumente defendida por alguns críticos, sobre o suposto

---

<sup>875</sup> Carta aberta publicada na seção “Correspondências” do jornal *Diário do Rio de Janeiro*, ao Redator de Ecos Marítimos, em 08 de fevereiro de 1862. In: ACT I-08 p. 2-3.

absenteísmo político do autor. O autor demonstra, desde muito cedo, a coragem necessária para a expressão de seu *ethos* reivindicativo e contestatário:

*O trabalho ordinário começa nos nossos arsenais ao nascer do sol e termina às 4 horas da tarde, apenas com interrupção de 1/2 hora concedida para o almoço; o extraordinário em sesta prolonga-se até o anoitecer. Assim o sistema que preconizas exige do operário um esforço continuado de 13 horas! E acreditas que um homem possa, no nosso clima, e durante a estação calmosa, trabalhar com a mesma atividade e perfeição por tão dilatado espaço de tempo, exposto aos raios do sol, que os gigantescos refletores de granito formados pelas paredes do dique tornam ainda mais abrasador? O bom senso dir-te-á que não<sup>876</sup>.*

Machado também se expressa, em raros momentos, acerca de sua relação com a Igreja e de suas lembranças de infância. A afinidade com os assuntos religiosos parece ser o que o autoriza, segundo sua consciência, a criticar certos desmandos relacionados às práticas realizadas por ocasião das procissões da Quaresma. É possível perceber nitidamente nesta situação, o posicionamento de um *ethos* revoltado e indignado:

*No meio das práticas religiosas, a que as altas funções de prelado chamam hoje vossa excelência consinta que se possa ouvir o rogo, a queixa, a indignação, se não é duro o termo, de um cristão que é dos primeiros a admirar as raras e elevadas virtudes, que exornam a pessoa de vossa excelência. [...] Estou afeito desde a infância a ouvir louvar as virtudes e os profundos conhecimentos de vossa excelência. [...] creio nelas hoje como dantes [...]. Não podem as almas verdadeiramente cristãs olhar para essas práticas sem tristeza e dor. As consequências de tais usanças são de primeira intuição. Aos espíritos menos cultos, a ideia religiosa, despida do que tem mais elevado e místico, apresenta-se com fórmulas mais materiais e mundanas. Aos que, menos rústicos, não tiveram, entretanto, bastante filosofia cristã para opor a esses espetáculos, a esses entibia-se a fé, e o ceticismo invade o coração. E vossa excelência não poderá contestar que a nossa sociedade está afetada do flagelo da indiferença. Há indiferença em todas as classes, e a indiferença, melhor do que eu, sabe vossa excelência, é o veneno sutil, que corrói fibra por fibra um corpo social. [...] Neste hábito de tornar os ofícios divinos em provas de ostentação, as confrarias e irmandades, destinadas à celebração dos respectivos oragos, levam o fervor até uma luta, vergonhosa e indigna, de influências pecuniárias; [...] a ostentação dos recursos e do gosto, e um resultado que não era para a religião, mas sim para as paixões e interesses terrestres<sup>877</sup>.*

Sem qualquer receio ou reserva, o ainda jovem escritor expõe seu *ethos* crítico e destemido, revelando até mesmo um posicionamento anticlerical em função dos rumos que a Igreja tomava. Segundo ele, a maneira como o clero se comportava contribuía para a perpetuação de alguns equívocos cometidos pelos fiéis. Neste sentido, Machado chamava para si, pela primeira vez, a responsabilidade de colocar-se como porta-voz dos sentimentos dos demais membros de sua comunidade:

<sup>876</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>877</sup> Carta ao Bispo do Rio de Janeiro em 18 de abril de 1862. Fundação Biblioteca Nacional. *Jornal do Povo* – ano I, nº 3, 18/04/1862. Setor de Obras Raras. Microfilme da carta original. In: ACT I-08 p. 8-9.

*Para esta situação deplorável, Excelentíssimo Senhor, contribui imensamente o nosso clero. Sei que toco em chaga tremenda, mas vossa excelência reconhecerá sem dúvida que, mesmo errando, devo ser absolvido, atenta a pureza das intenções que levo no meu enunciado. O nosso clero está longe de ser aquilo que pede a religião do cristianismo. Reservadas as exceções, o nosso sacerdote nada tem do caráter piedoso e nobre que convém aos ministros do crucificado. E, a meu ver, não há religião que melhor possa contar bons e dignos levitas. Aqueles discípulos do filho de Deus, por promessa dele tornados pescadores de homens, deviam dar lugar a imitações severas e dignas; mas não é assim, excelentíssimo senhor, não há aqui sacerdócio, há ofício rendoso, como tal considerado pelos que o exercem, e os que o exercem são o vício e a ignorância, feitas as pouquíssimas e honrosas exceções. Não serei exagerado se disser que o altar tornou-se balcão e o evangelho tabuleta. Em que pese a esses duplamente pecadores, é preciso que vossa excelência ouça estas verdades. As queixas são constantes e clamorosas contra o clero; eu não faço mais que reuni-las e enunciá-las por escrito<sup>878</sup>.*

O mesmo tom anticlerical Machado utiliza em outra carta, publicada em jornal. Nela, o autor faz uma interessante descrição de si, ao passo que critica firmemente a igreja:

*Se a velhice quer dizer cabelos brancos, se a mocidade quer dizer ilusões frescas, não sou nem moço nem velho. Realizo literalmente a expressão francesa: Um homme entre deux âges... Não sou votante nem eleitor, o que me priva da visita de algumas pessoas de consideração em certos dias, gozando aliás da estima deles no resto do ano, o que me é sobremaneira agradável. Ao mesmo tempo, poupo-me das lutas da igreja e às corrupções da sacristia<sup>879</sup>.*

Mais adiante, falaremos acerca do projeto epistolográfico pessoal do autor, que nos parece bastante nítido neste fragmento. De acordo com Massa (2008: 446), Machado:

Manifestou certo ressentimento em relação aos caprichos da opinião pública, das agressões da política, das falsas glórias que empolgam os homens. [...] A epístola endereçada à opinião pública tinha, entre outras finalidades, a de despertar uma moralidade pública sonolenta. [...] Machado de Assis enveredava num caminho ainda desconhecido para ele, onde a ironia mais lúcida se avizinhava de um moralismo dos mais limitados.

Este exemplo também confirma que as confidências acerca da personalidade e do pensamento de Machado não estavam restritas apenas aos assuntos de ordem social. No excerto abaixo, podemos observar uma rara expressão dos sentimentos e das fraquezas do autor, que encontrava-se mergulhado em uma “tristeza enorme”. A exposição de seu *ethos* depressivo, que aparece nitidamente na carta enviada ao amigo Magalhães de Azeredo, reflete o perfil de um homem amargurado, doente e cansado, em função da doença e das muitas atribuições que arduamente cumpria, enquanto escritor, funcionário público e jornalista de diversos meios de comunicação. Além do desabafo, o autor faz também uma

<sup>878</sup> Idem. ASSIS, 2008 p. 10.

<sup>879</sup> Cartas Fluminenses. *Diário*, 04 de março de 1867. In: MASSA, 2008 p. 445.

rara confissão sobre sua tentativa de esconder seu estado psicológico dos amigos, dos quais pretendia ocultar sua “*miséria humana*”:

*Não queria lamentar-me, seria amargo, seria talvez injusto, por que me sinto de uma tristeza enorme, obscura; se me perguntasse a causa, não lh'a saberia dizer ao certo. Eu a atribuo ao cansaço do organismo, à debilidade irritadiça dos nervos, que assim andam, mais ou menos, desde a influenza que tive no ano passado; tudo isso produz uma exacerbação da minha sensibilidade já naturalmente tão grande, tão caprichosa, tão estranha, e daí essa melancolia de que tenho quase remorso. O que procuro esconder dos meus, tão caros e tão bons para mim; mas nem sempre o consigo, porque sou fraco e inábil na dissimulação. E eis aí como pessoas felizes estragam a própria vida! Mas não é culpa minha, é culpa da natureza que assim me fez. De algum modo se há de pagar o tributo indispensável à miséria humana<sup>880</sup>.*

De fato, a correspondência de Machado revela muito acerca da personalidade e da intimidade que o autor tentara “*esconder dos seus*”. O estilo confessional, presente em sua escrita epistolar, pode ser reconhecido mediante uma leitura mais atenta e detalhada, uma vez que o eu-missivista não falava de si de maneira direta, mas através do outro. A discreta postura do autor acerca de si mesmo, entretanto, revela-se até mesmo nos momentos em que Machado dirige-se a seu interlocutor para demonstrar apoio, para aconselhar, para expressar sua afeição e cuidado. Tais atitudes traduzem, na realidade, um vínculo afetivo que nascia da profícua troca epistolar que unia os missivistas, não somente em relação aos objetivos literários que possivelmente compartilhavam, mas também às dores e incertezas advindas do amadurecimento pessoal e profissional dos literatos. Sob esta perspectiva, Machado, ao falar ao outro, falava de si. Ao encorajar o outro, encorajava a si mesmo. Ao indicar o “*refúgio às musas*” como saída aos humanos que cometem calúnias e dessabores, o autor também confidências suas próprias desventuras e sua maneira de refugiar-se:

*Bem hajjas tu, ó poeta, que tiveste coragem de ir buscar refúgio para a musa. Não digo que onde quer que vais (sic) não encontres os mesmos homens, mas ao menos terás mais tempo de conversar com os cedros e os ribeiros, – dos quais ainda nenhum te caluniou, nem te mentiu, nem te enjoou. Mas, repara bem, se te invejo o isolamento a que te condenaste, não aplaudo o silêncio da tua musa, da tua musa louca e pensativa, de quem eu andei tão namorado outrora. É que, se podes tomar uma resolução de Alceste, é só com a condição de não deixares no caminho a inspiração, como se fora bagagem inútil. Graças a Deus, é ela a maior consolação e a maior glória das almas destinadas a serem os intérpretes da natureza e do Criador<sup>881</sup>.*

Não é surpresa, para qualquer leitor de Machado, a maneira como o autor se apropria de uma versátil ironia e de uma apurada visão crítica para, por meio de seus textos, desconstruir valores, questionar os padrões socioculturais e desmascarar velhos

<sup>880</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo escrita em 20 de julho de 1901. In: ROAC-08 p. 60.

<sup>881</sup> Carta de Machado a Teixeira de Melo, escrita em 22 de novembro de 1864. In: ACT I-08 p. 76.

mitos relacionados ao comportamento da sociedade carioca no final do século XIX. Esta fora, inclusive, a mesma sociedade oitocentista revestida de preconceito sem que o autor conquistou livre e permanente trânsito, superando todas as perspectivas e todos os obstáculos. Demonstrando plena consciência de seu papel enquanto escritor respeitado e admirado por seus pares, além de representante máximo da Academia Brasileira de Letras, uma instituição que, naquele momento, ainda precisava se autoafirmar para alcançar e conservar seu prestígio, Machado desenvolveu a técnica da autorrepresentação, da criação da(s) imagem(s) de si para os outros e pelos outros.

Esta representação, por mais que o autor tenha tentado dissimular de acordo com as necessidades pessoais e/ou convenções sociais, apresenta-se de modo evidente em sua correspondência, na qual seu *ethos* confidencial, por diversas vezes, o trai:

*Desculpe-me de falar tanto na idade, e alguma vez na morte. Cuido que há de ser assim, com todos, ou então é do temperamento melancólico, apenas encoberto por um riso já cansado*<sup>882</sup>.

É justamente por meio de suas cartas, permeadas deste sutil confessionalismo, que o grande e respeitado escritor, presidente da ABL, torna-se mais humano. O apelo à ironia, presente em toda sua obra literária, assim como ao incansável sarcasmo crítico, parecem desaparecer no momento em que o sujeito Machado permite-se radiografar em suas missivas. É o que sentencia seu amigo de longa data, Joaquim Nabuco:

*Mas que vivacidade, que ligeireza, que doçura, que benevolência a do seu espírito, eu ia dizendo que beatitude! Você pode cultivar a vesícula do fel para a sua filosofia social, em seus romances, mas as suas cartas o traem. Você não é apenas um homem feliz, vive na beatitude [...]. Agora não vá dizer que o ofendi e o acusei de hipocrisia, chamando-o de feliz*<sup>883</sup>.

As tentativas de esfumaçamento do eu-missivista pareciam desaparecer em algumas cartas. Nelas, o autor, cansado da autorrepresentação, extravasava sua intimidade, suas dores físicas e emocionais, suas decepções e amarguras. É o que observamos em carta endereçada a Joaquim Nabuco, na qual Machado sentencia ao amigo: “*acabei*”:

*Meu querido Nabuco. Lá vai o meu Memorial de Aires. Você me dirá o que lhe parece. Insisto em dizer que é o meu último livro; além de fraco e enfermo, vou adiantado em anos, entrei na casa dos setenta, meu querido amigo. Há dois meses estou repousando dos trabalhos da Secretaria, com licença do Ministro, e não sei quando voltarei a eles. Junte a isto a solidão em que vivo. Depois que minha mulher faleceu soube por algumas amigas dela de uma confidência que ela lhes fazia; dizia-lhes que preferia ver-me morrer primeiro por saber a*

<sup>882</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 5 de novembro de 1900. In: CMA-69 p. 207.

<sup>883</sup> Carta de Joaquim Nabuco a Machado, escrita em 08 de outubro de 1904. In: M&N-03 p. 122.

*falta que me faria. A realidade foi talvez maior que ela cuidava; a falta é enorme. Tudo isso me abafa e entristece. Acabei. Uma vez que o livro não desagradou, basta como ponto final*<sup>884</sup>.

Em vários momentos após a morte de sua companheira Carolina, é possível perceber que Machado rendia-se, cada vez mais à depressão e ao pessimismo. Ele não queria mais viver. Preferiu entregar-se. A escrita epistolar surgia como uma saída ao sofrimento e à solidão. Para Santos (1999: 20):

A carga de dor provocada pela cena afetiva impõe recusa à vida. A defesa e seus mecanismos são de natureza reativa: para não sofrer-se de fato do corpo – este é o modo que a memória escolhe para descarregar<sup>885</sup>.

É justamente imbuído desta necessidade de ser, também na correspondência, quem de fato era – um homem triste, solitário e doente – que Machado, pouco a pouco, permitiu-se revelar em sua escrita epistolar, confessando de si, indiferente às antigas discrições:

*Já não posso dizer a mesma coisa de mim. Cansado de longos trabalhos, não robusto, vejo irem-se os anos, mais depressa do que vieram, e não sei se, em breve, terei de parar, à espera que passe o trem derradeiro, que me levará ao meu logar eterno. Revertere ad locum tuum. Veja que bom consolador lhe saio hoje! Acabo falando em cousas tristes*<sup>886</sup>.

*O pessimismo, ou o que assim se chama, não é forçosamente uma conclusão de enfermos. Eu agora é que não sei se darei mais letras. Não me sobram anos nem forças para projetos futuros*<sup>887</sup>.

---

<sup>884</sup> Carta de Machado a Joaquim Nabuco, escrita em 1º de agosto de 1908. In: AOC-86 p. 1092.

<sup>885</sup> SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Modos de saber, modos de adoecer*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 20.

<sup>886</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 26 de maio de 1895. In: ACT-III p. 81.

<sup>887</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 25 de dezembro de 1898. In: ACT-III p. 339.

### 5.3. O PROJETO EPISTOLOGRÁFICO PESSOAL DE MACHADO DE ASSIS

*Espero que, uma vez entrado nos seus cinquenta anos, não se haverá esquecido de mim e de algumas palavras que me ouviu outr'ora. Aos rapazes que então começarem, se os achar com as suas qualidades, diga-lhes o que lhe disse, e espere como eu espero que a semente caia em boa terra<sup>888</sup>.  
(MACHADO DE ASSIS)*

A correspondência de Machado de Assis, analisada em sua totalidade, pode revelar os contornos de um projeto epistolográfico pessoal que, de acordo com nossa avaliação, nasceu e desenvolveu-se no âmbito das relações interpessoais, desejadas e necessárias ao autor, construídas e mantidas sob o viés da polidez, da discrição e da afeição.

Supomos pessoal o projeto machadiano e não uma mera formalidade social. Apresentamos, como um dos inúmeros argumentos para esta afirmação que ora fazemos, o fragmento de uma carta na qual Machado pede ao destinatário — um diretor do *Jornal da Tarde*, que não confunda a expressão de um “sentimento verdadeiro” com uma simples “fórmula de ocasião”, em virtude de seu desabafo sobre sua saída do jornal:

*Era resolução minha, de acordo com o recado que de V. Ex.<sup>a</sup> recebi, por intermédio de nosso comum amigo o Dr. França, esperar a chegada do Sr. Oliveira para nos entendermos todos três a respeito do trabalho que faço para o Jornal da Tarde como tradutor do folhetim. Nisto atendia eu à consideração devida para com os dignos proprietários do Jornal da Tarde. Sobreveio porém uma circunstância que me obriga a modificar aquela resolução, e a dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que não posso continuar a traduzir o folhetim como até agora fazia. Não querendo pôr embaraços ao Jornal da tarde, continuarei a tradução até sábado 18. Não me demorarei em dizer a V. Ex.<sup>a</sup>, com que pesar sou obrigado a interromper este trabalho que eu fazia com maior vontade que aptidão; temo que se possa confundir um sentimento verdadeiro com uma fórmula de ocasião. Qualquer que seja porém este meu pesar, não pode influir nas circunstâncias que me determinam [...]<sup>889</sup>.*

Pelo excerto acima, é possível perceber que mesmo que a correspondência tivesse um propósito específico, Machado fazia questão de demonstrar que a voz do eu-missivista era sincera, muito embora os sentimentos que ora expressava pudessem parecer mera formalidade do gênero. De fato, desde o início de sua produção epistolográfica, a expressão de emoções e pensamentos sempre esteve presente nas missivas machadianas. O autor fazia questão de estabelecer com seus correspondentes (e possíveis futuros leitores das cartas) um diálogo que fosse autêntico e condizente com seus valores e, ao mesmo tempo, que refletisse uma postura compatível com as convenções socioculturais da época.

<sup>888</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo. In: CMA-69 p. 59.

<sup>889</sup> Carta de Machado de Assis, escrita em 14 de junho de 1870. In: OC-94 [11].

Esta é uma possibilidade que aventamos mediante a “falta de originalidade” presente em muitas missivas de um autor que foi, a propósito, originalíssimo em seu tempo. O paradoxo da sentença reflete a incoerência de uma leitura descontextualizada e fria da correspondência machadiana. Seu (anti)posicionamento acerca de alguns assuntos polêmicos e o suposto absenteísmo frente a questões importantes tanto na esfera social quanto na política, revelam uma preocupação pessoal com determinados temas, além da necessidade de conservação de sua imagem, originou e fortaleceu as bases de sua famosa discricção. No entanto, não podemos aceitar que este seja um retrato verossímil do autor, mas apenas uma de suas facetas, já que o estudo pormenorizado de sua produção epistolar nos comprova exatamente o contrário.

A necessidade de ser aceito em uma sociedade preconceituosa e excludente, bem como a maneira como Machado foi, gradualmente, adaptando-se àquele meio, torna um pouco mais compreensível a percepção do cuidado laborioso do autor com suas correspondências. Era preciso assegurar que a escrita epistolar tivesse um trato mais apurado, para efetivamente transmitir a mensagem desejada sem que isso viesse a causar quaisquer prejuízos ou mal-entendidos. Estas considerações apenas reforçaram nossa preocupação inicial, de analisar as cartas machadianas não apenas pelo viés autobiográfico ou informativo, como normalmente ocorre, mas sob diversificados prismas estruturais, contextuais e interpretativos. Foi justamente sob estas circunstâncias que desenvolvemos a teoria acerca do projeto epistolográfico pessoal de Machado de Assis.

Comunicação, revelação, confidências, expressão de sentimentos... É o que a princípio acreditamos encontrar em um texto epistolar. É o que também buscávamos durante nossa análise. A Machado, entretanto, parecia interessar mais o pretexto (o contato) que o conteúdo. O exercício da escrita epistolar passou a exercer, na vida do autor, uma função ainda mais importante que o simples ato de comunicar algo por meio das cartas; a finalidade primordial das missivas machadianas situava-se não somente no âmbito da prática social, mas também do exercício de si com o outro e para o outro. Importava ao autor o olhar para seu correspondente, o desenvolvimento e a manutenção das relações que estabelecia com seus interlocutores e, principalmente, a continuidade do trabalho literário das novas gerações. Era urgente incentivar a intensa caminhada rumo à cristalização de uma Literatura Brasileira competente e autêntica.

Nesta concepção, as cartas representam, inevitavelmente, um projeto pessoal do autor, pautado no aspecto altruístico, em detrimento da dimensão autobiográfica de sua epistolografia. Por meio dela, Machado tornava possível um amplo diálogo consigo próprio e com seus destinatários, inaugurando meios para manifestar-se em função de propósitos específicos. É desta forma que o missivista fala de si e materializa-se em seu discurso epistolar. Mais importante que a parcela de veracidade inscrita nestas correspondências (e que é constantemente buscada por biógrafos e historiadores), a epistolografia machadiana revela também aquilo que o sujeito pensa de si mesmo, a maneira como ele se coloca enquanto defensor máximo da nova geração de escritores e a imagem que ele projeta de si para estes, pela demonstração de suas atitudes, de seus princípios e anseios e, sobretudo, pela projeção de sua *práxis* literária refletida no próprio discurso epistolar, que o permite personificar-se por meio de suas cartas e, assim, tornar-se referência. É justamente nesta concepção que afirma Montello (1961: 101):

O ideário estético do grande escritor, pelo menos em um ou outro ponto de excepcional relevo, sobressai daquelas páginas íntimas, redigidas ao correr da pena pelo puro prazer afetivo da conversação postal. Não será exagero afirmar que, nessa correspondência epistolar de Machado de Assis, se encontram, ainda inéditas e desconhecidas, as mais interessantes revelações do romancista sobre a sua própria natureza esquiva e reservada<sup>890</sup>.

A imagem construída de si próprio, o discreto tom autobiográfico cautelosamente planejado de forma a manifestar-se para o outro... É por meio de sua escrita epistolar que o autor colocava-se em permanente contato com os amigos e literatos, mesmo estando fisicamente distante deles. É também por meio das cartas que a intensa amizade com outros escritores foi se solidificando, ajudando assim a perpetuar seu nome naquele seletivo meio sociocultural carioca. A troca epistolar foi, portanto, a maneira que o autor encontrou para posicionar-se em definitivo em uma sociedade que mais excluía que incorporava os novos autores. Neste sentido, ler a correspondência machadiana significa também entender o conjunto de práticas retórico-discursivas que compõem o panorama que o autor projetou de si mesmo e que ajudaram-no a inscrever-se no contexto literário oitocentista. A polifonia textual impressa em cada uma de suas missivas foi, pouco a pouco, definindo sua participação e importância para a nova geração de literatos que nascia em um país que se redescobria e se recriava, política, social, econômica e, sobretudo, culturalmente:

---

<sup>890</sup> MONTELLO, Josué. *O presidente Machado de Assis*. São Paulo: Livraria Martins, 1961.

*Você acostumou-nos às suas qualidades finas e superiores, mas quando a gente é objeto delas melhor as sente e cordialmente agradece. Ao mesmo tempo sente-se obrigada a fazer alguma coisa mais, se os anos e os trabalhos não se opuserem à obrigação<sup>891</sup>.*

Concordamos com Ribas (2008: 51) ao afirmar que Machado preocupava-se em incentivar a nova geração de escritores a produzir, a estudar e a lidar com as dificuldades que naturalmente seriam encontradas ao longo do árduo caminho que escolheram seguir. O autor chamou para si a tarefa de ser o grande fomentador da nova Literatura brasileira:

A escrita da correspondência em Machado apresenta, em sua maioria, um projeto literário de cunho pedagógico – o de conduzir os jovens destinatários em direção às Musas, poesia e filhas da memória –; ao estimulá-los, ao ser generoso no compartilhar experiências, ia constituindo e repassando a arte do ofício e a de viver e transitar bem na elite intelectual. Cuidando do outro, cuidava de si<sup>892</sup>.

Não sabemos, ao certo, quando esta veia incitadora começou a latejar em Machado. Entretanto, desvendamos algumas pistas. Uma carta destinada ao amigo Franklin Dória<sup>893</sup> pode ser uma das primeiras manifestações acerca da liderança que o autor pretendia exercer sobre os demais escritores. O convite que recebera para inaugurar no país uma Sociedade Internacional de Poetas<sup>894</sup> pode ter feito germinar, no pensamento do autor, a semente que anos mais tarde floresceria como a Academia Brasileira de Letras:

*Meu caro amigo Senhor Doutor Franklin Dória. Precisava falar-lhe acerca de um assunto, que é todo relativo a poesia e poetas; em tais casos o seu nome é dos primeiros lembrados. Recebi uma carta do Senhor Catulle Mendès, distinto poeta da nova geração francesa, comunicando-me a existência de uma Sociedade Internacional de Poetas, sob a presidência de Victor Hugo, e já estabelecida na Áustria, Inglaterra, Itália e outros países; e convidando-me a iniciar aqui a seção brasileira. A carta veio acompanhada dos estatutos, que me parecem muito vantajosos para a poesia brasileira e seus cultores. Não sei se poderá fazer aqui o que o Senhor Catulle Mendès deseja; em todo caso precisamos entender-nos com alguns moços. O Serra, com quem falei ontem, está pronto; falei hoje ao Rosendo, e falarei hoje ou segunda-feira ao Bittencourt Sampaio. Bastamos estes cinco para decidir alguma coisa; e convém que seja breve para eu saber que resposta devo dar. Peço-lhe, pois, que me mande dizer em que dia, hora e lugar lhe parece melhor que nos reunamos, a fim de que eu me entenda com os outros companheiros. E, ao mesmo tempo, releve-me não ir pessoalmente falar-lhe<sup>895</sup>.*

<sup>891</sup> Carta de Machado a José Veríssimo, escrita em 19 de março de 1900. In: ACT III-11 p. 459.

<sup>892</sup> Cf. ROAC-08 p. 51.

<sup>893</sup> Franklin Américo de Menezes Dória (1836 – 1906), foi um escritor, político, orador e magistrado brasileiro. Em 1859, concluiu o curso de Direito pela Faculdade do Recife e publicou seu único livro de poesias, chamado *Enlevos*. Desempenhou as funções de promotor, de delegado, de juiz e de advogado, além de ter sido eleito deputado pela Bahia, governador do Piauí, do Maranhão e de Pernambuco. Foi também eleito para a Câmara Federal, foi ministro de Guerra e ministro do Império, em 1889. Franklin Dória foi ainda docente da cadeira de Literatura no Colégio Pedro II e pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, além de ter sido um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras.

<sup>894</sup> Embora Machado tivesse se empenhado pessoalmente na concretização deste projeto, não há evidências de que a ideia tivesse tido qualquer sinal de êxito no Brasil.

<sup>895</sup> Carta de Machado a Franklin Dória, escrita em 28 de março de 1874. In: ACT II-09 p. 90.

Com efeito, o desejo parece ter sido herdado por Machado há muito tempo. Para Massa (2008: 105), o poeta português Francisco Braga<sup>896</sup> fora o grande entusiasta do autor em suas primeiras iniciativas poéticas, assumindo também o papel de primeiro mestre e, exercendo sobre o jovem, uma profunda influência. Com a morte prematura do amigo, então com 23 anos, Machado parecia querer assumir o papel de incentivador que pertencia a Braga. A contar pelo fragmento do artigo reproduzido abaixo, as palavras destinadas à lembrança do poeta português traduzem, com perfeição, a missão que o próprio Machado chamara para si e conduzira, fielmente, até o fim de sua vida:

Entusiasta das letras, lidador constante, Francisco Gonçalves Braga já ia conquistando um lugar distinto entre essa plêiade brilhante que tem a nobre missão de regenerar a literatura abandonada. Nas suas últimas composições lá transparecia o pensador elegante, e em muitas havia unção de verdadeira poesia. Se nas primeiras, com rara exceção, havia desalinho, quem pode culpar o infante que começa a balbuciar?<sup>897</sup> (grifo nosso)

Ainda segundo Massa (2009: 196), Machado sabia que “mais do que poeta, romancista ou dramaturgo, seria um ‘homem de letras’, no sentido em que passou a compreendê-lo”. Tal afirmação faz-se verídica quando lapidamos a correspondência do autor e encontramos nela vestígios de seus sonhos. Machado tinha como ideal formar uma nova geração de literatos, por isso tornara-se uma constante em sua rotina, dar espaço a jovens talentos, retribuindo, assim, a oportunidade que antes lhe fora oferecida:

*Se esta reforma, que eu sonho, sem esperanças de uma realização próxima, viesse mudar a situação atual das coisas, que talentos novos! Que novos escritos! Que estímulos! Que ambições! A arte tomaria novos aspectos aos olhos dos estreatantes; as leis poéticas, - tão confundidas hoje, e tão caprichosas, - seriam as únicas pelas quais se aferisse o merecimento das produções, - e a literatura alimentada ainda hoje por algum talento corajoso e bem encaminhado, - veria nascer para ela um dia de florescimento e prosperidade*<sup>898</sup>. (grifo nosso)

*E contudo, meu caro poeta, é difícil esquivar-se um homem que ama as musas a não falar de um poeta novo, em um tempo que precisa deles, quando há necessidade de animar todas as vocações, as mais arrojadas e as mais modestas, para que se não quebre a cadeia de nossa poesia nacional*<sup>899</sup>. (grifos nossos)

---

<sup>896</sup> Francisco Gonçalves Braga (1836 – 1860) foi um poeta português que chegou ao Brasil aos 11 anos de idade, dedicando-se, desde muito cedo, à poesia e ao jornalismo. Braga tornou-se um dos maiores confidentes pessoais de Machado, além de maior orientador em suas investidas poéticas. À época, Braga tinha 18 anos e Machado apenas 15.

<sup>897</sup> *Marmota*, nº 1141. Artigo publicado em 07 de março de 1860. In: MASSA, 2008 p. 107.

<sup>898</sup> O ideal do crítico. Texto publicado originalmente no periódico *Diário*, em 08 de outubro de 1865. In: ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994.

<sup>899</sup> Carta de Machado a Francisco de Castro, escrita em 4 de agosto de 1878. In: ACT II-09 p. 152.

Interessante notar o jovem Machado, solicitando de seus leitores certa benevolência e compreensão, a fim de animar o escritor a perseverar em seus escritos:

Aqui terminam as minhas ideias sobre a poesia, e sobre os poetas. Perdoai leitores, a minha fraca linguagem; é a de um jovem que estreia nas letras, e que pede proteção e benevolência. Ainda existem mecenas piedosos: animai o escritor<sup>900</sup>.

Em carta a Caetano Filgueiras, o autor retoma sua própria carreira, citando a importância dos “*cúmplices*” que o incentivaram em suas primeiras composições poéticas. Esta apropriação de si em prol do outro constitui mais um traço peculiar do discurso epistolar machadiano, utilizado também como uma ferramenta eficaz de persuasão:

*Não, o meu livro não vai aparecer como o resultado de uma vocação superior. Confesso o que me falta que é para ter direito de reclamar o pouco que possuo. O meu livro é esse pouco que tu caracterizaste tão bem, atribuindo os meus versos a um desejo secreto de expansão; não curo de escolas ou teorias; no culto das musas não sou um sacerdote, sou um fiel obscuro da vasta multidão dos fiéis. Tal sou eu, tal deve ser apreciado o meu livro; nem mais, nem menos. Foi assim que eu cultivei a poesia. Se cometi um erro, tenho cúmplices, tu e tantos outros, mortos, e ainda vivos. Animaram-me, e bem sabes o que vale uma animação para os infantes da poesia. Muitas vezes é a sua perdição. Sê-la-ia para mim? O público que responda<sup>901</sup>.*

Concordamos com Massa (2009: 227) ao dizer que Machado era um idealista, pois “entendia que a sociedade devia aceitar a promoção do homem, segundo a medida de suas verdadeiras capacidades”. Machado condenava os meios desonestos, o que demonstra que o autor foi, gradualmente, impondo-se àquele meio social, integrando-se àquela sociedade desigual e excludente. Não vencera apenas o sujeito, o homem, mas seu talento. Sua inquietação acerca dos interesses financeiros que, muitas vezes, impediu o reconhecimento de verdadeiros talentos literários foi, por diversas vezes, citada por Machado:

O fanqueiro literário é uma individualidade social e marca uma das aberrações dos tempos modernos. Esse moer contínuo do espírito, que faz da inteligência uma fábrica de Manchester, repugna à natureza da própria intelectualidade. Fazer do talento uma máquina de obra grossa, movida pelas probabilidades financeiras do resultado, é perder a dignidade do talento, e o pudor da consciência<sup>902</sup>.

No meio das frentes sérias, das probidades literárias ou sociais, há sempre desses leiloeiros da inteligência, mercadores do espírito, que vendem o escândalo e a calúnia<sup>903</sup>.

Eu não tenho a arte pela arte, mas a arte como a toma Hugo, missão social, missão nacional e missão humana<sup>904</sup>.

<sup>900</sup> Marmota Fluminense. Ideias vagas. In: MAGALHÃES JÚNIOR, 2008 p. 54.

<sup>901</sup> Carta de Machado a Caetano Filgueiras, escrita em 1º de setembro de 1864. In: ACT I-08 p. 68.

<sup>902</sup> *Espelho*, nº 02, 11 de setembro de 1859

<sup>903</sup> *Espelho*, nº 14, 04 de dezembro de 1859.

<sup>904</sup> *Espelho*, nº 15, 11 de dezembro de 1859.

É nítido nas missivas do autor o desejo de ser admirado pela nova geração. Uma das formas utilizadas para influenciar os jovens literatos foi manter com eles um contato contínuo por meio da correspondência, que tornava-se mais íntimo a cada missiva. Era permanente, nas cartas de Machado, as metáforas acerca da juventude e de seu frescor, que revelam seu lado mais saudosista e, ao mesmo tempo, também confiante no futuro:

*Ainda hoje, como outrora, como sempre, a alma do poeta precisa de ar e de luz, – morre se as não tem, ou, pelo menos, desmaia no caminho. Vê daí que luta, que esforço, que milagre não é conservar a gente o ideal e as ilusões através desta lama podre em que patinha, – verdadeiro consolo para os patos, mas tristíssimas agonias para os cisnes. Que cisnes! E que patos! Como a maioria é dos últimos, os primeiros, – ou têm a coragem de fugir-lhes e ir procurar águas mais límpidas e mais puras, – ou então morrem asfixiados na podridão<sup>905</sup>.*

*Chamou-lhe [o livro] acertadamente Névoas Matutinas. Mas por que névoas? Não as tem a sua idade, que é antes de céu limpo e azul, de entusiasmo, de arrebatamento e de fé. É isso geralmente o que se espera ver num livro de rapaz. Imagina o leitor, e com razão, que de envolta com algumas perpétuas, virão muitas rosas de boa cor, e acha que estas são raras. Há aqui mais saudades que esperanças, e ainda mais desesperanças que saudades. [...] Não o diz por necessidade de compor o verso; mas porque efetivamente é assim; porque nesta sua primavera há mais folhas pálidas que verdes. A razão, meu caro poeta, não a procure tanto em si, como no tempo; é do tempo esta poesia prematuramente melancólica<sup>906</sup>.*

Outro aspecto interessante contemplado pela retórica epistolar machadiana é a importância que o autor demonstrava pelo trabalho e pela persistência dos novos escritores, que revelavam-se por meio do constante incentivo e da exaltação de seus escritos. Machado preocupava-se, sobretudo, em encorajá-los a escrever, pois sentia que essa poderia ser sua missão enquanto líder de toda uma geração que nele se espelhava:

*Mas eu insisto em lamentar que juntasses à tua solidão o teu silêncio. Quisera saber de ti, por que motivo fizeste emudecer a lira tão auspiciosa e apagar a inspiração tão prometedora. Contos largos, talvez. Ninguém cala a voz íntima e impetuosa, por causas simples e passageiras; escreve daí um folhetim, em que me contes todas essas coisas<sup>907</sup>.*

*Compreendo a sua nostalgia, e não menos compreendo a consolação que traz a ausência. Para nós, seus amigos, se alguma consolação há, é a tẽmpera que este exílio lhe há de dar, e a vantagem de não ser obrigado a uma luta vã ou uma trẽgua voluntária. A sua hora há de vir. [...] Você tem a mocidade, a fé e o futuro; a sua estrela há de luzir, para alegria dos seus amigos, e confusão dos seus invejosos<sup>908</sup>.*

*Concluo repetindo – que não podes nem debes deixar a musa em ócio, porque, além de um pecado, seria uma desconsolação. Se és feliz, escreve; se és infeliz, escreve também. O remédio assemelha-se um pouco às panaceias universais inventadas pelos charlatães, mas também é o único remédio que não se vende, porque Deus o dá aos seus escolhidos. É inútil*

<sup>905</sup> Carta de Machado a Teixeira de Melo, escrita em 22 de novembro de 1864. In: ACT I-08 p. 75.

<sup>906</sup> Carta de Machado a Lúcio de Mendonça, escrita em 24 de janeiro de 1872. In: ACT II-09 p. 59.

<sup>907</sup> Idem. In: ACT I-08 p. 77.

<sup>908</sup> Carta de Machado a Salvador de Mendonça, escrita em 29 de maio de 1882. In: ACT II-09 p. 224.

*dizer que para ser escolhido não basta rimar algumas estrofes em horas de desfastio, – é preciso sentir a poesia, como tu, e morrer com ela, como Casimiro de Abreu*<sup>909</sup>.

*[...] produziu outro efeito mau no meu espírito a tua publicação. É que eu preferia, em vez dos meus versos, ter versos teus, compostos agora, lá na tua solidão. Em resumo, em vez de dares à publicidade as obras alheias, cujos originais possuis, devias revelar ao público as novas meditações da tua musa, os teus melhores sonhos e as tuas sombras mais belas*<sup>910</sup>.

*Vejo tudo o que me diz dos seus trabalhos e dos seus ócios. Compreendo que se divida entre uns e outros; mas, desculpe a rabugem, não permita que estes vençam aqueles. Conselho banal, mas o Renan diz que as verdades banais são as eternas, e nada mais verdadeiro e eterno que aconselhar o trabalho à mocidade. [...]*<sup>911</sup>.

Mais preocupado com o processo da escrita que com o resultado, o autor demonstra uma extrema benevolência em relação aos novatos, ainda que fizesse vistas grossas aos desvios e incorreções presentes nas investidas literárias dos jovens escritores:

*Meu caro poeta. Estou que quer fazer destas linhas o introito de seu livro. Cumpre-me ser breve para não tomar tempo ao leitor. O louvor e a censura fazem-se com poucas palavras. [...] O ensejo era bom, porque um livro de versos, e versos de amores, todo cheio de confidências íntimas e pessoais, quando todos vivemos e sentimos em prosa, é caso para reflexões de largo fôlego. Eu sou mais razoável. Defeitos não fazem mal, quando há vontade e poder de os corrigir. A sua idade os explica, e não até se os pede; são por assim dizer estranhezas de menina, quase moça: a compostura de mulher virá com o tempo*<sup>912</sup>.

*Por que não escreve alguma cousa? Ideias fugitivas, quadros passageiros, emoções de qualquer espécie, tudo são cousas que o papel aceita, e a que mais tarde se dá método, se lhes não convier o próprio desalinho*<sup>913</sup>.

*Meu caro poeta. Este seu livro, com as lacunas próprias de um livro de estreia, tem as qualidades correspondentes, aquelas que são, a certo respeito, as melhores de toda a obra de um escritor. Com os anos adquire-se a firmeza, domina-se a arte, multiplicam-se os recursos, busca-se a perfeição que é a ambição e o dever de todos os que tomam da pena para traduzir no papel as suas ideias e sensações. Mas há um aroma primitivo que se perde; há uma expansão ingênua, quase infantil, que o tempo limita e retrai. Compreendê-lo-á mais tarde, meu caro poeta, quando essa hora bendita houver passado, e com ela uma multidão de coisas que não voltam, posto deem lugar a outras que as compensam*<sup>914</sup>.

Para investigarmos mais profundamente a afirmação acima, optamos por incluir outro excerto de uma carta prefácio destinada à apresentação do livro “*Névoas Matutinas*”, do amigo Lúcio de Mendonça, na qual Machado faz uma interessante análise acerca de suas composições poéticas. Extravasando de si, confidenciando suas incertezas e seus erros

<sup>909</sup> Carta de Machado a Teixeira de Melo, escrita em 22 de novembro de 1864. In: ACT I-08 p. 78.

<sup>910</sup> Carta de Machado a Teixeira de Melo, escrita em 22 de novembro de 1864. In: ACT I-08 p. 77-78.

<sup>911</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 14 de janeiro de 1894. In: ACT III-11 p. 33.

<sup>912</sup> Carta de Machado a Lúcio de Mendonça, escrita em 24 de janeiro de 1872. In: ACT II-09 p. 59.

<sup>913</sup> Carta de Machado a Mário de Alencar, escrita em 18 de março de 1907. In: AEO-08 p. 51.

<sup>914</sup> Carta de Machado a Eneias Galvão, escrita em 30 de julho de 1885. In: ACT II-09 p. 297.

enquanto mero aprendiz das Letras e incentivando a perseverança nos estudos e na escrita, o autor radiografa sua própria experiência e conduz os passos do jovem amigo:

*Nenhuma objeção lhes faço, creio na dor que eles exprimem, acho que são um eco sincero do coração. Mas quando o senhor chama à sua alma uma ruína, já me achará mais incrédulo. Isto lhe digo eu com conhecimento de causa, porque também eu cedi em minhas estreias a esse pendor do tempo. Sentimento, versos cadentes e naturais, ideias poéticas, ainda que pouco variadas, são qualidades que a crítica lhe achará neste livro. Se ela lhe disser, e deve dizer-lho, que a forma nem sempre é correta, e que a linguagem não tem ainda o conveniente alinhamento, pode responder-lhe que tais senões o estudo se incumbirá de os apagar. [...] Se, como eu suponho, for o seu livro recebido com as simpatias e animações que merece, não durma sobre os louros. Não se contente com uma ruidosa nomeada; reaja contra as sugestões complacentes do seu próprio espírito; aplique o seu talento a um estudo continuado e severo; seja enfim o mais austero crítico de si mesmo. Deste modo conquistará certamente o lugar a que tem pleno direito. Assim o deseja e espera o seu colega Machado de Assis<sup>915</sup>.*

É muito interessante comparar os conselhos de Machado com a advertência que ele faz aos leitores de seu primeiro romance, *Ressurreição* (1872), demonstrando que a crítica e o estudo foram sempre os pontos norteadores de sua *práxis* literária:

*Aplausos, quando os não fundamenta o mérito, afagam certamente o espírito, e dão algum verniz de celebridade; mas quem tem vontade de aprender e quer fazer alguma coisa, prefere a lição que melhora ao ruído que lisonjeia<sup>916</sup>.*

A recepção da crítica benevolente de Machado fazia emergir nos jovens escritores os mais variados sentimentos. No fragmento abaixo, encontramos uma franca expressão da surpresa e da emoção de Joaquim Nabuco que, aos 15 anos, via comentada uma poesia sua:

*Meu caro Senhor. Tenho em vista o diário de ontem: na crônica Ao Acaso, deparei com algumas linhas ao meu respeito, caídas de sua pena: li e reli o que sobre mim escreveu, e depois de meditar sobre estas linhas decidi-me a aventar sobre elas as duas considerações, que se seguem. Não sou poeta; as minhas toscas composições, escritas nas minhas horas vagas, ainda não pretendem a tanto; o título pomposo de poeta, que, por extrema bondade e complacência, dignou-se me aplicar, poderia, esmagando a minha nula valia, encher-me de um orgulho sem fundamentos, que me elevasse acima do que eu realmente sou, se porventura não tivesse a indestrutível convicção de que ele verdadeiramente me não pertence, e de que me foi aplicado por um poeta, que, talvez por simpatia ou por outro qualquer motivo, desejando estender-me a sua mão de apoio e de animação, me deu títulos superiores às qualidades, que realmente eu possuo<sup>917</sup>.*

<sup>915</sup> Carta de Machado a Lúcio de Mendonça, escrita em 24 de janeiro de 1872. In: ACT II-09 p. 59

<sup>916</sup> Quando lançou *Ressurreição* (1872), Machado já gozava de grande prestígio enquanto ficcionista, dramaturgo, jornalista e, principalmente, crítico. Havia publicado as peças *Desencantos* (1861), *O Protocolo* e *O Caminho da Porta* (1863); o livro de poemas de *Crisálidas* (1864); a peça *Os Deuses de Casaca* (1866); os consagrados *Contos Fluminenses* (1870); as poesias de *Falenas* (1870), além de ter sido redator do *Diário do Rio de Janeiro* de 1860 a 1867.

<sup>917</sup> Carta de Joaquim Nabuco a Machado, escrita em 1.º de fevereiro de 1865. In: ACT I-08 p. 80.

Com efeito, a carta de Nabuco foi o início de uma longa e profícua troca epistolar, que refletiu-se em uma amizade sincera até o último dia de vida do escritor. Reproduzimos, abaixo, a nota em que Machado eleva o jovem ao patamar de poeta:

Já que falo em poetas, escreverei aqui o nome de um jovem estreante da poesia, a quem não falta vocação, nem espontaneidade, mas que deve curar de aperfeiçoar-se pelo estudo. É o sr. Joaquim Nabuco. Tem 15 anos apenas. Os seus versos não são decerto perfeitos: o jovem poeta balbucia apenas; falta-lhe compulsar os modelos, estudar a língua, ultimar a arte; mas se lhe faltam os requisitos que só o estudo pode dar, nem por isso se lhe desconhece desde já uma tendência pronunciada e uma imaginação viçosa. Tem o direito de contar com o futuro<sup>918</sup>.

Da mesma forma, emergem da correspondência passiva de Machado diversos relatos que demonstram a real importância que tinham as animações do autor para os jovens sonhadores que aspiravam entrar naquele seleto grupo das Letras. Em muitos momentos, os novatos pareciam reconhecer no autor essa figura paterna, bem como seu diferenciado cuidado para com eles. O aval do Mestre para os iniciantes e, até mesmo para os mais experientes, seria um fator determinante para suas carreiras:

*Meu amigo, Antes de ler esse livro, repare bem para a dedicatória da segunda página. Não sabe? Eu era um pobre provinciano, cujo nome nunca foi proferido neste mundo luzido onde Vossa Mercê brilha; uma vez ouvi pronunciar-se o meu nome, e a voz generosa, que o fazia, acercava-o de imerecidos favores. Essa voz, sabe, foi a sua<sup>919</sup>.*

*A tua crítica cerrada, serena, forte, é de um grande poder para nós, os poucos que ainda acreditamos no ideal, essa alma da arte, esse passaporte dos poetas, que pensam em seguir viagem à posteridade, de preferência aos alcouces. Desculpa a frase mais ou menos empolada, e tratemos de coisas mais ao rés da vida<sup>920</sup>.*

*Talvez Vossa Senhoria me considere importuno por exigir que Vossa Senhoria leia e corrija os meus escritos; porém peço-lhe que tal não me considere, porque eu, carecendo de mestre como o cego de guia precisa, o procuro para aprender. É minha mira colocar o meu nome entre os dos que constituem a ingente república das letras; mas decerto ficarei muito aquém dela, se não encontrar quem condolentemente me ensine o caminho que tenho de seguir para a ela chegar, caminho bem emaranhado, e escuro para os ignaros como eu! Negar-se-á Vossa Senhoria a isso?<sup>921</sup>*

*Gostei sobretudo da sua carta porque ela contém um compromisso, que eu espero que a mocidade do seu espírito e alguns anos de vida o deixarão, por bem das nossas letras e felicidade dos seus eleitores, realizar. Se nisso pudesse eu ter a minha parte, por mínima que fosse, seria o melhor fruto da minha carreira de crítico<sup>922</sup>.*

<sup>918</sup> ASSIS, Machado de. Diário do Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1865.

<sup>919</sup> Carta de Joaquim Serra a Machado, escrita em 14 de fevereiro de 1865. In: ACT I-08 p. 82.

<sup>920</sup> Carta de Machado a Luís Guimarães Júnior, escrita em 24 de junho de 1878. In: ACT II-09 p. 140.

<sup>921</sup> Carta de José Joaquim Pereira de Azurara, escrita em 03 de fevereiro de 1870. In: ACT II-09 p. 8.

<sup>922</sup> Carta de José Veríssimo a Machado, escrita em 19 de março de 1900. In: ACT III-11 p. 459.

Analisemos, ainda, alguns fragmentos de outras cartas enviadas a Machado, nas quais os remetentes agradecem as palavras de ânimo e as críticas recebidas. Fica nítida a importância da figura do conselheiro e de seu incentivo para o cenário literário brasileiro:

*Meu Filho. Em nome de Deus te abraço e te abençoo pelo bem que me fizeram tuas palavras de animação e de amizade, tão nobremente pronunciadas no Diário de hoje*<sup>923</sup>.

*Deixe-me trocar hoje a minha modestíssima tribuna de orador pela sua tão galharda e tão elegante tribuna de jornalista. [...] Digo o meu adeus do alto da sua tribuna, que foi a maior que eu conheci na imprensa da América, deixo o meu abraço no seu peito, que foi o mais generoso e o mais forte que eu senti bater ao lado do meu sempre que entre nós se discutia, ou me ditava, uma ideia superior, ou uma deliberação generosa*<sup>924</sup>.

*Meu caro Senhor Machado de Assis. O nome que firma esta carta é o de obscuro peão nobilitado por vós. Até ontem ninguém nessa Corte, tão lustrosa de talentos, sabia e nem queria saber quem fosse o pobre provinciano, que tivestes a longanimidade de ir procurar tão embaixo. Três vezes obrigado. Que eu vos conhecesse e fosse vosso amigo, sem que entretanto nunca nos tivéssemos visto, não é coisa reparável. O sol dá luz para todos. Eu, porém, com que títulos conquisei afeição tão delicada, apreço tão elevado para o meu diminuto valor? Não sei; são dessas generosidades ingêntas nas almas grandes, e que se admiram e se não discutem. [...] Levantando os humildes, mais se engrandecem os verdadeiros poderosos*<sup>925</sup>.

*Meu querido Machado, A tua estimável carta veio-me às mãos em um dos dias da festa do Natal, e quando eu, sofrivelmente aborrecido, desesperava de um presente de festas, que satisfizesse-me o coração e o espírito. Obrigado pelo desmentido que deste a essa minha persuasão, e aceita um abraço muito apertado em pagamento das boas palavras que recebi. Se cavaqueio solenemente com o teu silêncio de meses, sou incapaz de azedar o meu sentimento com um vislumbre de malquerer. Amo-te muito para poder zangar-me, e ainda mal, que vais abusando desta minha fraqueza*<sup>926</sup>.

*Tendo Vossa Senhoria honrado o meu romance [...] com o seu tão sábio quão sincero juízo crítico, o que muito me lisonjeou – fiz tenção de sujeitar ao sábio juízo e correção de Vossa Senhoria todo e qualquer escrito meu que, em forma de livro, pretenda publicar, se a isso Vossa Senhoria não se negar. Animado pelo conselho que me Vossa Senhoria deu naquele número da – Semana – em que saiu publicado seu juízo [...] estou no propósito de continuar a escrever, estudando para escrever bem*<sup>927</sup>.

Diante de todas estas manifestações, defendemos a ideia de que, assim como na crítica literária, o autor teria utilizado em sua epistolografia, as ferramentas necessárias para colocar em prática seu projeto pessoal – que consistia em ajudar a formar uma nova geração de literatos e, por meio de seu exemplo, de futuros críticos. O público leitor, tanto das obras literárias quanto das correspondências, também estaria se transformando em um público mais crítico, mais seletivo e, sobretudo, mais consciente e eficaz em suas leituras.

<sup>923</sup> Carta de Nuno Álvares Pereira e Sousa a Machado, escrita em 19 de julho de 1866. In: ACT I-08 p. 149.

<sup>924</sup> Carta de José Vieira de Castro a Machado, escrita em 8 de abril de 1867. In: ACT I-08 p. 210.

<sup>925</sup> Carta de Joaquim Serra a Machado, escrita em 16 de novembro de 1864. In: ACT I-08 p. 71.

<sup>926</sup> Carta de Joaquim Serra a Machado, escrita em 2 de janeiro de 1868. In: ACT I-08 p. 218.

<sup>927</sup> Carta de José Joaquim Pereira Azurara a Machado, escrita em 25 de janeiro de 1870. In: ACT II-09 p. 03.

Ao estimular a escrita ao escritor, Machado pretendia, por meio de suas cartas, estimular a vida da própria Literatura Brasileira:

*Meu prezado colega. [...] digno de inveja é aquele que transpando o limite da vida, deixa alguma coisa de si na memória e no coração dos homens, fugindo assim ao comum olvido das gerações humanas. A literatura brasileira é uma realidade e os talentos como o do nosso poeta o irmão mostrando a cada geração nova, servindo ao mesmo tempo de estímulo e exemplo. A mocidade atual, tão cheia de talento e legítima ambição, deve pôr os olhos nos modelos que nos vão deixando os eleitos da glória, como aquele era, – da glória e do infortúnio, tanta vez unidos na mesma cabeça. A herança que lhe cabe é grande, e grave a responsabilidade. Acresce que a poesia brasileira parece dormir presentemente; uns mergulharam na noite perpétua; outros emudeceram, ao menos por instantes; outros enfim, como Magalhães e Porto-Alegre, prestam à pátria serviços de diferente natureza. A poesia dorme, e é mister acordá-la; cumpre cingi-la das nossas flores rústicas e próprias, qual as colheram Dias, Azevedo e Varela, para só falar dos mortos<sup>928</sup>.*

Sob a luz desta perspectiva, desenvolvemos toda a nossa análise. Interpretamos as cartas de Machado, sob variadíssimos objetivos, mas sem nunca esquecer que o ideal do autor estava presente em grande parte de sua epistolografia. Entendemos que, a longo prazo, a incessante busca por uma suposta verdade autobiográfica presente em sua correspondência seria paulatinamente substituída pelo efeito causado no leitor (incentivos, influências, análises, críticas, inferências), concretizando, assim, seu desejo mais íntimo: de ser o nome que revolucionaria a própria Literatura Brasileira, não somente pela qualidade e originalidade de seus textos, mas pela expressividade de sua figura enquanto líder maior de toda uma geração de novos escritores.

*Confesso francamente, que, encetando os meus ensaios de crítica, fui movido pela ideia de contribuir com alguma coisa para a reforma do gosto que se ia perdendo, e efetivamente se perde. Meus limitadíssimos esforços não podiam impedir o tremendo desastre. Como impedi-lo, se, por influência irresistível, o mal vinha de fora, e se impunha ao espírito literário do país, ainda mal formado e quase sem consciência de si? Era difícil plantar as leis do gosto, onde se havia estabelecido uma sombra de literatura, sem alento nem ideal, falseada e frívola, mal imitada e mal copiada<sup>929</sup>. (grifo nisso)*

Mesmo com o passar dos anos e a percepção de que a fragilidade física tornar-se-ia incontornável, Machado não deixara de lado seus objetivos. Retomamos a afirmação de Werneck (1996: 41) que, a este respeito sentencia: “O corpo ameaçado coloca em risco a produção artística, mas, em sentido contrário, pode nutrir-se da fraqueza para constituir sua

<sup>928</sup> Carta de Machado a José Tomás da Porciúncula, escrita em 20 de agosto de 1875. In: ACT II-09 p. 100.

<sup>929</sup> ASSIS, Machado de. *Correspondência. Obras completas de Machado de Assis*. São Paulo: Globo, 1997. p. 56.

soberania”<sup>930</sup>. Assim, entendemos que o autor, consciente de suas limitações e do tempo que irremediavelmente esvaía-se, soube fazer um uso racional de sua doença e de seu sofrimento íntimo, nutrindo-se da própria vulnerabilidade para continuar a produzir.

Desta maneira, o “cuidado de si” concretizava-se por meio de uma conduta de cuidado com o outro, representada por uma série de atitudes e procedimentos presentes em seu discurso epistolar que, para além do exercício de uma prática social, estabelecia uma forma de influenciar o outro, “dando lugar a relações interindividuais, a trocas, comunicações e até mesmo a instituições; o cuidado de si proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e elaboração de um saber” (FOUCAULT, 1985: 50)<sup>931</sup>.

É justamente este “saber” epistolográfico que nos interessa. O estudo da correspondência machadiana conduz o leitor a uma série de práticas discursivas e metodológicas, que o permite remontar não apenas o contexto histórico e sociocultural do momento em que se deu a escrita da carta, mas também o perfil psicológico do autor, nas mais diversas situações. Ainda segundo Foucault (1985: 57):

Existem, então, as conversas com um confidente, amigo, guia ou diretor, às quais se acrescenta a correspondência onde se expõe o estado da própria alma, solicita-se conselhos, ou eles são fornecidos a quem deles necessita – o que, aliás, constitui um exercício benéfico até para aquele chamado preceptor, pois assim ele os reatualiza para si próprio<sup>932</sup>.

Acreditamos, assim, que o “cuidado de si” por meio da troca epistolar beneficia o missivista em inúmeros aspectos: na conservação da prática social, no autoconhecimento acerca de seu corpo e de suas fragilidades, na autonomia em lidar com a doença (e falar dela), no constante incentivo aos literatos, no aperfeiçoamento da própria prática epistolar. Nesta concepção, Machado detinha o poder – sobre si mesmo e sobre o outro. Para Brown e Gilman (1960: 255):

One person may be said to have power over another in the degree that he is able to control the behaviour of the other. Power is a relationship between at least two persons, and it is nonreciprocal in the sense that both cannot have power in the same area of behavior<sup>933</sup>.

---

<sup>930</sup> WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

<sup>931</sup> FOUCAULT, M. A cultura de si. In: *História da sexualidade III – o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

<sup>932</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>933</sup> Brown, R. W. & Gilman A., “The pronouns of power and solidarity”, *Style in Language*, Cambridge, M.I.T. Press, 1960, pp. 253-276. Disponível em: <http://www.mapageweb.umontreal.ca/tuitekj/cours/2611pdf/Brown-Gilman-Pronouns.pdf> [14 de janeiro de 2015].

Em função deste projeto epistolográfico pessoal, Machado, consciente de seu “poder” de influenciar positivamente o outro, utiliza-o, de maneira intensa e benéfica em suas cartas, buscando incentivar os jovens escritores a partir de exemplos advindos de sua própria experiência enquanto profissional obstinado, dedicado e, sobretudo, persistente. A motivação, segundo ele, deve vir por meio da perseverança e do estudo:

*[...] deixe-me repetir-lhe que escreva e trabalhe. Quem lhe fala, trabalhou muito, e naturalmente perdeu muito, com os nossos hábitos de imprensa, mas não descansou, e já agora é provável que morra com a pena na mão, se a doença não acabar por empecer-lhe o ofício. A velhice não creio<sup>934</sup>.*

*Trabalhe agora e sempre; o futuro é dos que souberam trabalhar e pensar; quando menos, adquirem qualidades sólidas e consciência da arte e da vida. Adeus. Vou levar ao correio o meu livro; irá registrado<sup>935</sup>.*

*[...] na carreira diplomática, não há remédio senão aturar canseiras e cerimônias. Cada ofício tem os seus tédios, e cada tédio faz-se suportável com a continuação. É verdade que, segundo me disse, não pretende seguir a carreira diplomática; adotará outra que lhe permita ficar aqui. De um ou de outro modo, o principal é não esquecer as letras. Não tome isto como um conselho. Vocações verdadeiras não precisam de tais avisos; vão por si mesmas aonde devem ir, e acham no próprio exercício a melhor das exortações<sup>936</sup>.*

*Não se entristeça com o silêncio; não o há completo, e em todo caso, console-se com a ideia de que há vinte e trinta anos era pior. [...] Não desanime, é moço, tem talento real, nobre ambição e respeito a si próprio. Vá para diante. Venham agora os versos para que as duas feições do seu engenho fiquem logo estreadas<sup>937</sup>.*

*Quero dar-lhe ainda outro conselho; é o jus dos velhos, – ou dos mais velhos, se me permite esta vangloria. Não duvide de si. Receio muito que este sentimento lhe ate as asas. Há de sempre haver quem duvide do seu talento; deixe essa tarefa a quem pertence “par droit de naissance”. O seu direito e dever é crer nele e mostrá-lo. Não descreia das musas; elas fazem mal às vezes, são caprichosas, são escuivas, mas entregam-se nas horas de paixão, e nessas horas os minutos valem por dias<sup>938</sup>.*

*Não perca os belos anos. Cada idade tem a sua poesia, mas a mocidade é de si mesma a poesia<sup>939</sup>.*

É inegável a constatação de que Machado desejava ser lembrado pelas gerações futuras. O autor queria que seu legado fosse transmitido a outros jovens e que seu amor e dedicação às Letras repercutissem neles. Da mesma forma que ele soube retribuir as oportunidades que tivera no início de sua carreira (e ao longo dela), Machado desejava que as sementes da nova literatura também retribuíssem a outros jovens a mesma boa terra:

<sup>934</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 03 de setembro de 1895. In: ACT III-11 p. 111.

<sup>935</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 09 de dezembro de 1895. In: ACT III-11 p. 130.

<sup>936</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 26 de maio de 1895. In: ACT III-11 p. 81.

<sup>937</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 26 de maio de 1895. In: ACT III-11 p. 81.

<sup>938</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 14 de janeiro de 1894. In: ACT III-11 p. 33.

<sup>939</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 10 de maio de 1898. In: ACT III-11 p. 308.

*Vai ser um dos nossos brilhantes iniciadores do século próximo. Entrará por ele, tendo alguma coisa que dizer, e sabendo dizê-la bem. Contará do que ora finda, e algum dia se lembrará de mim, como de um velho amigo, que amou os moços, e crê não haver feito nada para ser desamado<sup>940</sup>.*

*Espero que, uma vez entrado nos seus cinquenta anos, não se haverá esquecido de mim e de algumas palavras que me ouviu outrora. Aos rapazes que então começarem, se os achar com as suas qualidades, diga-lhes o que lhe disse, e espere como eu espero que a semente caia em boa terra<sup>941</sup>.*

*Sou filho deste século, em cujas veias ferve o licor da esperança. Minhas tendências, minhas aspirações, são as aspirações e as tendências da mocidade; e a mocidade é o fogo, a confiança, o futuro, o progresso<sup>942</sup>.*

Machado, como vimos, sempre cultivou um saudável contato com os jovens escritores. Além da visibilidade nos jornais, advinda do aval e da benevolente crítica do autor, as cartas representavam uma animação direta e espontânea à alma daqueles que iniciavam o longo percurso rumo ao reconhecimento literário. Em troca, além da satisfação pessoal em ver nascer uma nova geração de escritores, Machado recebia o carinho e a lealdade daquela mesma juventude. Acerca da profunda dedicação e defesa dos jovens amigos, que tanto fizeram parte de sua trajetória e que foram, de fato, a família que não tivera (leia-se, os filhos a quem não pôde estender suas afeições e ensinamentos), Machado vez ou outra permitia-se confidenciar:

*Além da simpatia do seu trabalho, há outra coisa que igualmente lhe agradeço, é a espontaneidade dele. Só uma verdadeira afeição tomaria a si o cargo desta defesa. E se eu considerar que é um moço, ainda mais me comove o ato, por ver que não destoei dos moços; tanto melhor se os fios brancos que me encham a barba, e entraram a invadir-me a cabeça não me desportaram ainda no estilo. Durará muito<sup>943</sup>?*

*Nas suas cartas encanta-me não só a afeição viva e constante e o tom de seriedade e paixão de artista que sempre lhes achei, mas ainda o viço de juventude que é como um cordial para mim. A minha fortuna tem sido que me entendam as novas gerações<sup>944</sup>.*

<sup>940</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 9 de setembro de 1898. In: ACT III-11 p. 320.

<sup>941</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 03 de setembro de 1895. In: ACT III-11 p. 111.

<sup>942</sup> Crônica de Machado publicada originalmente no *Correio Mercantil*, em 10 e 12 de janeiro de 1859. In: ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.III, 1994.

<sup>943</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 10 de maio de 1898. In: ACT III-11 p. 308.

<sup>944</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 05 de novembro de 1900. In: ACT III-11 p. 513.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A carta é paciente. Guarda as suas palavras. E, depois de lida, poderá ser relida. Ou simplesmente acariciada. Uma carta contra o rosto - poderá haver coisa mais terna? Uma carta é mais que uma mensagem. Mesmo antes de ser lida, ainda dentro do envelope fechado, tem a qualidade de um sacramento: presença sensível de uma felicidade invisível...<sup>945</sup>*  
(RUBEM ALVES)

As pesquisas que realizamos no âmbito da produção epistolar de Machado de Assis e, em particular, daquelas endereçadas ao escritor e amigo Mario de Alencar, permitem-nos traçar certos panoramas e confirmar algumas hipóteses anteriormente levantadas, além de refutar aspectos que, inicialmente, julgávamos adequados à personalidade do autor.

Primeiramente percebemos que a leitura da correspondência machadiana não representaria, em hipótese alguma, uma “janela” aberta para sua intimidade, como muitos podem imaginar. Por isso entendemos a frustração que grande parte dos pesquisadores sentiu ao analisar sua epistolografia. Entretanto, as missivas desnudam, em determinados momentos, o perfil psicológico do autor, por meio de confissões íntimas que Machado fizera a seus correspondentes. A maioria delas estavam relacionadas a questões de ordem pessoal, como os permanentes males físicos, a solidão e suas aspirações literárias.

Tais mecanismos confessionais, ora se apresentam de forma intencional – de acordo com o projeto epistológico pessoal do autor, como propusemos, ora se revelam sutilmente, conservando os aspectos de sua notória discrição. Os fenômenos de “revelação do eu” surgem na correspondência quando o autor transforma a emoção em linguagem, especialmente ao relatar a saudade de sua esposa Carolina e a solidão após sua morte; além dos momentos em que revela a seu correspondente suas fraquezas físicas, que pareciam querer aprisionar sua imaginação e sua criatividade em um corpo doente e incapacitado.

A leitura da epistolografia machadiana confirma um fato que o público leitor de sua obra literária já havia percebido: trata-se de um autor verdadeiramente empenhado em manter um diálogo com seu leitor. Temos a sensação de que Machado poderia ter escrito mais romances, mais contos, mais crônicas, mais poesias, que poderia ter tido, enfim, mais tempo para dedicar-se exclusivamente à sua produção literária. Surpreendentemente, percebemos em suas críticas e, sobretudo em sua correspondência, que o autor preferiu aplicar-se à leitura de outras obras, ao conhecimento de outros autores, ao entusiasmo do

---

<sup>945</sup> ALVES, Rubem A. *O retorno e terno*. Campinas: Papyrus, 1992. p. 45-46.

renascimento da Literatura Brasileira e ao espetáculo de assistir florescer os novos talentos das Letras nacionais. Contudo, estes são aspectos possíveis de serem vislumbrados apenas quando analisamos, de maneira profunda, as cartas escritas pelo Mestre Machado.

O tempo efetivamente gasto com a escrita das cartas, se tivesse sido aplicado exclusivamente na produção de textos literários, poderia ter dado à nossa literatura tantas outras obras, tantas outras histórias, tantos outros motivos para que nos dedicássemos ainda mais a ler o incrível autor que foi Machado de Assis. Essa era a ideia principal com a qual iniciamos nossa pesquisa. Buscávamos mais o escritor que o homem. A todo momento, lendo e relendo sua correspondência, imaginávamos que rastros do autor poderiam estar resguardados na intimidade de sua epistolografia. Elegíamos similaridades entre as duas escritas – a literária e a epistolar – tentando estabelecer pontes que, de fato, não nos levariam a lugar algum!

Foi apenas quando nos deparamos com a riqueza temática presente no compêndio epistolar machadiano, composto por uma imensa gama de texturas e fragmentações, que começamos a reconstruir os traços da personalidade e do caráter íntimo de Machado. As missivas, em sua maioria, não estavam restritas a um único assunto ou objetivo, mas traziam consigo parte do rico universo pelo qual orbitava o menino pobre do Livramento que, através de uma surpreendente trajetória, tornou-se o Presidente da Academia Brasileira de Letras.

Através da intersecção nascida entre as cartas e o estudo mais aprofundado acerca da biografia de Machado, é que nos permitimos buscar, única e exclusivamente, o homem. Que história! Que trajetória! E que homem fora Machado! A leitura atenta destes dois universos textuais – além da inevitável busca pelos textos literários – revelou-nos o verdadeiro homem que se escondia atrás de toda a ironia e perspicácia presentes em sua literatura. Vislumbramos raras nuances de um Machado de Assis poucas vezes revelado e quase nunca lembrado em suas biografias.

Contra o propagado absentismo frente às causas abolicionistas, descobrimos um autor engajado, que muitas vezes escrevera sob pseudônimos (uma exigência social a fim de evitar preconceitos e indiferenças), que dedicara parte dos seus direitos autorais para libertar escravos e financiar projetos relacionados à luta pela Abolição – mesmo quando o autor encontrava-se em extrema dificuldade financeira.

Contra a frieza com a qual teria tratado sua família e que o fizera negligenciar, em sua obra literária, as referências a sua origem humilde e a seu passado no Morro do Livramento, encontramos um homem forte, obstinado, convicto de que precisava vencer, sem que fosse necessário, entretanto, despertar nos demais a piedade por conta das dificuldades que tivera de ultrapassar para alcançar um lugar junto àquela sociedade oitocentista, tão excludente quanto desigual. Somente na leitura de suas missivas é que percebemos como Machado se agarrava às lembranças de sua família e de suas batalhas pessoais para reunir forças e continuar sua caminhada. Assim, o homem transformou sua fragilidade em ferramentas, com as quais esculpiu seu destino.

Contra o homem rabugento e mal-humorado nos surpreendemos com a graciosidade de Machadinho, namorado, companheiro, amigo de todos, repleto de um espírito conciliador e agregador, capaz de agrupar ao seu redor pessoas de todas as classes, de todas as esferas culturais, dos mais diversos posicionamentos políticos, das mais variadas raças e condições socioculturais. Machado reuniu todos em torno de si. Ainda que, em sua intimidade, continuasse a ser um homem solitário.

Todos estes aspectos, e tantos outros, só foram possíveis de análise porque nos permitimos buscar, ao invés das “verdades autobiográficas” do renomado autor, os elementos psicológicos e confessionais inscritos na correspondência de Machado de Assis, enquanto sujeito historicamente situado. Foi sob a luz desta perspectiva que descobrimos a imensa polifonia que compõe as vozes presentes no discurso epistolar machadiano. Sua epistolografia é múltipla e complexa, como também é a personalidade do escritor, fragmentada nas mais diversas facetas que a constituem. Temos plena convicção de que, durante nossas investigações, desconstruímos um Machado para construir outro... Contudo, reafirmamos as razões que temos de sobra para acreditar que era este mesmo o desejo do autor: “*A minha fortuna tem sido que me entendam as novas gerações*”<sup>946</sup>.

Para um sujeito cujo corpo, fragilizado pela doença, tantas vezes o impedira de ir ao encontro de seus amigos, de participar de eventos e compromissos, de realizar o sonho de conhecer a Europa – a mesma magistralmente descrita em seus livros e correspondências, de viver, enfim, mais intensamente sua vida particular e social, a carta tornara-se sua maior fonte de resistência. Era por meio da escrita epistolar que Machado permitia-se dialogar com os ausentes, compartilhar informações e impressões, confidenciar suas fraquezas e

---

<sup>946</sup> Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 05 de novembro de 1900. In: ACT III-11 p. 513.

reunir forças para resistir. Com efeito, as cartas de Machado representavam o caminho que o autor gostaria de ter percorrido, não apenas com suas letras e sonhos, mas também com suas vivências e experiências.

Em nossa análise, pudemos listar alguns dos temas mais recorrentes de sua produção epistolar, relacionados, de maneira geral, à sua intensa e duradoura atividade como escritor. Entre elas, encontram-se as reuniões como os amigos escritores, o crescente círculo de literatos e suas mais diversas atribuições, as discussões acerca da criação da Academia de Letras e, conseqüentemente, suas indicações e, mais tarde, seu trabalho como presidente da ABL. Muito presente em sua correspondência é a rede de sociabilidade que Machado organizou para que pudesse levar adiante seus objetivos de fundar a Academia e de dar prosseguimento a um projeto duradouro de valorização da literatura brasileira. As missivas retratam os encontros que aconteciam ora na Revista Brasileira, ora na Livraria Garnier. Foi exatamente em função de seu espírito amistoso e conciliador, que o escritor foi considerado uma unanimidade na sociedade brasileira da época; o escritor agregava amigos, promovia encontros, trazia à correspondência novos interlocutores, divulgava obras de colegas nos meios em que trabalhava, incentivava os novos autores, tecia elogios e inspirava a crítica (e o público) a partilhar das mesmas leituras. A atividade epistolar refletia, assim, uma espécie de refúgio do autor, no qual podia organizar e manter o círculo de amizades que foi, aos poucos, sendo estabelecido ao seu redor.

Em um segundo momento, já com o passar dos anos, são mais evidentes os temas referentes à velhice e aos incômodos ocasionados pelo avanço da idade e pelo agravamento de seus problemas de saúde, o relato (e a confissão) das enfermidades que enfrentava, o pessimismo, a solidão e a melancolia.

Na tentativa de manter-se em contato com seus correspondentes e, mais particularmente, manter o cuidado de si, Machado faz referência constante à uma futura carta que será escrita, assim que findar a espera pela resposta de sua última missiva. Isto ocorre porque as cartas têm como função privilegiada a possibilidade de sustentar relacionamentos, criar redes de sociabilidades, promover afinidades e tornar próximas realidades distantes. Trata-se da apreensão do outro, de si mesmo, da materialização na escrita de sentimentos e anseios, da construção metonímica no discurso epistolar.

O mais importante legado que acreditamos ter deixado com a apresentação desta pesquisa é a certeza que o estudo do texto epistolar vai muito além de uma simples

ferramenta acessória à investigação da historiografia acerca de seu missivista. Enquanto gênero, como vimos, híbrido, complexo, pertencente a uma tradição e em constante construção de significados a partir das leituras e interpretações de seus leitores, as cartas de Machado constituem também um amplo campo de pesquisa relacionado à estrutura do gênero e aos aspectos retórico-discursivos nos quais o epistolar se insere.

Nossa investigação, contudo, não tem a pretensão de ser um fim em si mesma, mas um meio, uma etapa, dentro de um projeto maior que se faz necessário para a compreensão do homem Machado, o qual tentamos insistentemente alcançar por meio da análise de sua vasta epistolografia, bem como do cruzamento desta com algumas passagens de sua vastíssima obra literária. Conscientes de nossas limitações, orientamo-nos pelas palavras do próprio autor, que certa vez sentenciou: “Porque não há raciocínio nem documento que nos explique melhor a intenção de um ato do que o próprio autor do ato”<sup>947</sup>.

---

<sup>947</sup> ASSIS, Machado de. Uma visita de Alcibíades. *Papéis avulsos*. Publicado originalmente por Lombaerts & Cia, Rio de Janeiro, 1882. In: *Obra Completa*. Vol. II, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 7.1. CORPUS DE ANÁLISE

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Manuscritos autógrafos de Machado de Assis e seus correspondentes*.

ASSIS, Machado de. *Correspondência. Obras completas de Machado de Assis*. São Paulo: Globo, 1997.

\_\_\_\_\_. *Correspondência*. Coligida e anotada por Fernando Nery. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1938.

\_\_\_\_\_. *Correspondência de Machado de Assis com Joaquim Nabuco, José Verissimo, Lucio de Mendonça, Mario de Alencar e Outros, Seguida das Respostas dos Destinatários*. Coligida e anotada por Fernando Nery. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, Americo Bedeschi, 1932.

\_\_\_\_\_. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo I – 1860-1869*. Coordenação e orientação Sérgio Paulo Rouanet. Reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

\_\_\_\_\_. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo II – 1870-1879*. Coordenação e orientação Sérgio Paulo Rouanet. Reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

\_\_\_\_\_. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo III – 1880-1899*. Coordenação e orientação Sérgio Paulo Rouanet. Reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, 2011.

\_\_\_\_\_. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo IV – 1900-1904*. Coordenação e orientação Sérgio Paulo Rouanet. Reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, 2013.

\_\_\_\_\_. *Correspondência de Machado de Assis. Tomo V – 1905-1908*. Coordenação e orientação Sérgio Paulo Rouanet. Reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

\_\_\_\_\_. *Crônicas de Lelio*. Organização de Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

\_\_\_\_\_. *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.

\_\_\_\_\_. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.

\_\_\_\_\_. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

\_\_\_\_\_. *Obra completa em quatro volumes: edição anotada*. Organização de Aloizio Leite Neto, Ana Lima Cecílio, Heloisa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

\_\_\_\_\_. *Obra Completa*, vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Textos literários em meio eletrônico: Epistolário de Machado de Assis. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000081pdf.pdf> [26 de março de 2016].

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de; NABUCO, Joaquim. *Machado e Assis e Joaquim Nabuco: Correspondências*. ARANHA, Graça (Org.) 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2003.

COUTINHO, Eduardo F. e OLIVEIRA, Teresa Cristina Meireles de. *Empréstimo de ouro - Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre azul, 2009.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Catálogo da Exposição Machado de Assis, 1839-1939. Rio de Janeiro, 1939. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon1250757/icon1250757.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1250757/icon1250757.pdf) [21 de novembro de 2014].

## 7.2 REFERÊNCIAS TEÓRICAS

ABREU, Modesto de. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Norte, 1939.

ADAM, Jean-Michel. “Les genres du discours épistolaire. De la rhétorique à l’analyse pragmatique des pratiques discursives”, *La lettre entre réel et fiction*. Jürgen SIESS (dir.), Paris, Sedes, 1998, pp. 37-53.

ALBERICO DE MONTECASSINO. *Flores rhetorici*. Org. D. M. Inguanez e H. M. Willard. Montecassino, 1938 p. 36. *Miscellanea Cassinese*, 14. Disponível em: <http://www.alim.dfl.univr.it/> [06 de junho de 2015].

ALENCAR, Mário. *Machado de Assis, Páginas de saudade*. ABG, 1911.

ALMEIDA, R. C. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Brasília: Editora do Autor, 1980.

ALTMAN, Janet Gurkin. *Epistolary, Approaches to a Form*. Columbus: Ohio State University Press, 1982.

AMOSSY, Ruth. (org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. Dilson F. da Cruz. Contexto, 2005.

ANCHIETA, José de. “Carta do quadrimestre de maio a setembro de 1554, dirigida por Anchieta a Santo Ignácio de Loyola, Roma”. São Paulo, 1º de setembro de 1554. In: Associação Comercial de São Paulo (org). *Minhas Cartas — Por José de Anchieta*. São Paulo: Associação Comercial de São Paulo, Editora Melhoramentos, Pátio do Collegio, 2004.

\_\_\_\_\_. “Carta trimestral, de maio a agosto de 1556, pelo Irmão Anchieta”. São Paulo, agosto de 1556. In: Associação Comercial de São Paulo (org). *Minhas Cartas — Por José de Anchieta*. São Paulo: Associação Comercial de São Paulo, Editora Melhoramentos, Pátio do Collegio, 2004.

AUSTIN, John Langshaw. *How to do things with words*. Oxford: Clarendon Press. 1962.

BALSINI, Priscila Fernandes. *Nas dobras de correspondências e romances, o projeto poético machadiano*. Dissertação de Mestrado em Literatura e Crítica Literária. São Paulo: PUC, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: O Contexto de François Rabelais*. 5. ed. São Paulo: Annablume Editora, 2002.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. (Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira). 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

\_\_\_\_\_. “O discurso no romance”. In: *Questões de Literatura e de Estética. A teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1990.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BARRETO FILHO, José. *Introdução a Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.

BARROS, Manoel de. *Retrato do artista quando coisa*. RJ: Record, 1998 p. 21.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. Trad. Isabel Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1978.

\_\_\_\_\_. L’ancienne rhétorique. Aide-mémoire. In: *Communications*, n. 16, 1970.

BASTIDE, Roger. Machado de Assis, paisagista. *REVISTA USP*, São Paulo, n. 56, pp. 192-202, dezembro/fevereiro 2002-2003.

BAZERMAN, Charles. Cartas e a base social dos gêneros diferenciados. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (org.). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Traduzido por Judith C. Hoffnagel. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2006. pp. 89-99

BOAVENTURA, C. T. “*Machado de Assis e José Veríssimo: aspectos da correspondência entre o escritor e o crítico*”. In: Teresa: Revista de literatura brasileira, São Paulo, v.8/9, 2008, pp. 101-117.

BONNAT, Jean-Louis e BOSSIS, Mireille (dir.). *Ecrire. Publier. Lire. Les correspondances. Problématique et économie d'un genre littéraire, Actes du colloque international – Les correspondances (4 au 7 octobre 1982)*. Nantes: Université de Nantes, 1983.

BORRERO BARRERA, María José e CALA CARVAJAL, Rafael. “*La Carta como Documento Lingüístico: La deixis en el discurso Epistolar*”, Revista Electrónica de Estudios Filológicos, nº 4, Novembro, Universidade de Barcelona, 2002. Disponível em: <http://www.um.es/tonosdigital/znum4/estudios/discursoepistolar.htm> [14 de dezembro de 2014].

BOSSIS, Mireille (dir.). *La Lettre à la croisée de l'individuel et du social*. Paris: Éditions Kimé, 1994.

BRITTO, Luiz Augusto Fraga Navarro de. *Vida e obra de Luiz Viana Filho*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

CARDOSO, M. R. Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis. O Eixo e a Roda, Belo Horizonte, v.4, 1985.

CÍCERO, Marco Túlio. *Correspondance, texte ét ablie*. Traduit par L.A. Constans, Paris: Les Belles Lettres, tomo III, 1936.

COMTE-SPONVILLE, André. A correspondência. In: *Bom dia, angústia!* São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CONCEIÇÃO, Adriana Angelita da. “Aqui se abre hum largo theatro ao engenho do secretario principiante”: a escrita de cartas segundo Francisco José Freire (Portugal Séc. XVIII). História Revista: Revista da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 13-29, jan./jun. 2010.

CORDEIRO, Francisca de Basto. *Vultos que passaram (esboços biográficos)*. Rio de Janeiro; Ed. da Cultura intelectual feminina, 1944.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis que eu vi*. Rio de Janeiro: Liv. São José, 1961.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis na Intimidade*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1965.

COSTA, Maria Velho; BARRENO, M. Isabel; HORTA, M. Teresa. *Novas Cartas Portuguesas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

COUTINHO. Afrânio. Um Machado diferente. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. V. III.

DEMETRIUS. *Sobre el estilo*. Introducciones, traducciones y notas de José García López. Madrid: Editorial Gredos, 1979.

DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

DIMAS, Antonio. "Uma visita a Oliveira Lima Library: Cartas de Jackson de Figueiredo, Nestor Vitor, Machado de Assis e Aluizio Azevedo". *Língua e Literatura (USP)*, São Paulo, v. 6, pp. 339-368, 1977.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. de Waltensir Dutra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EGGS, E. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

EULÁLIO, A. Em torno de uma carta. In: \_\_\_\_\_. Livro involuntário: literatura, história, matéria & memória. Org. CALIL, Carlos Augusto e BOAVENTURA, Maria Eugênia. São Paulo: Editora UFRJ, 1993.

FONSECA, Herculano Borges da. "O Pequeno Mundo de Machado de Assis". *Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*, III, Rio de Janeiro, 1960, p. 23-26.

FONSECA, Manuel José Gondim de. *Machado de Assis e o hipopótamo. Uma revolução biográfica*. 6.ed. Rio de Janeiro: São José, 1974.

FOUCAULT, Michel. "A escrita de si". In: O que é um autor? Trad. CASCAIS, Antônio F. e CORDEIRO, Eduardo. Lisboa: Vega, 1995. pp. 129-160.

FREIRE, Francisco José. *O secretario portuguez*. Lisboa: João Nunes Esteves, 1823.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. Rio de Janeiro, 1962.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella. (Org.) *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. p. 19.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques; DI MESQUITA, Fabrício Dias Gusmão. Atividade epistolar no mundo antigo: relendo as cartas consolatórias de Sêneca. *História Revista: Revista da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia*, v. 2, n. 1, p. 31-53, jan./jun. 2010.

GONDIM, Eunice Ribeiro. *Vida e obra de Paula Brito*. Col. Vieira Fazenda, 4. Rio de Janeiro: 1965.

GRASSI, Marie-Claire. *Lire l'Épistolaire*. Paris: Dunod, 1997.

GRUFFAT, Sabine. *L'Épistolaire*. Paris: Éditions Ellipses, 2001.

GUIMARÃES, Hélio e SACCHETTA, Vladimir. *Machado de Assis, fotógrafo do invisível: o escritor, sua vida e sua época em crônicas e imagens*. São Paulo: Moderna, 2008.

HALSALL, Albert W. *L'Art de convaincre*. Toronto: Edições Paratexte, 1988.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *L'Épistolaire*. Paris : Hachette Supérieur, 1995.

JOBIM, J. L. (Org.) *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Topbooks, 2001.

JUSTO LÍPSIO. *Principles of letter-writing: a bilingual text of Justii Lipsii Epistolica Institutio*. Ed. R. V. Young e M. Thomas Hester. Book News, 1996.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. "L'interaction épistolaire", SIESS, Jürgen (dir.), *La lettre, entre réel et fiction*, Paris, Sedes, 1998, pp.15-36.

\_\_\_\_\_. *Les actes de langage dans le discours: théorie et fonctionnement*. Paris: Nathan, 2001.

\_\_\_\_\_. *Os atos de linguagem no discurso*. Niterói: EdUFF, 2005.

LAGO, Sylvio. *Contrastes e convergências: estudos da literatura comparada*. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2011.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 2ª. ed. São Paulo: Ática, 1998.

LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na aldeia e noites de inverno*. Lisboa: Sá da Costa, 1972.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira/INL-MEC, 1981.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MALHERBE, Abraham J. *Ancient epistolar theorists*. Atlanta: Scholars Press, 1988.

MARTÍN, M. Nieves Muñoz. *Estructura de la carta em Cicerón*. Madri: Ediciones Clásicas, 1994.

MASSA, Jean-Michel. *A Juventude de Machado de Assis (1839-1870). Ensaio de biografia intelectual*. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MIRANDA, Tiago C. P. Reis. A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádía Batella (Org.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre as cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MOESCHLER J.; REBOUL, A. *La pragmatique du discours*. Paris: Armand Colin, 1998.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa - II*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

MONTELLO, Josué. *O Presidente Machado de Assis nos Papéis e Relíquias da Academia Brasileira de Letras*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MORAES, Marcos Antonio de. Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: históricos e alguns pressupostos. In: Patrimônio e Memória. Unesp, FCLAS, CEDAP, v.4, n. 2, p. 1 – 14 – jun. 2009. p. 2-3.

\_\_\_\_\_. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: Revista Machado de Assis em Linha, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 88-111, 2011. Disponível em: <http://machadodeassis.net/download/numero07/num07artigo06.pdf> [17 de outubro de 2015].

MORAES, Rubens Borba de. *Carta, testemunho e biografia. Múltiplo Mário*. João Pessoa/Natal: UFPB/UFRN, 1997.

MUHANA, Adma Fadul. O gênero epistolar: diálogo per absentiam. Discurso [S.l.], n. 31, p. 329-346, dez. 2000. ISSN 2318-8863. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38043/40769> [16 de setembro de 2015].

NARDI, Isidoro. *Il Segretario principiante ed istruito. Lettere Moderne (diviso en due parti)*. Veneza, 1750.

NORRICK, Neal R. “*Expressive illocutionary acts*”. In *Journal of Pragmatics*, Volume 2, Issue 3, 1978, pp. 277-291.

PALRILHA, Silvéria Maria Ramos. *Contributos para a análise dos actos ilocutórios expressivos em português*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2009.

PARANHOS, José Maria da Silva. *Cartas ao amigo ausente*. Rio de Janeiro: ABL, 1953.

PAZ, Octávio. *Os filhos do barro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PÉCORA, Alcir. A arte das cartas jesuíticas do Brasil. In: *Máquina de gêneros*. São Paulo: EDUSP, 2001.

\_\_\_\_\_. *Cartas do Padre Antônio Vieira*. Disponível em: <http://www.bbm.usp.br/node/63> [08 de dezembro de 2015].

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis (Curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

RIAUDEL, Michel. Correspondência secreta. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádya Batella (Org.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre as cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 7Letras, 2008.

ROCHA, Andréa Crabé. *A Epistolografia em Portugal*. Coimbra: Almedina, 1965.

SANTOS, Matildes Demetrio. *Ao sol carta é farol: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas*. São Paulo: Annablume, 1998.

SANTOS, Newton Paulo Teixeira dos. *A carta e as cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Modos de saber, modos de adoecer*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

SCABIN, Rafael Cesar. *A correspondência jesuítica e a vivência religiosa dos colonos do planalto paulista (1549 – 1588)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP. São Paulo, 2012.

SEARA, Isabel Roboredo. (2016). “*A sedução da ars epistolaris em Vergílio Ferreira*”. Entre o silêncio e a palavra total. Apresentado no Congresso Internacional comemorativo

do Centenário do nascimento de Vergílio Ferreira. Évora, Universidade de Évora. (Artigo submetido para publicação).

\_\_\_\_\_. (2013). “*Cartas entre amigos: abrigos cúmplices de caligrafias entrelaçadas*”, in Helder Godinho (dir.), Margarida Alpalhão, Carlos Carreto e Isabel Barros Dias (org.), *Da Letra ao Imaginário. Homenagem à Professora Irene Freire Nunes*, Lisboa, UNL-FCSH e CEIL. pp. 311-327.

\_\_\_\_\_. (2012). “*Epistolarity: From hidden dialogue to an obsession to dialogue*”. IN *Language and Dialogue*, Vol. 2, Nº 3, Edda Weigand (ed). Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company. pp. 363-374. ISBN: 2210-4119/ E-ISSN: 2210-4127. (The journal *Language and Dialogue* is a peer reviewed and indexed in: Bibliography of Pragmatics Online, MLA Bibliography, LB, LLBA, Scopus, IBR/IBZ, Linguistics Abstracts, ERIH PLUS).

\_\_\_\_\_. (2011). “*Estendal do eg: contributos para o estudo de cartas de amor*”, in *Práticas Linguístico-Discursivas: alguns caminhos para aplicação teórica*, S. Paulo, Terracota. pp. 109-125.

\_\_\_\_\_. (2010). “A confissão intimista na correspondência amorosa de António Lobo Antunes; estudo pragmático”, IN M<sup>a</sup> João Marçalo, M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva. (ed.s). *Actas do II Simpósio Mundial de Estudos em Língua Portuguesa (SIMELP). A Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora, Universidade de Évora, 2010. pp. 77-97. Disponível em: <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slt61/06.pdf> ISBN: 978-972-99292-4-3.A.

\_\_\_\_\_. (2010). “L’épistolaire de condoléances: une rhétorique de la consolation”, in *Directions Actuelles en Linguistique du texte*, in *Actes du colloque international Le texte: modèles, méthodes, perspectives*, Tome II, sous la direction de Ligia-Stela FLOREA, Cristiana PAPAAGI, Liana POP, Anamaria CUREA, Cluj-Napoca, Casa Cărții de Știință, pp. 213-222.

\_\_\_\_\_. (2009). “*Dialogismo na escrita intimista ou sacralização do eu? Estudo pragmático do acto de confiança*”, IN Dermeval da Hora (org). *Anais do VI Congresso da ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística)*. CD-ROM, João Pessoa: Ideia. pp. 1887-1896. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN\\_2009/PDF/Isabel%20Robor%20edo%20Seara%20-%20ok.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Isabel%20Robor%20edo%20Seara%20-%20ok.pdf) ISBN: 978-85-7539-446-5.

\_\_\_\_\_. (2008a). “*A palavra nómada. Contributos para o estudo do género epistolar*”, *Estudos Linguísticos, Linguistic Studies, Revista do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa*, Lisboa, Edições Colibri. pp. 121-144.

\_\_\_\_\_. (2008b). “*O epistolar, relicário de cumplicidades*”, Trabalho apresentado em VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, In *Da Galiza a Timor. A lusofonia em foco*. Actas do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, Santiago de Compostela.

\_\_\_\_\_. (2006). *Da epístola à mensagem eletrônica, metamorfoses das rotinas verbais*. Tese de doutoramento em linguística. Lisboa: Universidade Aberta.

\_\_\_\_\_. (2004). “L’Utopie dans La correspondance de Mário de Sá-Carneiro”, *Revue de l’AIRE*, “Lettre et Utopie”, n° 30, hiver. Paris: Honoré Champion, pp. 82-102.

SEARLE, John. *Speech Acts. An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: Cambridge University Press. 1969.

SILVA, Moisés. Como Ler uma Carta: O Sentido das Epístolas. In: KAISER, Walter C. JR.; SILVA, Moisés. *Introdução à hermenêutica Bíblica: como ouvir a Palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

SILVA, Otoniel Machado da. *Retórica, roda de compadres, solidão e achaques da velhice: o Machado de Assis das cartas*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 2009.

SILVA, Sérgio Conde de Albite. *Arquivo Machado de Assis: Inventário*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.

SIMÕES, José da Silva. Sintatização, discursivização e semantização das orações de gerúndio no português brasileiro. Tese de Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007.

SIQUEIRA, Caroline de. Gênero epistolar e marcas linguísticas de polidez em cartas institucionais: um estudo de caso sincrônico e diacrônico. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2013.

SOARES, Maria de Lourdes. “O ensaio epistolar de Eduardo Lourenço: hibridismo, heterodoxia e liberdade”, *Abril*, vol. IV, n° 6, UFF, Rio de Janeiro, Abril de 2011.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

SOUZA, Eneida Maria de. *Critica cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SPERBER, D. & WILSON, D. *La pertinence: Communication et cognition*. Paris: Minuit, 1989.

TELES, Gilberto Mendonça. O privilégio de ler Drummond. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, fase VII, n. 32, 2002.

THOMAS, William Isaac; ZNANIECKI, Florian. *The polish peasant in Europa and America*. Universidade de Chicago, 1918-1920.

TIN, Emerson (org). *A arte de escrever cartas. Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lipsis*. São Paulo: Editora Unicamp, 2005.

\_\_\_\_\_. *Família Del Universo: Arte epistolar e lugar comum nas cartas familiares (1664) de D. Francisco Manuel de Melos*. Campinas, [S.N]. Dissertação de Mestrado Apresentada a UNICAMP, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. Lisboa: Edições 70, 1981.

VALENTIM, Inácio. A Carta VII, o manifesto e a autobiografia política de Platão. *Revista Opinião Filosófica*, Porto Alegre, v. 03; n°. 01, 2012.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira — de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

VIANA, Mario Goncalves. *Os Epistológrafos na Literatura Portuguesa, Ensaio histórico-crítico*. Porto: Editora Educação Nacional, 1940.

VIANNA FILHO, Luís. *A vida de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1989. 1. ed. 1965.

VIVES, J. L. De conscribendis epistolis. (1ª ed. 1534) In: *Selected works of J. L. Vives*. Vol. 3 Ed. por C. Fantazzi. Leiden, E. J. Brill, 1989.

WERNECK, M. H. "*Veja como ando grego, meu amigo*". *Os cuidados de si na correspondência machadiana*. In: GALVÃO, W. N.; GOTLIB, N. B. (Org.) *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Cartas não são para rasgar: a força criadora nas formas da intimidade*. In: \_\_\_\_\_. *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2008.

ZILBERMAN, R. *Privacidade exposta*. Teresa: *Revista de literatura brasileira*, São Paulo, v.8/9, 2008.